

UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO
PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUEOLOGIA

CRISVANETE DE CASTRO AQUINO

CORPOS UMBURANA: Ex-votos na capela do Senhor do Bonfim, Queimadas, Dirceu Arcoverde-PI, sob a perspectiva da Arqueologia das Corporalidades

SÃO RAIMUNDO NONATO

2023

CRISVANETE DE CASTRO AQUINO

**CORPOS UMBURANA: Ex-votos na capela do Senhor do Bonfim,
Queimadas, Dirceu Arcoverde-PI, sob a perspectiva da Arqueologia
das Corporalidades**

Dissertação apresentada a Universidade Federal do Vale do São Francisco – UNIVASF, Campus Serra da Capivara-São Raimundo Nonato, como requisito parcial para obtenção do título de mestra em Arqueologia

Orientadora: Prof^a. Dra Vanessa Linke Salvio

São Raimundo Nonato-PI

2023

Aquino, Crisvanete de Castro
A657c *Corpos umburana: ex-votos na capela do Senhor do Bonfim, Queimadas, Dirceu Arcoverde-PI, sob a perspectiva da Arqueologia das Corporalidades / Crisvanete de Castro Aquino. – São Raimundo Nonato-PI, 2023.*
 xii, 381 f.: il. ; 29 cm.

Dissertação (Mestrado em Arqueologia) - Universidade Federal do Vale do São Francisco, Campus Serra da Capivara, São Raimundo Nonato-PI, 2023.

Orientadora: Profa. Dra. Vanessa Linke Salvio.

1. Arqueologia. 2. Devoção - Senhor do Bonfim (PI). 3. Linguagem corporal. 4. Religião. I. Título. II. Salvio, Vanessa Linke. III. Universidade Federal do Vale do São Francisco.

CDD 930.1

UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUEOLOGIA

FOLHA DE APROVAÇÃO

CRISVANETE DE CASTRO AQUINO

**CORPOS UMBURANA: Ex-votos na capela do Senhor do Bonfim,
Queimadas, Dirceu Arcoverde-PI, sob a perspectiva da
Arqueologia das Corporalidades**

Dissertação apresentada a Universidade
Federal do Vale do São Francisco –
UNIVASF, Campus Serra da Capivara-São
Raimundo Nonato, como requisito parcial
para obtenção do título de mestra em
Arqueologia

Aprovado em: 20 de setembro de 2023.

Banca Examinadora

Vanessa Linke

Dra. Vanessa Linke Sálvio, PPArque-Univasf.

Paula Layane Pereira de Sousa

Dra. Paula Layane Pereira de Sousa, Cant-Univasf

Alencar Miranda Amaral

Dr. Dr. Alencar Miranda Amaral, PPArque-Univasf

Ana Stela de Negreiros Oliveira

Dr. Ana Stela de Negreiros Oliveira – PPArque-Univasf.

AGRADECIMENTOS

Como é bom poder escrever esta página, posto que um trabalho como este requer muitas colaborações. Não é uma atividade simples, nem tampouco complexa demais quando se tem as ajudas certas. De forma que tentarei ser a mais justa possível, para não esquecer ninguém que colaborou para concretizá-lo. Assim como todos são partes indissociáveis de mim, numa acepção corpórea que esta pesquisa me propiciou.

Em primeiro lugar a Deus, essa entidade mística que permitiu a minha existência e que significa o meu equilíbrio e força de continuar acreditando que tudo tem uma razão, que as coisas vão acontecer quando eu estiver preparada para elas. Hoje não me cobro o tempo que deixei de priorizar os meus estudos para trabalhar. São escolhas e, às vezes as circunstâncias me levaram para outros caminhos. Contudo, no momento que resolvi retomar a academia, após 12 anos, pude ter o equilíbrio e a maturidade para saber entender certas ferrugens nas engrenagens, mas acima de tudo força para perseverar, essa força é Deus. Muitíssimo Obrigada.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) /CNpq pelo apoio financeiro, representando uma ajuda singular quando o mundo vivia um período pandêmico da COVID 19, reforçando e incentivando a pesquisa no país. Muitíssimo Obrigada.

Aos meus interlocutores que me deixaram invadir suas vivências devotivas e extrair os dados para esta pesquisa, e nesse grupo, de forma muito especial, Sra. Sebastiana, que desde a minha primeira visita às Queimadas se mostrou receptiva e para além das entrevistas, das xícaras de café, da carne de bode cozida (primeira vez que saboreei), me permitiu integrar a sua rede de amigos, parentes de coração, passei a tratá-la, a partir de sua permissão, de Tia Sebastiana. A todos esses colaboradores agradeço o apoio e sabedoria compartilhada, aquela que se adquire com a vida, não nos livros didáticos. Muitíssimo Obrigada.

À minha orientadora, Prof.^a. Dra. Vanessa Linke, que por vezes disse o que eu não queria ouvir, mas merecia para poder me programar para realizar a pesquisa e, acima de tudo apresentar os produtos. Afinal, não há pesquisa quando os resultados não aparecem, ou quando eles estão só sob domínio da pesquisadora, ou seja, é preciso dar a cara para bater, mas é importante ter uma aliada nesta jornada. Ela

acreditou desde o início que seria possível chegar até aqui, além de ser uma pessoa de confiança para dizer: *“não projete para outro o que é um anseio seu, cada um tem a sua vida e mesma que seja uma filha, ela seguirá o caminho dela”*. Sabedoria e experiência que ajudaram não apenas a pesquisadora, mas a humana. Muitíssimo obrigada.

Ao Colegiado de Pós-graduação de Arqueologia da Universidade Federal do Vale do São Francisco- UNIVASF, esta casa que me acolheu desde a Graduação e foi ótimo retornar depois de mais de uma década e ver o amadurecimento dos professores, engajados em pesquisas inovadoras, tornando possível o sonho de nortistas, piauienses, assim como de outros estados, de ingressar numa instituição pública de qualidade, e adquirir conhecimento para ingressar no mercado de trabalho preparados. Embora eu tenha cursado os créditos via plataforma digital, durante o isolamento social da pandemia COVID 19, pude sentir a receptividade de professores, amigos que fizeram a diferença neste meu retorno à vida acadêmica. Em nível muito especial aos professores Mageste e Alencar que são referências de peso quando se trabalha com arqueologia plural, e o que dizer das aulas de Teoria II um divisor de águas em minha vida, e as muitas sugestões na qualificação deste trabalho. Muitíssimo obrigada!

Aos colegas de turma, quando muitos só conheço pela tela do computador, durante as aulas remotas, contudo, os laços de amizade se estreitaram com algumas colegas via grupos de Whatsapp. Foram dois grupos, primeiro Hoplitas, composto por mim, Adriana Mayra e Cintia que discutíamos os assuntos das aulas de Teoria Arqueológica I, e trocávamos informações; depois o grupo Poderosas, composto por mim, Silvana, Gabriela, Morgana e Adriana Mayra, onde além dos assuntos das disciplinas do Mestrado trocamos informações sobre vida profissional, pessoal e frivolidades. Mesmo com as situações adversas de isolamento social, conseguimos transpor as barreiras da distância e a tela do computador e celular, nos aproximaram e ajudaram a enfrentar os desafios da caminhada. Aguardo o momento oportuno para que eu possa abraçá-las, Silvana e Gabriela, quando faço isso quando encontro Adriana e a Morgana, que moram em São Raimundo Nonato-PI. Meninas, Muitíssimo obrigada!

Às amigas arqueólogas, Tania e Adriana Mayra- Drica, essas que encontrei algumas vezes na época da Graduação, não compartilhamos disciplinas, porque sou de uma turma antes da delas, mas esbarávamos nos corredores do Museu do Homem Americano, quando a Univasf ainda não tinha salas próprias. Contudo a vida

profissional nos uniu durante os trabalhos na Fundação Museu do Homem Americano-FUMDHAM. Além dos trabalhos de campo sob a orientação da Dra.Niède, naquele momento ainda bastante atuante, fortalecemos os laços de amizade, e são duas arqueólogas/amigas que compartilho vivências pessoais e profissionais. O entusiasmo para estudar o mestrado veio por meio delas, sempre tive muita vontade, e sabia que uma hora daria certo, e deu. À Tania eu agradeço imensamente a indicação da área das Queimadas para o meu estudo, um local que guardo com zelo por tudo que experienciei lá durante a pesquisa e que mantereí em minha vida. À Adriana – Drica vivenciamos juntas todos os desafios das disciplinas e os aconchegos das conquistas. Estamos juntas sempre. Meninas, MUITÍSSIMO obrigada.

Ao amigo Edson Oliveira que conheci durante a disciplina de estágio docência, aula de registro rupestre, que colaborou de forma direta com esta pesquisa realizando parte do registro fotográfico durante as celebrações dos festejos do Senhor do Bonfim, em agosto de 2022.Pelo apoio e pela gentileza de compartilhar comigo essa experiência e, tenho certeza de que será um grande arqueólogo pelo empenho e dedicação ao que se propõe a fazer. MUITÍSSIMO obrigada.

Aos demais colegas desta turma de registro rupestre da Graduação Univasf, em que estagiei, porque foi o primeiro momento que pude estar em sala de aula de forma física, após a pandemia, e assistir aula depois de 12 anos. Até mesmo a sala de aula da Univasf foi uma novidade, posto que durante a Graduação estudei no Museu da FUMDHAM e numa sala de aula construída próximo ao Museu. Uma experiência singular. Destaco a presença dos colegas Alexandre com quem compartilhei campos de arqueologia, um profissional bioarqueólogo bastante comprometido e com a Gabriela com quem mantenho contato. MUITÍSSIMO obrigada.

À minha família, especialmente mamãe e papai, meu pilar de sustentação e o meu refúgio, a quem recorro sempre, mesmo quando estava morando em outras cidades pelo Brasil ligava para dar notícias e receber apoio. São dois guerreiros que mesmo diante das dificuldades de uma família de poucas posses, acreditaram e acreditam que as filhas, no total de quatro, encontrariam maneiras de trilharem outros caminhos por meio do estudo. Sempre se esforçaram para não faltar o básico e principalmente o estudo, e hoje, são agraciados porque todas as filhas são formadas em curso superior por universidades públicas. Duas mestras, uma dessas prestes a conquistar o Doutorado, e eu trilhando as finalizações para o mestrado. Uma certeza que

tenho que eles estão e estarão sempre vibrando por nossas conquistas, frutos de seus esforços, zelo e incentivo. O meu aconchego e a minha fortaleza. Muitíssimo obrigada

Às irmãs, 1- Crisvânia pelo referencial de pessoa determinada, decidida, verdadeira e crítica, diz o que pensa e corre atrás do que acredita, a precursora na vida e exemplo de estudo e, olha que não foi fácil arcar com ônus de ser irmã da melhor aluna da turma nos colégios que estudamos, da mesma forma que sempre foi um orgulho. Ela está sempre disposta a ajudar e não mede esforços para ver os seus parentes e amigos bem;

2- Vaniceia-Ceinha, que é todo coração, uma pessoa que nunca foi pequena, além do tamanho físico, 1,75, a mais alta da casa, é a que resolve tudo, ao precisar de uma ajuda e falar com ela, a coisa é resolvida. Estabelece a rede de gentileza como gosta de dizer, uma dia você ajuda e no outro alguém lhe ajuda, e não será provavelmente aquele a quem você ajudou; e

3-À Rosivânia -Rosy, nossa garota prodígio, ela já nasceu próximo à virada do sec.XX para o XXI, de forma que tem as conexões do mundo automático, digital, tem aptidões múltiplas, e tem sido minha inspiração da vida acadêmica e profissional, tudo que se propõe a fazer, faz com perfeição. Todo o incentivo para o mestrado veio por meio dela, me estimulando a pensar de forma dinâmica e ainda me propiciando as leituras para ajudar nos aportes teóricos da Arqueologia do Corpo. Ademais, tive a oportunidade de compartilharmos algumas campanhas arqueológicas nos últimos dois anos, e creio que encontrará sempre êxito porque cuida pessoalmente de cada detalhe. Sou muito orgulhosa por tudo que tem conquistado na vida acadêmica, será a primeira doutora da família e acredito muito no sucesso da Totem Arqueologia, sua empresa de Consultoria Arqueológica.

Avante amadas! Por tudo que são e representam para mim, Muitíssimo obrigada!

À minha filha, Geovanna Maria, meu maior tesouro e minha maior preocupação, visto o sentimento de mãe de querer protegê-la dos perigos da vida, mas sei que preciso entender que meu papel é de apoio e incentivo, para lhe permitir sonhar e concretizar os seus sonhos. A menina que chegou na minha vida para me mostrar o sentido de acordar todo dia e ter alguém por quem viver, e mesmo que não tenha sido fácil ver a transformação da menina calma, meiga, na adolescente com humor oscilante que antes no beijo e da benção, diz: *E o pix, nada, ainda?* sei que a amo de forma incondicional, e quero viver por muito tempo para poder acompanhá-la em sua

jornada, mesmo de longe, em alguns momento, mas conectada em boas energias. No momento da graduação ela estava nos meus braços e, agora está ao meu lado, quase da minha altura, me fortalecendo e lembrando o quanto a vida é feita de fases e conquistas.

Aos demais corpos que me atravessaram durante a experiência do mestrado, em especial ao tio Raimundo, que não está mais de forma física entre nós e outras pessoas e coisas que me ajudaram a entender a importância da experiência de ser carne do mundo.

A todos o meu Muitíssimo obrigada

Á minha família!

De forma especial e saudosista, ao tio Raimundo, que contribuiu com seus dons de artesão/carpinteiro para tornar possível a constituição de meu corpo umburana-ex-voto da minha perninha/pé, exercício autoetnográfico realizado para esta pesquisa. Esse foi seu último trabalho de carpintaria, realizado em janeiro de 2023, e em junho ele partiu para contemplar outras paisagens e quem sabe fazer outras artes na vida espiritual, segundo a crença da vida após a morte. A experiência vivida e as alegrias compartilhadas naquela ocasião e de outros encontros ao longo de sua trajetória constituem parte singular de mim, minha pele social.

Muitíssimo obrigada, tio Raimundo, por embarcar comigo neste trabalho e acreditar que tudo é valioso quando se emprega compromisso e zelo. De onde não o vejo, mas acredito que estar, sinta o meu abraço e o meu sorriso por ver o seu trabalho eternizado nas folhas deste aporte acadêmico, e de forma concreta lá na capela do Senhor do Bonfim, nas Queimadas- Dirceu Arcoverde-Pi, na forma de ex-voto/corpo umburana.

Qualquer dia a gente se encontra, espero que seja daqui a muitos anos, sigo por aqui feliz, por tê-lo conhecido e vivido coisas especiais com o Senhor.

Dedico aos corpos que integram a carne do mundo

RESUMO

Em algum momento de sua vida, acredito que já se questionou sobre sua aparência física, sobre o peso mostrado na balança, sobre a roupa que está folgada ou apertada, ou sobre o medo da morte, sobre as inquietudes diante das dificuldades da vida, de forma que essas percepções nos são possíveis a partir de nosso corpo, que não é apenas um emaranhado de tecidos, órgãos e ossos, mas um todo complexo que permite vivências neste mundo. Destarte, esta pesquisa é uma atividade reflexiva sobre o corpo envolto pelo fenômeno religioso dos ritos de pagamento de promessa, onde os ex-votos/objeto devotivo (esculturas antropomorfas de madeira representados por corpo inteiro/cabeças e pernas/pés) e a capela do Senhor do Bonfim, nas Queimadas, que os abriga, são aventados enquanto unidades corpóreas, possibilitando questionamentos no sentido de constituírem uma “pele social”/*embodiment*, ou seja, histórias acumuladas, de forma a percepção de relações culturais, sociais e simbólicas entre esses elementos sob a *hierofania*. O símbolo devotivo é um parâmetro que equipara indivíduos de diferentes grupos sociais? As formas dos ex-votos são sagradas ou profanas? Essa reflexão busca respostas nos aportes da Arqueologia do Corpo em sintonia com a Fenomenologia, que integram as discussões da Arqueologia do Presente, possibilitando um olhar sobre os artefatos contemporâneos de forma atemporal diluindo as dicotomias de presente/passado, sujeito/objeto, corpo/mente, sagrado/profano. De forma que a partir de análises técnicas morfológicas, funcionais, simbólicas corpóreas dos ex-votos enquanto “coisa”/corpos, correlacionando-os com as histórias de devoção, devotos e artesãos, com ênfase para o exercício autoetnográfico - sujeitos/ corpos, foi possível perceber que o ex-voto/corpo é uma metáfora de associação de muitos corpos em um só, corpos umburana, que equipara em um mesmo nível de significância homens, mulheres, crianças, vaqueiros, arqueóloga, professores, entre outros, sob a instância de devotos/corpos, onde as formas profanas e sagrados das representações ex-votivas/corpos são diluídas a partir do espaço corpóreo da capela, enquanto hierofania do sagrado. Esses dados instigam a percepção das linhas de ações que interconectam humanos e não humanos de forma ativa e ininterrupta sob o fenômeno da devoção. Acredito que este estudo contribui para o registro testemunhal, na valorização social e na reflexão coletiva sobre a experiência e vivência humana no espaço das crenças populares no sudeste do Piauí, onde moro, contribuindo para pensar o papel político e social da arqueologia, corroborando para romper com concepções de exclusão e controle.

Palavras-chave: Arqueologia do Corpo. Ex-voto. Devoção, Capela do Senhor do Bonfim- PI.

ABSTRACT

At some point in your life, I believe you have already questioned yourself about your physical appearance, about the weight shown on the scale, about clothes that are loose or tight, or about the fear of the dead, about the concerns about the difficulties of life, so that these perceptions are possible from our body, which is not just a tangle of tissues, organs and bones, but a complex whole that allows experiences in this world. Thus, this research is a reflexive activity about the body involved by the religious phenomenon of the rites of payment of promises, where the ex-votos/devout object (anthropomorphic wooden sculptures represented by the whole body/heads and legs/feet) and the chapel of Senhor do Bonfim, in Queimadas, which houses them, are suggested as corporeal units, allowing questions in the sense of constituting a “social skin”/embodiment, that is, accumulated stories, in a way the perception of cultural, social relations and symbolic between these elements under the hierophany? Is the devotional symbol a parameter that equates individuals from different social groups? Are the forms of ex-votos sacred or profane? This reflection seeks answers in the contributions of Archeology of the Body in line with Phenomenology, which are part of the discussions of Archeology of the Present, allowing a look at contemporary artifacts in a timeless way, diluting the dichotomies of present/past, subject/object, body/mind, sacred/profane. So, based on morphological, functional, symbolic and corporeal technical analyzes of the ex-votos as “thing”/bodies, correlating them with the stories of devotion, devotees and artisans, with emphasis on the autoethnographic exercise - subjects / bodies, it was possible to perceive that the ex-voto/body is a metaphor for the association of many bodies in one, umburana bodies, which equates men, women, children, cowboys, archaeologists, teachers, among others, under the instance of devotees/bodies, where the profane and sacred forms of ex-votive representations/bodies are diluted from the corporeal space of the chapel, as a hierophany of the sacred. These data instigate the perception of the lines of actions that interconnect humans and non-humans in an active and uninterrupted way under the phenomenon of devotion. I believe that this study contributes to testimonial registration, social appreciation and collective reflection on human experience and living in the space of popular beliefs in the southeast of Piauí, where I live, contributing to thinking about the political and social role of archaeology, corroborating to break with conceptions of exclusion and control.

Key-words: Archeology of the Body. Ex-voto. Devotion, Senhor do Bonfim Chapel

LISTAS DE FIGURAS

Figura 1 - Estrutura do texto da pesquisa - analogia entre as partes do corpo humano com as temáticas. Corpo inteiro em madeira tipo umburana - ex-voto/coisa da área do Senhor do Bonfim – Queimadas - Dirceu Arcoverde - PI.	34
Figura 2: - Escultura de pés em madeira umburana – coisa/ex-voto da área do Senhor do Bonfim- Queimadas- Dirceu Arcoverde- PI.	36
Figura 3 - Parte de baixo dos pés em madeira umburana – coisa/ex-voto da área do Senhor do Bonfim- Queimadas- Dirceu Arcoverde- PI.	37
Figura 4 - Pé direito- ex-voto do acervo do Senhor do Bonfim- Queimadas- Dirceu Arcoverde- PI.	45
Figura 5 - Pé esquerdo da autora/pesquisadora- coisa/ex-voto da área do Senhor do Bonfim- Queimadas- Dirceu Arcoverde- PI.	57
Figura 6 - Dedos dos pés- coisa/ex-voto da área do Senhor do Bonfim- Queimadas- Dirceu Arcoverde- PI.....	63
Figura 7 - Escultura de uma coluna vertebral em madeira tipo umburana - ex-voto da área do Senhor do Bonfim- Queimadas- Dirceu Arcoverde- PI.	72
Figura 8 - Fachada e Vista interna da Sala dos Milagres no Santuário de Santa Cruz dos Milagres, em Santa Cruz dos Milagres PI.	78
Figura 9 - Ex-votos da igreja do Senhor do Bonfim, Queimadas, Dirceu Arcoverde-PI.	81
Figura 10 -Tórax feminino tipo umburana - coisa /ex-voto acervo do Senhor do Bonfim- Queimadas- Dirceu Arcoverde- PI.	82
Figura 11 - Coração completo em madeira tipo umburana – coisa/ex-voto da área do Senhor do Bonfim- Queimadas- Dirceu Arcoverde- PI.	92
Figura 12 - Devotos do Senhor do Bonfim, seguindo a pés de Dirceu Arcoverde até as Queimadas.	94
Figura 13 - Mapa de Localização da Capela do Senhor do Bonfim, Queimadas, Dirceu Arcoverde- destaque para o acervo de ex-votos.....	97
Figura 14 - Bacia hidrográfica do Parnaíba-PI.....	98
Figura 15 - Mapa Geológico do município de Dirceu Arcoverde-PI	100
Figura 16 - Vista da igreja em posição central no povoado Queimadas	102
Figura 17 - Vista a partir da igreja com a presença de 05 residências, terreno plano.....	102
Figura 18 - Cruzeiro no alto de morro, próximo a Capela do Senhor do Bonfim, nas Queimadas-PI.....	103
Figura 19 - Rochas em arenito formando um pequeno abrigo – local da primeira missa no povoado de Queimadas-PI.	104

Figura 20 – Coração conectado pelo fio de nylon- coisa /ex-voto acervo do Senhor do Bonfim-Queimadas- Dirceu Arcoverde- PI.	106
Figura 21 - Imagem original trazida de Portugal, na igreja do Senhor do Bonfim-BA	107
Figura 22 - Escultura de um coração só com a artéria em madeira tipo umburana - ex-voto da área do Senhor do Bonfim- Queimadas- Dirceu Arcoverde- PI	111
Figura 23 - Planta baixa da capela do Senhor do Bonfim, nas Queimadas-Dirceu Arcoverde-PI, indicação em amarelo do local onde estão os ex-votos.....	113
Figura 24 - Modelagem 3 D da capela do Senhor do Bonfim, nas Queimadas-Dirceu Arcoverde-PI, na seguinte ordem: Fachada, Lateral Direita Paralela, Lateral Direita Perspectiva, Lateral Esquerda Paralela e Lateral Esquerda Perspectiva	114
Figura 25 - Datas registradas na fachada da capela do Senhor do Bonfim- Queimadas- DA.	117
Figura 26 - Fachada da capela do Senhor do Bonfim – Queimadas – Dirceu Arcoverde- PI.	120
Figura 27 - Presença de semelhança de arco pleno nas portas e aberturas próximas as torres	121
Figura 28 - Representação de Arco pleno – croqui da forma	122
Figura 29 - Detalhe dos elementos arquitetônicos Cimalhas na capela das Queimadas...	123
Figura 30 - Representações de acabamento bulboso- arquitetura chã.	124
Figura 31 - Da esquerda para direita: Pesquisadora Crisvanete, Maria das Mercês Ribeiro, Isabel (Betinha (80 anos), e Margareth-Ribeiro.....	126
Figura 32 - Altar atual da igreja do Senhor do Bonfim – Queimadas	127
Figura 33 - Altar da Capela do Senhor do Bonfim, nas Queimadas- PI, destaque para o oratório na parte central do altar com a imagem do Senhor do Bonfim localizado em posição é cima dessa estrutura.	128
Figura 34 - Cercado no altar da capela do Senhor do Bonfim das Queimadas com a presença de mesa e ambão (indicado por seta) em posição à direita embaixo e dois momentos de interação com o santo durante a novena, cercado aberto na porção à esquerda e outro em cima.....	129
Figura 35 - Memorial das zeladoras da capela do Senhor do Bonfim das Queimadas.	129
Figura 36 - Local dos ex-votos na igreja do Senhor do Bonfim nas Queimadas. Imagem da direita com a zeladora Sra. Sebastiana à direita e a nora Carmem à esquerda.	130
Figura 37 - Acervo de ex-votos na Igreja do Senhor do Bonfim nas Queimadas no ano de 2013.	131
Figura 38 - Ruína da casa dos Padres na comunidade Queimadas, hoje só existe parte dos alicerces.	132

Figura 39- Manifestação do sagrado durante a novena do Senhor do Bonfim, Queimadas.	134
Figura 40- Espaços comunal do profano e do sagrado, durante os festejos do Senhor do Bonfim nas Queimadas-PI	135
Figura 41- Procissão do senhor do Bonfim, à direita a marca dos pés na areia e à esquerda as devotas descalças	136
Figura 42 - Quarto para acendimento de velas no lado esquerdo da capela, destaque para o símbolo do cristo crucificado na parede e as minhas velas acesas	137
Figura 43 - Procissão do Senhor do Bonfim, nas Queimadas-PI	137
Figura 44 - Escultura de coração bidimensional	139
Figura 45 - Fachada da igreja e vista das intervenções de concreto que formam a Praça	140
Figura 46 - Detalhe da degraus para o acesso principal da capela, e vista de calçamento próximo as residências	140
Figura 47- Vista mais ampla da construção da praça entorno da capela do Senhor do Bonfim.	141
Figura 48 - Projeções da praça da capela do Senhor do Bonfim e do palco de eventos	142
Figura 49 - Registro da primeira noite de novena do Senhor do Bonfim, Queimadas, Dirceu Arcoverde-PI, na praça nova	143
Figura 50 - Seios- coisa/ex-voto da área do Senhor do Bonfim- Queimadas- Dirceu Arcoverde-pi	144
Figura 51 - Esculturas de corpo inteiro – coisas/ex-votos acervo do Senhor do Bonfim-Queimadas	145
Figura 52- Esculturas de cabeças – coisas/ex-votos acervo do Senhor do Bonfim-Queimadas	145
Figura 53- Esculturas de pernas/pés- acervo do Senhor do Bonfim-Queimadas	146
Figura 54 - Prancha 01- Ex-votos/coisas acervo Senhor do Bonfim – Queimadas-Dirceu Arcoverde. Agosto de 2022	146
Figura 55 - Cabeça- tipo umburana- coisa /ex-voto acervo do Senhor do Bonfim- Queimadas-Dirceu Arcoverde- PI	149
Figura 56 - Olhos femininos- Cabeça- tipo umburana- coisa/ ex-voto acervo do Senhor do Bonfim- Queimadas- Dirceu Arcoverde- PI	151
Figura 57 - Esquema 1- Atributos de análise tecno-morfológica dos ex-votos/ coisas	156
Figura 58 - Organização dos ex-votos por atributos de formas	158
Figura 59 - Atividade de registro fotográfico e preenchimento de fichas	159
Figura 60 - Esquema 2- Atributos de análise tecno-funcionais dos ex-votos/ coisas	160

Figura 61 - Nariz- Cabeça- tipo umburana- coisa/ ex-voto acervo do Senhor do Bonfim-Queimadas- Dirceu Arcoverde- PI.	161
Figura 62 - Experiências tátil entre devotos e os ex-votos	164
Figura 63 - Exemplo 1: Demonstrativo de medidas de formas de cabeça.	166
Figura 64 - Exemplo 2: Demonstrativo de medidas de formas de cabeça.	167
Figura 65 - Cabeça- Aplicação de ferramenta Bump Map para o estudo das formas de cabeça – coisa/ex-votos.....	168
Figura 66 – Perna/pé - Aplicação de ferramenta Bump Map para o estudo das formas de perna/pé – coisa/ ex-votos.....	168
Figura 67 – Exemplo de Ficha de análise para ex-voto - cabeça	169
Figura 68 - Exemplo de Ficha de análise para ex-voto – perna/pé.....	170
Figura 69 - Boca- Cabeça- tipo umburana- ex-voto/coisa acervo do Senhor do Bonfim-Queimadas- Dirceu Arcoverde- PI.	171
Figura 70 - À esquerda árvore Umburana completa - copa e tronco- e à direita tio Raimundo indicando para a árvore Umburana (<i>Amburana cearenses</i>).....	177
Figura 71 - Pedaco de madeira Umburana (<i>Amburana cearenses</i>) – matéria-prima para a confecção da coisa/ ex-voto medindo 90 cm e diâmetro de 12 cm.	178
Figura 72 - Ferramentas utilizadas para a confecção do ex-voto/coisa- perninha/pé Crisvanete	179
Figura 73 - À esquerda o posicionamento do molde para riscar o formato do pé- À direita o pé riscado no pedaco de umburana.....	180
Figura 74 - Registro do gestual do artesão, em momento de concentração e satisfação. .	181
Figura 75 - Devota/Pesquisadora buscando entender o processo de construção da peça a partir da observância do molde.....	181
Figura 76 - Primeiro passo: Processo de serragem da madeira para separar o pedaco de umburana ser utilizado para a confecção da perninha.....	184
Figura 77 - Esquema ilustrativo de corte ortogonal da madeira.....	185
Figura 78 - Segundo passo, início do talhamento com a Enxó.....	186
Figura 79 - Esquema ilustrativo de corte periférico da madeira.....	187
Figura 80 - Terceiro e quarto passo, continuidade do talhamento com o facão e aplainadora.	188
Figura 81 - Esquema de direção do corte com o uso de facão.....	189
Figura 82 - Quinto e sexto passo, modelagem e nivelamento, respectivamente.	190

Figura 83 - Esquema ilustrativo das ações e forças que atuam no talhamento/corte da madeira	191
Figura 84 - Sétimo passo-detálhe de entalhe dos dedos do pé.....	193
Figura 85 - Oitavo Passo- finalização e entrega da peça/ ex-voto/perninha.	194
Figura 86 - Nono Passo – coisa/ex-voto/perninha envernizado na minha casa.....	196
Figura 87 - Décimo passo: entrega do ex-voto- Abertura da capela e pausa para tirar o chapéu	197
Figura 88 : Décimo passo -caminhada no corredor da capela e oração no altar	198
Figura 89 - Décimo passo-entrega- identificação da peça com assinatura e data.	199
Figura 90 - Décimo passo: entrega do ex-voto/perninha e disposição em prateleira na área reservada aos ex-votos na capela do Senhor do Bonfim.	200
Figura 91 - Orelha- tipo umburana- coisa /ex-voto acervo do Senhor do Bonfim- Queimadas-Dirceu Arcoverde- PI.....	201
Figura 92 - Caso 1:Escultura de corpo inteiro- coisa/ ex-voto acervo do Senhor do Bonfim-Queimadas- Dirceu Arcoverde- PI-	204
Figura 93 - Caso 2:Escultura de cabeças- coisa /ex-voto acervo do Senhor do Bonfim-Queimadas- Dirceu Arcoverde- PI-	206
Figura 94 - Caso 3: Escultura de cabeça- coisa/ ex-voto acervo do Senhor do Bonfim - Queimadas- Dirceu Arcoverde- PI-	208
Figura 95 - Caso 4: Escultura de cabeça- coisa/ ex-voto acervo do Senhor do Bonfim-Queimadas- Dirceu Arcoverde- PI-	209
Figura 96 - Cérebro- lóbulo frontal Cabeça- tipo umburana- ex-voto/coisa acervo do Senhor do Bonfim- Queimadas- Dirceu Arcoverde- PI.	210
Figura 97 - Esboço das linhas de conexão entre mim e os agentes humanos e não humanos na elaboração/transformação de corpo umburana.	212
Figura 98 – Demonstrativo das peças com s marcas de doença e com marca de individualização- coisa /ex-voto acervo do Senhor do Bonfim- Queimadas- Dirceu Arcoverde- PI.	222
Figura 99 : Conjunto de ex-votos tipo corpo inteiro – Ex-votos da área do Senhor do Bonfim nas Queimadas.....	225

LISTAS DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Linhas com as variáveis individualização, faixa etária e sexo- acervo de ex-votos do Senhor do Bonfim, capela Queimadas.215

Gráfico 2 - Linhas com as variáveis individualização, e marca de doença- acervo de ex-votos do Senhor do Bonfim, capela Queimadas.221

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Identificação dos elementos arquitetônicos de fachadas de igrejas coloniais.	119
Quadro 2 - Apresentação dos Atributos	156
Quadro 3 - Inventário de ex-votos/coisas de madeira do acervo do senhor do Bonfim nas Queimadas, janeiro de 2023.....	214

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	20
2	PÉS - CORPO - APORTE TEÓRICO E METODOLÓGICO.....	36
2.1	SOLADO DO PÉ - CAMINHANDO PELA ARQUEOLOGIA DAS CORPORALIDADES	37
2.2	PÉ DIREITO – O CORPO PELAS CIÊNCIAS HUMANAS.....	45
2.3	PÉ ESQUERDO – AUTOETNOGRAFIA NA PERCEPÇÃO DO CORPO DEVOTA/ CORPO- EX-VOTO	56
2.4	DEDO DO PÉ- ARQUEOLOGIA DO PRESENTE NO ESTUDO DOS EX-VOTOS/ ARTEFATOS CONTEMPORÂNEOS.	62
3	TRONCO/COLUNA- EX-VOTOS/COISAS/CAPELA-OBJETO DE ESTUDO	72
3.1	TÓRAX- CONTEXTO HISTÓRICO DA COMUNIDADE QUEIMADAS-DIRCEU ARCOVERDE-PI.	81
3.2	CORAÇÃO COMPLETO- DEVOÇÃO DO SENHOR DO BONFIM, NAS QUEIMADAS-PI.....	92
3.2.1	Coração Conectado- Origem do Culto ao Senhor do Bonfim no Brasil	105
3.2.2	Coração Inacabado– Aspectos Arquitetônicos da Capela do Senhor Do Bonfim.	111
3.2.3	Coração Bidimensional-Alterações na Paisagem no entorno da Capela do Senhor do Bonfim-PI.....	138
3.3	SEIOS- EX-VOTOS DEPOSITADOS NA IGREJA DO SENHOR DO BONFIM.	143
4	CABEÇA - EX-VOTO/CORPO-APLICAÇÃO TEÓRICA PARA INFERÊNCIAS CORPÓREAS	149
4.1	OLHOS – ENXERGAR OS APORTES METODOLÓGICOS PARA O ESTUDO DAS COISAS.	151
4.2	NARIZ- AGENCIAMENTO DOS DADOS	160
4.3	BOCA- A PRÁTICA DEVOTIVA A PARTIR DA AUTOETNOGRAFIA	171
4.3.1	Ouvido- Histórias de pagamento de promessa na área do Senhor do Bonfim.	200
4.4	CÉREBRO – MEMÓRIA COGNITIVA DAS PERCEPÇÕES CORPÓREAS -AS COISAS NA ÁREA DA CAPELA DO SENHOR DO BONFIM.	210
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	229
	REFERÊNCIAS	240
	ANEXO A: FICHAS DE ANÁLISE DOS EX-VOTOS	257
	ANEXO B-FICHA DE ANÁLISE TÉCNICO MORFOLÓGICA E FICHA DE ANÁLISE FUNCIONAL CORPOREA - FOMATO EXCELL:	347
	ANEXO C:TERMO DE CONSENTIMENTO DAS ENTREVISTAS	361

1 INTRODUÇÃO

O corpo que abriga a minha essência biológica, psíquica e cognitiva corresponde a um adulto, cujo estudo dos remanescentes humanos pela antropologia física, em momento póstumo à vida, assinalaria uma pequena marca de fratura no membro inferior esquerdo, à altura mediana da tíbia e, outro traço próximo ao tarso. Assim como, a identificação da abertura de pélvis correspondente a um parto natural e uma estrutura craniana com traços negroides. Características que correspondem a um indivíduo do sexo feminino. Descrição essa, sob o aporte arqueológico para fins apenas de identificação de elementos relacionados ao dimorfismo sexual.

A minha pele cultural é marcada pelas influências ocidentais capitalistas, quando os trajes mais comuns são calça jeans e camiseta, e um tênis ou sandália aos pés, compatíveis ao perfil de uma jovem senhora. Uso sempre chapéu, que para uns pode ser apenas um adorno, mas que considero como parte indissociável de mim, utilizado como proteção ao sol escaldante do semiárido nordestino onde moro e, também como elemento estético, quando me reconhecem como a mulher do chapéu. Algo que se tornou meu diferencial em meio aos demais, e, isso ganha uma singularidade quando aprecio essa natureza do desigual e, por conseguinte, constitui parte de minha pele social.

Contudo, esse corpo orgânico e físico é simplesmente um aparato para a verdadeira face oculta interior, que sofre influências do meio e reflete parte das percepções fenomenológicas que regem os comportamentos humanos, os gostos, os hábitos, as posturas, no que constitui o corpo enquanto pele social, ou seja, uma convergência de sentidos e significados, no que se configura um corpo experienciado.

As maneiras que a humanidade pensa sobre o mundo que envolve o seu corpo estão balizadas e fundamentadas nas experiências desse corpo nesse mundo, “os corpos nos oferecem nossa expressão no mundo, é a “forma visível das nossas intenções” (MERLEAU-PONTY, 1999, p.11). A comunhão que se estabelece entre o corpo humano e o corpo do mundo, conglobera e transcende o corpo do indivíduo, quando esse não é mero objeto e sim sujeito da percepção. Por isso, compartilho a primeira experiência que desencadeou uma mudança física em meu corpo, que reflete parte das minhas inquietações psíquicas, cognitivas e sociais frente à temática que será alvo desta pesquisa, a arqueologia das corporalidades no universo dos pagadores de promessas.

Na infância, residia numa comunidade rural de Dirceu Arcoverde-PI, Capim do Zé Macário, local de meus ascendentes maternos e, numa manhã no mês de junho, insisti para acompanhar a minha prima Aureni, que tinha uns 13 anos, numa compra de linha de costura para minha avó, ocasião em que ela ainda resistiu em me levar, mas acabou cedendo, vindo a me colocar na garupa de sua bicicleta. Momento de plena euforia de minha parte.

Contudo, após a compra da linha e, já a poucos metros da casa de minha vó, eu me distraí e coloquei o pé esquerdo dentro do raio da bicicleta, travando a roda. Neste momento, em meio ao choro de dor e medo, o tio Nilton veio ao nosso encontro para ajudar a tirar o pé, que ficou preso entre os raios que formam o diâmetro da roda. Aparentemente, observou-se apenas um corte próximo ao calcanhar, o que foi lavado e esterilizado com um líquido em um frasco. Lembro até hoje da ardência causada pelo líquido, que creio se tratava de álcool etílico, porque nem sabia ler a identificação do rótulo no frasco.

Após esse primeiro procedimento, fui conduzida para a casa de minha avó, ocasião em que mamãe estava dando aula no colégio do povoado. Então, fui acolhida pela generosidade da minha avó (a Dindinha, como era referenciada por todos os netos), que foi compreensiva com minha prima, porque essa estava muito apreensiva com medo de receber uma bronca por ter me levado na bicicleta, devido ser muito pequena. Aparentava dois anos ou menos, embora já tivesse três anos e 8 meses, por isso, a dificuldade de manter as pernas abertas na garupa da bicicleta.

Quanto ao ferimento do pé, a Dindinha pegou panos limpos para enfaixar. A dor ainda era forte, mas já me sentia menos tensa porque confiava plenamente nela. Em seguida, mamãe chegou da escola já assustada porque soube do meu infortúnio, mas quando viu que o corte não era tão grande e meu choro já havia cessado, pode ficar mais tranquila.

Imaginem que minha avó começou um processo para cicatrização do ferimento com uso de banhos com a folha de São Caetano (*Momordica charantia* L.- cicatrizante natural - planta comum no Sertão Nordestino) e outras cascas de madeira que eram colocadas todos dias sobre o ferimento, seguido de rezas do rito¹, católico

¹O termo rito engloba qualquer atividade que possa vir a ser realizada de forma padronizada, formalizada, repetida, os ritos oferecem modos de observação e de reflexão que foram adaptados a descobertas de determinados tipos. Os requintes do ritual não deixam escapar nenhum ser, objeto ou aspecto, a fim de assegurar um lugar no interior de uma classe: à cada coisa sagrada, seu lugar (LÉVI-STRAUSS, 1997, p. 25), quando se coloca o adjetivo católico- refere-se a religião católica.

(padres nossos e ave-marias), embora não se tratasse de uma pessoa com expertises em benzeduras, que trabalha com rezas específicas de cura e unguentos naturais preparados sob práticas mágicas², era uma mulher de muita fé e espiritualidade. O que recordo é que não cogitavam de procurar ajuda médica, porque o ferimento estava evoluindo para a cicatrização sem inchaço.

Porém, o trauma maior ainda estava por vir, já que associo ao medo mais forte que já senti, seguido da queda que desencadeou duas fraturas nos ossos da perna esquerda, até então apenas com escoriações externas.

Na comunidade havia dois primos de mamãe com problemas mentais, e devido à falta de informações dos parentes eram excluídos do convívio com os demais moradores, só se ouvia os ruídos fortes que faziam e eram mantidos em quartos isolados de sua casa. As crianças teciam em suas mentes as projeções e o medo por conta dos gritos e, eu não fugia à regra.

Quando numa manhã sentada em um banco de madeira na sala principal da casa de minha vó, com o pé enfaixado, acompanhada por minha madrinha Emília, que lia um papel sobre a liturgia dominical católica, meus olhos se depararam com o vulto de uma pessoa, cuja mão grande mexia na tramela³, abrindo a meia porta⁴ da sala para entrar. Mesmo sem nunca ter visto aquela imagem, soube que era o primo que gritava. A materialização do medo estava à minha frente, a poucos metros, com os cabelos cacheados longos, barba fechada; um homem de porte alto, mãos e pés grandes. Vestia uma camiseta de malha e uma bermuda à altura do joelho, calçava chinelos.

Minha madrinha ao vê-lo, correu e, eu também, instintivamente, quis acompanhá-la, precisava sair dali o mais rápido que pudesse: pulei do banco e cai; não

², A eficácia da magia implica na crença da magia, que envolve três aspectos: a crença do feiticeiro e na eficácia de suas técnicas; em seguida, a crença do doente que ele cura, ou da vítima que ele persegue, no poder do próprio feiticeiro; finalmente, a confiança e as exigências da opinião coletiva, que formam à cada instante uma espécie de campo de gravitação no seio do qual se definem e se situam às relações entre o feiticeiro e aqueles que ele enfeitiça (LÉVI-STRAUSS, 1975, p.2).

³A tramela é uma espécie de tranca para portas (que pode ser usada, também em janelas e alguns armários), moldada em diversos tipos de materiais. A tramela, presa a um prego ou parafuso, gira para qualquer lado e tranca porta e janela. Pode vir por dentro (fecha por dentro) ou por fora (fecha por fora). Normalmente, foi sempre de madeira; rústica e prática, tem as marcas da mão que a impulsiona todos os dias. Assim, foi ou ainda é usada em muitas casas simples, em especial, na área rural (OLIVEIRA, 2018).

⁴ Comum em unidades domésticas do meio rural a porta ser dividida em duas metades perpendiculares ao eixo da porta, permitindo que apenas uma das metades seja aberta ou fechada. Normalmente mantem-se a parte inferior fechada e a posterior aberta, transpondo a função de porta para de janela (OLIVEIRA, 2018).

consegui me mexer do lugar, o pé machucado, agora, era um pé quebrado. Surpreendentemente, o primo apenas se sentou no chão da sala e ficou a me olhar em pleno choro.

Mamãe que estava cuidando dos afazeres domésticos da casa, ao ouvir o choro veio me resgatar daqueles cinco minutos, que duraram uma eternidade no meu trauma psíquico diante do medo do bicho papão que saía da imaginação e se materializava à minha frente. Em seguida, o primo foi reconduzido à sua casa, sem qualquer ação que pudesse associá-lo a uma pessoa violenta como eu supunha. No momento que ele em ficou sentado na sala me olhando, apenas movimentava o tórax repetidamente, batendo as costas na parede.

Porém, o pé agora doía sem parar, não havia mais rezas ou banhos que aliviassem a dor. Por isso, resolveram, no dia seguinte, procurar uma maneira de ir a São Raimundo Nonato-PI para fazer uma avaliação médica. O Raio-x da perna confirmou a fratura de duas canas, uma na altura mediana da tíbia e outra próximo ao tarso. Por isso, a perna foi imobilizada e engessada. Fiquei seis meses com a perna e o pé engessados, e quando retiraram o gesso eu não conseguia dar um passo.

Por conseguinte, como já não se tratava de um processo físico, esse foi o primeiro momento que tive contato com o processo de cura associado às divindades, quando se processam os pedidos realizados sob forma de promessas, ou seja, uma espécie de troca com os santos. Nas palavras de minha avó (Dindinha), se eu voltasse a andar acenderiam velas e fariam orações para nosso Senhor do Bonfim e Nossa Senhora de Fátima, em Dirceu Arcoverde- PI. Nesta ocasião, as promessas também foram reafirmadas por minha mãe, pois no pedido além de uma intenção própria, se pode colocar a intenção de graça a outrem.

Na minha concepção, a negativa de andar estava associada à questão psicológica diante do medo do primo e da queda, por isso o fato de estar sendo aconchegada pelos braços que me transportavam, ou seja, me protegiam dos perigos, forçava o cérebro entender que estava muito boa aquela situação, para que andar de novo? Para cair? Para estar exposta a perigos sem os braços da mamãe?

Contudo, por influência das orações e intermediações de divindades espirituais, aos poucos fui perdendo o medo, readaptando a andar e, sem sequelas, em um pouco mais de dois meses da retirada do gesso já estava andando. Por isso, havia a necessidade de pagar a promessa. Então, naquele ano, durante os festejos de Nossa Senhora de Fátima, em Dirceu Arcoverde (13 de maio - data de aparição de

Nossa Senhora na cidade de Fátima, em Portugal) fui levada por minha vó para acender levar e rezar pela graça alcançada. Neste caso, não houve a entrega de um objeto, uma perna, por exemplo, mas o pagamento da promessa se fez presente pelo rito do acendimento de velas e orações.

Esse episódio traduz parte de minhas memórias que despertam em mim curiosidade sobre o processo de cura atrelada à crença em divindades e/ ou benzeduras (rezas sob o apelo de práticas mágicas), no que comumente se reconhece como cura espiritual ou religiosa, que pode envolver a intencionalidade dos pedidos (votos) e a entrega de objetos (ex-votos) como elemento de reconhecimento, pagamento de promessa: Prática bastante recorrente na cultura nordestina e por todo Brasil, haja visto a quantidade de santuários reconhecidos e outros menos divulgados, ou apenas túmulos, cruzeiros, lapas isoladas, com expressiva quantidade de objetos atinentes às manifestações de devoção.

Para elucidar os significados dos termos votos e ex-votos, pontua-se que a palavra voto é originária do latim *votu*, que significa promessa e/ou pedido feito a alguém ou a algo, bem como o fazer pedidos ou promessas a um santo (MOTA, 1968). Essa interlocução do devoto ao seu Santo Protetor está relacionada diretamente à cura de uma doença, à salvação em algum acidente ou à proteção em alguma circunstância difícil, de perigo extremo; ou mesmo realizar um sonho material. Já o ex-votos está relacionado ao significado da oferta, da doação, como forma de agradecimento à graça recebida, essa definição é apresentada por Scarano (2004), como sendo a intenção do pagamento de algo que foi recebido.

Numa acepção cultural tem-se que o ex-voto é uma manifestação popular enraizada na tradição greco-romana, configurando um “acerto de contas” de natureza mística, ou seja, uma “transação simbólica”, cuja operação inicial transcorre no âmbito privado, o pedido feito e a promessa negociada, mas que se torna público quando (e se) houver atendimento da súplica. Nesse momento, o milagre é anunciado por meio de penitências ou sinais que explicitam a graça alcançada (GORDO, 2014).

Em termos de especificações, os ex-votos são representados por imagens, fitas, laços, cartões, fios de cabelos, retratos, artigos de valor material, objetos em geral, porém, são as esculturas, “artefatos”, os de maior recorrência, e durante a entrega dos objetos são realizadas orações, proclamadas em voz alta ou no íntimo do pensamento e, se realiza o acendimento de velas que simbolizam a luz por meio do fogo, cuja chama ao derreter a parafina das velas produz “uma pequena fumaça que

atinge ao alto, o céu, uma perspectiva de chegar à divindade que concedeu à graça”, conforme sabedoria popular.

Os locais institucionalizados pela religião católica e /ou outros em que perduram a fusão de elementos de crenças de matrizes afro-indígenas com o catolicismo, são referenciados como Santuários, onde costuma existir espaço destinado ao depósito de ex-votos, as denominadas Sala de Milagres, encontradas nos Santuários: de Nossa Senhora Aparecida - SP, Bom Jesus de Matosinhos - MG, do Senhor do Bonfim de Bom Jesus da Lapa - BA, do Senhor do Bonfim em Salvador - BA (imbricação entre catolicismo e religiões de matrizes africanas), de Juazeiro do Norte - CE, do Pai Eterno em Trindade - GO, de São Francisco em Canindé - CE, de Nossa Senhora de Nazaré- Belém - PA, de Santa Cruz dos Milagres- PI, Ecológico da Serra do Mar –Santuário Nacional da Umbanda -SP, Pai João de Aruana-Aspaja -PI, para citar alguns dos mais divulgados.

Todavia, mesmo em espaços improvisados de igrejas menores e ou junto a túmulos, lapas, cruzeiros - entre esses na área do sudeste do Piauí cita-se: a Cova da tia” (uma lápide - Bonfim do Piauí), Morro do Cruzeiro (em São Raimundo Nonato) e Sítio Toca do Cruzeiro (Sítio do Mocó-Coronel José Dias-PI⁵) - é possível observar a existência de artefatos que se destinam a manifestar e revelar graças alcançadas pelo devoto, os quais simbolicamente representam a materialização da fé do devoto: esculturas que retratam vivências e traduzem práticas tradicionais de pessoas da região ou de locais longínquos que para ali se deslocam para cumprirem suas promessas. Essa prática pode ocorrer de forma isolada ou em grupo, formando as romarias⁶.

Ao mencionar a “Cova da Tia”, importa aclarar que tenho um apreço especial por esse local, visto que ao realizar a pesquisa de conclusão do curso em Arqueologia e Preservação Patrimonial pela Universidade Federal do Vale do São

⁵Área foco do TCC- SOUZA, M.L.M de. Ex-Votos da Toca do Cruzeiro: Uma análise da memória religiosa e da materialidade da fé na comunidade Sítio do Mocó - Coronel José Dias – Piauí, 2019, Universidade Federal do Vale do São Francisco-UNIVASF- Campus Serra da Capivara- Colegiado de Arqueologia.

⁶Romaria - (romería em espanhol) é um tipo de peregrinação religiosa católica romana anual a curta distância praticada na Península Ibérica e em países anteriormente colonizados pela Espanha e Portugal. O termo vem de romero ou romeiro, significando uma pessoa que viaja para Roma. A viagem pode ser feita em carros, pau de arara (comuns na Região Nordeste do Brasil, mesmo na atualidade), carros alegóricos, a cavalo ou a pé, e seu destino é um santuário ou eremitério consagrado a uma figura religiosa homenageada na festa daquele dia. Além de assistir a cultos e procissões religiosas, os peregrinos, que também são chamados de romeiros, também podem se envolver em eventos sociais como cantar, festejar e dançar (SANTOS, 2015).

Francisco-UNIVASF, em 2009⁷, em meio aos desafios de um curso em processo de instalação, numa universidade também recém criada, tive a oportunidade de trabalhar com o místico e o simbolismo do túmulo Cova da Tia sob aportes do patrimônio imaterial desse local, que vivencia a prática votiva e cultua uma ex-escravizada negra dentro da acepção de santa popular.

Mesmo sem adentrar sobre perspectivas decoloniais, tacitamente realizei uma pesquisa que apresenta uma mulher negra num papel de destaque no cenário nordestino, ou seja, como protagonista de uma história de luta e resistência, cuja vida de sofrimento lhe colocou em um patamar diferenciado em comunhão com o sagrado, por isso, a população lhe rende culto e lhe oferece ex-votos pelas graças alcançadas. Posso dizer que além de um anseio pessoal, colaborei de alguma forma para que esse local, hodiernamente, possa ser referenciado com destaque dentro do maior território quilombola do Nordeste, Quilombo Lagoas, no sudeste do Piauí.

Assim, mediante ao apreço e à sinergia que os objetos ex-votivos me proporcionam, ao buscar a Pós-graduação por meio do Mestrado, após uma pausa de 12 anos afastada da academia, contudo, sem perder o foco temático, é que elegi os ex-votos como elementos centrais para este estudo, um contraponto a temática da graduação, em que eles eram significativos por estarem associados ao culto à Tia, e agora são o cerne de toda a discussão trabalhada.

Para tanto, no primeiro momento, o local escolhido foi o Santuário de Santa Cruz dos Milagres-PI, que possui uma Sala de Milagres destinada aos ex-votos, e é a terceira maior romaria do Nordeste, próximo a Teresina, onde eu estava morando em 2020, e pude realizar a visita de reconhecimento de área, na fase de elaboração do projeto para a seleção de Mestrado. Todavia, a pandemia da COVID 19 nos anos de 2021-2022 dificultou o meu deslocamento e, ao mesmo tempo suscitou a necessidade de escolher um outro local, mais próximo de onde me refugiei durante o isolamento social: a casa de meus pais em São Raimundo Nonato-PI. Em uma conversa sobre a temática do mestrado com a amiga arqueóloga Tânia Santana, obtive a informação sobre uma grande quantidade de ex-votos na região das Queimadas, Dirceu Arco-verde-PI.

⁷TCC-. AQUINO, C.C. Misticismo e Simbolismo na Cova da Tia: um olhar sobre o patrimônio imaterial de São Raimundo Nonato-PI e entorno. Universidade Federal do Vale do São Francisco-UNIVASF, Campus Serra da Capivara, Colegiado de Arqueologia e Preservação Patrimonial, 2009

Embora eu tenha assimilado com muito entusiasmo aquela possibilidade de mudança de área, com viabilidade de acesso, a aproximadamente 54 km de São Raimundo Nonato-PI, precisava me certificar se havia as materialidades no local e mesmo obter o aval da minha orientadora sobre essa mudança. Por isso, em abril de 2022 realizei a primeira visita, apenas para conhecer e fotografar, e para minha alegria, além das materialidades ex-votivas, fui tocada por uma energia muito forte, ou seja, havia uma sensação de proximidade, no que se constitui uma acepção afetiva (MAGESTE e AMARAL, 2021) pelo local.

Por conseguinte, em conversa com minha mãe descobri detalhes da experiência vivenciada na infância, pois o trauma da queda perdurou na minha memória pelo impacto psíquico, mas os desdobramentos da cura não, em virtude da pouca idade. Vindo a constatar que a sensação de conhecer o local era uma realidade, porque eu estive lá quando pequena no momento do pagamento de promessa, mas não tinha lembrança cognitiva. Contudo, meu hipocampo⁸. cerebral identificou o local e me proporcionou a sensação de pertencimento. Deste modo, a Capela do Senhor do Bonfim, nas Queimadas, passou a compor a área foco desta pesquisa, com o consentimento da minha orientadora, que ao ver as fotos sobre as materialidades assentiu como viável e, denota um aspecto importante de minhas memórias afetivas de infância.

Na capela das Queimadas existe um espaço organizado na lateral direita para o depósito das peças, onde muitas pessoas têm alocado seus ex-votos e orações, há pelo menos 175 anos, segundo informações etnográficas sobre as primeiras celebrações; mantendo viva a tradição popular de pagamento de promessas, fornecendo o subsídio material para este estudo, no qual os ex-votos são percebidos e refletidos enquanto elemento cultural contemporâneo sob aporte arqueológico da corporalidade.

⁸O hipocampo é uma pequena estrutura que gerencia as memórias. Mas as memórias em si ficam armazenadas em diferentes áreas do cérebro, incluindo o córtex (camada externa) e regiões mais profundas (subcórtex), dependendo do tipo de lembrança. É o hipocampo quem "decide" o que é importante ser memorizado e onde essa informação irá ficar armazenada no cérebro. "Além disso, a estrutura tem um papel muito importante na recuperação das memórias. Quando nos recordamos de algo, significa que foi o hipocampo que fez com que a informação armazenada voltasse e fosse lembrada, por isso dizemos que ele gerencia as memórias"(Entrevista VIVA- BEM com Viviane Louro, neurocientista e professora da UFPE Universidade Federal de Pernambuco-2021, disponível em: <https://www.uol.com.br/vivabem/reportagens-especiais/como-funciona-a-memoria-como-melhorar-a-memoria-e-como-criamos-lembrancas/#cover>, acesso em agosto de 2023).

Para tanto, tenciona-se o entendimento do ex-voto como uma fonte de sentidos para o sujeito em aflição, medo, angústia, revelando formas típicas à cultura popular de compreensão dos vínculos sociais e das condições materiais de vida. Assim como, numa acepção maior, compreender a materialização desses sentimentos na forma de objetos para além das formas sólidas, percebendo-os como extensões dos corpos dos pagadores de promessas e de outros entes envolvidos na confecção e deposição desses objetos, num interfluxo de ações atemporais, refletindo esses objetos enquanto corpo neste mundo.

Neste sentido, o corpo passa a ser utilizado como elemento direcionador das correlações entre objeto e sujeito (ex-voto e devoto/artesão) no espaço sagrado capela do Senhor do Bonfim, sob aporte da Arqueologia das Corporalidades, onde corpo não é entidade biológica, mas o vetor semântico pelo qual a evidência da relação com o mundo é construída. Deste modo, essa convergência de sentidos e significados se conceitua “coisa”, ou seja, axioma que implica relações entre humanos, outros animais, objetos, lugares, espaços, Deus e outros seres sagrados num emaranhado de ações que mantem múltiplas transações entre si, e se constroem simultaneamente (INGOLD, 2012), numa “igualdade ontológica dos seres” (WITMORE, 2014, p. 36).

Utilizo o termo “coisa” no sentido dado por Miller (2013, p.19) ao enfatizar que os “trecos, troços e coisas” nos constroem, ou seja, a ideia de “coisa” é de algo que seja o mais abrangente possível e que possa abarcar uma diversidade de “trecos que não são necessariamente coisas que podemos segurar ou tocar”, contempla materialidades e imaterialidades numa relação de horizontalidade entre humanos e não humanos.

Com fulcro a aplicabilidade da acepção de corpo para o estudo em pauta, pretendi identificar e mapear as conexões entre as representações de bonecos, membros ou órgãos humanos, confeccionados em madeira, visto o caráter tangível do processo de fabricação e deposição dessas peças na capela, quando é possível refletir sobre os sentidos, percepções entre os agentes envolvidos neste interfluxo de ações de transformação, refletindo sobre a construção de um corpo social, enquanto corpo experienciado, ou seja, “o corpo social como solo existencial do sujeito e da cultura” (CSORDAS, 2008, p.11).

Aclara-se que, o estudo do ex-voto como tradição viva de um povo tem sido objeto de interesse para áreas como a antropologia, história, sociologia, religião,

linguística e arte, presente em muitos trabalhos (ABREU, 2005; ASSUMPÇÃO, 2006; BENELLI E COSTA-ROSA, 2006; BOTELHO, 2013; DUARTE, 2011; DUARTE E CARVALHO, 2005; FAGUNDES, 2015; GONÇALVES & CONTINS, 2008; JASPARD, 2004; LARAIA, 1995; MAUSS, 1997; MAUSS E HUBERT, 2005; MÜLLER, 2000; ORTIZ, 2001; PAIVA, 2002, 2007; PAIVA ET AL., 2004; PEREIRA, 2003; GORDO 2014, OLIVEIRA, 2015), sendo também neste momento, interesse de pesquisa arqueológica.

Para tanto, busco no referencial teórico da Arqueologia do Presente (BUCHLI & LUCAS, 2001; SHANKS, 2004; WITMORE, 2004; LUCAS, 2005; HAMILAKIS (2017), GONZÁLEZ-RUIBAL, 2007, 2014) os fundamentos para validar essa proposta, posto que essa vertente expandiu a área de abrangência da arqueologia para contemplar o estudo da cultura material e das paisagens culturais em todos os aspectos da experiência humana.

Por esse arcabouço é possível enfatizar elementos culturais atemporalmente, além de cruzar com pesquisas interdisciplinares que envolvem patrimônio, arte, gênero, etnografia, história moderna, ambientes de repressão, resistência, guerras, morte, prisão, religião, entre outros, permitindo construções dinâmicas e satisfatórias do fazer arqueológico fora dos moldes cartesianos dualistas (objeto/sujeito, passado/presente, natureza/cultura), para citar alguns.

Witmore (2014) endossa essa discussão, propondo a arqueologia não como o estudo do passado humano através de seus restos materiais, e sim como estudo das coisas, como uma ecologia de práticas, na qual as relações entre as coisas fornecem o escopo para investigar as formações sociais, políticas e de identidade tanto no passado quanto no presente em uma forma que efetivamente dilui a dicotomia passado / presente, pois permite que o passado tenha sua própria posição ontológica.

Desta forma, o estudo sobre os ex-votos na área das Queimadas, além de ampliar as possibilidades de investigação arqueológica sobre a cultura humana contemporânea, se concilia com a necessidade de conhecer mais sobre a temática religiosa/profana que instiga curiosidade e questionamentos. Visto que a essência humana, lida constantemente com simbologias ligadas ao medo, à angústia perante uma doença ou uma situação difícil ligada à perspectiva de morte, os indivíduos recorrem às crenças religiosas, revelando a assimilação e realização de ritos que constituem as práticas devocionais.

Por eficácia, a partir do acervo de ex-votos confeccionados em madeira e depositados na capela no ano de 2022, tenho os elementos para endossar a discussão sobre construções corporais, assinalando as inferências entre o corpo como um artefato e um corpo social/experienciado/*embodiment*⁹ (LANGER, 1989, CSORDAS, 2008), ou seja, o corpo como artefato é o corpo vivido (KUS, 1992, LE BRETON, 2012).

Destarte, elegi como objetivo geral da pesquisa: o corpo do indivíduo esculpido no ex-voto teria a capacidade de formar uma “pele social” no sentido da relação condição humana e a experiência corporificada, possibilitando uma relação cultural, social e simbólica na área da capela do Senhor do Bonfim? Com o intuito de compreender como o ex-voto se torna extensão dos corpos dos pagadores de promessa e artesãos, à medida que percepções e sensações configuram o modo que esses indivíduos sentem o mundo e, se expressam nos objetos devotivos a partir de suas vivências práticas, cotidianas e individuais.

Esse questionamento desencadeia a perspectiva de reflexão sobre os objetivos específicos: Quantas histórias existem no corpo do ex-voto e do espaço da capela que os abriga enquanto espaço corpóreo? O símbolo devotivo é um parâmetro que equipara indivíduos de diferentes grupos sociais? As formas dos ex-votos são sagradas ou profanas?

Instigando a: 1- Destacar o papel da cultura material distinta (ex-votos) na discussão do corpo experienciado/*embodiment* e delinear como os exames dos corpos podem ser utilizados para interpretar os aspectos sociais e físicos do mundo, por meio do fenômeno religioso;

2-Entender a relação da materialidade (ex-votos) com os sentidos e formas de apropriação do espaço dentro do universo dos ambientes sagrados, com ênfase para a temáticas do profano e sagrado e por fim;

3-Traçar as relações que estabelecem desde a elaboração do ex-voto até a deposição na capela do Senhor do Bonfim, assim como os elementos pós-deposicionais, que possibilitam entender o fluxo e contrafluxo de ações entre espaço, tempo,

⁹ A tradução do termo *embodiment* foi alvo de inúmeras discussões entre o tradutor, os revisores técnicos e alguns pesquisadores que trabalham na área da antropologia do corpo e da saúde no Brasil. Em outros trabalhos, o termo fora livremente traduzido por “incorporação”, “corporificação” e “incorporação”. Contudo, esses termos não são os mais adequados. Assim, por meio de um consenso entre o autor (Csordas) e o tradutor resolveu-se manter o *embodiment* da tradução inglesa de Colim Smich (Routledge & Kegan Paul, 1962) (STEIL, 2008, p.11)

movimento do ex-voto num contínuo de ações sem fim nesta área enquanto espaço corpóreo.

Para isso, trabalho a ideia de corpo, seja ele humano, ou as representações de ex-votos, sob o aporte da teoria da Arqueologia das Corporalidades alicerçada nos moldes da Antropologia dos Corpos de Csordas (2008) e Sociologia dos Corpos de LeBreton (2002), da Fenomenologia de Merleau-Ponty (1999), onde o corpo pode ser compreendido enquanto texto passível de leitura (*embodiment*), ou seja, um corpo experienciado, percebido enquanto “coisa”, numa associação de muitas pessoas/coisas em uma só peça; de muitos corpos em um só, formando linhas de interfluxo onde materialidade, interfaces, espacialidade e temporalidade se interrelacionam de forma ativa e ininterrupta equiparadas em um mesmo nível de importância e significado, (BOURDIEU, 1977; GIDDENS, 1979; GOSDEN & MARSHALL, 1994; GELL, 1998; TILLEY, 2004; INGOLD, 2007, 2012).

De forma concreta, na tentativa de refletir e perceber essas relações corpóreas, recorro a premissa de escrever sobre práticas devotivas a partir de uma concepção fenomenológica de corpo experienciado, por meio de uma experiência pessoal, quando passo a conceber o meu corpo como elemento de análise e reflexão, conduzindo-me para uma descrição não a partir do olhar do outro, inerte ao fenômeno corpóreo, mas o inverso, enquanto autora/ sujeita do processo, autobiografia.

Nesse escopo, utilizo a graça alcançada na infância, fratura da perna esquerda, como elemento de entrada da construção corpórea e percorro os passos da confecção, da entrega e pós deposição da coisa/ex-voto na capela do Senhor do Bonfim. De modo que, trabalho a corporeidade para além da representação e do discurso, sem, contudo, deixar de incluir essas dimensões, para perceber o corpo fenomênico, ou seja, meio de experiência do corpo como *pele social/embodiment*.

Para validar essa narrativa autobiográfica como método científico, oportuno o uso da autoetnografia, que é uma forma de “escrita de si” (FOUCAULT, 1992), que combina características da autobiografia e da etnografia, com o intuito de descrever e analisar sistematicamente a experiência pessoal (*auto*), a fim de compreender a experiência cultural (*etno*) (ELLIS, 2004, HOLMAN JONES, 2005) e, de forma qualitativa refletir sobre as respostas de indivíduos às situações de vivências frente às inquietações de medo, angústia, cura, devoção, alegria da graça alcançada, entre outras.

Subsidiada na metodologia autobiográfica, toda a construção deste texto é em primeira pessoa e por vezes instigo o leitor a sentir-se, também, agente desse

processo, construído para fins reflexivos e de análise qualitativa, conforme aporte etnográfico que legitima essa prática como método científico. Trabalho ainda, com a etnografia para a construção dos enredos atrelados às *estórias* dos devotos e artesãos, assim como o contexto da capela do Senhor do Bonfim, entendidos sob a perspectiva de relações corpóreas no universo dos pagadores de promessa.

No sentido prático, selecionei as materialidades ex-votivas do acervo da capela do Senhor do Bonfim, ano 2022, confeccionadas em madeira, classificadas em antropomorfas representadas por corpo inteiro e as partes: cabeça e perna/pé (separados e ou constituídas por uma única peça) para fins de análises das peças (coisa/ex-voto) a partir de elementos morfológicos, técnicos, de simbologia¹⁰, de individualização¹¹, de recorrência¹², a partir de observações das próprias peças, correlacionando-as com os dados da autoetnografia, assim como dados etnográficos de entrevistas dos devotos e artesãos sobre as práticas devotivas. De forma a apresentar um panorama de possibilidades e não uma síntese sobre os ex-votos.

No que se refere às contribuições desta pesquisa, busco trabalhar com a corporalidade dos ex-votos/coisa enquanto pele social com fito a endossar discussão sobre as rupturas com os dualismos cartesianos, desconstruindo as assimetrias entre os humanos e as coisas. Visto a forma interconexa de lidar com os significados culturais, sociais e memória na produção de artefatos ligados às crenças, além de uma compreensão da produção de uma cultura material distinta, que enfatiza a cultura humana e a experiência corporificada no contexto do espaço sagrado da capela.

Por extensão, tenciono também uma valorização das narrativas dos pagadores de promessa, por meio da sensibilidade de ouvir suas vozes, angústias, e experiências corpóreas, sentir-se afetado pelo espaço e as *estórias*, refletindo sobre o meu papel político e social enquanto arqueóloga contribuindo para a valorização de temáticas que envolvam a comunidade onde estou inserida, instigando o público a participar de forma ativa no fazer arqueológico de forma plural, conforme Mageste e Amaral (2021), onde todos os agentes são partes constitutivas de reflexões no

¹⁰ O termo simbologia aqui refere-se a marcas visíveis nos ex-votos que estão associadas a marcas de doenças, feitas de forma intencional, portanto, a simbologia é a doença, mesmo que não se alcance o significado.

¹¹ O termo individualização é utilizado como relativo à presença de nome, das datas, rubricas, grafados nos ex-votos, porque permite identificar o beneficiário da promessa, quando há uma individualização da peça no conjunto de ex-votos.

¹² O termo recorrência refere-se ao mesmo tipo de marca de doença que pode ser identificado nos ex-votos.

processo de formação do discurso arqueológico, colocando a pesquisa num lugar de compromisso social, procurando debater aspectos que contribuam para criticar as desigualdades da sociedade.

Assim, busco dar visibilidade a materialidade ex-votivas junto à cultura sertaneja do sudeste do Piauí, em um local de gente forte e aguerrida, que mantem costumes e tradições, assim como, memórias pujantes sobre superações e graças recebidas, de forma a corroborar para romper com concepções de exclusão e controle. Outrossim é uma maneira de me sentir integrante dessa cultura, visto que a capela do Senhor do Bonfim é um local de afetividade particular e de tantas pessoas que ali depositam a sua fé.

Para a construção desta pesquisa, realizei a divisão de seções dos capítulos por meio de temas, 1. Corpo, 2. Ex-voto; 3 Ex-voto e corpo; com o intuito de sistematizar e ao mesmo tempo permitir a imbricação das temáticas com a utilização de argumentos e dados fluidos em circularidade, sincronicidade. Por isso, trabalhei com a ideia de ter um espaço para locucionar as referências teóricas metodológicas secundárias, e os dados agenciados no que se constitui dados primários para formar o escopo do trabalho realizado.

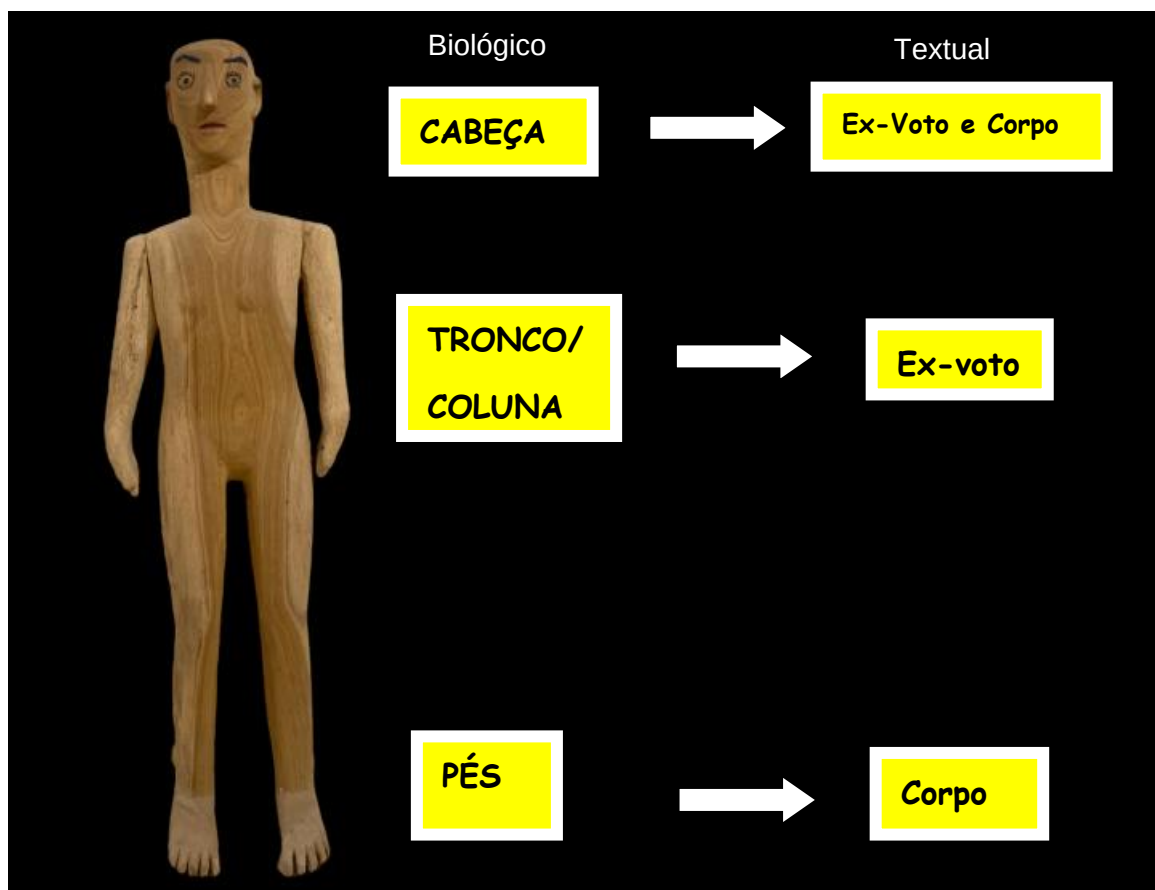
Todos os elementos se correlacionam, por isso, utilizo, inclusive, uma lógica metafórica para intitular este texto, como *Corpos umburana, ex-votos na capela do Senhor do Bonfim, sob aportes da Arqueologia das Corporalidades*, instigando a percepção do leitor para o significado desses corpos umburana, substanciado nos aportes teóricos de uma Arqueologia que abraça a Corporalidade trabalhada de forma aprofundada pela Antropologia e Sociologia do Corpo.

No sentido pragmático utilizo de analogia entre os capítulos do texto e as partes do corpo biológico, constituído por três grandes partes: pés, tronco e cabeça, mediante a simbologia que essas partes representam para o organismo vivo. Por isso, recorro aos postulados de Lepoud (2018) que as descreve biologicamente como: pés significam força, base de sustentação; o tronco que abrange toda a coluna é o eixo de sustentação, é o equilíbrio; e, por fim, a cabeça que é a consolidação do todo o corpo, o centro de comando de todas as ações e reações.

Para tornar essa estrutura mais inteligível, apresento um esboço da analogia entre o corpo biológico: 1. pés, 2. tronco e 3. cabeça e as partes constitutivas do texto como: 1. Corpo, 2. Ex-voto, e 3. Ex-voto e Corpo, utilizando como elemento figurativo uma escultura ex-votiva, representativa de corpo inteiro – antropomorfo

completo para ilustrar as correlações estabelecidas para este texto, estruturado enquanto um corpo (**Figura 1**):

Figura 1 - Estrutura do texto da pesquisa - analogia entre as partes do corpo humano com as temáticas. Corpo inteiro em madeira tipo umburana - ex-voto/coisa da área do Senhor do Bonfim – Queimadas - Dirceu Arcoverde - PI.



Fonte: Acervo Pessoal, 2022.

Destarte, analogicamente o tema 1- CORPO corresponde aos Pés, porque significa a base de sustentação do trabalho, visto que se entende a necessidade de referenciar o corpo não só como elemento biológico que é algo intrínseco, e sim como um compêndio enquanto coisa que representa um corpo experienciado/ *Embohimment* , quando elenco os aportes teóricos que substanciam as discussões do corpo pelo viés da Arqueologia das Corporalidades e da Fenomenologia, trazendo como elemento metodológico a autoetnografia, uma forma de pesquisa qualitativa que parte da análise crítica de experiências pessoais para refletir sobre práticas sociais mais ampla, assim como os enfoques da etnografia. Uma pesquisa que ganha respaldo mediante às possibilidades de investigação da Arqueologia do Presente, caracterizada por uma

superfluidade de informações mediante o emprego da interdisciplinaridade para alcançar resultados.

O tema 2- EX-VOTOS corresponde ao Tronco ou a Coluna Vertebral, ou seja, eixo de equilíbrio, permitindo uma visão sobre os estudos já realizados dos ex-votos, de sorte a contextualizar a área de devoção do Senhor do Bonfim nas Queimadas no rol de área com expressividade religiosa atrelada à prática votiva, e enfatizar a importância de estudá-lo pelo viés da Arqueologia das Corporalidades.

O tema 3- EX-VOTO e CORPO representa a Cabeça, ou seja, a apresentação dos dados agenciados na pesquisa quando elenco os métodos empregados, a construção das análises e a proposta de resultados, norteados pela auto descrição da experiência de acompanhar o processo da prática devocional, a fabricação, entrega e pós entrega, de um ex-voto na capela do Senhor do Bonfim, acrescido de outros quatro depoimentos de devotos e artesãos, que indicaram as formas de ex-voto: corpo inteiro, cabeça e perna/pé. De forma que esse foi o indicativo para o recorte das formas de esculturas de madeira antropomorfas analisadas. O restante do acervo composto por objetos de madeira foi segregado por tipos: antropomorfos, zoomorfos e outros, sendo quantificados para fins de inventário. Assim, neste capítulo tem-se a compilação e integralização do corpo estudado mediante ex-voto (corpo) extensão do corpo de devotos e artesãos, assim como a capela do Senhor do Bonfim, nas Queimadas como unidade corpórea.

Todo o texto está inter correlacionado, por isso é importante seguir a linha de construção do: corpo, ex-voto e, por fim ex-voto e corpo de forma contínua, porque a não observância dos pés, tronco e cabeça pode resultar no comprometimento de entendimento do corpo em estudo, porque é possível que tenha, caro leitor, que retornar a alguma situação, conceito abordado para tecer suas próprias inferências e se sentir envolto pelo fenômeno corpóreo que o próprio texto te conduzirá. Ao término espero que consiga perceber ou ao menos sentir o seu corpo de maneira diferente.

2 PÉS - CORPO - APORTE TEÓRICO E METODOLÓGICO

“Alguns já disseram que o corpo não mente. Mais do que isso, ele conta muitas histórias e em cada uma delas há um sentido a descobrir. Como o significado dos acontecimentos, das doenças ou do prazer que anima algumas de suas partes, e os pés são o equilíbrio do corpo”.

Jean-Yves Leloup.

“A cabeça pensa a partir de onde os pés pisam”.

Leonardo Boff

Figura 2: - Escultura de pés em madeira umburana – coisa/ex-voto da área do Senhor do Bonfim-Queimadas- Dirceu Arcoverde- PI.



Fonte: Acervo Pessoal, 2022.

Para Letroup (1998), a palavra pé, *podos* em grego, faz conexão com palavra *paidos*, que significa criança. Por isso o pedagogo¹³ é um especialista de cuidar dos pés humanos (**Figura 2**), ou seja, é responsável pela base. Dito de outra forma, os pés são o equilíbrio, as raízes, a base de sustentação. De sorte, que para esta abordagem a analogia ao equiparar os pés ao Corpo tem uma significância expressiva, porque entendo que é a partir do corpo enquanto corpo social que se tecerá as inferências de análise desta pesquisa, necessitando assim, de uma construção teórica que sustenta e endossa essa discussão.

¹³ Aclara-se que o sentido trabalhado pelo autor Letroup (1948) é uma analogia ao pontuar que na formação escolar do indivíduo é o professor (pedagogo) que cuida dos pés, a base de sustentação da vida escolar do indivíduo.

Todas as analogias das partes biológicas correspondente ao texto são ilustradas com os objetos coisas/ex-voto, do acervo da Capela do Senhor do Bonfim, nas Queimadas.

Para início de discussão sobre a base teórica deste trabalho, assinalo a pertinência de convidá-lo, caro leitor, para um momento de reflexão, em meio a uma xícara de café, posto que o café alimenta o corpo e aguça as percepções, quando boas histórias são narradas ao se apreciar o aroma e degustar o sabor do café. Porque preciso contar como a Arqueologia das Corporalidades ou Corporeidades, começou a mexer com minhas especulações acadêmicas para esta pesquisa.

2.1 SOLADO DO PÉ - CAMINHANDO PELA ARQUEOLOGIA DAS CORPORALIDADES

Figura 3 - Parte de baixo dos pés em madeira umburana – coisa/ex-voto da área do Senhor do Bonfim- Queimadas- Dirceu Arcoverde- PI.



Fonte: Acervo Pessoal, 2022.

Seguindo a linha de raciocínio junto a analogia corpórea dos capítulos e subitens, considero essa parte inicial como o solado do pé (**Figura 3**), ou seja, a base que sustenta e amortece a pisada ao caminharmos, assim, essa introdução teórica serve de elo para os desdobramentos dos próximos passos, itens.

O primeiro contato de forma mais concreta com a arqueologia das Corporalidades foi por meio da minha irmã caçula, Rosivania Aquino-Rosy, com a qual compartilho além de alguns poucos traços fenótipos (orelha esquerda sem a última dobra

de cartilagem, o que a torna mais aberta que a direita), o gosto pela arqueologia - somos arqueólogas. Sendo a minha referência de boas leituras e uma inspiração, posto que tem uma bela trajetória pela vida acadêmica, estando no aguardo de defender a sua tese de Doutorado pela Universidade de São Paulo-USP, em setembro de 2023, na qual trabalha com os grafites carcerários em celas da Penitenciária de Atibaia, na Ilha Anchieta-SP, sob vieses corpóreos.

Os grafites carcerários lhe acompanham deste a graduação, e na dissertação de mestrado¹⁴ já pincelou ensaios filosóficos em relação aos grafites e a cela que os agrega como entidades corpóreas. Ela é uma pesquisadora que gosta dos desafios de temáticas fortes e ouvir os silenciados no ambiente prisional.

De forma que, além das conversas instigantes, me apresentou o trabalho do antropólogo Thomas Csordas, *Corpo/ Significado/ Cura*, publicado em 2008, uma espécie de manual, se é que posso descrever assim, sobre a construção do paradigma da antropologia da corporeidade.

O paradigma é uma perspectiva metodológica consistente que visa ancorar a releitura de dados existentes e propor novas questões para a pesquisa empírica, Csordas (2008 p. 101-102). argumenta que, o paradigma da corporeidade transcende diferentes metodologias, sendo que priorizou as perspectiva da antropologia psicológica e da fenomenologia, ao eleger a “premissa metodológica que o corpo não é um objeto a ser estudado em relação à cultura, mas é o sujeito da cultura; em outras palavras a base existencial da cultural”

Nessa publicação, a partir de abordagens fenomenológicas dos rituais de cura vivenciado por fiéis em ritos da Renovação Carismática Católica, nos Estado Unidos, Csordas (2018), por meio de relatos etnográficos, busca situar o corpo como solo existencial do sujeito na cultura, ou melhor, estabelece o entendimento da corporeidade como parceiro dialético da cultura enquanto texto, e nos permite investigar o quanto do mundo nos é constitutivo. Trabalhando a inferência que a experiência religiosa é um observatório privilegiado entre a corporeidade e significação.

Toda a motivação para pensar esse livro, adveio de sua empolgação ao se tornar antropólogo e, assim, colaborar com a multiplicidade de resposta à pergunta: o que significa ser humano? Sendo atraído pelo problema de como a religião fornece significado através da cura, ou seja, de como muitos povos do mundo tecem resposta

¹⁴ AQUINO, R.C. Entre o sagrado e o profano: Um mundo por trás das grades, Dissertação de Mestrado Universidade Federal do Piauí- UFPI, Teresina, 2017. 144f.: il.

sobre a questão do que significa ser humano invocando poderes ou entidades que são tudo, menos humanos. De forma que as suas constatações o levam a ultrapassar o âmbito do significado, estabelecendo como horizonte de compreensão a experiência humana que se percebe como corpos no mundo, pois um corpo que passou por um momento de terapia, cura médica, espiritual, xamânica, conglomerada os elementos dessa transformação é um corpo no qual se adensam todas as experiências vividas ao longo de sua existência, quando percebe o *embodiment/ corpo experienciado*.

A partir de um exemplo bem simples, Csordas (2008) possibilita uma reflexão adequada sobre como experiências fenomenológicas regem a conduta humana, ao inferir que um bloco rochoso está no lugar de sempre e não é percebido como obstáculo até que esteja ali para ser transposto. Assim, a construção do objeto cultural depende da intencionalidade, da percepção e, ao se projetar e vivenciar essa experiência, um místico de significações são assimiladas de forma intencional ou não.

Para a construção da corporalidade/*embodiment* no campo antropológico Csordas (2008) propõe o colapso das dualidades entre sujeito e objeto e, entre corpo e mente, quando a corporeidade exige que o corpo enquanto figura metodológica seja ele mesmo não dualista, não distinto de ou em interação com um princípio antagônico da mente, quando trabalha com fenômenos religiosos de cura, onde oração, uso de gestos e tons de falas permitem uma interação de forma integral entre o corpo e a mente, e entre os demônios que afligem a alma dos indivíduos, de forma que o corpo não é objeto e sim a interação imbricada ao sujeito.

Cada história descrita pelo autor nos convida a refletir sobre quantas experiências estão em nosso arcabouço, influenciando, inclusive, certos comportamentos e direcionando as respostas em determinadas situações. Relembro a minha sensação de pertencimento ao local capela do Senhor do Bonfim, desde a primeira visita para esta pesquisa, quando supunha nunca ter pisado naquele local, sendo a minha memória infantil a guardiã de ao menos parte desse horizonte contemplativo de reconhecimento de área.

Além de Csordas, outra referência importante é a Sociologia do Corpo de David Le Breton (2012), um texto sobre a compreensão da corporeidade humana como fenômeno social e cultural, assentindo que as ações que tecem a trama da vida quotidiana, desde as mais frívolas ou menos concretas, até aquelas que ocorrem no cenário público envolvem a mediação da corporeidade.

Para o Le-Breton (2012) o corpo é uma linha de pesquisa e não uma realidade em si, de forma que não existe em estado natural, sempre está compreendido na trama social de sentidos, mesmo nas suas manifestações aparentemente de rebeldia, ao ser afetado por doenças, medos, outros agentes atuam para tentar sanar os obstáculos. Infere que o corpo é o lugar e o tempo no qual o mundo se torna pessoa, imerso na singularidade de sua história pessoal, numa espécie de humus social e cultural de onde retira a simbólica da relação com os outros e com o mundo, relação de reciprocidade, em constante atividade.

Outrossim, se somam nesse arcabouço de identificação das concepções de corpo, os aportes fenomenológicos de Merleau-Ponty (1999), uma vez que, nos últimos anos, a utilização da Fenomenologia, em estudos arqueológicos, tem proporcionado resultados profícuos no sentido que as ideias, conceitos e discussões concedidos dessa corrente filosófica propicia reflexão crítica sobre o positivismo cartesiano e serve como uma ferramenta hermenêutica para auxiliar a interpretação da cultura material do passado e do presente.

A característica distintiva da fenomenologia trazida por Merleau-Ponty (2011) é que ela se baseia na fisicalidade e na experiência material do corpo humano no mundo. A partir desse lugar primordial, fluem toda nossa experiência, compreensão e conhecimento do mundo. Neste sentido, ele defende uma posição materialista contrária a qualquer forma de idealismo ou intelectualismo que tente situar e compreender o mundo por meio da perspectiva de um espírito descorporificado, de alguma forma, fora do corpo.

A compreensão do corpo humano no mundo, segundo Merleau-Ponty (2011) se faz a partir da ideia do corpo-sujeito como um espírito fisicamente corporificado, um corpo e um espírito que sempre encontram o mundo a partir de um determinado ponto de vista, em um contexto particular, de um dado momento e em um lugar específico; um sujeito físico no espaço-tempo.

Esse entendimento do corpo-sujeito é estabelecido a partir da concepção que o corpo próprio é ao mesmo tempo objeto e sujeito. Enquanto sujeito, o corpo não é objeto fora da consciência, mas a única maneira de estar presente no mundo é estar consciente disso. Em outras palavras, a consciência é corporal. O corpo próprio é um modo de ver e sentir o mundo, e a forma pela qual um sujeito vem a conhecer e expressar essas imagens e impressões (MERLEAU-PONTY, 2011), o que permite

depreender que a relação de um sujeito e seu corpo é interior: eu tenho um corpo e essa é minha consciência.

A consciência é “o ser para a coisa por intermédio do corpo (...), portanto, não se deve dizer que nosso corpo está no espaço tampouco que ele está no tempo. Ele habita o espaço e o tempo” (MERLEAU-PONTY, 2011, p.193). A consciência perspectiva advém de um corpo-sujeito, um corpo que conhece. Dessa forma, a abordagem fenomenológica transcende a distinção tradicional entre sujeito e objeto.

A teoria do corpo próprio dá base para o entendimento de como nós experienciamos ou percebemos o mundo em um processo antes encarnado que abstrato. O mundo que existe é o mundo que existe para o sujeito, sendo aquele continuamente definido e redefinido em relação a este; o mundo percebido e o corpo formam uma relação dialética, ambos se ajustando mutuamente na dimensão da corporalidade. As sensações são fruto da comunhão ou coexistência, entre o corpo e a coisa (MERLEAU-PONTY, 2012).

Uma vez que a percepção é medida pelo corpo, há um elemento carnal fundamental à experiência. O modo como sentimos o mundo permanece incompleto e ambíguo, porque sempre experienciamos as coisas a partir de ângulos e relações particulares (AQUINO, 2017).

Essas ideias corroboram a pesquisa sobre os ex-votos na área capela do Senhor do Bonfim como unidades corpóreas, a partir da percepção que com o corpo o indivíduo participa de todas as atividades da vida: trabalho, lazer, sexo, arte, crenças, religião, devoção. O trabalho humano, por exemplo, é o processo por meio do qual interfere e modifica a natureza, adequando-a às suas necessidades. Isso é feito não só pela força física, pela ação do corpo, mas também pela ação do pensamento que projeta e orienta a ação do corpo. Com isso, ao mesmo tempo em que transforma a natureza se autotransforma. A intencionalidade aqui deixa de ser um atributo da consciência para ser expressão de um corpo voltado para o mundo. Consoante com Merleau-Ponty (2011) a “verdade não habita o ‘homem interior’, ou antes, não há homem interior; o homem está no mundo, e é no mundo que ele se reconhece”.

As interações dos indivíduos com o mundo em suas vivências corriqueiras, por meio da realizações de ações intencionais ou não caracterizam o *habitus* de Bourdieu (1977). Esse conceito pode ser entendido como a intervenção humana no mundo, por meio de pensamentos e de ações não premeditados, a qual é dada de acordo com

a experiência particular de vida adquirida pelo indivíduo até o momento em que se dá essa intervenção.

Embora, objetivamente, o *habitus* se apresente como uma estratégia de atuação, ele não é produto de uma intenção estratégica previamente elaborada. O *habitus* é um sistema socialmente constituído de estruturas cognitivas e motivacionais, mais profundas do que o que sustenta o simples interesse. Ter interesse e manifestá-lo é uma forma de exteriorizar um pensamento planejado, enquanto o *habitus* não envolve planejamento prévio, caracterizando-se como uma atitude que aparenta ser natural ao ser humano, mas que foi socialmente construída no decorrer de sua existência. BOURDIEU (1990).

O *habitus*, Bourdieu (1977, p.77) pode ser percebido com dupla função enquanto mediação universalizante, na relação com estruturas objetivas é o princípio gerador das práticas, enquanto na relação com um repertório total das práticas sociais é o princípio unificador.

Pode-se depreender que o *habitus* está presente na área em estudo caracterizando os elementos da devoção que envolve a produção e deposição dos elementos devotivos na capela do Senhor do Bonfim, possibilitando o entendimento das múltiplas relações que se estabelecem entre os corpos naquele espaço.

Dentro do enfoque arqueológico, cita-se os trabalhos de Rosemary Joyce, na Universidade da Califórnia que tem utilizado a base teórica da arqueologia das corporalidades em suas pesquisas e afirma:

O corpo é metáfora da sociedade, como instrumento da experiência vivida e como superfície de inscrição, o qual passou a ocupar um lugar central na teoria social contemporânea. A arqueologia, embora chegando tarde a este tópico, começou a fazer contribuições críticas para escrever sobre o corpo(...). A arqueologia descreve maneiras pelas quais diferentes formas de incorporação foram historicamente produzidas, reproduzidas, e transformadas. Ao mesmo tempo, os arqueólogos estão intensamente conscientes da lacuna que existe entre a materialidade dos vestígios do passado, experiência humana e as interpretações que propoem a esses traços. A investigação arqueológica do corpo, portanto, coloca em primeiro plano, desafios para possibilidade de estudos mais ampla, tanto dentro como fora da antropologia, inerentes ao passar de fatos físicos aparentemente sólidos para entendimentos sociais e culturais (JOYCE,2019, p.140¹⁵) – tradução da autora).

¹⁵Texto original: The body—as metaphor for society, as instrument of lived experience, and as surface of inscription—has come to occupy a central place in contemporary social theory. Archaeology, although coming late to this topic, has begun to make critical contributions to writing about the body. (...). As a discipline that emphasizes repetition over time as the basis for recognizing culturally intelligible practices, archaeology outlines ways that different forms of embodiment were historically produced,

Para fundamentar a Arqueologia do Corpo, Tilley (2004) instrui que dentro da fenomenologia, os artefatos, lugares e paisagens podem se tornar partes dos nossos corpos: “a mão e o braço “que sustentam o artefato; e tornam-se animados e contínuos com “o braço “que os seguram - casas e canoas podem ser metaforicamente concebidas como partes de nossos corpos - engendrando relações sociais no espaço-tempo. De forma similar, lugares pertencem aos nossos corpos, e, simultaneamente, nossos corpos pertencem a esses lugares. É o que o autor chama de “Experiência de paisagem incorporada”¹⁶.

Nós aprendemos como nos orientar e reorientar em relação aos nossos sentidos, formando representações internalizadas em mapas cognitivos, que vão exercer um papel poderoso em como os percebemos, que, por sua vez, se tornam articulados através de um nexosomático. Sentir a materialidade e desenvolver técnicas corporais de interação com ela não é somente uma questão de tocar ou evitar tocar as coisas. Mais do que isso, o mundo material é um componente forte no processo de direcionamento da estrutura mental, do comportamento, das relações humanas, da vida, por conseguinte (TILLEY, 2004).

A existência pessoal e a existência social estão intimamente ligadas às formas físicas que demarcam a conduta corporal humana. A partir de diferentes experiências corporais são criadas diferentes noções de espaços somáticos, desenvolvendo-se noções distintas de espaços perceptuais e existenciais. Como as construções têm um papel crucial na criação, produção e reprodução do espaço existencial e, conseqüentemente, do espaço perceptual, as diferenças entre as formas arquitetônicas resultam em noções diferentes de individualizações pessoais e coletiva, da mesma forma que cada preso interage de maneira diferente com a cela da penitenciária que ocupa, (AQUINO, 2017).

Nesse ensejo, a cada nova experiência sinto-me diferente, pois o olhar e a percepção de mim mesma se modificam a cada dia. Implico destacar que desde o início da Pós-graduação até aqui, cada hora de leitura, os fichamentos, rascunhos de

reproduced, and transformed. At the same time, archaeologists are intensely aware of the gap that exists between the materiality of the traces of past human experience and the interpretations of those traces that they propose. Archaeological inquiry into the body thus foregrounds the challenges for wider scholarship, both within anthropology and outside it, inherent in the move from apparently solid physical facts to social and cultural understandings.)

¹⁶ : Expressão original em inglês: “embodied landscape experience”

texto, croqui de área são necessários, tecendo à minha maneira de pensar e agir, assim como, propiciando o agenciamento dos elementos que regem a nossa vivência, e nos preparam para enfrentar os desafios diários para lidar com coisas novas.

Desta forma, tem-se o perfil do que é um corpo experienciado, em constante processo, e espero, caro leitor, que se sinta instigado a permanecer nesta leitura, para que perceba de onde venho alimentando as minhas percepções de corporeidade, propondo a torná-la como elemento basilar para as reflexões que se interrelacionam na elaboração do imaginário simbólico¹⁷, que se forma e se retroalimenta a cada novo objeto/coisa, que é depositado na capela do Senhor do Bonfim.

Deste modo, sigo à frente tecendo os conceitos sobre o corpo enquanto elemento de estudo, quando é impossível dissociar o corpo biológico do corpo social pois se auto complementam e torna possível o nexos causal das experiências corpóreas.

Ao descrever as minhas características físicas, logo no início da introdução, assinalei elementos de minha estrutura óssea, mas nem me adentrei aos traços fenotípicos, que me fazem apresentar similitudes físicas com minhas irmãs e com minha filha, Geovanna Maria. O genótipo da família Aquino (traços negroides de papai) mesmo mesclado com outros DNAs mantém-se predominante, visto a dominância do cabelo crespo, da cor dos olhos pretos ou castanhos, da pele escura com mais melanina, conforme a genética explica. Isso converge para refletir como inúmeras possibilidades de histórias estão atreladas a um “corpo”.

Esse universo de possibilidades se amplia consideravelmente quando se perpassa a aparência física e/ou aos aspectos genotípicos, que nos conecta aos nossos ascendentes, numa carga de muitas combinações que permite semelhanças gestuais, gostos, empatias, posturas, para se adentrar no rol de histórias da vida social, que abrange experiências, crenças, valores, nos emaranhados de confecções, como

¹⁷ Imaginário simbólico entendido enquanto pensamento simbólico, onde o pensamento, em Lévi-Strauss (1962) é definido como simbólico. O pensamento simbólico coloca em relação séries que não apresentam uma relação de contiguidade; elementos, portanto, que pertencem a diferentes paradigmas (LÉVI-STRAUSS, 1962/1975). A metáfora é uma das operações de ordem simbólica que, no caso do totemismo, coloca em relação a série animal e a social, por exemplo. O simbólico, assim, nos agracia com a possibilidade de pensarmos em algo mais que uma linha de subsequentes eventos em continuidade (diacronia), a noção de estrutura, dessa maneira, emerge, fazendo circular a referência entre ordens não redutíveis uma à outra, ele funda a sincronia, ao fundar a relação entre elementos opostos. O simbólico, assim, é aquilo que permite uma circulação entre natureza e cultura, em ordens descontínuas

colcha de retalhos, que constituímos com pessoas, paisagens, lugares, com a arquitetura que nos rodeia, com diversas materialidades, (INGOLD, 2015), ou seja, todas essas histórias contidas em um corpo.

Por isso, o corpo é um elemento com muitas possibilidades de estudo, sendo elemento de discussão das ciências humanas, com ênfase para as influências teóricas que possibilitam o estudo sob o viés da Arqueologia das Corporalidades, conforme dados da próxima seção.

2.2 PÉ DIREITO – O CORPO PELAS CIÊNCIAS HUMANAS

Embora no item anterior eu tenha pincelado uma ideia do paradigma da Arqueologia das Corporalidades, ressalto que é preciso entender como o corpo vem sendo abordado ao longo dos anos pelas ciências humanas, afinal, é essa a base de sustentação deste trabalho, por isso, o denominei como pé direito (**Figura 4**), ponto de apoio no mundo, símbolo de poder, conforme Leloup (2015) sob a sabedoria africana.

Figura 4 - Pé direito- ex-voto do acervo do Senhor do Bonfim- Queimadas- Dirceu Arcoverde- PI.



Fonte: Acervo Pessoal, 2022.

A partir de um viés histórico, no final década de 60 do sec. XX , houve uma mudança significativa em relação às abordagens sobre as modalidades físicas da relação das pessoas com o meio social e cultural circundante, em que o corpo, lugar de

contato com mundo, alcançou destaque na pesquisa em ciências sociais: (FOUCAULT, 2004; BOURDIEU 1984, e GOFFMAN 1976; TURNER, 2000), adentrando por caminhos sobre os usos físicos, sociais e culturais, nos quais a representação e a simbologia desse corpo recebeu cada vez mais a atenção frente aos novos anseios feministas, a revolução sexual, body-art, a emergência de novas terapias, conclamando a pretensão de se associar somente ao corpo, descrito por Le Breton (2017) como um corpo luxuriante.

Diante da efervescência de novas ideias, os pesquisadores das ciências sociais se desafiaram a encontrar uma via inédita e fecunda para a compreensão de questões mais amplas ou, então, para isolar os traços mais evidentes da modernidade. Para citar alguns exemplos, na França, como Le Breton (2012, 2017) e Vigarello (2015) que se dedicaram, de modo mais sistemático, a assinalar os locais sociais e culturais que convergem na formalização dos preceitos da corporeidade ou corporalidade.

De forma que, as ciências sociais tem dado especial atenção aos estudos críticos sobre o corpo, proporcionando o desenvolvimento de princípios ontológicos complexos, como relações de poder, mediante a interação de contextos socioculturais particulares conforme, Foucault (1980); Meskell (1996); Pedraza Gómez (2009); alcançando problemáticas referentes aos conceitos básicos de sexo e gênero, reconhecidos como categorias analíticas e, assim, suscitando aportes que permitem ajustes, complementações, excedidas ou sobrepostas de maneiras diferentes, consoante com os pressupostos teóricos de cada contexto intelectual.

Adentrando para a perspectiva arqueológica, nas últimas décadas, os pesquisadores têm dispensado maior atenção para refletir o corpo, por meio de particularidades da vida sociocultural imbricada à materialidade (SHANKS e TILLEY 1982; THOMAS 1993; TILLEY 1994, 2004, 2008, 2010; MCGOWAN 2006).

O corpo na Arqueologia é onipresente e invisível posto que as questões corporais são tangíveis no registro arqueológico de uma maneira que a maioria das outras centralidades teóricas nunca parecem ser. Os corpos estão presentes em representações, em sepultamentos, nos sentidos nutridos por trás dos objetos, em mãos segurando ferramentas, nas presenças responsivas centradas na arquitetura e monumentos. Essa onipresença reflete tanto a posição do corpo no centro da teoria social quanto sua materialidade e concretude (BORIÉ, 2015).

Segundo Scheper-Hughes e Lock (1987), o corpo é uma construção simbólica, não uma realidade em si, na qual a miríade de representações que procuram lhe conferir sentido, e seu caráter heteróclito, insólito, contraditório, varia de uma sociedade a outra. Dentro dessa linha de entendimento, tem-se os representantes da Antropologia Social, Simbólica e Estrutural, que partem da premissa de que o corpo é um símbolo que permite pensar as relações entre natureza, sociedade e cultura.

No que respeita à origem da Arqueologia do Corpo ou ainda Arqueologia das Corporalidades, até meados do século XX, os estudos dos corpos ocupavam um status secundário frente aos artefatos, como evidência de processos culturais. No entanto, com a emergência das aproximações científicas e antropológicas do processualismo, o estudo dos “corpos”, dentro da arqueologia, tornou-se mais atrativos, ou melhor, significativo.

Em conformidade com Shennan (1988), a corrente processualista implantou técnicas novas, instigando a necessidade de entender e considerar todos os processos (técnicos, sociais e ideológicos), suscitando, assim, discussões sobre a mudança cultural e o dinamismo dos sistemas culturais, quando passou a considerar o corpo como uma linha de evidência em abordagens quantitativas. Numa acepção maior, utilizou um modelo mecanicista do corpo, ou seja, uma espécie de subsistema, ou a porção somática e adaptativa da cultura.

Inclusive, os conceitos de indivíduo mecanicista e a “individualização” foram alvos das primeiras críticas pós processualistas e feministas, quando a Arqueologia Contextual, interpretativa, assinalou o papel do corpo na estruturação social da cultura material e dos espaços culturais (HODDER, 1982). Numa concepção coerente, o corpo deixou de ser apenas algo dado, para contemplar também variações de significados, conforme o contexto.

Joyce (2013, p.144) infere que o problema geral da Arqueologia do Corpo reside nas dificuldades metodológicas de passar de “fatos físicos, aparentemente sólidos, a entendimentos sociais e culturais”. Esse problema epistemológico pode ser definido como o elo entre o que pode ser conhecido sobre a vida incorporada/ *embodiment* em qualquer momento histórico e, sua representação em um dado momento. Nesse entendimento, incorre o status de uma grande parte de evidências arqueológicas, que não só constituía uma representação dos corpos, mas também, fazia parte dos meios materiais utilizados para a sua evidenciação, que legitimavam os conceitos e os naturalizavam.

Sob esse prisma, as representações do corpo podem ser vistas como registros de desempenhos corporais estereotipados, que serviram como modelos, ou, precedentes situacionais para os gestos encarnados de pessoas vivas (BACHAND et al. 2003; JOYCE 1993, 1998, 2001, 2002; JOYCE e HENDON 2000). A performatividade fugaz do corpo vivo, segundo Joyce (1993,1998,2001), pode ser percebida arqueologicamente, por meio de reflexões entre representações e uso em práticas corporais de objetos representados no sítio sob pesquisa

Importa aclarar que, grande parte da pesquisa arqueológica inicial consoante com Fisher e Loren (2003) sobre o corpo esteve baseada nos restos físicos de sepultamentos e representações humanas, onde o corpo era interpretado como um “artefato”, refletindo as ideais da sociedade. Esses estudos observaram e analisaram vestuário e modificação do corpo de acordo com o que poderia ser denominado “modelo de transmissão de informação” (JOYCE, 2005). De forma que, esse modelo refletia uma relação inequívoca entre o corpo ou o adorno corporal e, a expressão de identidades particulares.

Por esse viés de entendimento, cita-se o trabalho de Julian Thomas (1993), a *Hermenêutica do espaço Megalítico*¹⁸, sugerindo que o movimento corporal no passado e no presente é responsável pela interpretação do assunto pelo mundo. A partir do estudo de caso sobre os megálitos neolíticos, demonstrou como essas estruturas podem atuar para vincular significados simbólicos em locais específicos, um processo que tanto influencia os movimentos das pessoas por meio da paisagem, como cria uma conexão entre elas, ao experimentarem o mesmo espaço físico.

Em conformidade com Joyce (2013), recentemente a abordagem do espaço de megalítico, tem sido servido de base em uma variedade de análises de esculturas em pedra e monumentos, cujo foco é perceber como o corpo está implicado na percepção e experiência da paisagem material.

Em busca de entendimento de como o corpo está envolvido na construção de significado, Christopher Tilley (2008), a partir dos preceitos de Merleau-Ponty (2011) e propõe uma “abordagem fenomenológica semiótica” que integra a interpretação do significado social das representações.

Joyce (2013) ressalta, também, que a análise de Tim Yates, (1993), sobre arte rupestre figurativa na Suécia. representa uma importante contribuição para a

¹⁸ : Expressão original em inglês: *Hermeneutics of Megalithic Space*

pesquisa sobre o corpo como uma superfície inscrita, uma vez que esse autor empreendeu uma análise do corpo como culturalmente construído e, propôs que a Individualização está ligada a esses conceitos culturais, argumentando que o corpo é uma planície sobre a qual a grade “da cultura” é colocada, a fim de marcar certos pontos de foco e intensidade.

Esse modelo de corpo é tido como um material, cujo significado é aplicado por meio de um processo de inflexão, na qual certos recursos assumem mais significado do que outros, de formas culturalmente específicas, por meio de sua representação seletiva como inscrição, nas superfícies rochosas. O foco no “corpo” como produto culturalmente construído do discurso continuou a ser uma abordagem dominante na arqueologia (WINTER, 1996; KEHOE, 2000; MCNIVEN, 2000; POLLOCK e BER-NBECK, 2000; ROTH, 2000; TARLOW, 2002).

Para Fisher e Loren (2003, p. 227- 228) as interpretações da arte rupestre lidam com ideais abstratos que na verdade não representam a “experiência vivida” dos indivíduos em um contexto social e cultural, e ressaltam a importância do discurso e da materialidade para sugerir que a práxis corporal está situada em um discurso de ação corporal apropriada, cuja experiência corporal é dada por meio desse discurso.

As formas pelas quais a individualização é criada a partir de processos de incorporação/ *embodiment* têm sido uma questão central para pesquisadores que investigam inúmeros contextos antigos ou do passado recente e contemporâneo. Onde demonstram que o conhecimento do corpo está assentado não apenas no limite do corpo físico, mas também nos objetos e espaços da paisagem.

Para imputar essas possibilidades reflexivas é preciso pensar de forma macro, entendendo o corpo enquanto “carne do mundo” conforme postulado fenomenológico de Merleau-Ponty, ao considerar que ser/estar no mundo requer um corpo humano para além da natureza orgânica, que estabeleça conexões com outros corpos que também são fluidos, sensíveis, não-humanos e produzem experiências (MER-LEAU-PONTY, 2011; 2014, BORDIEU, 2006; CSORDAS, 2008; HAMILAKIS, 2013; 2015; INGOLD, 2007; 2012, 2015; WITMORE, 2007; WEBMOOR, 2007).

O corpo/sujeito compreendido como carne do mundo está entrelaçado como um tecido ontológico fundamental. Importando reconhecer, que o corpo não é um mero objeto, mas sim sujeito da percepção, consoante com Merleau-Ponty (2011, p.337) ao inferir:

Fazer aparecer o corpo como sujeito do movimento e sujeito da percepção – se isso não é verbal, isso quer dizer: o corpo como tocante-tocado, o vidente-visto, lugar de uma espécie de reflexão e, através disso, capaz de relacionar-se a coisa que não sua própria massa, de fechar o seu círculo sobre o visível, sobre o sensível exterior. [...] é o meu corpo como interposto entre o que está diante de mim e o que está atrás de mim, o meu corpo levantado diante das coisas levantadas, em circuito com o mundo, com coisas, com animais, com todos os corpos, compreendidos como essa carne. (MERLEAU-PONTY, 2011, p.337)

De forma que, o exercício desta pesquisa instiga uma maneira de pensar para além da realidade habitual, ou seja, e se o corpo for um objeto que reflete sentimento, cura, medo, castigo, conquistas financeiras, superstições, alegria, pavor, crença, agradecimento, entregues em um local específico considerado sagrado pela simbologia religiosa que carrega?

Para endossar a discussão do corpo (devoto) e corpo (ex-voto), passa-se a assimilá-los enquanto “coisas” (MILLER, 2011), considerando-os como corpos ativos e dinâmicos, produtores de histórias (HAMILAKIS, 2015, 2017; INGOLD, 2015). Para Ingold (2011, p.47) “a madeira está viva, respira, precisamente porque o fluxo dos materiais atravessa sua superfície” e acrescenta:

Corpos arquitetônicos como o quarto em casa nos despertam para um refúgio, assim como um feto que se padece no útero da mãe. Quantas histórias e “fluxos materiais” podem ser traçados entre o corpo/indivíduo e o corpo/quarto? Praias costumam ser aprazíveis, por que no verão elas estão sempre cheias? Quantas histórias, fluxos materiais, malhas existem em uma passagem transcricional como essa? Corpos arquitetônicos, organismos, assim como paisagens “se tecem na vida e as vidas são tecidas dentro da paisagem, em um processo contínuo de fluxo e contrafluxo de materiais que nunca possuem fim”, (INGOLD, 2011, p.47).

Na tentativa de entender como se processam as relações entre corpo, materialidades e paisagens culturais, como instrumento pelo qual as informações e conhecimentos são recebidos e significados são gerados, é que arqueólogos vem adotando os preceitos da fenomenologia de Merleau-Ponty (2011); o que coaduna com a percepção de Csordas (1994, p.10) ao assentir que as abordagens contemporâneas na arqueologia utilizam a corporificação enraizadas na fenomenologia pontyana, porque essa se baseia na “experiência vivida”.

Os elementos culturais do corpo sob o viés das abordagens fenomenológicas permitem a análise da produção e experiência de corpos vividos no passado, através da justaposição de vestígios de práticas corporais, representações idealizadas e evidência dos efeitos de gestos, posturas e práticas habituais de consumo no corpo

(MESKELL & JOYCE, 2003; 2005), sendo, portanto, adotada nesta pesquisa por ser uma ferramenta metodológica eficaz diante do desafio de uma materialidade nova (ex-voto) sob aporte arqueológico.

Para Merleau-Ponty (2011), a fenomenologia é a tentativa de uma descrição direta de nossa experiência tal como ela é, sem nenhuma interferência à sua gênese psicológica e às explicações causais que o cientista, o historiador ou o sociólogo dela possam fornecer.

Em linhas gerais, a fenomenologia trata-se de uma corrente teórica que envolve a tentativa de descrever os objetos da consciência da forma como eles se apresentam à consciência. O objetivo não é explicar o mundo em termos de casualidades físicas, acontecimentos históricos ou disposições psicológicas, mas descrevê-lo o mais exatamente possível, conforme os seres humanos o experienciam. Propõe revelar o mundo como ele é de fato experienciado pelo sujeito, de modo direto, não como poderia supor pela via teórica. (MERLEAU-PONTY, 2011; TILLEY, 2014, CERBONE, 2014).

Outrossim, a fenomenologia é antes um estilo e um modo de pensar, não um conjunto de doutrinas, normas ou procedimentos que podem ser seguidos; um modo de ser no mundo e um modo de pensar sobre ele; opõe-se diretamente à “atitude natural” empirista e positivista (científica) quando é aplicada ao estudo de pessoas e da sociedade (HEIDEGGER, 2005; SOKOLOWSKI, 2014).

A palavra “fenomenologia” significa “o estudo dos fenômenos”, em que a noção de um fenômeno e a noção de experiência, de um modo geral, coincidem. “Prestar atenção à experiência, em vez de àquilo que é experienciado, é prestar atenção nos fenômenos” (CERBONE, 2014, p.23), ou seja, esse imbricamento de conceitos permite a incorporação da fenomenologia para fins da pesquisa arqueológica, no que respeita às acepções do estudo do cotidiano contemporâneo e as discussões da modernidade.

Nessa vertente, tem-se ciência arqueológica preocupada com os aspectos do, com temas por anos ignorados ou deixados de lado, como violência, política, ditadura, colonialismo, oferecendo diferentes perspectivas para se pensar sobre os elementos culturais das pessoas de um passado mais distante ao mais recente, (PEARSON & SHANKS, 2001; BUCHLI & LUCAS, 2001; GONZÁLEZ-RUIBAL, 2014), dentro do que se configura como Arqueologia do presente.

Diante dessa abertura para possibilidades de estudos caracterizada por uma superfluidade de informações que contempla o estudo da sociedade atual no sentido estrito, que se encaixa um período caracterizado como pós-moderno ou moderno, conforme Gonzáles-Ruibal (2014), tem-se o respaldo para o estudo do corpo (ex-voto) enquanto “coisa”, quando os arqueólogos recorreram a teorias que ajudam a alicerçar o entendimento da materialidade, das pessoas, da espacialidade, temporalidade, interfaces, como elementos indissociáveis, gerados no cerne do social, enquanto partes delas e essenciais a elas, formando relações ativas e fluidas, ininterruptamente. (BOURDIEU, 1977; GIDDENS, 1979; GOSDEN & MARSHALL, 1994; GELL, 1998; TILLEY, 2004; INGOLD, 2007).

Numa acepção particular para esta pesquisa, suscita-se a se refletir as maneiras que os corpos/ coisas são construídos, baseados e fundamentados nas experiências com o mundo. Mundo, esse, sob forte apelo místico que envolve crenças e divindades, doença e cura, sofrimento e salvação, influenciados ainda pela deposição em um espaço sagrado da capela em contraste ao que está fora desta margem, o profano.

Consoante com o antropólogo José Carlos Rodrigues (1979), na mente humana, o sagrado e o profano são maneiras para classificação das coisas, sendo, pois, um dos mais importantes articuladores do sentido na estrutura social. Para Aquino (2017), são duas modalidades de ser no mundo: tudo o que é objeto de interdição é sagrado, ao passo que profano é aquilo a que essas interdições se aplicam.

Aquino (2017), pondera que o ser sagrado é o ser proibido que não pode ser violado, do qual não ousamos nos aproximar, porque ele não pode ser tocado. Está permanentemente protegido desse contato pelas interdições que o isolam e protegem do profano. Tudo que é sagrado existe à parte: não pode ser colocado em pé de igualdade com o que é profano e muito menos misturado a ele. Por isso, o corpo/coisa ao ser depositado na capela passa a ser sagrado, consoante a situação de inviolação que incide naquele espaço.

A fenomenologia segundo Merleau-Ponty (2011), aplicada na análise arqueológica da temática corporativa tenciona uma compreensão da “personificação” que envolve a substituição de abordagens semióticas por perspectivas interpretativas hermenêuticas, priorizando a experiência de corpos vividos (devotos/ ex-votos), onde ocorrem engajamentos e vivências e os transformam tanto em termos físicos como abstratos (esculturas com significados e simbologias) diversos.

Para Christopher Tilley (1994), a utilização dos princípios da fenomenologia como uma metodologia e como uma filosofia, pode fornecer um ponto de entrada em entendimentos passados ou presentes, por isso, coaduna com a proposta aqui defendida em que os princípios fenomenológicos substanciam os estudos arqueológicos voltados à compreensão dos aspectos qualitativos da paisagem e da cultura material, entrelaçando as formas em que os significados sociais e culturais são atribuídos aos lugares, aos objetos que simbolizam percepções e ações de seres humanos e não humanos.

Destarte, ao direcionar esforços para tecer análises ontológicas dos ex-votos/ coisas, que tendem a formação de linhas transcorpóreas dentro do espaço da capela do Senhor do Bonfim das Queimadas, utilizei os princípios da fenomenologia existencialista de Merleau-Ponty (2011), no que se refere ao corpo/carne do mundo, bem como na articulação dos conceitos de corporeidade de Csordas (2008), noções de *habitus* de Pierre Bourdieu (1977), rearranjados na Arqueologia da Corporalidade para analisar se : o corpo do indivíduo esculpido no ex-voto/coisa teria a capacidade de formar uma “pele social” no sentido da relação condição humana e a experiência corporificada, possibilitando uma relação cultural, social e simbólica na área da capela do Senhor do Bonfim?

A abordagem da Corporeidade de Csordas (2008), reforça que a experiência corpórea está para além da representação e do discurso, sem, contudo, deixar de contemplá-los, posto que o corpo não é mero instrumento, corpo significado, nem como lugar de inscrição da cultura, mas é o corpo enquanto *locus* da cultura, um corpo fenomênico, meio de sua experimentação do fazer-humano em suas múltiplas possibilidades, ou seja, “o paradigma da corporeidade como um parceiro dialético ao paradigma da cultura enquanto texto” (CSORDAS, 2008, p.11).

Por sua vez, o princípio de *habitus* de Bourdieu (1977, p.72) vai além da concepção enquanto uma coleção de práticas, sendo entendido como as condições objetivas da vida e a totalidade das aspirações e das práticas completamente compatíveis com essas condições, ou seja, o “*habitus* não gera práticas assistemáticas ou aleatórias porque se trata de um princípio gerador e unificador de todas as práticas” (CSORDAS, 2018, p.109). De forma mais elucidativa tem-se:

(...) *habitus* é o sistema das inseparáveis estruturas cognitivas e avaliativas que organizam a visão do mundo de acordo com as estruturas objetivas de um determinado estado do mundo social: esse princípio nada mais é do que

o corpo socialmente informado, com seus gostos e desgostos, suas compulsões e repulsões, com, numa palavra, todos os sentidos, isto é, não apenas os tradicionais sentidos- que nunca escapam da ação estruturante dos determinismos sociais-, mas também o senso de necessidade e o sendo de dever, o sendo de direção e o senso de realidade, o senso de equilíbrio e o senso de beleza, o senso comum e o senso do sagrado, o senso tático e o senso de responsabilidade, o senso para os negócios e os sentidos de propriedade, o senso de humor e o senso de absurdo, o senso moral e o senso prático, e assim por diante (BOURDIEU, 1977, p.124)

Para a discussão em relação aos elementos da capela do Senhor do Bonfim, ex-votos, a perspectiva que tangencia é a da arqueologia dentro da contemporaneidade que analisa o contexto arqueológico a partir de aspectos subjetivos do cotidiano, interessando-se pelas possíveis modificações que levaram o indivíduo ou o grupo a se relacionar com o sagrado, em suas distintas formas religiosas e rituais, permitindo compreender que para além da materialidade visível existe uma vida invisível a ser ao menos proposta, mesmo que não totalmente compreendida pela pesquisa arqueológica, em meio ao contexto interpretativo a ser apresentado.

Endossa essa inferência, a definição de Geertz (1989) para símbolos sagrados, no caso os ex-votos e a capela, que representam o *ethos* de um povo - estilo de vida particular e individual a partir de disposições morais e estéticas em relação a si mesmo e ao mundo, quando a religião ajusta ações humanas a uma ordem cósmica e projeta a imagem cósmica no plano de experiência humana.

Diante da possibilidade de correlacionar objetos e lugares para a configuração dos rituais religiosos, considerando tempo e espaço, é importante considerar o artigo de Saw, (2013), ao propor que as relações entre espaços sagrados foram influenciadas por modelos foucaultianos de múltiplas estruturas de poder, bem como a teoria de Bourdieu (1977) de *habitus*, por meio do qual as pessoas interagem não discursivamente com seu ambiente por meio de longos processos de enculturação. Além da estruturação de Giddens (1979), ao apresentar o modelo de estruturas de meio e o resultado da ação, a partir das variáveis tempo e espaço na forma de locais que são constantemente visitados, garantindo um significado e estrutura ao dia a dia na vida das pessoas, ou seja, a retenção de eventos passados no presente.

Esses locais visitados, segundo Saw (2013), expressam significados essenciais do ambiente construído, quando havia particular preocupação como o *layout* físico dos locais de rituais, ajudando a manter a regularidade comportamental e ideológica, especialmente por meio do controle e restrição da visão e do movimento corporal naquele local.

De forma que, os arqueólogos, recentemente, têm se concentrado na dimensão visual, buscando identificar ligações entre locais antigos por meio do elemento de inter visibilidade. Reconheceram, também, a necessidade de tratar o ritual não como um tipo único de ação, mas sim como um "aspecto da ação" integral. Instigando a reconceitualização do espaço sagrado para uma paisagem social mais ampla, a partir de espaços de peregrinação, igrejas seculares.

Na capela do Senhor do Bonfim nas Queimadas tem-se por meio dos ex-votos/coisas ali depositados, os elementos que constituem o “evangelismo poderoso”, segundo Csordas (2008, p.119) onde os sinais e milagres são compreendidos como manifestações do poder divino destinado a promover a conversão dos descrentes e a ampliar a fé dos crentes, por meio dos objetos manifestando curas físicas alcançadas pelos devotos. É possível que pessoas não adeptas ao ritual ou mediante a necessidade de materializar sua fé se sintam tocadas a também entregar objetos como forma de agradecimento ao Senhor do Bonfim, em uma aproximação, inclusive, com a significação que os termos bom fim denotam, a finalização de problema de maneira satisfatória.

Nesse espaço da capela é possível também um contato visual e mesmo tátil com os objetos, no que se configura como sentir a materialidade e desenvolver técnicas corporais de interação com ela, ou seja, onde se estabelece um cosmo de afeto e sentir-se afetado pelas coisas ali materializadas, numa ação que não envolve somente uma questão de tocar ou evitar tocar. Mais do que isso, os objetos, o local, a simbologia, significado formam um componente forte no processo de direcionamento da estrutura mental, do comportamento, das relações humanas e da vida a partir dessa experiência.

Essa experiência tácita é descrita por Classen (2005, p. 277, citado por Bezerra, 2013) como válida, porque o toque aproxima o sujeito do objeto, ao contrário da visão que implica sempre certa distância para que o observador possa ver o observado. O imbricamento de “quem toca” e do “que é tocado” aniquila “não apenas o espaço, mas também o tempo” que Bezerra (2013) assinala como o imbricamento sensorial das pessoas com as coisas do passado.

O ex-voto/coisa enquanto imbricação de ideias expressam o *locus* da cultura, meio da experientiação do fazer-se humano em suas múltiplas possibilidades. (Csordas, 2008, p.11), é o corpo experienciado. Quando busco entender as múltiplas percepções e sensações do devoto do Senhor do Bonfim, ao entregar seu ex-voto na

capela, passando a ocupar aquele espaço enquanto corpo, que pode estar gravado com seu nome ou não, onde a sua individualização naquele espaço passa a ser permanente, uma vez materializada a fé, essa se prolongará, quando se cumpre a obrigação com o santo e, expressa o continuísmo da tradição devotiva.

Na convergência e assinalação desse corpo fenomênico que a arqueologia das corporalidades instiga perceber, no que se constitui a pele social do ser neste mundo, conforme pontuei na introdução, me senti motivada a vivenciar a experiência dos devotos que encomendam a fabricação de uma parte do corpo, e as depositam na capela do Senhor do Bonfim, de forma a não ser apenas uma observadora do processo, de uma ouvinte de histórias, para ser, também, uma contadora de minha própria experiência, no que configura o método autoetnográfico.

De forma que se suscita uma explicação sobre o método autoetnográfico, por isso, abro um subitem nesta seção, para que você, leitor, possa compreender as particularidades desse aporte, que dá suporte epistêmico a essa pesquisa.

2.3 PÉ ESQUERDO – AUTOETNOGRAFIA NA PERCEPÇÃO DO CORPO DEVOTA / CORPO- EX-VOTO

O pé para Levoup (2015) é o símbolo da nossa força, é o suporte que temos para permanecermos eretos (**Figura 5**), de forma que analogicamente a partir da autoetnografia, aqui em foco, se poderá alcançar a força e posição ereta desta pesquisa, fornecendo o suporte metodológico principal.

Figura 5 - Pé esquerdo da autora/pesquisadora- coisa/ex-voto da área do Senhor do Bonfim- Queimadas- Dirceu Arcoverde- PI.



Fonte: Acervo Pessoal, 2023.

Etimologicamente, autoetnografia vem do grego: *auto* (*self* - em si mesmo), *ethnos* (nação no sentido de um povo ou grupo de pertencimento) e *grapho* (escrever-a forma de construção da escrita). Portanto, refere-se à maneira de construir um relato, sobre um grupo de pessoas a partir de si mesmo (da ótica de quem escreve) (SANTOS, 2017).

Conforme Chang (2008), a autoetnografia é um método que se baliza em um “modelo triádico”: primeiro uma orientação metodológica – cuja base é etnográfica e analítica; segundo uma orientação cultural – cuja base é a interpretação: dos fatores vividos (a partir da memória), do aspecto relacional entre o pesquisador e os sujeitos (e objetos) da pesquisa e dos fenômenos sociais investigados; e por último, a orientação do conteúdo – cuja base é a autobiografia associada a um caráter reflexivo.

A investigação auto etnográfica se sustenta na reflexividade, implicando na necessidade de constante conscientização, avaliação e reavaliação do pesquisador frente à sua própria contribuição/influência/forma da pesquisa intersubjetiva e os resultados consequentes da sua investigação.

O método autoetnográfico ressalta o papel político do autor em relação ao tema, a influência desse autor nas escolhas e direcionamentos investigativos e seus possíveis avanços, posto que “dar voz para quem fala” e em “favor de quem se fala”

(REED -DANAHAY, 1997, p.3), sendo constantemente empregado nos estudos queer, sobre o feminismo, o feminismo negro e a questão racial.

A autoetnografia é, assim, um método que pode ser usado na investigação e na escrita, cuja essência é descrever e analisar sistematicamente a experiência pessoal, a fim de compreender a experiência cultural (ELLIS, 2004). Dessa forma, um pesquisador utiliza princípios de autobiografia e da etnografia para fazer e escrever autoetnografia. Como um método, a autoetnografia torna-se tanto processo como produto da pesquisa (ADAMS; BOCHNER; ELLIS, 2011).

Os autoetnógrafos reconhecem as inúmeras maneiras por meio das quais a experiência pessoal pode influenciar no processo de investigação. Por exemplo, um pesquisador decide quem, o quê, quando, onde e como a investigação provavelmente ocorrerá. Tendo também a liberdade de mudar nomes e lugares para proteção dos seus sujeitos da pesquisa, comprimir anos de pesquisa em um único texto, construir um estudo de uma forma pré-determinada, por exemplo, usando uma introdução, revisão da literatura, seção de métodos, resultados e conclusão (ELLIS; ADAMS; BOCHNER, 2011).

Coffey (1999) assinala que o estudo etnográfico é sempre, em algum grau, autoetnográfico, onde o “eu” do etnógrafo é sempre imbricado no processo de investigação. Etnógrafos inevitavelmente influenciam e interagem com as configurações que eles documentam, as quais vão se transformando no processo de pesquisa.

Para Santos (2017), a autoetnografia é um método de pesquisa que: a) usa a experiência pessoal de um pesquisador para descrever e criticar as crenças culturais, práticas e experiências; b) reconhece e valoriza as relações de um pesquisador com os “outros” (sujeitos da pesquisa) e c) visa a uma profunda e cuidadosa autorreflexão, entendida aqui como reflexividade, para citar e interrogar as interseções entre o pessoal e o político, o sujeito e o social, o micro e o macro.

No que se refere a utilização do método autoetnográfico qualitativo, implica destacar que para Denzin e Lincoln (2000), a pesquisa qualitativa, além de ser uma atividade centrada que localiza o observador (ou pesquisador) no mundo, consiste em um conjunto interpretativo de práticas materiais que tornam o contexto social mais visível, por isso advogam que é por meio do uso de cadernos de campo, entrevistas, conversações, fotografias, gravações e da memória do “eu” que se obtém dados substantiados para responder os questionamentos propostos na pesquisa.

De sorte que o método qualitativo requer uma interpretação, e isso significa que os pesquisadores qualitativos estudam fatos, sujeitos (e/ou objetos) e situações sociais em seus ambientes, tentando dar sentido ou interpretar fenômenos nos termos dos significados que as pessoas lhes conferem (DENZIN; LINCOLN, 2000, p.3).

Para Santos (2017) o método qualitativo é guiado por um conjunto de crenças e de sentimentos do pesquisador sobre o mundo e sobre como pode compreendê-lo por meio do estudo sistemático. A exemplo, pode-se citar as pesquisas sobre o feminismo, a questão étnica, o marxismo, os estudos culturais, a questão racial e a teoria queer, vistos como modelos privilegiados numa ontologia real-materialista, quando por trás desses processos está sempre presente a biografia pessoal do pesquisador, que fala de uma perspectiva particular de classe, gênero, raça, sexo, cultura e comunidade étnica.

Entre as variáveis de pesquisa autoetnográficas, existe uma especial atenção aos temas biografia e autobiografia, com ênfase para as self-narratives (autonarrativas). De acordo com Chang (2008), as autonarrativas assumem aspectos de reflexões pessoais sobre vários temas; algumas usam um modelo mais descritivo de narrativa, como é o caso da memória; outras usam fatos autobiográficos em uma narrativa pessoal erudita; e, por fim, o modelo da autoetnografia mais analítico e interpretativo, ressaltando a relevância da autobiografia principalmente quando ela é escrita por autores(as) negros e negras.

Nesse viés, Santos (2017) destaca a importância dos trabalhos sobre a performance comunicativa do “Eu” da mulher negra, citando biografias ou autobiografias como as de Angela Davis, Bell Hooks, Patricia Hill Collins, Audre Lorde, junto ao movimento Black Feminist, possibilitando maior solidez nas discussões sobre: discriminação, hierarquizações e desigualdades, violências e opressões, quer sejam de raça, gênero, classe e sexo, na perspectiva e experiência das mulheres negras.

O mesmo autor ainda destaca alguns aspectos das potencialidades do método autoetnográfico, destacando a técnica de entrevista, mediante os significados produzidos de forma interativa e de maneira dinâmica, atentando para a dinâmica emocional (ou para os aspectos mais sensíveis) que têm lugar na situação da própria entrevista. Embora o foco esteja no participante e em sua história, as palavras, pensamentos e sentimentos do pesquisador também são parte do processo interativo nessa situação de coleta, o que requer por parte do entrevistador um conhecimento dos temas discutidos. Para Ellis (2011), mesmo quando a experiência do pesquisador

não seja o foco principal, em uma situação de entrevista, sua reflexão pessoal e o contexto se tornam camadas acrescentadas à história dos participantes

Por sua vez, as etnografias reflexivas são maneiras de documentar as transformações vividas pelos pesquisadores e são vistas como um resultado da realização do trabalho de campo. Nesse sentido, torna-se necessário enquadrar a investigação existente como uma fonte de perguntas e comparações em vez de uma medida de verdade. (SANTOS, 2017).

Quanto à confiabilidade, generalização e validade, os autoetnógrafos reconhecem a importância da contingência, visto que a memória é falível, quando é impossível lembrar ou informar sobre eventos numa linguagem que represente exatamente como esses eventos foram vividos e sentidos. Todavia, não podemos deixar de reconhecer a importância da memória enquanto dado de pesquisa. Conforme, Chang (2008:71), a memória pessoal é um bloco de construção da autoetnografia porque o passado dá um contexto para o 'eu' no presente e abre a porta para as riquezas (analíticas) do passado".

Para os autoetnógrafos a confiabilidade está estreitamente imbricada às questões de validade, que significa a busca pela verossimilhança, tentando despertar nos leitores a sensação de que a experiência descrita é realista, crível e possível, demonstrando que a história é coerente e que conecta leitores a escritores. Já a generalização decorre do fato de um autoetnógrafo específico ser capaz de iluminar (de forma geral) processos (culturais) sociais desconhecidos (BOCHNER; ELLIS, 2000). Nesse sentido, Ellis (2004), destaca:

Os leitores fornecem um certo tipo de validação ao compararem suas vidas às nossas, por pensarem em como nossas vidas são semelhantes e diferentes, às suas razões e por sentirem que as histórias os têm informado sobre pessoas ou vidas desconhecidas (ELLIS, 2004, p.195).

No que se refere ao fazer autoetnográfico enquanto processo, sabe-se que os autoetnógrafos costumam não apenas usar suas ferramentas metodológicas e a literatura para analisar a experiência, mas também usam a experiência pessoal para ilustrar facetas da experiência sociocultural e, ao fazê-lo, expor os aspectos singulares e familiares para os *insiders* (pessoal) e os *outsiders* (outros, coletivo) (SANTOS, 2017).

Pensando na escrita enquanto produto, a realização de uma autobiografia também deve ilustrar novas perspectivas sobre a experiência pessoal. Autobiógrafos

podem fazer textos estéticos e evocativos usando técnicas de demonstração, que são projetadas para trazer os leitores para a cena por meio de pensamentos, emoções e ações (ELLIS, 2004, p.142) de modo a experimentar uma experiência (BOCHNER; ELLIS, 2006). Já quando os pesquisadores escrevem autoetnografias, procuram produzir descrições densas, estéticas e evocativas da experiência pessoal e interpessoal.

A autoetnografia foi muito usada nas produções acadêmicas do período pandêmico, onde arqueólogos utilizaram as experiências durante o isolamento social para interagir e propor reflexões sobre as pesquisas, a exemplo do artigo: Autoetnografia da prática arqueológica em tempos de pandemia, dos autores, Lopes, Anna Silva, e Silva, e outros temática com foco autoetnografia de Mendes (2022), Santana (2019), Silva (2022).

Para a busca de uma aproximação com as experiências corpóreas na área da capela do Senhor do Bonfim, utilizo a autoetnografia sob o prisma de uma autobiografia narrativa sobre a experiência corpórea de devota/pagadora de promessa com a entrega de um ex-voto (escultura de madeira), sob o aporte *insider* e me projetando para entender de forma análoga as experiências de outros membros no mesmo contexto social - *outsider*. Utilizo como ferramenta a memória, a entrevista e análise qualitativa reflexiva dos dados, substanciada no princípio legítimo da etnografia ouvir a voz de quem fala e em favor de quem se fala, ou seja, que reforça o papel político da autora em relação ao tema.

Outrossim, por meio deste estudo tive a oportunidade de falar sobre algo doído em termos físicos, (fraturas ósseas), mas também de quanto essa experiência me levou a perceber um repertório de memórias pouco exploradas, mas que ajudam a constituir a minha individualização¹⁹, permitindo compreender certas limitações físicas e psíquicas durante a existência.

Imaginem que sempre tive um desenvolvimento físico um pouco menor do que as das outras crianças de minha época, demorei para andar de bicicleta, tinha pouca habilidade para correr, nas brincadeiras de escola e entre os familiares sempre

¹⁹ Individualização segundo Simondon (1995, p.26) é um processo, em que propõe que não se conceba o indivíduo como princípio, mas sim como uma realidade relativa; como possuidor de uma essência entendida como um estado ou fase do ser, a qual consiste em relações que compõem ou formam o indivíduo, e antes da qual existe apenas o que o autor chama de “*realidade pré-individual*” O indivíduo é aquilo que surge como uma fase desse ser pré-individual, antes da qual “[...] não existia nem como indivíduo, nem como princípio de individuação.” indivíduo é um ser em transformação, nunca terminado ou concluído, já que a individuação prossegue permanentemente (SIMONDON, 1995, p. 26).

brincava para fazer volume, mas era elemento neutro, ou seja, significava que não tinha expertise para correr como os outros, então, não dispensavam energias para me pegar, se fosse brincadeira de pega. Inclusive, as pernas finas perduram até hoje. Essas limitações podem estar associadas às fraturas e o sentimento de ser pequena, a invisível. Só era notada na época pelas características afro (cabelos crespos e testa proeminente). Os traumas que carregamos e que Csordas (2008) assinala que é passível de cura, consoante com o rituais de cura nos rituais religiosos.

O sistema de cura nos ritos religiosos, consoante com Csordas (2008, p.33) é um sistema holístico no sentido que busca integrar todos os aspectos da pessoa, um compósito tripartite de corpo, mente e espírito, sendo possível identificar a cura física da doença corporal, a cura interior da perturbação e da doença emocional, e a libertação dos efeitos adversos de demônios e espíritos malignos.

Contudo, muitos outros detalhes estão à frente, antes de conhecer o local Queimadas, a Capela do senhor do Bonfim e os ex-votos (coisas) estudados neste aporte, abro um outro subitem para substanciar a arqueologia praticada neste estudo.

2.4 DEDO DO PÉ- ARQUEOLOGIA DO PRESENTE NO ESTUDO DOS EX-VOTOS/ ARTEFATOS CONTEMPORÂNEOS.

Para este aporte da Arqueologia do Presente uso a analogia de dedo do pé (**Figura 6**), porque faz a ligação entre a base do pé que mencionei na seção 2.1, quando a entendo como elo indissociável à realização desta pesquisa, que permite tecer as analogias pretendidas dos ex-votos/coisa enquanto objetos contemporâneos, que está imbricado às relações corpóreas de forma ininterrupta e atemporalmente entre os seres humanos e não humanos na área da capela do Senhor do Bonfim.

Figura 6 - Dedos dos pés- coisa/ex-voto da área do Senhor do Bonfim- Queimadas- Dirceu Arco-verde- PI.



Fonte: Acervo Pessoal, 2022.

Mediante as mudanças epistemológicas pelas quais a arqueologia tem passado nas últimas décadas, a partir dos anos 80, sendo instigada a se envolver política e socialmente com as questões que envolvem à sociedade Funari (2016), foi se ali-cerçando novas formas de pensar e entender a cultura material, tendo alcançado o respaldo para trabalhar temáticas de ditaduras, exclusão social, guerras, contribuindo para dar visibilidades a agentes antes silenciados sob justificativa de controle, inclusive, reformulando as percepções de tempo, quando inaugura nos anos 2000, a arqueologia do passado recente, do passado contemporâneo ou ainda, arqueologia do presente conforme será adotada nesta pesquisa.

Como observa Harisson (2018), a arqueologia do presente se desenvolveu pelos seus próprios meios como um subcampo discreto da arqueologia histórica mais recente e, está começando a ter um impacto distintivo e significativo tanto teórica quanto metodologicamente dentro do campo da arqueologia e de outras disciplinas acadêmicas de modo mais amplo. De modo que, é importante conhecer quais os caminhos percorridos e os desafios inerentes às perspectivas futuras.

A cultura material contemporânea representa o foco de interesse de arqueólogos e antropólogos há muito tempo, sendo a etnoarqueologia consagrada a partir da Nova Arqueologia, o aporte para a primeira publicação formal de arqueologia do passado contemporâneo intitulada *Modern Material Culture Studies*²⁰ (Rathje,

²⁰ Tradução: Estudos de Cultura Material Moderna

1979) e *Modern Material Culture: The Archaeology of Us*²¹ (GOULD & SCHIFFER, 1981), (BUCHLI, 2007).

Nessa obra, a arqueologia é percebida como o estudo das “interações entre cultura material e comportamento ou ideias humanas, independente de tempo ou espaço” (RATHJE, 1979, p.2). Equiparando em um mesmo nível de validade a pesquisa realizada sobre o passado recente/ presente quanto a de um passado remoto. Substanciada na premissa que a arqueologia do presente poderia trazer contribuições para o ensino e avaliação de princípios arqueológicos, e, subsequentemente para o desenvolvimento de aportes que relacionassem sociedades do presente com sociedades do passado.

Para isso, o mesmo autor propõe que enquanto arqueólogos, deveríamos perceber a arqueologia do presente como um tipo de arqueologia de resgate da vida contemporânea, colaborando para lidar com elementos que podem se tornar futuras lacunas de conhecimento, já que o registro arqueológico e material da vida contemporânea está em constante processo de destruição, mediante nossas vivências diárias, quando a velocidade do que é produzido é facilmente substituído ou colocado em desuso rapidamente. Nesse sentido, estudos de cultura material moderna representaram “um último passo na transformação da arqueologia em uma abordagem unificada e holística para o estudo da sociedade e de seus produtos materiais” (RATHJE, 1979, p.29).

Contudo, por muitos anos este entendimento ficou alheio às percepções da arqueologia do presente, quando o método e teoria arqueológica desenvolvida na América do Norte, entre a década de 80 e 90, permaneceu focada em formas tradicionais de tecnologia e no uso de modelos etnoarqueológicos para a explicação da mudança cultural no passado (DAVID & KRAMER, 2001 citado por HASSON, 2018).

Na arqueologia britânica, os estudos sobre a arqueologia do presente iniciaram ainda na década de 80, já sob o viés da Arqueologia Pós-processualista, quando Hodder (1987) apresentou um estudo do significado social de gravatas-borboleta em uma fábrica contemporânea de ração para animais domésticos, utilizando-o como estudo de caso sobre a relação entre práticas sociais, cultura material e significado nas sociedades humanas.

²¹ Tradução: Cultura Material Moderna: A Arqueologia de Nós

Sob essa mesma perspectiva Shanks & Tilley (1992) utilizaram a cultura material contemporânea para elaborar um estudo sobre o design de latas de cerveja suecas e inglesas, sob o título de *Reconstructing Archaeology*²². Nessa publicação os autores além das contribuições aos estudos pós-processuais específicos de cultura material contemporânea, ampliaram a percepção sobre processo de “fazer” arqueologia, com foco no engajamento crítico sobre a produção do passado no presente.

Nos países anglo-saxônicos a arqueologia do presente foi inaugurada apenas na década de 90, com a publicação das obras *Matter, Materiality and Modern Culture*²³, editado por Paul Graves Brown (2000), e *Archaeologies of the Contemporary Past*²⁴, editado por Victor Buchli e Gavin Lucas (2001). Graves-Brown (2000) sugeriu que o papel da arqueologia do passado recente era tornar o familiar “não familiar”, desestabilizar aspectos da vida cotidiana que de outro modo seriam negligenciados.

Endossam esse escopo, Buchli & Lucas (2000) ao sugerirem conexão entre temas como produção/consumo, lembrar/esquecer, desaparecimento/revelação e presença/ausência. Ressaltando a ideia de que a arqueologia tem um papel principal em tornar evidentes esses aspectos da vida contemporânea nas margens, que são constantemente sobrescritos pelas narrativas dominantes.

Desde a publicação desses dois livros, houve uma explosão de trabalhos sobre essa temática. Em 2003, em Bristol, ocorreu um passo importante para fortalecer as discussões com a criação do grupo ‘Arqueologia Histórica e Contemporânea em Teoria’ (*Contemporary and Historical Archaeology in Theory*). Outras contribuições vieram com a sistematização dos subcampos “arqueologia do conflito” defendidas por Crossland (2011); Moshenska (2013); da “arqueologia forense” - Powers & Sibun (2013); das arqueologias do internamento e confinamento contemporâneos, Myers & Moshenska (2011); e da “arqueologia do desastre” - De Gould (2007) citado por Harrison (1980).

Outra influência importante é a conservação do patrimônio moderno e o papel da arqueologia neste processo, vide Penrose (2007) citado por Harrison (1980). Mais recentemente, houve um reconhecimento da temática de forma mais expressiva, por meio da publicação do *Oxford Handbook of the Archaeology of the Contemporary*

²² Tradução: Reconstruindo a Arqueologia.

²³ Tradução: Matéria, Materialidade e Cultura Moderna.

²⁴ Tradução: Arqueologias do Passado Contemporâneo

*World*²⁵- (Graves-Brown *et al.*, 2013) e do lançamento em 2014 da *Journal of Contemporary Archaeology*,²⁶.

Embora com algumas divergências de aplicação de teoria, Harisson (2018) assinala que, o interesse de pesquisadores da arqueologia do passado contemporâneo diz respeito a questões de desigualdade, poder e classe, citando. Kiddey & Schofield (2011), Zimmerman & Welch (2011), Zimmerman *et al.* (2010), Zimmerman (2013), e Gokee & De León (2014), enfatizando o engajamento com as questões sociopolíticas do passado no presente e, com esforços para traçar as genealogias das desigualdades modernas globais através da arqueologia histórica.

Considerando a abrangência temática voltada para os problemas da atualidade, Santos (2020) propõe a Arqueologia Contemporânea, como sendo uma área da arqueologia que se propõe a estudar um passado ainda presente na memória da sociedade substantiada em aportes das ciências sociais, que tem se transformado num importante instrumento de vocalização de grupos antes marginalizados ou esquecidos, auxiliando na construção de histórias alternativas aos discursos oficiais, com possibilidade de apresentação de múltiplas versões sobre um mesmo tema, transformando-a numa importante ferramenta na compreensão da nossa própria sociedade.

No sentido técnico metodológico, dá-se ênfase à forma de interpretação dos artefatos, necessitando de uma valorização de toda a carga histórica que possuem e onde estão inseridos, ou seja, nos significados simbólicos dos vestígios arqueológicos, que variam de contexto para contexto (WICHERS, 2015). Amplia-se, também, o horizonte interpretativo para contemplar todos os indivíduos e coletividades engajadas no processo de construção da história.

De forma que, a aplicabilidade da Arqueologia do presente não é centralizada ou piramidal, à maneira da produção e difusão tradicionalmente organizada do conhecimento. Ao contrário, a informação circula em rede e é trocada em todos os níveis da estrutura, sem uma hierarquia pré-definida que restrinja sua exploração. Destarte, segundo Oliver (2001) a Arqueologia do Presente faz parte do desenvolvimento de novas formas de cidadania, nas quais os problemas da coletividade são desnudados e discutidos por agrupamentos de indivíduos em todos os níveis, do

²⁵ Tradução: Manual Oxford de Arqueologia do Mundo Contemporâneo;

²⁶ Tradução: Jornal de Arqueologia Contemporânea

simples ao complexo, enquanto as soluções são investigadas por meio da inter-relação permanente dessas diferentes escalas de organização coletiva.

A Arqueologia do Presente é um subcampo que trabalha com a interdisciplinaridade para elencar assuntos e temas da contemporaneidade sob o enfoque arqueológico, de forma atemporal, e para Cabral (2016) os encontros entre os diferentes sistemas de conhecimento não devem buscar alcançar consensos, mas sim criar pontes de comunicação, em que trocas possam ser realizadas, acarretando inclusive transformações. Nas práticas arqueológicas do presente tem-se uma aproximação com a etnografia.

Entre os elementos fortes de discussão dentro da Arqueologia do Presente, enfatiza-se um “retorno às coisas”, instigando para o potencial de se perceber humanos e não-humanos como partes igualmente constituintes das realidades (WITMORE 2007; WEBMOOR E WITMORE 2008; OLSEN 2010; OLSEN 2012; OLSEN ET ALII 2012; HODDER 2012; ALBERTI 2016). Esses debates propiciam diferentes concepções de interpretação das materialidades, e servem como inspiração na busca por alternativas à Arqueologia como ciência normal (KUHN 2003)

Julian Thomas (2010, p.180), propõe pensar as disciplinas não como continentes fixos, mas como “tradições paralelas de criação de conhecimento”, em que as margens são fluidas e difusas. Demarcar os limites deixa de ser essencial, e as posições dos sujeitos podem ser ambíguas e incertas, portanto, abertas e promissoras. A produção resultante, por ser informada a partir de diferentes tradições, não para agradar tal ou qual disciplina, pode manter a fluidez e, possivelmente, tornar-se relevante para uma ou mais delas, quando Cabral (2016) concebe a aproximação da arqueologia com a antropologia como profícua.

Diferentemente da aproximação proclamada pela Nova Arqueologia (Binford 1962), com perspectivas totalizantes e uniformizadoras, Hodder (1994) ressalta que a importância das interações recentes, refletindo as preocupações crescentes com as formas como outros grupos podem ser engajados nas pesquisas, a partir do uso da etnografia. Sobre essa perspectiva Castañeda (2008, p.25) pondera:

Motivados por preocupações éticas para lidar com os múltiplos sentidos do passado que as sociedades de descendentes usam para o patrimônio material, muitos arqueólogos têm se voltado à etnografia como um meio de engajamento com as reivindicações das comunidades de interesse sobre propriedade, direitos de uso e significados do passado.

Endossa essa percepção, Pyburn (2009, p.165) ao inferir que “uma etnografia apropriada para arqueólogos não é para aprender sobre outras pessoas ou para ensinar outras pessoas, mas é para partilhar com outras pessoas”. Não é à toa, portanto, que discussões sobre a colaboração ativa de outros grupos e a descolonização da prática arqueológica tenham na etnografia um referencial importante (CABRAL, 2016).

Arqueologias etnográficas, defendidas por Castañeda (2008, p. 30), focadas na criação de formas de engajamento de interessados e de negociação sobre os sentidos do passado através da compreensão dos processos e dinâmicas da pesquisa”, ampliam a prática arqueológica. Como um fenômeno contemporâneo, as práticas demandam uma consciência crítica sobre seus desdobramentos em relação ao outro, sobre os impactos dessa prática em outras formas de conceber e perceber o mundo.

Um dos maiores desafios da Arqueologia do Presente é trabalhar sob a perspectiva de análise da cultura material e das paisagens culturais, em todos os aspectos da experiência humana, por meio da adoção de quadro comum de explicação e caracterização dos seres, quando se procede a proscrição dos dualismos: natureza-cultura, sujeito-objeto, passado-presente-futuro, material-imaterial dentre outros. Por meio da acepção enquanto elementos híbridos, não há ruptura porque não existe delimitação plausível entre eles. Sob essa concepção, extingue-se o dualismo relacionado à temporalidade, suscitando novas formas de perceber a trajetória de vida das “coisas” Ingold (2012) estudadas.

As “coisas” possuem vida e todas as etapas desde a concepção da ideia, da intencionalidade, da percepção, da fabricação até a contemporaneidade se constitui em um processo constante e ininterrupto, permitindo a constituição do histórico de vida. De modo que, os espaços, objetos e edificações são passíveis de armazenar e auxiliam na compreensão das partes de suas etapas de vida, carregam traços da sua existência de forma atemporal, no que se constitui a fusão de camadas do passado, presente e futuro de forma recíproca. Para Silva (2019), esses processos se cristalizam nesses elementos, sendo importante para compreensão das muitas interações com os demais seres.

Essa Arqueologia do Presente, segundo González-Ruibal (2008), não traz para o centro da discussão a necessidade de formulação de analogias para que os pesquisadores possam compreender o passado, e sim a perspectiva da etnografia

para o entendimento da vida social e das relações entre pessoas e coisas. Com relação ao método etnográfico, sua metodologia traz a oportunidade de se alcançar conhecimentos, formas de pensamento, expressões, onde “(...) o método oportuniza diferentes técnicas, instrumentos, este conjunto variado de instrumentos refletem os amplos aspectos do clima social em que foram produzidas.” (LÓPEZ, 1999, p. 47).

Endossando a discussão sobre a questão das temporalidades (passado e presente), Oestigaard (2004) argumenta que toda materialidade é ao mesmo tempo antiga e nova. Nas pesquisas arqueológicas os objetos arqueológicos-artefatos e materialidades podem ter distintas percepções de tempo. Pois a dimensão temporal está incorporada a qualquer tipo de materialidade, que se torna perceptível de várias formas e em vários momentos. A materialidade é processada pelas pessoas, transformada em artefatos, reutilizada e rearranjada, e recebe novos significados em uma cadeia interminável de renegociações, conforme explicação de Oestigaard²⁷, (2004, p. 40):

O mundo em que vivemos é material – o mundo é um artefato – nós conceituamos, modificamos, construímos novas construções- viver é participar de uma série interminável de modificações materiais de mundos que já foram feitos. Toda a materialidade é antiga e nova ao mesmo tempo, mas diferentes fases das modificações do material ou construções feitas pelo homem podem ter origens e datas específicas. Ao incluir a esfera total das relações da materialidade na análise, os arqueólogos que estudam seres humanos em contextos passados e presentes precisam analisar as premissas de comportamento e ação.

Depreende-se, pois, que todas as materialidades possuem projeções e trajetórias no passado, presente e futuro. Sendo que o “passado existe no presente”. Nesse cerne de ideias, tempos passado, presente e futuro podem ser considerados facetas da materialidade e não entidades fixas separadas e percebidas como isoladas umas das outras.

Em conformidade com Thomas (1990, p.17-18), as coisas são “feitas no passado e concebidas para o futuro”, ou seja, a cultura material não é um simples

²⁷“Texto original: The time dimension is always incorporated in any kind of materiality. Materiality always exists, but in various forms at various times. Materiality is modified by people, made into artefacts, reuse and remade, and given new meanings in an endless chain of renegotiations. The world we live in is material – the world is an artefact – we conceptualise it, modify it, construct new constructions – to live is to participate in an endless series of material modifications of worlds that are already made. All materiality is old and new at the same time, but different phases of the material modifications or man-made constructions may have specific origins and dates. By including the total sphere of relations of materiality in the analysis, logically, archaeologists studying human beings in past and present contexts have to analyse the premises for behaviour and action (OESTIGAARD, 2004, p. 40).)

produto da sociedade, ela é integral à sociedade. Os materiais, que restam do passado, são mais que testemunhos de uma entidade extinta são parte daquela entidade que ainda permanece no presente, eliminando a divisão entre passado, presente e futuro. Para Gonzalez-Ruibal (2012), essa concepção também auxilia na compreensão de que essas mesmas coisas possuem capacidades de exercer influência sobre os humanos, muito tempo após os seus “criadores” terem falecidos.

Outrossim, Macedo (2011) pondera que a natureza física do objeto, sua durabilidade costuma ultrapassar a vida de seus produtores e usuários originais. Influenciam as ações e os processos cognitivos das pessoas, mesmo quando os significados originais desses artefatos foram profundamente transformados “(...) algo do significado profundo e mais abstrato das coisas, ainda pode funcionar no presente de maneira inconsciente” (GONZALEZ-RUIBAL, 2012, p.137)

Destarte, as coisas existentes na contemporaneidade são resultado de múltiplas temporalidades, “vários tempos “coexistindo conjuntamente e em movimento. As formas e ações sobre eles não estão findadas, sempre é possível ocorrer mudanças. Nesse sentido, Roepstorf (2008) reforça, que a aparente concretude do objeto representa o produto de uma longa cadeia de transformações, (formada por agentes humanos e não-humanos) que modifica a matéria e resulta em objetos sólidos, reais e concretos.

Outrossim, Oestigaard, (2004, p. 141) advoga que é justamente a materialidade ou as capacidades físicas dos artefatos que os diferencia das construções mentais.

A partir desse cabedal de entendimento, pode-se inferir que a materialidade ex-votiva aqui em foco, na área da capela do Senhor do Bonfim, congrega a percepção do fenômeno religioso como elemento de concretude da intencionalidade do devoto, ao transformar a madeira em um objeto representativo de uma graça alcançada e, permite a partir do arcabouço da Arqueologia das Corporalidades ser entendido como elemento simbólico de um corpo */embodiment*, ou seja, que materializa inúmeras conexões que podem ser utilizadas pelo pesquisador em seus estudos, de um ponto de vista multifocal, percebendo os vários elementos que as formam

Os ex-votos são emaranhados de “coisas” em constante processo de formação, sofrem as ações das demais coisas com se relacionam desde o momento da fabricação até serem depositados no espaço sagrado da Capela do Senhor do Bonfim nas Queimadas e após esse depósito são percebidos como *hierofanias*,

manifestações do sagrado, e continuarão a exercer influência e percepções entre os seres que se interrelacionam atemporalmente.

3 TRONCO/COLUNA- EX-VOTOS/COISAS/CAPELA-OBJETO DE ESTUDO

*“Neste começo d’hoje
tuas costas negavam
qualquer espécie de outono
Afinal
a ideia de estação
é só um tema ilusional
engendrado por humanos
que nunca puderam desenhar
tua coluna vertebral
a dedo nu
Matilde Campilho*

A palavra vértebra significa elo de uma corrente, de uma cadeia, e os antigos diziam que a força de uma corrente não é maior do que o elo mais fraco (LELOUP, 1998, p.108), por conseguinte, a simbologia dos dados desta seção está equiparada à coluna/ tronco porque constitui o elo entre a teoria e os resultados, ou seja, refere-se ao ex-voto. É uma seção de valor conectivo porque permite conhecer o que e como estudar objetos devotivos pelos aportes da arqueologia das corporalidades.

Figura 7 - Escultura de uma coluna vertebral em madeira tipo umburana - ex-voto da área do Senhor do Bonfim- Queimadas- Dirceu Arcoverde- PI.



Fonte: Acervo pessoal, 2022.

O termo ex-voto embora presente na cultura popular, ainda causa certo espanto, em alguns, quando menciono que o meu objeto de estudo é ex-voto. Algo contornado a partir do momento que descrevo os objetos, ou seja, reconhecem as peças, mas não estão familiarizados a terminologia.

Por isso, caro leitor, clarifico que o vocábulo ex-voto advém do substantivo objeto, referindo-se a imagens ou quadros, fitas, fios de cabelos, objetos diversos, que são expostos em capelas, igrejas, túmulos, cruzeiros, entres outros, em cumprimento de um voto (pedido- aquisição da dívida) e que, etimologicamente, tem origem no latim *ex-votum*, prefixo *ex* significa fora indicando que o pagamento da promessa (divina sanada) já foi cumprido (FERGUSON, 1999). Algo que pode ocorrer acompanhado de oração, acendimento de velas ou apenas a entrega do objeto.

Para esta pesquisa, os ex-votos são entendidos enquanto elementos culturais/sociais, que simbolicamente representam ícones de visibilidades de graças alcançadas, que garantem ao local onde estão depositados a valoração como pontos de peregrinação e devoção, quando são percebidos como “coisas”, ou seja, “um parlamento de fios, um acontecer, ou melhor, um lugar onde vários acontecimentos se entrelaçam. Observar uma coisa não é estar trancado do lado de fora, mas ser convidado para a reunião, em que as coisas se transformam e crescem (INGOLD, 2012, p.29). Nesta seção, ainda mantenho a terminologia ex-voto para fins de assimilação do significado enquanto elemento do rito de promessa.

No rito do pagamento de promessa, a peregrinação ao local de entrega do objeto é também uma forma de encontro com o sagrado, saindo do lugar comum onde o pedido foi feito, num íntimo de relação particular entre o devoto e a santo, para a exposição pública da graça alcançada e, se refere também à consumação do dever cumprido.

Para entender, a relevância do sagrado na vivência humana, recorro às definições de Elíade (2001), que propõe que o sagrado e o profano constituem duas modalidades de ser no mundo, duas situações existenciais assumidas pelo homem ao longo da sua história, onde o homem toma conhecimento do sagrado porque este se manifesta, como qualquer coisa absolutamente diferente do profano, quando propõe o termo *hierofania* para indicar o ato da manifestação do sagrado, a saber:

“(...) Manifestando o sagrado, um objeto qualquer se torna outra coisa, e, contudo, continua a ser ele mesmo, porque continua a participar do seu meio cósmico envolvente. Uma pedra sagrada nem por isso é menos uma pedra;

aparentemente (com maior exatidão: de um ponto de vista profano) nada a distingue de todas as demais pedras. Para aqueles cujos olhos uma pedra se revela sagrada, a sua realidade imediata transmuda-se numa realidade sobrenatural. Por outros termos, para aqueles que têm uma experiência religiosa, toda a natureza é suscetível de revelar-se como sacralidade cósmica. O cosmos na sua totalidade pode tornar-se uma hierofania (ELÍADE, 2001, p.57)

Para as discussões subsequentes nesta pesquisa, interessa ainda, a inferência de Eliade (2001), que na *hierofania* o sagrado vem à tona da consciência do homem como fenômeno, ou seja, a consciência e o fenômeno são inseparáveis. As *hierofanias* são formas de experiência do sagrado por parte dos humanos, elas variam no tempo e no espaço em seus traços externos, mas que internamente se universalizam.

A temática do sagrado relaciona-se diretamente ao ex-voto, nesta pesquisa, posto que na área da capela do Senhor do Bonfim, a entrega do objeto é uma *hierofonia*, substanciada no que o local representa dentro da concepção religiosa, espaço consagrado a orações e comunhão com as divindades. Assim, é importante entender a ideia de religião.

Em termos etimológicos, a palavra religião vem de re-ligar, do verbo *religare* (*relegere* em latim), ou seja, uma comunhão com Deus, buscando interligar as dimensões humanas da carne e do espírito através da transcendência do ser em rituais, em cultos, (ARAÚJO & ARAGÃO, 2005), e, numa acepção formal, caracteriza-se como uma manifestação cultural, capaz de influenciar significativamente as ações das pessoas, que passam a acreditar e depositar sua fé no poder de uma entidade superior, distinguindo-se duas variáveis: a religiosidade e a espiritualidade.

Dentro da concepção antropológica, a religiosidade é uma forma pela qual a humanidade busca se comunicar com o sobrenatural a fim de alcançar proteção espiritual para se proteger ou solucionar as imprevisibilidades do cotidiano. “As sociedades, frequentemente, desenvolvem normas de comportamento com a finalidade de precaver contra o inesperado, o previsível, o desconhecido e de estabelecer certo controle sobre as relações entre o homem e o mundo que o cerca” (MARCONI, PRE-SOTO, 2011, p.150)

Conforme Lukoff (citado por Faria & Seidl (2005), religiosidade refere-se à adesão às crenças e às práticas relativas à instituição religiosa, enquanto espiritualidade é a relação de devoção de uma pessoa com um ser superior no qual ela acredita. De forma que, a devoção caracteriza-se pelo caráter popular e pela não-

institucionalização da fé, pois prevalece a crença individual e a relação de fidelidade entre o devoto e a divindade.

Dentro do prisma de conceituação, pontua-se que a palavra devoção vem do latim, que significa *devotione*, ato de dedicar-se ou consagrar-se a alguém ou, num sentido religioso, a uma entidade; sentimento religioso; dedicação ao culto de Deus e dos santos; piedade aproximada às práticas religiosas (OLIVEIRA, 2009).

Para Marconi e Presotto (2011), não é suficiente seguir uma religião se não manifestar a sua fé, a sua devoção, seja no individual no espaço em que considerar propício para fazer a sua oração, seja no coletivo em meio aos demais fiéis que se reúnem para participar de suas crenças.

Nos ritos de devoção, a materialidade da fé por meio de uma graça alcançada, se torna visível com a entrega de um objeto e/ ou ritos de orações e acendimento de velas em locais que permitam uma visibilidade pública, materialidade do ex-voto. De sorte, que se pode enumerar três estágios durante a prática votiva: a realização do voto, a manifestação do milagre (graça) e o pagamento da promessa (ABREU, 2005; ASSUMPÇÃO, 2006; FERGUSON, 1999; FRADE, 2006).

Para Gordo (2014), ocorrem obtenção das manifestações de práticas votivas, tanto nos espaços canônicos (templos, igrejas, santuários) quanto em pontos ou localidades que não foram abençoados pelas instâncias eclesiais como em túmulos, cruzeiros, lapas, monumentos de covas de pessoas comuns com poderes para realizar milagres. Aos beneficiários dessas indulgências *in extremis*²⁸ só interessam os resultados (cura); não, a terapia.

O ex-voto estabelece uma comunicação do devoto com a divindade, e sobretudo do devoto com as demais pessoas. Existe um entendimento que, pelo cumprimento da promessa, um “milagre” aconteceu na vida daquele indivíduo. As peças nem sempre têm valor em si, pois geralmente são confeccionadas de material simples; o valor está no significado, no que representam (GORDO, 2014).

Os dados mais remotos sobre a prática ex-votiva remontam à civilização ocidental desde os tempos da Grécia arcaica, em que a civilização grega agradecia os fatos considerados milagrosos, obtidos por intercessão dos deuses, por meio da entrega de oferendas aos deuses, não somente através de elementos zoomórficos,

²⁸ *In extremis* o extremo na concepção religiosa, aquilo que é atribuído a uma força divina, uma graça alcançada de forma total, ou seja, a cura da doença, não apenas um paliativo (GORDO, 2014).

mas também antropomórficos, além de representações meio humanas e meio animais (CASSON, 1969, BOTELHO, 2013).

Esse dado é corroborado por Eydoux (1973) ao inferir que no Templo de Heliopolitano há evidência de práticas votivas porque se encontra uma escultura em formato de mão datada do séc. II ou III, assim como na Acrópole, em Atenas, há estátuas femininas; e presença de relevos votivos em número expressivo em Oropo.

No período da Grécia antiga, por volta de 2000 a.C, há informações que o médico Esculápio recebia objetos representando braço, perna ou cabeça dos doentes que ele curava. Nessas esculturas podiam ser observados o traço, as marcas e os sinais artisticamente detalhados dos males sucedidos nas referidas partes do corpo da pessoa curada (OLIVEIRA, 2015).

Essas práticas propagaram-se a partir do povo grego, alcançando de grande parte do Mediterrâneo, em que as oferendas eram oferecidas aos deuses a partir do pagamento de promessas, constituindo grandes templos e santuários. A exemplo dos santuários de Delos, Delfos e Epidauro, que se destacaram pela quantidade e qualidade das ofertas recebidas (OLIVEIRA, 2015).

Encontra-se, menção às práticas votivas também na civilização romana, sendo que a maior parte dessa civilização acreditava que as doenças podiam ser causadas pelos deuses, por feitiçarias e por pragas. Assim, muitos procuravam entre as crenças, elementos sobrenaturais para a cura de seus males e se deslocavam para grandes templos e santuários (BOTELHO, 2013).

A origem das práticas votivas em civilizações antigas estava atrelada aos cultos naturalistas de veneração das forças da natureza, onde se buscava assegurar a fertilidade do solo, consoante com os postulados de Pessoa (2001); Santos e Nunes (2005). Posteriormente, essas formas de agradecimento adquiriram expressões direcionadas às divindades, sendo que muitos vestígios arqueológicos encontrados na Grécia, Itália, Gália, Bretanha e em muitas cidades do Império Romano, difundiram-se no ocidente europeu e foram associadas às devoções cristãs.

A deusa romana Diana—ligada às religiões agrárias e cultuada na antiga cidade de Liberatus Juliano, século III a.C. (hoje cidade de Évora, Portugal) — quando cristianizada passou a ser adorada como Nossa Senhora dos Anjos, iconograficamente representada como a Virgem Mãe, que tem a mãos sobre o ventre e é invocada como Nossa Senhora do Ó, da Expectação ou do Bom Parto. (PESSÔA, 2001: 23)

Os objetos votivos, por estarem ligados a uma lógica sobrenatural e mágica, foram considerados peças pagãs na Idade Média. Segundo Silva (1981), no passado, estes artefatos já foram percebidos como inspiração do demônio, objetos de superstições e demonstrações de ignorância religiosa.

Para Silva (1981, p.38) a origem dos objetos ex-votivos é mais recuada, ao sinalizar que:

(...) a origem dessas esculturas ditas “populares” pode ser encontrada na pré-história, nas trilhas do pensamento mágico, que jamais abandonou de todo as religiões, mesmo depois que elas se constituíram em igrejas, organizadas para o exercício das múltiplas atividades que hoje as caracterizam.

No Paelocristianismo, os cristãos reuniam-se em catacumbas que podiam ser considerados, de certa forma, como pequenos templos onde estariam livres das perseguições correntes. Nesses pequenos templos eram depositados objetos votivos ou eram esculpidos nas paredes grandes cenários representando personagens e todo o histórico da circunstância ocorrida, até o milagre realizado.

Em meados do séc. XVI, a partir do Concílio de Trento as imagens religiosas e suas iconografias passaram a ser protegidas frente aos movimentos protestantes. Posto que, que havia a necessidade de mostrar aos fiéis toda a plenitude religiosa das criações de Deus e as passagens e personagens históricos da Bíblia, bem como a possibilidade do devoto em fazer o seu pedido ao santo de devoção e agradecê-lo no momento da graça recebida (BOTELHO, 2013).

Posteriormente, a Igreja Católica vai absorver os ex-votos, segundo Soutelo (1990, s/p) como incentivo à “devoção, a crença nos milagres e os agradecimentos públicos, e o ex-voto passa a ser um testemunho individual do encontro com o sagrado, e objeto que materializava a confissão direta”. Ao que tange à procedência dos objetos referentes aos milagres e curas, o mesmo autor assinala que, ao chegarem ao Brasil no período colonial vindos das terras portuguesas, teriam se difundindo nas várias regiões brasileiras, concentrando-se nas pequenas igrejas, capelas e santas-cruzes dos caminhos do Nordeste ou em templos que o povo escolheu para a sua particular devoção.

Para entender como que essa tradição chega ao Brasil, é preciso inferir que a religião em Portugal, sempre foi uma mistura de elementos advindos de diferentes culturas, como a romana e a muçulmana, entre outras, sendo uma religião marcada por fortes manifestações ritualistas

O ex-voto chega ao Brasil com os portugueses, praticantes de um catolicismo popular segundo as tradições religiosas nos moldes da metrópole, associado à tradição secular do ex-voto utilizado nas situações de difícil sobrevivência, o que era o caso na exploração de novas terras, e mesmo de chegar vivo de uma aventura marítima. O período colonial transformou pequenos vilarejos em grandes cidades e nestas grandes cidades algumas pequenas capelas foram demolidas ou adaptadas para grandes e novos templos de devoção (PESSOA, 2011)

Com o início da edificação dos primeiros templos e a contratação de mão de obra artística para adornar estes locais de fé, muitos devotos começam a se locomover para estes ambientes com a finalidade de realizar o pedido, como também agradecer junto ao seu santo ou santa de devoção, porque começam a introduzir as imagens dos santos padroeiros das igrejas e ao se comemorar as festas dos santos, quando se vivencia o momento de obter graças, pagar promessas, agradecer pelos benefícios recebidos (BOTELHO, 2013).

Mediante a necessidade de entrega de ofertas é que surgem as Salas dos Milagres (Figura 8), locais destinados para o acondicionamento dos ex-votos. Antes da construção dos templos religiosos e dos seus anexos como capelas do Santíssimo, Salas de Confissão, Secretarias e Salas dos Milagres, os ex-votos eram depositados em altares junto ao seu santo de devoção ou até mesmo dependurados nas paredes dos templos ou em salas dentro da edificação religiosas destinadas a este fim (SCARANO, 2004).

Figura 8 - Fachada e Vista interna da Sala dos Milagres no Santuário de Santa Cruz dos Milagres, em Santa Cruz dos Milagres PI.



Fonte: Acervo Pessoal, 2020.

Segundo Duarte (2011), esses ex-votos escultóricos tiveram uma produção efervescente principalmente a partir de meados do séc. XIX no Brasil, cujas motivações de modo geral são partes do corpo humano, confeccionados inteiros ou fragmentados, utilizando-se madeira ou argila como matéria-prima.

Barros (1977) destaca a influência das tradições africanas, especialmente da arte negra, na confecção dos ex-votos no território brasileiro, afirmando que a miscigenação marcou as formas de entalhe, por exemplo, dos artefatos votivos de madeira com traços e cortes retos, formas triangulares e retangulares.

De acordo com Oliveira (2015), os pequenos e grandes santuários católicos apresentam acervos efêmeros em suas salas de milagres. Objetos que ficam por pouco tempo nas salas. Objetos que vão para museus, e outros que simplesmente somem por algum tipo de descarte. Salas famosas como as de Nossa Senhora Aparecida, no Brasil, Lourdes, na França, Cartago, na Costa Rica e outras, apresentam a riqueza tipológica desses objetos, acompanhada por acervos musealizados, como em Guadalupe, no México, Fátima, em Portugal e Aparecida, no Brasil.

O ritual de entrega envolve as peregrinações a esses locais de sala de milagres, constituindo as romarias, que são manifestações religiosas realizadas em coletividade, fornecendo subsídio espiritual para a crença e para uma riqueza cultural, pois há uma convergência de elementos, de interesses folclórico, artístico, histórico e etnográficos, como os cantos, as danças, a indumentária, os alimentos, as cores etc. Reminiscências de velhos costumes exteriorizam-se no clima propício das romarias que vieram, por tradição, trazidas de Portugal para o Brasil a partir do século XVII. Os romeiros ofereciam objetos aos santos, rezavam e cantavam para eles, faziam a desobriga de ex-votos no cumprimento de suas promessas e no pedido de uma graça.

Em Portugal, a concentração das maiores romarias está nas regiões dos distritos do Alentejo (grande centro de coleções de ex-votos), Aveiro, Beja, Braga e Bragança, e que culmina com o seu maior centro de peregrinação e romarias: Fátima. Milhares de peregrinos se dirigem anualmente a esses santuários, crentes de que esses espaços sagrados são os locais propícios para o pedido e o pagamento das promessas. Crença de que é no santuário que o milagre pode se concretizar.

No Brasil há muitos santuários que recebem os ritos de pagamento de promessa por meio de ex-votos, entre os expressivos enumera-se: Santuário Nacional de Nossa Senhora Aparecida, situado em Aparecida do Norte, interior de São Paulo; Santuário de São José em Belo Horizonte – MG, o Santuário Nossa Senhora do

Perpétuo Socorro- MG, O Santuário Maria Desatadora dos Nós - SP; O Santuário Basílica de Trindade – GO; Senhor do Bom Jesus de Pirapora- MG, Santuário de São Francisco das Chagas-CE, Santuário do Padre Cícero- Juazeiro do Norte-CE, Santuário de Nossa Senhora de Nazaré- Belém, Santuário de Nossa Senhora do Bom Socorro e o Santuário de Madre Paulina- Nova Trento-SC, para citar ao menos um por cada região do Brasil.

No caso do Piauí, tem-se o mapeamento de 28 pontos de peregrinação religiosa, em 20 cidades de forma registrada (IBGE, 2010), quais sejam: Teresina, Altos, Campo Maior, Piripiri, Piracuruca, Barras, Castelo do Piauí, Pedro II, Ilha Grande, Luzilândia, Cocal dos latos, Oeiras, Demerval Lobão, Amarante, Bocaina, Valença, Jaicós, Floriano, Santa Cruz dos Milagres e São João do Piauí. Em algumas dessas cidades além do culto aos santos oficializados pela igreja católica, tem-se a veneração aos santos populares, ou seja, que não são canonizados²⁹, caso do motorista Gregório em Teresina, Santa Maria Alves em Pedro II, João Cartomante em Piracuruca, citados por Dourado, (2006).

Nessa concepção dos santos populares, incluo a “Tia”, na comunidade Espírito Santos- Bonfim do Piauí, no Sudeste do Piauí, no local Cova da Tia, uma escrava negra cultuada pelas inúmeras graças concedidas aos seus devotos.

No caso dos santuários do Piauí, ressalto também que o local aqui em estudo é popularmente conhecido como Santuário do Senhor do Bonfim nas Queimadas, sendo que oficialmente apenas o Santuário de Santa Cruz dos Milagres em Santa Cruz dos Milagres no Piauí é reconhecido pelo Vaticano.

Todavia, a expressividade das celebrações religiosas em homenagem ao Senhor do Bonfim nas Queimadas a cada ano ganha mais expressividade, e o número de devotos que lhe rendem culto em forma de orações e entrega de ex-votos só aumenta. Dentro do acervo de ex-votos com muitas peças, selecionei, para esta pesquisa, os confeccionados em madeira mediante a possibilidade de tangenciar os processos de fabricação, deposição e pós deposição na lateral direita da capela, e

²⁹ Canonizado- qualidade quem passou pelo rito de canonização-ato solene de, após cumpridos regras e rituais prescritos pela Igreja, (o papa) declarar o indivíduo falecido inscrito no catálogo dos santos, concedendo-lhe culto irrestrito. É o termo utilizado pela Igreja Católica e que diz respeito ao ato de atribuir o estatuto de Santo a alguém que já era Beato e sujeito à beatificação-e outubro de 2017.[10 SIGNIFICADO DOS SANTOS HOJE NUM MUNDO EM MUDANÇA](#), Acessado em 03 de nov.2022.

correlacioná-los aos depoimentos dos devotos e minha autobiografia sobre as graças alcançadas.

Destarte, é importante conhecer o local e os elementos ex-votivos, quando no próximo capítulo apresento os elementos associados a construção e a utilização desse espaço no decorrer dos séculos XIX, XX e XXI, quando parte acervo de ex-votos de 2022 integra o escopo das análises corpóreas deste estudo (**Figura 9**)

Figura 9 - Ex-votos da igreja do Senhor do Bonfim, Queimadas, Dirceu Arcoverde-PI.



Fonte: Acervo Pessoal, 2023.

3.1 TÓRAX- CONTEXTO HISTÓRICO DA COMUNIDADE QUEIMADAS-DIRCEU ARCOVERDE-PI.

O nosso corpo é uma máquina em funcionamento, algumas partes são responsáveis pela movimentação do corpo e outras protegem os órgãos vitais, caso do tórax que protege os pulmões e o coração. Para Leloup (1998), estar bem, estar sadio significa respirar bem, com todo o seu ser por isso, a importância de um pulmão bem protegido, de forma que permite a existência do ser.

Nesta seção, analogicamente o tórax (**Figura 10**) é o guardião dos dados sobre a história de fé e a materialização do local – a capela que guarda os ex-votos do Senhor do Bonfim, com enfoques sobre a construção da fé e da devoção cristã

vivenciada no sudeste do Piauí, utilizando para isso, dados já publicizados (históricos) e a etnografia por meio de entrevista.

Figura 10 -Tórax feminino tipo umburana - coisa /ex-voto acervo do Senhor do Bonfim- Queimadas- Dirceu Arcoverde- PI.



Fonte: Acervo Pessoal, 2022.

Todo o enredo sobre a capela do Senhor do Bonfim nas Queimadas, caro leitor, está atrelada à devoção ao Senhor do Bonfim. Na seção anterior se traçou alguns conceitos que serão mais bem elucidados e aplicados neste aporte, porque o momento é de conhecer a religiosidade que se vivencia na área da capela por meio das rezas, benditos (cânticos) e entregas de objetos ex-votivos, há pelo menos 175 anos de forma ininterrupta, quando da construção da primeira casa de oração em 1848.

Conforme Moraes (2011), o sertão nordestino é marcado por uma religiosidade popular, manifestada por meio de rezas, benditos e incelências. Cânticos e orações que fazem parte do cotidiano de comunidades tradicionais, que atribuem sentidos a terços, novenas e ritos domésticos sob os mais diversificados tipos de funções, como afastar os males do tempo e do corpo, pedir ajuda para acalmar o vento, apaziguar desavenças, pedir chuva, afastar invejosos, rezas para o rito de passagem de

indivíduos do mundo dos vivos para o mundo dos mortos, e uma infinidade de situações.

Nessa situação, o que se observa é um místico de crenças, superstições, onde é possível perceber que o universo daquele que crê é um espaço circunscrito por diversas formas de apreensão do sagrado, resultando na forma como cada indivíduo usa e experimenta a fé, seja por meio de celebrações festivas ou penitências, visto que é preciso render sacrifícios para ser merecedor de graças. Como intermediários das relações entre as pessoas e Deus, há uma infinidade de santos, responsáveis por realizar as graças, tornando o impossível possível, por estarem em comunhão com Deus, por isso lhes rendem devoção e lhes retribuem por meio de ex-votos.

A religiosidade e a espiritualidade que tangenciam as pessoas em vivências corriqueiras, tendo que lidar com situação de medo, angústia, doença, pavor diante da situação de morte, quando recorrem ao sobrenatural para se livrarem desses sentimentos e obterem uma tranquilidade e sobrevivência, fornece os subsídios para atuação da religião, ou seja, um anteparo de salvação.

Eliade (2001) demonstra que para o homem religioso, o espaço não é homogêneo, está dividido em rupturas, quebras, há espaços qualitativamente diferentes dos outros, um espaço sagrado, que é, por consequência, forte e significativo, em detrimento de espaço profano, sem estrutura, nem consciência. O que permite depreender que o sagrado se apresenta para o homem religioso como a verdadeira realidade, o resto é o caos, ou seja, a ausência de sentido, profano.

Na manifestação do sagrado, enquanto *hierofania*, conforme Eliade (2001) se tem a possibilidade de organizar o caos e revelar o sentido da realidade, bem como, propõe um caminho de acesso até Deus, por meio de rituais, celebrações, por si capazes de instaurar dentro do tempo e espaços profanos, a vitalidade do sagrado, que é verdade e salvação.

Para Passos (2006), as diversas religiões se estruturam a partir dessa dicotomia entre o sagrado e o profano e oferecem aos fiéis a possibilidade de experimentá-la como um caminho de vida na busca do sentido mais profundo da realidade e, da sensibilização da salvação diante das precariedades da vida. Para isso, institucionalizam ritos, doutrinas de modo a uma aproximação com Deus.

Algumas religiões têm doutrinas mais rígidas, onde o descumprimento de qualquer dessas regras compromete a presença dentro do grupo e a própria salvação, outras são mais flexíveis, de modo que diferentes tipos de organização social, das

mais simples do modo antigo passando pelas sociedades fortemente hierarquizadas da Idade Média até as sociedades modernas, tem-se variações de tradições religiosas que operam no sentido do encorajamento das pessoas em suas experiências corriqueiras.

O sujeito busca a religião em momentos críticos, visto que o medo de perdas, de patologias e da morte impulsiona o humano em busca de um poder sagrado capaz de proporcionar ordem e significado em sua vida. A religião exerce a função de refúgio, no qual o sujeito encontra a possibilidade de salvação e cura, buscando, através da fé, sentidos para enfrentar as limitações impostas pelo caráter transitório da existência e suas eventualidades.

O cristianismo, como religião, tem suas raízes no judaísmo. Os registros mais antigos de sua origem datam de antes de 722 a. C., ano em que os assírios ocupam o território das tribos semitas que reconheciam Javé como único Deus, deportando grande parte desse povo. Posteriormente, sob o comando de Nabucodonosor, Jerusalém foi tomada, incendiada e alguns judeus foram levados ao cativeiro na Babilônia (PALHARES NETO, 2019).

Os judeus tiveram permissão para regressar à Palestina somente em 538, com a permissão de Ciro, rei da Pérsia. Durante séculos, e dispersos após a destruição de seu Templo pelos babilônios, aquele povo semita resistiu às diversas tentativas de aculturação e esquecimento de sua religião. Inúmeras foram, por exemplo, as tentativas de helenização e recorrente a pressão para o abandono do monoteísmo. Com o surgimento da Igreja Católica e da figura do papa, a religião cristã passou por uma série de reformulações e adendos de viés político, visto que o conflito com os pagãos em Roma atingiu o seu ponto máximo.

O cristianismo assumiu, a partir de então, a forma conhecida como catolicismo. O seu fortalecimento coincide com o declínio do Império Romano, e sua consolidação deve-se, sobretudo a Ambrósio, Jerônimo e Agostinho. Os dois primeiros foram líderes políticos e religiosos, o último, além da teologia, dedicou-se à filosofia, sobretudo a metafísica.

No Brasil a influência da religião católica se propagou no período colonial, mediante a presença de padres jesuítas e franciscano nos navios que aportaram durante a ocupação das terras, contudo, nos locais mais isolados, principalmente no interior do Brasil a assistência religiosa aos habitantes era prestada de forma esporádica. Até o final do século XVII, conforme Brandão (2004) era feita por jesuítas que

transitavam nos sertões de dentro. Assim, os estudos de religiosidade no Piauí colonial demonstram um elo importante entre o catolicismo popular e o catolicismo oficial, que estão imbricados e se autoalimentaram no decorrer do tempo.

No que concerne à formação religiosa piauiense, o catolicismo foi introduzido pelos colonizadores, a partir do sec. XVII, quando a missão evangelizadora civilizadora jesuíta impôs os princípios católicos aos nativos:

A formação histórica do Piauí pela forte presença dos missionários franciscanos e jesuítas. Como em todo Brasil, a Igreja Católica acompanhava as conquistas coloniais portuguesas através da evangelização e catequese dos índios e dos colonos [...]. Desse modo. A presença católica deixa sua arca religiosa na cultura piauiense desde as primeiras casas de fazendas. Seja no oratório particular, no quarto de oração ou na capela incorporada à fazenda, a devoção ao catolicismo se espalhou pelo sertão piauiense (LOPES, 2014, p.40-42)

Em consonância com Brandão (2004) a partir da década de 1660, com a missão Ibiapaba é que se iniciaram as incursões missionárias para a ação catequética em terras piauiense. Por isso, o catolicismo foi adaptado ao modo de vida da colônia. Pontuando que até 1697 não havia uma única igreja ou capela canonicamente erigida em todo o território do Piauí.

Entre os fatores enumerados para a falta de acompanhamento eclesiásticos nos mais diversos locais, Brandão (2004) assinala a falta de sacerdotes de origem local para exercer essa função, ainda que os dados quantitativos apontem que até a década de 1770 predominasse habitantes do sexo masculino no Piauí Colônia, não havia interesse pela vida sacerdotal.

Em conformidade com os postulados de Cunha (2015), a província do Piauí estava ligada eclesiasticamente ao Bispado Maranhão, mas com o passar dos anos a densidade demográfica foi se estendendo, e o censo realizado em 1829 continha mais de noventa mil de habitantes, provocando um descontentamento entre o povo que passava muito tempo se receber sacramentos, a existência de padres na província eram insuficientes para tender toda a população. Assim, começou a ser colocado em ação a separação da Piauí e Maranhão, corrida em 1837. Descrevendo o momento da separação oficial.

[...] o Dr. Miguel de Sousa Leal Castelo Branco, na sessão de setembro de 1822 das cortes portuguesas, em Lisboa, propôs ele e justificou, deputado pelo Piauí, diversas medidas relativas aos negócios da sua província, aas quais figurou a desanexação desta província da diocese do maranhão,

criando-se um bispado com sede na cidade de Oeiras. (CUNHA, 2015, p.107-108)

Depreende-se, pois, que a população piauiense nesta época se sentia desprovida de sacramentos, devido às longas distâncias a serem percorridas pelos padres, possibilitando à aproximação com os santos, que tinham em casa. Mesmo com a criação do novo bispado no Piauí, a religião católica era pregada nas comunidades distantes das freguesias, por meio de um sistema denominado de desobriga, onde era permitido que o padre visitasse essas comunidades tanto para pregar a eucaristia, como para celebrar casamentos, batizados, conforme Falci (1995, p.79) relata:

A população vivia isolada em suas fazendas por léguas umas das outras, só se dirigindo aos povoados por ocasião das festas religiosas. Era nas fazendas, muitas delas possuindo capelas, que se celebravam os batizados ou casamentos. [...] certamente os padres em suas desobrigas percorriam o sertão a cavalo, acompanhados de um ajudante, levando a hóstia consagrada para a extrema-unção dos moribundos, a água benta e os santos óleos para os batizados.

Desta forma, é possível entender que o catolicismo popular³⁰, se propagou no Brasil Colônia, em virtude da falta de assistência sacerdotal de forma mais regular, principalmente para os moradores rurais, e assim foi se constituindo um catolicismo menos ortodoxo, com uma linguagem própria e regras mais flexíveis no sentido dos sacramentos que requeriam a presença de um religioso para formalizá-los.

Para Mesquita (2015) a maior expressão da religiosidade do catolicismo popular é observada no culto aos santos. A devoção aos santos está presente na Igreja desde os primeiros séculos e está intimamente ligada às perseguições e o martírio sofrido pelos primeiros cristãos nos primeiros séculos. De que forma que as imagens dos santos está presente nos ritos do cristianismo desde os primórdios e surgiu como forma de recordação daqueles que antecederam na fé, e em vida passaram por momentos de sofrimento e humilhação por parte dos tiranos, sendo reconhecidos como mártires.

Destarte, a devoção aos santos chegou ao Brasil junto com o catolicismo e incorporados pelo catolicismo popular, sendo venerados principalmente pelos oprimidos que demoravam a receber os sacramentos do catolicismo oficial, um

³⁰“Catolicismo popular é o conjunto de práticas religiosas não reconhecidas ou não efetuadas pelo clero oficial, e vividas pelos leigos em geral, sejam eles de classes pobres ou ricas (SCHNEIDER, 1996 citado MARTINS e FREIRE, 2006, p.569)

distanciamento dos preceitos de Roma e do catolicismo tradicional entre outras questões influenciaram e muito na forma em que ele foi estruturado e vivenciado. Esses elementos levaram a constituição de um catolicismo popular, que dominou o Brasil (ROSENDAHL e CORRÊA, 2006).

Essa marca da presença católica é responsável pelo substrato cultural profundamente religioso que permanecerá, com modificações e interferências, na formação cultural do Piauí nas formas de religiosidade popular, nas práticas como na reza do terço, nas novenas, nas procissões, nos festejos e nas celebrações aos padroeiros de cidades do interior. (PINHEIRO e MOURA, 2009, p.18)

Os ritos cristãos ensinados pelos jesuítas logo encontraram as práticas populares. Os rituais católicos dialogaram com a devoção popular do culto as imagens, e, segundo Gilberto Freire, a tendência à coexistência de diversas expressões religiosas na colônia deve-se a “plasticidade social, maior no português que em qualquer outro colonizador europeu” (FREIRE, 2006, p.265).

Assim, os cultos cristãos se mesclaram aos costumes populares, às imagens dos santos, às novenas, “as procissões e pagamentos de promessas com a produção de ex-votos, capelas e altares domésticos” (PINHEIRO e MOURA, 2009, p. 25).

Com a mescla cultural religiosa um dos aspectos que se difundiu na colônia foi à presença marcante de altares domésticos, nas casas. Como ainda pode ser visto atualmente, há a presença do sagrado através das imagens de santos e dos terços. Para Mott (1997), no Brasil colonial, seguindo o costume português, desde o despertar o cristão se via rodeado de lembranças do reino dos céus.

Na parede contigua a cama via sempre um símbolo visível da fé cristã: um quadrinho ou caixilho com gravura do santo anjo da guarda ou santo onomástico; uma pequena concha com água benta; o rosário dependurado na própria cabeceira da cama. (MOTT, 1997, p.54) Mott avalia que a presença constante da fé informa a importância da oração para os ibéricos.

A oração é considerada a base da espiritualidade da fé cristã e se tornou presente na devoção popular seja em forma de organizações de fé como as Irmandades no século XIX ou como prática particular de uma comunidade, sejam elas novenas ou reza dos terços. O Piauí historicamente foi constituído como um espaço de devoção. Encontramos diversas manifestações culturais significadas nos usos populares, um desses espaços está forjado na Igreja de Nossa da Vitória, na cidade de Oeiras.

No sertão nordestino a devoção se inicia em lugares inusitados, embaixo de uma árvore, porta de cemitério, beira da estrada ou em lugares inóspitos onde a fé toma forma pela ação de almas milagrosas que pelo martírio alcançaram a graça e vem ao socorro de seus devotos. O sagrado pode manifestar-se ainda em objetos milagrosos que funcionam como instrumento de mediação do milagre passando então a funcionar como prova material da presença e intervenção divina, pois assim atestam seus devotos ao serem questionados sobre os poderes milagrosos de seus objetos de devoção.

No sertão nordestino o sagrado se manifesta na fertilização da terra, na cura de doenças e ainda ajuda a encontrar animais perdidos, quando há uma divindade que intervém na resolução dos problemas diários, sejam os mais corriqueiros possíveis, ou mesmo às curas de doenças já desacreditadas pelas práticas científicas da medicina especializada.

De forma, que é num local de peregrinação atrelada a fé católica, em ritos de catolicismo institucionalizado e o popular, junto aos ritos de celebrações ao Senhor do Bonfim, que se originou o povoado Queimadas, o qual só se torna significativo dentro do cenário de Dirceu Arcoverde-PI, cidade sede, em virtude da quantidade de pessoas que anualmente participam dos rituais de pagamento de promessa nesse local, onde se tem as celebrações em honra ao Senhor do Bonfim no mês de agosto, com a realização de entrega conjunta de ex-votos ou de forma individual no dia que o devoto escolhe para ir ao local depositar o seu objeto, rezar e pedir bençãos.

Conforme dados históricos - Livro da família Ribeiro (1996), o início do povoado Queimadas data do início do século XIX, quando a família Ribeiro originária da ilha da Madeira, possessão portuguesa no meio do Oceano Atlântico, aportou em terras piauiense.

Nessa ocasião, três irmãos Ribeiro percorrendo o rio Parnaíba adentraram o sertão do Piauí em busca de terras boas para a criação de gado, atividade predominante no estado naquela época. Sendo escolhidos três locais com a presença de fonte d'água: 1- as terras do povoado Queimadas, perto da divisa com o estado da Bahia, nas cabeceiras de um riacho tributário do rio São Lourenço, hoje, dentro dos limites territoriais do município de Dirceu Arcoverde; 2- terras de Jurema, nas nascentes do rio Piauí, próximo a Caracol; 3- povoado Macacos, lugarejo próximo a São Raimundo Nonato- PI.

Consultando Ribeiro (1996, p.107) tem-se a informação sobre a origem da família Ribeiro em Portugal:

A nobreza desta família procede de D. Fuella II, advinda por linha direta de D. Ramiro I, rei de Castela, família de leais escudeiros do rei, conselheiros da Casa Real, governadores. Teve em D. Rodrigo Paes Ribeiro que foi do Conselho de Gaia, Governador de terras além-mar e da Ilha da Madeira, seu mais destacado membro. Por tantos serviços prestados à Coroa Portuguesa, foi lhe concedido o Brasão das Armas por D. Afonso III, rei de Portugal.

Depreende-se, pois, que a família Ribeiro descendia direto de portugueses, guardava traços lusitanos tanto na cor da pele, quanto nos padrões culturais, e os queimadeiros se tornaram o maior grupo familiar entre os que se instalaram no sudeste do Piauí.

A designação do local como Queimadas ocorreu devido a prática de queimar a Macambira (*Bromelia laciniosa*) para alimentar o gado no período de estiagem, seca prolongada do semiárido nordestino. De acordo com a sabedoria popular, essa planta serve como um composto alimentar, mas devido à grande concentração de espinhos é necessário queimá-la para que o gado possa ingeri-la sem causar danos ao tubo alimentar dos animais. Na área se praticava a pecuária extensiva, gado solto, como se observa em fragmento do livro da família Ribeiro:

Nesta região de longas datas, o gado se alimentava com a vegetação nativa existente. Nas secas rigorosas faziam-se queimadas nas áreas infestadas de macambira, uma bromélia cujo bulbo é excelente suplemento alimentar para o gado. Era a região das queimadas, como ficou sendo chamada até os dias atuais. (RIBEIRO, 1996, p.109-110).

Por esta mesma fonte, consta que o irmão Ribeiro que ocupou as terras de Queimadas foi Raimundo Ribeiro Soares, que chegou ao local por volta de 1830 juntamente com sua esposa Maria Ribeiro Soares, e tiveram seis filhos, o primogênito se tornou um fazendeiro respeitado, o Chiquinho das Queimadas.

Francisco, conhecido como Chiquinho das Queimadas era o primogênito de Raimundo e Mariazinha (...) pelo seu trabalho e aguçada sensibilidade administrativa, tornou-se um grande fazendeiro, conhecido e respeitado naquelas paragens. Seu nome chegou à capital do estado como um dos maiores pecuaristas. Possuía 14 fazendas de gado e amansava 900 a 1000 bezerros por ano e 400 a 500 poldros (RIBEIRO, 1996, p.113).

O processo de ocupação do povoado a partir da expansão da pecuária extensiva coaduna com os dados da história oficial para a ocupação do estado do Piauí,

quando se pondera que, em meados do século XVI, iniciaram as penetrações do homem branco no Piauí, o que perdurou até o início do século XIX, quando numerosas expedições foram organizadas, com a finalidade de expulsar os indígenas de suas terras e escravizá-lo nas fazendas de gado e reduzi-lo em aldeamentos.

Segundo Oliveira (2007) a colonização do sudeste do Piauí pode ser considerada tardia, as terras eram ocupadas inicialmente por indígenas, que se viram coibidos violentamente a se dispersarem do local para este ser ocupado pelas fazendas destinadas a criação de gado. O projeto aqui implementado pode ser dividido em duas etapas, a primeira ocorreu durante o final do século XVII e início do XVIII em decorrência da chegada dos sertanistas provenientes do São Francisco, e posteriormente com a ampliação das áreas para fazendas de gado no século XVIII. Podemos associar as fases propostas inicialmente ao que ocorria em âmbito religioso, que foi de primordial importância para que as empreitadas de colonização e povoamento fossem efetivamente concretizadas.

No primeiro momento podemos destacar que coincide exatamente com parte do período de atuação jesuítica, de encontro com os indígenas e formação de aldeamentos/povoações. Na segunda fase, como citado, se deu essa expansão pecuarista resultando numa ocupação mais efetiva, com formação de núcleos populacionais e fazendas, na segunda metade do século XVIII os jesuítas foram expulsos e implantada a política de Pombal.

É importante aclarar que durante o período Colonial, ainda de acordo com Oliveira (2007), no território onde se situa hoje os municípios de São Raimundo Nonato, Coronel José Dias, Dirceu Arcoverde, e outros do entorno houve muitas lutas travadas entre colonizadores e indígenas "visando a limpeza das terras" para a implantação de fazendas de gado, a escravização, o apoio nas guerras contra outros indígenas e a redução.

As fazendas constituíam o principal móvel de ocupação do espaço piauiense, sendo que, desde 1697, vinte anos depois dos primeiros sertanistas terem penetrado no interior do Piauí, havia sido constatada a existência de 129 fazendas de gado e 153 sítios às margens dos rios e lagoas, com uma sociedade, de certa forma, organizada (CARVALHO *apud* ENNES, 1938).

Conforme Melo (1991), os jesuítas, logo no mesmo ano da morte de Domingos Afonso Mafrense³¹, tomaram posse das fazendas sendo o primeiro administrador o padre Manuel da Costa. O reitor do Real Colégio da Bahia era o jesuíta italiano João Antônio Andreoni. Quando o jesuíta padre Manuel da Costa chegou ao Piauí, para tomar posse das fazendas, o patrimônio já estava sendo distribuído entre os filhos naturais de Domingos Afonso Mafrense, destacando-se Agostinho e Vidal Afonso Sertão, personagens que foram citados, em 1769, como proprietários de fazendas no Sudeste do Piauí. Sendo que o processo do inventário durou cinco anos.

Para Oliveira (2009), a região sudeste do Piauí não era propícia à monocultura da cana de açúcar, diferentemente das inúmeras cidades do litoral nordestino, que tiveram sua economia baseada nesse tipo de cultivo, visto as chuvas escassas e o solo relativamente pobre. Por outro lado, era uma área favorável ao desenvolvimento da pecuária extensiva que foi praticada até o final do século XIX, quando a seca constante e as dificuldades de transporte acentuaram-se, causando a decadência dessa atividade, e iniciou-se a agricultura de subsistência.

Durante o processo de colonização do estado, os padres jesuítas representaram importantes agentes de propagação da fé católica de forma impositiva, formando grande núcleos, primeiro se erigia o templo, depois se instalava as freguesias, próximas as fazendas, mas não podiam se deslocar para todos os locais, porque havia longas distâncias entre as freguesias, impossibilitando que a população pudesse receber todos os sacramentos. Em consonância com Mota (2018), as pessoas começaram a fazer suas orações em espaços domésticos, fazendo surgir oratórios para abrigar os santos de devoção, onde realizavam a reza do terço e a novena (09 dias consecutivos de orações que antecedem o dia da celebração do santo, conforme calendário católico), quando a maioria dos santos são festejados no dia da morte porque é o momento que ganham a sacralidade).

Por conseguinte, em meio às mazelas de uma vida de sacrifícios e sofrimentos para enfrentar as secas no sertão, o sertanejo recorre às crenças para ajudá-lo a vencer as adversidades diárias, e amparados sob a perspectiva de bons invernos para permitir boas colheitas e alimentação para o rebanho bovino, que foram no

³¹“Bandeirante português, cujas incursões pelo interior do Brasil lhe renderam a alcunha “Sertão”, foi o descobridor e povoador da região centro-sul do Piauí. Perseguiu e dominou vários povos indígenas, entre eles, os Gueguê, desde o São Francisco até o Piauí, na entrada que participou com Francisco Dias D’Ávila, da Casa da Torre, já tendo como objetivo a conquista do território para o estabelecimento das fazendas de gado (LEITE, 1945, p. 551).

decorrer dos anos sendo substituídos pelos caprinos e ovinos que resistem com maior vigor às secas prolongadas do período de estiagem, que se tem uma intensificação do místico de fé e crendices populares, na área das Queimadas.

3.2 CORAÇÃO COMPLETO- DEVOÇÃO DO SENHOR DO BONFIM, NAS QUEIMADAS-PI.

Para compor a analogia traçada no início desta temática corpo, a menção ao órgão coração (**Figura 11**) nesta abordagem, serve para demonstrar a vitalidade necessária ao corpo, para Leloup (1998), o coração é responsável por irrigar todos as demais parte do corpo com sangue, mantém a temperatura do corpo constante, realiza as trocas gasosas do sangue, e de forma metafórica é a fonte dos sentimentos, por isso compará-lo a esta seção é entender a importância do início e a tradição da devoção religiosa na área das Queimadas, como fio condutor de toda a fonte de permanência dos ritos de pagamento de promessa por meio da entrega dos ex-votos.

Figura 11 - Coração completo em madeira tipo umburana – coisa/ex-voto da área do Senhor do Bonfim- Queimadas- Dirceu Arcoverde- PI.



Fonte: Acervo Pessoal, 2022

Antes de apresentar as informações sobre o contexto ocupacional e devocional da área das Queimadas, assinalo que as informações que compõem esta seção referem-se a dados de fontes históricas e outros etnográficos obtidos por meio de

entrevista, sendo a minha principal interlocutora a Senhora Sebastiana, por isso, convém uma breve descrição sobre ela.

Sebastiana da Costa Souza é a atual zeladora da capela, sendo a responsável por guardar as chaves da capela e manter o espaço interno organizado. O primeiro contato com ela ocorreu em abril de 2022, por intermédio da Sra. Janeide de Sousa Mota, moradora de Dirceu Arcoverde, que me conduziu de Dirceu até as Queimadas. Sebastiana nasceu em um povoado de Dom Inocêncio, mas veio morar no município de Dirceu Arcoverde após o casamento, tem dois filhos, e passou a residir nas Queimadas, após a morte de sua mãe Arlinda. Essa foi a penúltima zeladora, tendo falecido mediante um acidente ao cair do altar da capela das Queimadas quando estava fazendo a limpeza. Na queda sofreu um corte na cabeça e veio a óbito.

Outro contato importante foi com uma das herdeiras da família Ribeiro, Edvaldina Ribeiro, que mora em São Raimundo Nonato-PI, passando o contato de Margareth Ribeiro que disponibilizou o Livro da Família Ribeiro, que conta a história de ocupação das Queimadas.

Outrossim, conversei com a pesquisadora Kayla Mota, uma moça de 35 anos, natural de Dirceu Arcoverde, que trabalhou com a área em sua monografia em História pela Universidade Estadual do Piauí, em 2008.

É num cenário simples de paisagem semiárida, com poucas residências, no sertão piauiense, que as práticas devocionais do Senhor do Bonfim ganham sustentação, especificamente no povoado Queimadas, onde se erigiu a Capela em honra ao Santo.

Essa paisagem que já serviu de inspiração para poetas e cantadores, quando se menciona a simplicidade do sertão nordestino, retratada em músicas de Luiz Gonzaga, e que é o cenário do romance, *Ataliba, o vaqueiro*³², de Francisco Gil Castelo Branco, para citar um exemplo de sertão no Piauí, continua a influenciar de forma contundente a vivência cotidiana do piauiense, afetado no decorrer dos anos pelo fenômeno da seca e suas implicações.

De forma que, é importante mencionar as características ambientais do povoado Queimadas, porque permite a observância das mudanças ocorridas desde o

³², A obra precursora do romance regionalista e sua principal temática é a seca, no sertão do Piauí, publicado em forma de folhetim nos anos de 1878, onde um grupo de retirantes sai em busca de outros lugares para viverem, em meio ao amor do casal Ataliba e Teresinha que resistem de sair de seu local por causa da mãe de Teresinha, Deodata (CASTELO BRANCO, s/d)

povoamento em meados do sec. XIX pela família Ribeiro até o momento atual. Geograficamente está localizado no ponto central de coordenadas UTM 0787856 8964842, elevações de 447 m, dentro dos limites territoriais do município de Dirceu Arcoverde -PI, anteriormente foi conhecido como Bom Jardim.

O córrego que perpassava o local, tributário do rio São Lourenço, que serviu de indicativo para o Ribeiro, Raimundo Ribeiro Soares, se fixar com a família, hodiernamente, apresenta-se assoreado e praticante seco, e somente no período das chuvas, a depender do volume de água, consegue transbordar e passar algum fio d'água no riacho que corta a estrada de acesso ao povoado.

A escassez de chuva que afeta a região, no decorrer dos anos, é responsável por tornar o espaço do povoado ainda mais simbólico em relação à busca por graças e pagamento de promessas, uma vez que lembra um lugarzinho fora da atmosfera urbana, com muito silêncio, onde se sobressai a capela em ponto central, um subterfúgio para consolar os que buscam graças e renovação de fé, com a entrega dos ex-votos/coisas.

O acesso principal às Queimadas ocorre pela rodovia PI-140, sentido Dirceu Arcoverde-PI a Remando -BA, com pavimentação asfáltica por uma distância de 3,5 Km e até a placa de identificação Santuário Senhor do Bonfim - Queimadas, segue à esquerda em estrada sem pavimentação, de chão, por mais 2,4 km até o local da capela, com um cruzeiro à frente. (**Figura 12**)

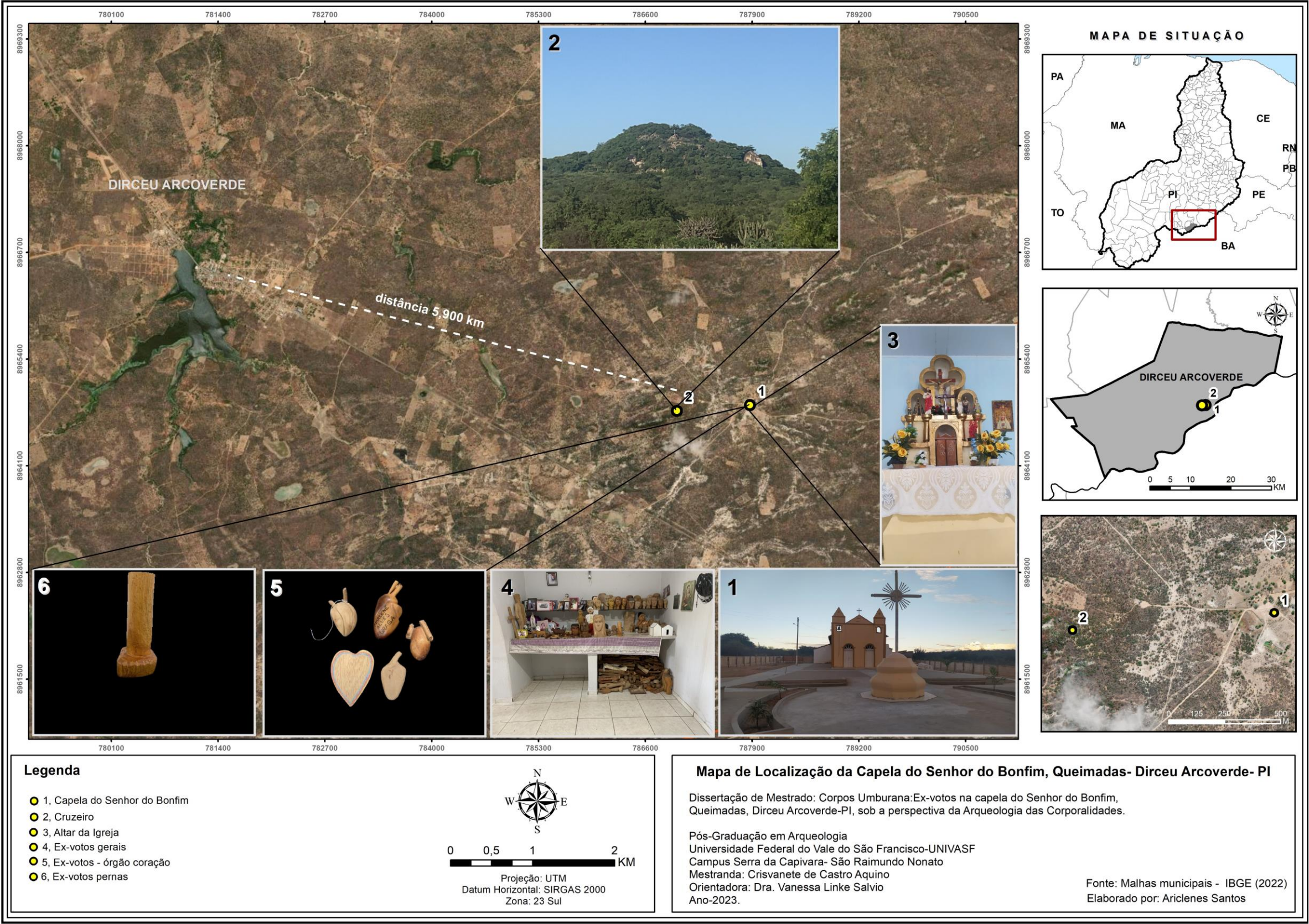
Figura 12 - Devotos do Senhor do Bonfim, seguindo a pés de Dirceu Arcoverde até as Queimadas.



Fonte: Acervo pessoal, 2022.

Além da capela (que abriga os ex-votos/coisas) e algumas residências de fachadas vernaculares, a uma distância de 300m em linha reta da capela, tem-se um pequeno morro, onde foi fixada uma cruz, que alguns devotos se empenham em subir para rezar e agradecer pelas graças alcançadas. Essas informações compõem mapa de localização (**Figura 13**), de forma a substanciar a descrição do local onde se pratica as atividades devocionais, e que integra o fluxo de ações dos ex-votos.

Figura 13 - Mapa de Localização da Capela do Senhor do Bonfim, Queimadas, Dirceu Arcoverde- destaque para o acervo de ex-votos

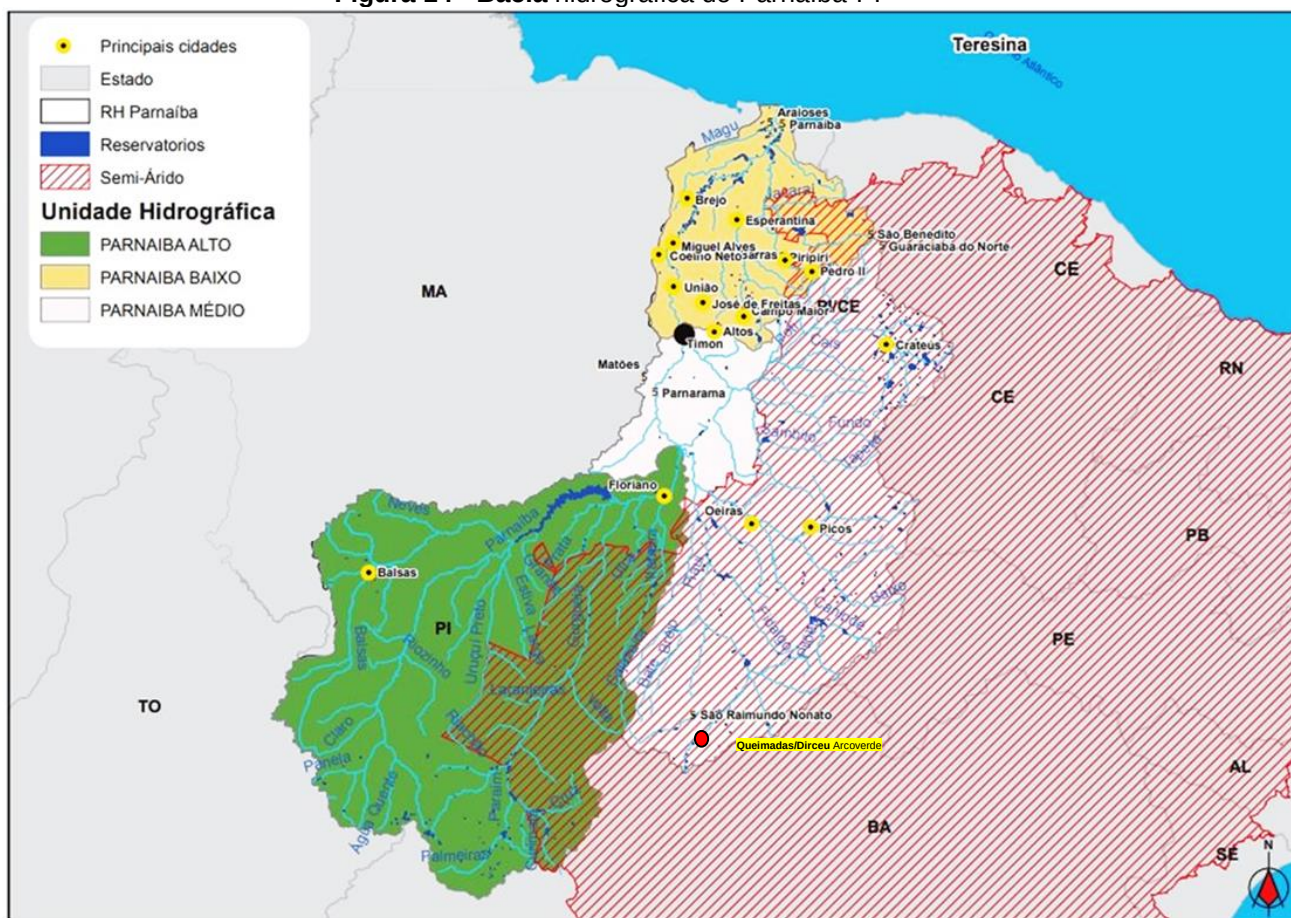


Fonte: Acervo pessoal, 2022, elaborado para esta pesquisa por Santos, 2023.

Corroborando a informação sobre o contexto climático semiárido do povoado Queimadas, informa-se que está inserida no zoneamento ambiental caracterizado como Polígono da Seca, o qual apresenta um regime pluviométrico marcado por extrema irregularidade de chuvas, no tempo e no espaço, ocasionando a escassez de forma generalizada. O que se constitui num entrave ao desenvolvimento socioeconômico e compromete a sobrevivência da população (AGUIAR, 2004)

Em termos hidrodinâmicos esse povoado, por estar localizado nos limites territoriais do município de Dirceu Arcoverde PI, insere-se dentro da Bacia Hidrográfica do rio Parnaíba (**Figura 14**), caracterizada como a segunda mais importante do Nordeste, estendendo-se por três estados (Piauí, Maranhão e Ceará), em que se destacam em sua malha hidrográfica, além do rio Parnaíba, os rios Balsas, Gurgueia, Canindé, Poti e Longá com área de drenagem de aproximadamente 331.000 km² dos quais aproximadamente 75% correspondem a áreas do estado do Piauí, (CODEVASF, 2016).

Figura 14 - Bacia hidrográfica do Parnaíba-PI



Fonte: (CODEVASF, 2016)

Atesta-se que a porção piauiense da bacia tem grande parte de sua superfície caracterizada pelo clima semiárido, sendo constantes os períodos prolongados de estiagem, especialmente nas sub-bacias dos rios Canindé e Poti.

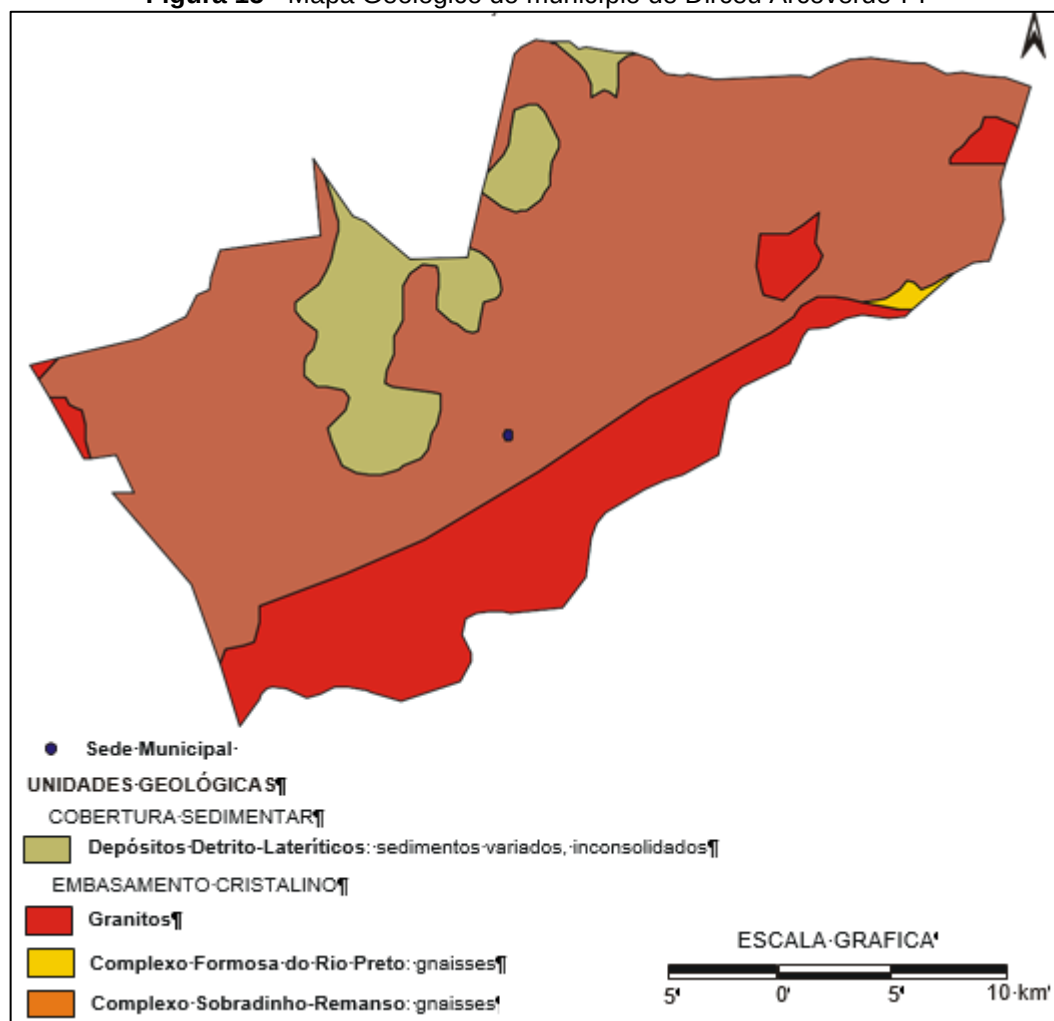
Nesse sentido, destaca-se que as condições climáticas do povoado Queimadas, município de Dirceu Arcoverde- PI apresentam temperaturas mínimas de 20°C e máximas de 38°C, com clima semiárido, quente e seco. A precipitação pluviométrica média anual é definida no Regime Equatorial Continental, com isoietas anuais em torno de 500 mm e trimestres janeiro-fevereiro-março e dezembro-janeiro-fevereiro como os mais chuvosos. Apresenta elevada deficiência hídrica (IBGE, 2017).

Hidrologicamente a área da Bacia do Parnaíba foi subdividida em seis regiões hidrográficas, conforme Plano Nacional de Recursos Hídricos, sendo que o município de Dirceu Arcoverde e por extensão do povoado Queimadas pertence a área de número, IV, Canindé/Piauí, correspondendo à sub-bacia do rio Canindé, cujo principal afluente é o rio Piauí, onde são observados os maiores déficits hídricos da bacia do Parnaíba no estado do Piauí (AGUIAR, 2004), visto em muitos pontos o rio Piauí encontra-se assoreado e em regime temporário, com água apenas no período das chuvas.

Os principais cursos d'água que drenam o município de Dirceu Arcoverde do Piauí são os riachos do Pedregulho, Cavaleiro e Seco, que em épocas passadas desaguavam no rio São Lourenço afluente do rio Piauí.

No município distinguem-se dois domínios hidrogeológicos: as rochas cristalinas e os depósitos detríticos-lateríticos. As rochas cristalinas representam o que é denominado comumente de “aquífero fissural” e representam cerca de 95% da área total do município. Compreendem rochas pré-cambrianas englobadas nos complexos Formosa do Rio Preto e Sobradinho-Remanso, representados litologicamente por gnaisses. A unidade Depósitos Detríticos-Lateríticos corresponde a sedimentos inconsolidados que afloram em manchas isoladas. Uma constituição litológica desfavorável ao armazenamento de água subterrânea (AGUIAR, 2004)

No que concerne ao contexto geológico (**Figura 15**), o município está representado por rochas pré-cambrianas pertencentes ao Embasamento Cristalino, que ocupa cerca de 90% da área total, constituído por gnaisses pertencentes aos complexos Sobradinho-Remanso e Formosa do Rio Preto. As coberturas sedimentares estão compostas por sedimentos variados, inconsolidados, pertencentes aos Depósitos Detrito-Lateríticos, com sedimentos arenosos, areno-argilosos e laterítico.

Figura 15 - Mapa Geológico do município de Dirceu Arcoverde-PI

Fonte: AGUIAR (2004)

As características geomorfológicas referenciam as formas de relevo que compreendem, nesta região, principalmente, superfícies tabulares reelaboradas (chapadas baixas), relevo plano com partes suavemente onduladas e altitudes variando de 150 a 300 metros; superfícies tabulares cimeiras (chapadas altas), com relevo plano, altitudes entre 400 e 500 metros, com grandes mesas recortadas e superfícies onduladas com relevo movimentado, encostas e prolongamentos residuais de chapadas, desníveis e encostas mais acentuadas de vales, elevações (serras, morros e colinas), com altitudes de 150 a 500 metros (JACOMINE et al, 1986).

Desta feita, na região de Dirceu Arcoverde, onde fica localizado o povoado Queimadas, os solos são provenientes da alteração de arenitos, gnaisses e migmatitos, predominando os tipos latossolos álicos (amarelos) e distróficos de textura média a argilosa.

Os latossolos amarelos distróficos são solos bastante uniformes em termos de cor, textura e estrutura; são profundos e muito profundos, bem drenados, com predominância de textura argilosa e muito argilosa. Apresentam sequência de horizontes A e Bw, com predomínio do horizonte superficial do tipo A moderado e proeminente e, raramente do tipo húmico; baixa fertilidade natural, com baixa soma de bases; teores muito baixos de fósforo assimilável e reação forte a moderadamente ácida. Em sua grande maioria ocorrem com uma coesão nos horizontes subsuperficiais, que podem restringir o desenvolvimento das raízes (OLIVEIRA NETO e SILVA, 2011).

Por fim, a cobertura vegetal é constituída pelo bioma Savana Estépica Arborizada, em sua maioria, formada por tipologias campestres, com estrato lenhoso decidual e espinhoso, climas marcados por dois períodos secos anuais e período de chuvas que variam de intermitentes a torrenciais sendo esta última muito inconstante.

Dentre os espécimes dessa formação vegetal, destacam-se: *Croton sonderianus* (Marmeleiro), *Caesapinia bracteosa* (Pau de rato), *Anadenanthera macrocarpa* (Angico), *Mimosa spp* (Jurema branca), *Tabebuia spongiosa* (Pau de casca), *Piptadenia obliqua* (Angico de bezerro), *Cenostigma gardnerianum* (Canela de velho), *Manihot caerulescens* (Maniçoba), *Bursera leptophloeos* (Umburama vermelha), *Amburana cearenses* (Umburana de cheiro). *Caesalpinhia bracteosa* (Catingueira), *Tebebuia impetiginosa* (Pau d'arco roxo), *Cróton sonderianus* (Marmeleiro) e *Neoglaziovia variegata* (Caroá).

Compilando essas especificações ambientais, assinala-se que o povoado Queimadas apresenta em sua porção central uma planimétria regular, trecho de chapada baixa, com a presença de bordas de relevo suave a médio ondulado, nas faces Oeste e Leste, com a formação de depósitos detritos lateríticos, que ocasiona o soerguimento de rochas sedimentares areníticas e alguns afloramentos em gnaisses, rochas pré-cambrianas pertencentes ao Embasamento Cristalino. Observa-se vegetação caatinga no entorno. Próximo à capela tem algumas figueiras e pés de ninhos que foram plantados para servir de sombra aos devotos nas celebrações campais dos festejos do Senhor do Bonfim.

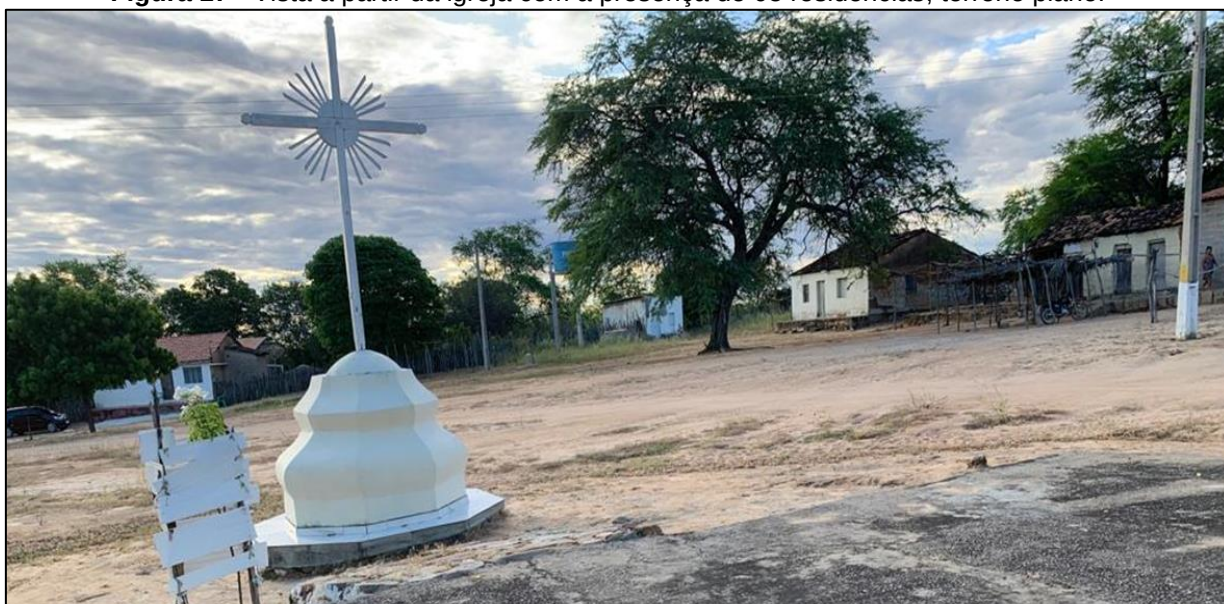
Na porção oeste, encontram-se 05 residências de alvenaria com telhado de duas águas, fachadas simples.

Figura 16 - Vista da igreja em posição central no povoado Queimadas



Fonte: Acervo Pessoal, 2022.

Figura 17 - Vista a partir da igreja com a presença de 05 residências, terreno plano.



Fonte: Acervo Pessoal, 2022.

Em posição estratégica de frente à capela, numa distância de 350 m observa-se afloramentos rochosos pertencente à formação Embasamento Cristalino, formada por rochas sedimentares areníticas e gnisso, onde os devotos colocaram uma cruz, símbolo católico, formando um ponto de devoção, que se conceitua como cruzeiro. Essa área foi assinalada no mapa de localização (**Figura 13**), contudo, insiro mais uma foto do Cruzeiro para reforçar a localização geográfica e os elementos geomorfológicos e culturais que formam a paisagem do povoado Queimadas.

Figura 18 - Cruzeiro no alto de morro, próximo a Capela do Senhor do Bonfim, nas Queimadas-PI



Fonte: Acervo Pessoal, 2022

Em outro ponto de afloramento rochoso próximo a área da capela, contudo, em trecho não visível a partir da capela, em média 500m, tem-se a informação sobre a realização da primeira manifestação religiosa católica nas Queimadas- primeira missa, conforme dados etnográficos obtidos em documentário do Culturat- 2013³³, por meio de uma entrevista com um dos herdeiros da família Ribeiro - Abílio Leonardo da Costa, (neto de Raimundo Ribeiro Soares- primeiro morador) concedida no ano de 2013, citado por Mota (2018).

Naquela ocasião, Sr. Abilio informou que ouvia dizer que a devoção nas Queimadas iniciou com o Frei Henrique em meados do séc. XIX, que saiu de Juazeiro da Bahia em missão e passou por ali, e como precisava de um local para fazer uma pregação, lhe foi apresentado um salão feito pela natureza, monumento natural no povoado, uma espécie de Toca.

Nesse local se observa duas rochas areníticas sobrepostas, que serviram como primeiro ponto de referência para as celebrações religiosas, dando início a devoção no local.

³³Disponível no canal do youtube: Festejos de Senhor do Bonfim - Queimadas - Dirceu Arcoverde-PI. <https://www.youtube.com/watch?v=sySdh5PO31A>, acessado em maio de 2022 e janeiro de 2023. O Senhor Abílio faleceu em 2016, por isso, os dados aqui expostos foram recolhidos junto a outras fontes, documentário realizado pelo grupo de cultura, Culturat (2013), Mota (2011) e Mota (2018).

Figura 19 - Rochas em arenito formando um pequeno abrigo – local da primeira missa no povoado de Queimadas-PI.



Fonte: Acervo Pessoal, 2023.

Uma informação relevante no relato do Sr. Abílio é a menção a Frei Henrique na região, com um precursor dos ritos católicos no local. Dentro da história construtiva de templos religiosos na região Sudeste do Piauí tem-se uma página destinada a um Frei Henrique, sendo responsável pela construção de igrejas coloniais, analisados por Maia (2021), quais sejam: de São Raimundo Nonato (1876), de São João do Piauí (1875) e de Dom Inocêncio (1870).

Em observância à data de 1870, assinalada por Damasceno (citado por MAIA, 2021) para a chegada de Frei José Henrique Cavalcante no sertão do Piauí, pode-se inferir que o Frei Henrique que esteve nas Queimadas é outro, porque essa passagem ocorreu em 1848, quando tem o início da devoção ao Senhor do Bonfim neste local, conforme Ribeiro (1996) e fontes etnográficas de entrevistas via documentário (2013).

Outra concepção sobre a origem do culto ao senhor do Bonfim nas Queimadas, conforme Mota (2018) e fontes etnográficas, indica que um certo grupo de viajantes tipo ciganos oriundos de Alagoas, passaram pela comunidade na primeira metade do séc.XIX e deixaram uma imagem de Senhor do Bonfim com a família Ribeiro (Sr. Raimundo e esposa). Essa estátua era confeccionada em marfim e tinha uma pedra de rubi logo abaixo das inscrições (INRI) sigla em latim que corresponde a *Iesus Nazarenus Rex Iudeum* (Jesus Nazareno, Rei dos Judeus). Naquele episódio,

informaram que estavam em viagens e quando retornassem levariam a estátua de volta, mas a viagem de regresso não ocorreu, e o casal começou as celebrações em honra ao Senhor do Bonfim.

No início, as celebrações ocorriam na própria residência do casal, mais tarde construíram uma pequena casinha de oração no mesmo local onde se tem a construção da capela atual datada de 1898, como um marco da construção inscrita na fachada em consenso com Ribeiro (1996). Entretanto, não consta informação sobre a construção da capela em Livro Anuário Católico³⁴ consultado no Centro Diocesano de São Raimundo Nonato.

3.2.1 Coração Conectado- A origem do culto ao Senhor do Bonfim no Brasil

Abri este subitem porque considero importante conhecer a origem do culto ao Senhor do Bonfim para esta pesquisa, visto que ele é responsável pela formação das materialidades em estudo, os ex-votos, entregues como forma de agradecimento pelos devotos agraciados pelos milagres de cura. De sorte que o nomeei enquanto coração conectado, numa alusão que constitui a conexão do sangue entre as parte do corpo, mantendo o organismo vivo, no caso biológico, e para o culto ao Senhor do Bonfim é a conexão entre as intencionalidades dos devotos ao pedirem às graças e a fabricação dos ex-votos que mantem viva a continuidade da devoção ao Senhor Bonfim (**Figura 20**)

³⁴. Livro de registro de todas as paróquias que compõem a Diocese de São Raimundo Nonato. Consultado em maio de 2022.

Figura 20 – Coração conectado pelo fio de nylon- coisa /ex-voto acervo do Senhor do Bonfim- Queimadas- Dirceu Arcoverde- PI.



Fonte: Acervo Pessoal, 2022.

No que se refere à tradição de culto ao Senhor do Bonfim de forma geral, fontes históricas assinalam que a origem das referências devotivas teve origem em Setúbal, Portugal, quando uma imagem de Cristo crucificado de braços abertos foi encontrada flutuando nas águas do Rio Sado, em meados de 1670. Este foi um advento sagrado, com a alusão a Cristo em ascensão aos céus, cuja imagem era merecedora de um 'bom fim' quando foi erigido um Santuário ao Santo (IPHAN,2013)

O culto ao Senhor do Bonfim foi introduzido no Brasil em meados do século XVIII, sendo atribuído ao capitão de mar e guerra da Marinha portuguesa Theodósio Rodrigues de Farias, que viajando em 1745 para a província da Bahia, e sofrendo durante a viagem variações em sua nau, fez a promessa de que, chegando a salvo à cidade de Salvador, construiria uma igreja num local alto, aonde as pessoas que chegassem pelo mar, da Baía de Todos os Santos, pudessem avistar o templo (IPHAN,2013)

Ainda em consonância com Oliveira (2009), o capitão, pela grande devoção que tinha ao Senhor do Bonfim, através da imagem que se venerava em Setúbal (sua cidade natal), em Portugal, trouxe de Lisboa uma semelhante àquela, medindo 1,06 de altura, e, compondo o conjunto escultórico, um aparelho de prata (com barra decorativa, ponteiros, cartela com inscrição INRJ, resplendor, cravas com pedras preciosas, coroa de espinhos, mandorla e uma pequena placa onde se lê “feita no ano de

1853, sendo thesoureiro Manoel Martins Torres”, e, com permissão do Arcebispo Dom José Botelho de Matos, fê-la colocar e expor à adoração dos fiéis.

Figura 21- Imagem trazida de Portugal, na igreja do Senhor do Bonfim-BA



Fonte: Foto: Marcelo Reis, 2010 in IPHAN, 2013.

O motivo principal de Thedósio foi eternizar a graça (um ex-voto) de não ter morrido no naufrágio da embarcação que o trazia de Portugal à Bahia” (IPHAN,2013). Deste modo, a imagem do Senhor do Bonfim é um ex-voto entregue por Thedósio que juntamente com outros portugueses, fundou uma irmandade, chamada Devoção de Nosso Senhor do Bonfim, na Igreja da Penha, também na Cidade Baixa de Salvador.

Por isso, foi escolhido a colina de Montserrat para a construção da igreja, segundo Oliveira (2009), devocionalmente aclamada pelo soteropolitano com “Colina Sagrada” passou a ser chamada Colina do Bonfim. O templo passou nove anos para ser construído, quando em 1754 a imagem do Senhor do Bonfim foi alocada no templo, antes disso, ficou recolhida no palácio arquiépiscopal de veraneio, na Igreja da Penha em Itapagipe.

O conjunto arquitetônico da Penha havia sido recentemente construído (1741) e incluía a residência de verão do arcebispo e a capela, sendo assim conhecido como Palácio do Arcebispo. Serviu ainda de moradia para o arcebispo Dom José Botelho de Mattos (IPHAN, 2013).

Devido a influência do capitão Teodósio na sociedade, as classes mais abastadas da época passaram a ir às celebrações todas sextas-feiras, enviando os seus escravos na quinta-feira para realizarem a lavagem da igreja. Assim a devoção ao Senhor do Bonfim foi se concretizando, sendo cultuado às sextas-feiras (IPHAN, 2013).

Entretanto, há controvérsia sobre a sua parcela de ajuda na construção da igreja. José Eduardo Freire de Carvalho Filho, tesoureiro da irmandade entre 1884 e 1934 e autor do livro *A Devoção do Senhor Jesus do Bomfim e sua história*, de 1923, afirma que o templo foi fundado pelo capitão. Por sua vez, Carlos Ott (1969) citado por Iphan (2013) pontua que seu papel foi secundário, uma vez que financiou apenas a ornamentação.

Segundo o historiador Cândido Domingues (2020), Teodósio investiu na decoração da Igreja. Na pintura do teto se vê um painel em que um grupo de marinhheiros entrega aos santos e anjos um quadro representando o navio durante a tempestade, e a vela do navio. Quando morreu, em 1757, Teodósio Rodrigues foi enterrado dentro da Igreja, que é um dos principais cartões postais de Salvador e palco de uma de suas maiores festas inter-religiosas, que contempla a Lavagem do Bonfim.

A lavagem da escadaria da igreja iniciou-se na época da construção da igreja, e mesmo após a abolição da escravidão a lavagem continuou a ser efetuada por negros que pouco a pouco foram ressignificando o ato. Isso porque deixava de ser uma obrigação religiosa. O cortejo da lavagem, hodiernamente tem o seu itinerário sempre a partir da Conceição da Praia, entretanto, no início ele era feito por via marítima, os barcos ancoravam e os peregrinos subiam até o alto da colina. Mais tarde, com o aterro da parte da cidade baixa a viagem passou a ser feita por bondes de burros e carroças, até que foi construída Avenida Jequitaia e com o advento do bonde elétrico, tornou-se mais viável e rápido o percurso (IPHAN, 2013)

Ainda segunda essa mesma fonte, muitos vinham a pé, outros dos mais diversos meios de transporte, até mesmo a cavalo; como ainda hoje o fazem. Com o passar do tempo a lavagem se tornou tradição, embora de forma diferente. A multidão

é imensa, as barracas proliferam-se, e os peregrinos deixam a Conceição às primeiras horas da segunda quinta-feira do mês de janeiro.

Antecedendo à lavagem, acontece, na igreja, a novena em homenagem ao Santo. No início, várias eram as embarcações que vinham do interior e por não existir nenhum tipo de iluminação na cidade, grande quantidade de feixes de lenha era trazida dos mais diversos pontos do Recôncavo Baiano, por via marítima, e depois empilhada na ladeira que dá acesso pelo fundo da igreja ao seu largo (por isso o local recebeu o nome de Ladeira da Lenha) no qual eram armadas fogueiras para os folguedos noturnos, que mais tarde fora substituído pelos lampiões, seguidos dos gasômetros e finalmente pela luz elétrica (IPHAN,2013).

Um fato bem peculiar é que a Igreja que é símbolo de união de crenças e respeito às religiões de matriz africana em Salvador abriga o túmulo de um dos maiores traficantes de escravos da Bahia. Anualmente, no mês de janeiro, os devotos do Senhor do Bonfim se reúnem na igreja para uma celebração ecumênica que reúne católicos e adeptos do candomblé, quando ocorre a lavagem das escadarias, hoje um rito inscrito na Lista de Patrimônio Imaterial do Brasil, celebrada por autoridades locais como espaço livre de discriminação.

Em consulta ao livro de registro do IPHAN tem-se a festa do Senhor do Bonfim, na Bahia, articula duas matrizes religiosas distintas, a católica e a afro-brasileira, assim como incorpora diversas expressões da cultura e da vida social soteropolitana.

As celebrações ocorrem no mês de janeiro, as quais reúnem ritos e representações religiosas, além de manifestações profanas e de conteúdo cultural. Inicia-se um dia após a Epifania, ou o Dia dos Santos Reis, que conclui o ciclo natalino, e encerra-se no segundo domingo depois da Epifania – o Dia do Senhor do Bonfim. É dividida em diferentes momentos marcantes de sua constituição: as Novenas, o Cortejo, a Lavagem das escadarias e do adro da Igreja de Nosso Senhor do Bonfim, os Ternos de Reis e a Missa Campal.

As Novenas iniciam-se um dia após o Dia de Reis e terminam no sábado, véspera do Dia do Senhor do Bonfim, sendo um elemento litúrgico presente em largo período da festa. O Cortejo é um percurso de oito quilômetros que se forma na Igreja de Nossa Senhora da Conceição da Praia, na Cidade Baixa e culmina com a Lavagem das escadarias e do adro da igreja, que ocorre na quinta-feira anterior ao Domingo do Senhor do Bonfim.

A lavagem das escadarias da igreja do Senhor do Bonfim é realizada por baianas e filhas de Santo como missão familiar e religiosa. Com suas “quartinhas” com flores e água de cheiro, elas reverenciam o Oxalá³⁵ abençoam os devotos. Na junção das religiões de matriz africana com o catolicismo é representado como Jesus Cristo e celebrado como Nosso Senhor do Bonfim.

O Cortejo e a Lavagem são os pontos de destaque da festa. Após o encerramento da última novena, no sábado à noite, em frente à Igreja do Bonfim, acontece a apresentação dos Ternos de Reis. No dia do Senhor do Bonfim, na manhã do segundo domingo após a Epifania, é realizada a Missa Campal, de caráter solene, no adro da Igreja do Bonfim, representando o ápice dos eventos litúrgicos e o encerramento da parte religiosa desta celebração. Ainda há a Procissão dos Três Desejos, finalizando dos eventos festivos, com a presença da imagem peregrina do Senhor do Bonfim. Esta última foi incorporada mais recentemente (em 2009) ao conjunto ritualístico da Festa e ocorre no domingo de encerramento. (IPHAN, 2013).

De forma que, há muitos locais no Brasil que rendem graças por meio de celebrações e entrega de ex-votos em virtude de promessa realizadas em intenção do Senhor do Bonfim, sem que se tenha ideia exata da quantidade e locais em todo país, já que muito não estão oficializados em livros de registro.

Contudo, cito alguns, quando é possível observar variações nas datas de celebrações religiosas em honra ao Santo.

No caso da área de Queimadas de Dirceu Arcoverde-PI, esse está registrado em três trabalhos de finalização de curso do curso de Licenciatura em História ofertado pela Universidade Estadual do Piauí (UESPI) em São Raimundo Nonato-PI, quais sejam: Queimadas do Senhor do Bonfim: a relação Sagrado Profano – Santos (2010); Queimadas do Senhor do Bonfim: entre o céu e o inferno- Mota (2011) e Olhares: História e Patrimônio do Povoado Queimadas do Senhor do Bonfim, Dirceu Arcoverde-PI-Mota (2018) e um pelo curso de Arqueologia e Preservação Patrimonial da Universidade Federal do Vale do São Francisco-(UNIVASF), a saber: História, Patrimônio e Religiosidade: Comunidade Queimadas Senhor do Bonfim, Dirceu Arcoverde,

³⁵. Oxalá é o orixá associado criação do mundo e da espécie humana. Simboliza a paz, é o pai maior nas nações das religiões de tradição africana. É calmo, sereno, pacificador; é o criador e, portanto, é respeitado por todos os outros Orixás. Apresenta-se de duas maneiras: moço (Oxaguiam) e velho (Oxalufan). Os símbolos do primeiro são uma idá (espada), “mão de pilão” e um escudo; o símbolo do segundo é uma espécie de cajado em metal, chamado opaxorô. A cor de Oxaguiam é o branco levemente mesclado com azul; a de Oxalufam é somente branco. O dia consagrado para ambos é a sexta-feira. Saudação: ÉPA BĀBĀ! (IPHAN, 2013)

Piauí- Ribeiro (2020), e está sob estudo de duas Dissertações de Mestrado, pelo colegiado de Arqueologia da Univasf, 2023, com perspectiva de estudos diferentes relacionadas aos ex-votos.

3.2.2 Coração Inacabado– Aspectos Arquitetônicos da Capela do Senhor do Bonfim.

Nesta seção, faço uma análise sobre os motivos arquitetônicos da capela do Senhor do Bonfim, nas Queimadas, quando se observa motivos que se apresentam de forma menos detalhada, com alguns elementos que lembram traços decorativos, por isso, nomeei como coração inacabado, seguindo a mesma linha analógica do coração como órgão vital, mas com elementos que não foram executados com exatidão, no coração escultórico da (**Figura 22**) que se apresenta apenas com uma artéria, não há veia, mas não compromete o entendimento da forma coração.

Figura 22 - Escultura de um coração só com a artéria em madeira tipo umburana - ex-voto da área do Senhor do Bonfim- Queimadas- Dirceu Arcoverde- PI



Fonte: Acervo Pessoal, 2022.

Em termos de identificação da construção junto à hierarquia religiosa, onde figuram as catedrais, as igrejas e as capelas, infere que o templo das Queimadas se trata de uma capela, em virtude de só existir culto durante as festividades do padroeiro, em agosto, ou em alguma ocasião específica. As igrejas são os templos principais das paróquias sendo uma delas denominada igreja matriz onde o sacerdote celebra a missa principal dominicais e, as catedrais são as igrejas principais das

dioceses onde o bispo celebra a eucaristia dominical. Outro aspecto importante é que só as igrejas e catedrais podem abrigar o santíssimo e o sacrário, onde se mantêm as osteas consagradas

A capela do Senhor do Bonfim nas Queimadas encontra-se subordinada à paróquia de Nossa Senhora de Fátima em Dirceu Arcoverde-PI que, por sua vez, está subordinada à catedral de São Raimundo Nonato, que é a sede da Diocese

Ajuizando a importância dessa capela, como espaço que abriga os ex-voto (foco principal desta pesquisa), onde há manifestação de *hierofania*, tornando as coisas ali depositadas sagradas, realizo uma descrição pormenorizada desse espaço, visto a sua significância para as relações corpóreas em estudo.

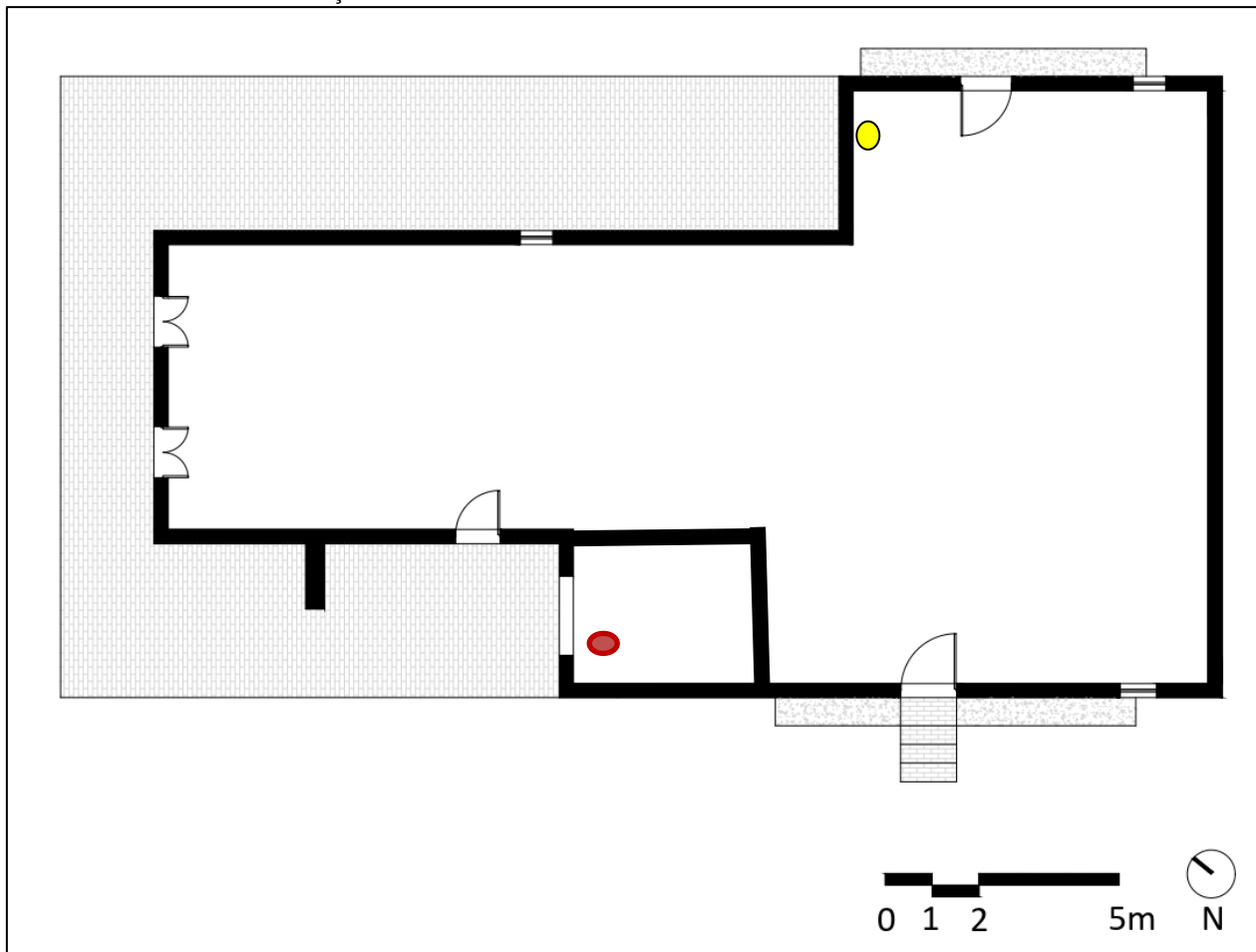
A capela apresenta uma planta baixa, que sugere uma estrutura em formato de T ou uma cruz em alusão ao símbolo cristão, formada por uma nave e duas ampliações, uma no lado esquerdo (utilizada para o acendimento de velas e um quarto ao fundo e, outra do lado direito (onde estão depositados os ex-votos), e ainda um quarto tipo depósito para os objetos dos ritos católicos.

A capela apresenta as seguintes mediadas: frente com 6,5 m, formada por duas portas de folha duplas de 1,1 m de largura separadas por 3 espaçamentos de 1,4m de parede; as laterais apresentam 21,6m. No lado direito, tem-se uma primeira área de 13,4m, onde existe uma janela de 0,68m, seguida de uma ampliação 8,2 m, onde se observa uma porta de folha simples, de 1,1m, que dá acesso ao local onde estão os ex-votos, e uma janela de 0,7 m.

No lado esquerdo observa-se uma pilastra de 0,4m de sustentação localizada a 3,25m da fachada, seguida por 4,6 m de parede com a presença de uma porta de folha simples de 0,96m, até o quarto destinado ao acendimento de velas, que não possui conexão com o ambiente interno da capela, que apresenta 3,12 m de frente com um portão de 1,6m por 4m de comprimento, seguido de um quarto, os fundos 8,4m onde se observa uma porta simples de 1,2m que dá acesso ao Memorial de Zeladoras que a Capela já teve e uma janela de 0,7m; e os fundos apresenta uma parede contínua de 13m.

Essas informações foram registradas por meio de trena e executado croqui manual, que permitiu a construção da planta baixa, em programa destinado a esse fim, AutoCAD³⁶.

Figura 23 - Planta baixa da capela do Senhor do Bonfim, nas Queimadas-Dirceu Arcoverde-PI, indicação em amarelo do local onde estão os ex-votos.



Fonte: Acervo Pessoal, elaborado por Araújo, 2023³⁷..

A capela apresenta paredes construídas em adobe com argamassa também de argila na parte da nave central e parte das ampliações, mas há elementos de reboco mais recente com o uso de cimento e cal. Uma reforma no ano de 1987 permitiu o reforço de algumas paredes e já nos anos 2000 foi construído um espaço só para o acendimento de velas, presente no lado esquerdo da igreja, que não se conecta

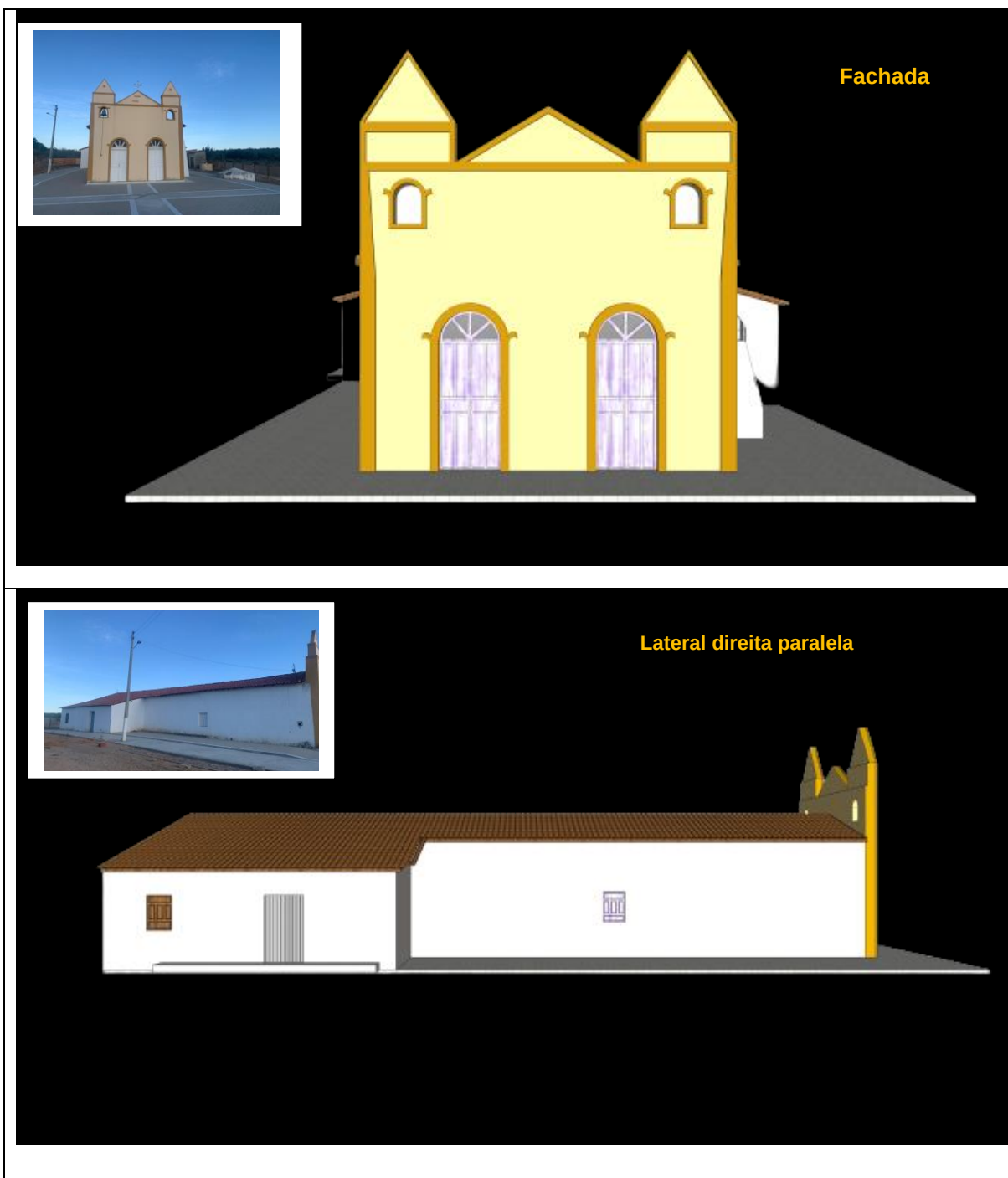
³⁶ AutoCAD é um software de CAD (projeto auxiliado por computador) que é usado para desenhos 2D e 3D precisos, projetos e modelagem com sólidos, superfícies, objetos de malha, recursos de documentação/Disponível em <https://www.autodesk.com.br/Acesso> em 12 de mar.2023.

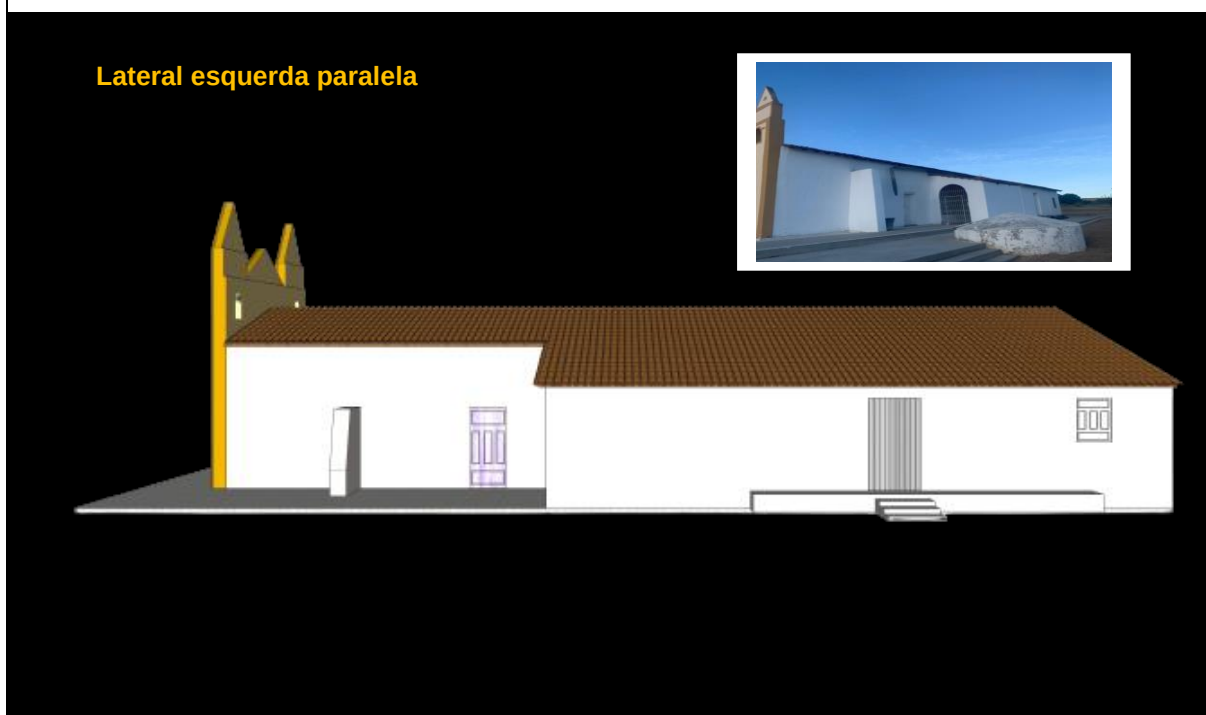
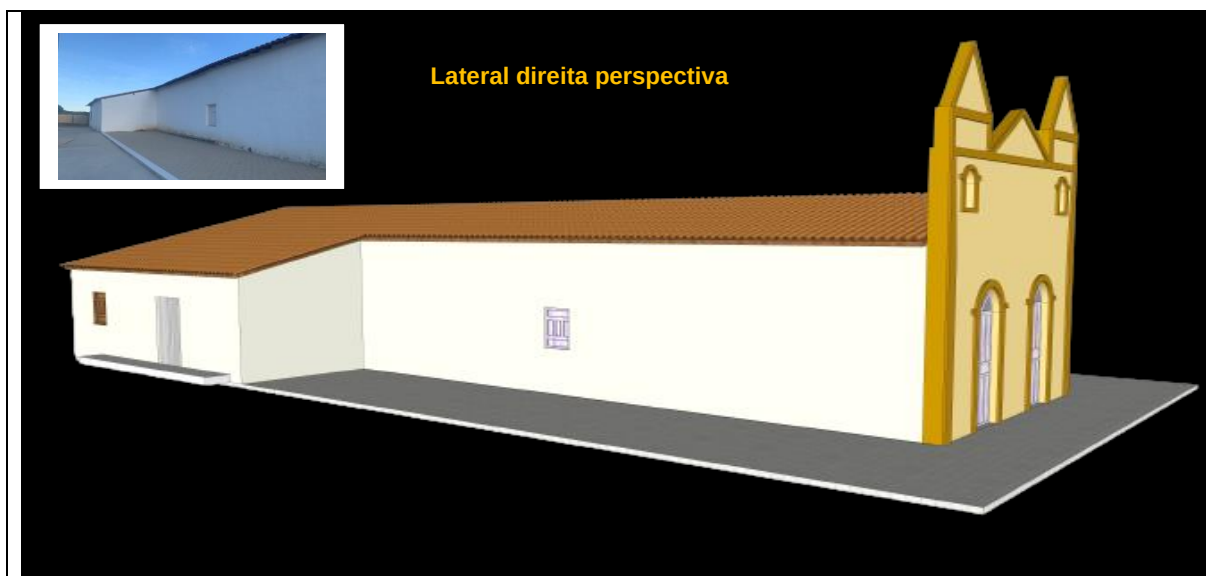
³⁷ Refere-se a Carla Ohana Araújo, Bacharela em Arqueologia e Preservadora Patrimonial (UNIVASF), e Bacharela em Arquiteta (UFPI)

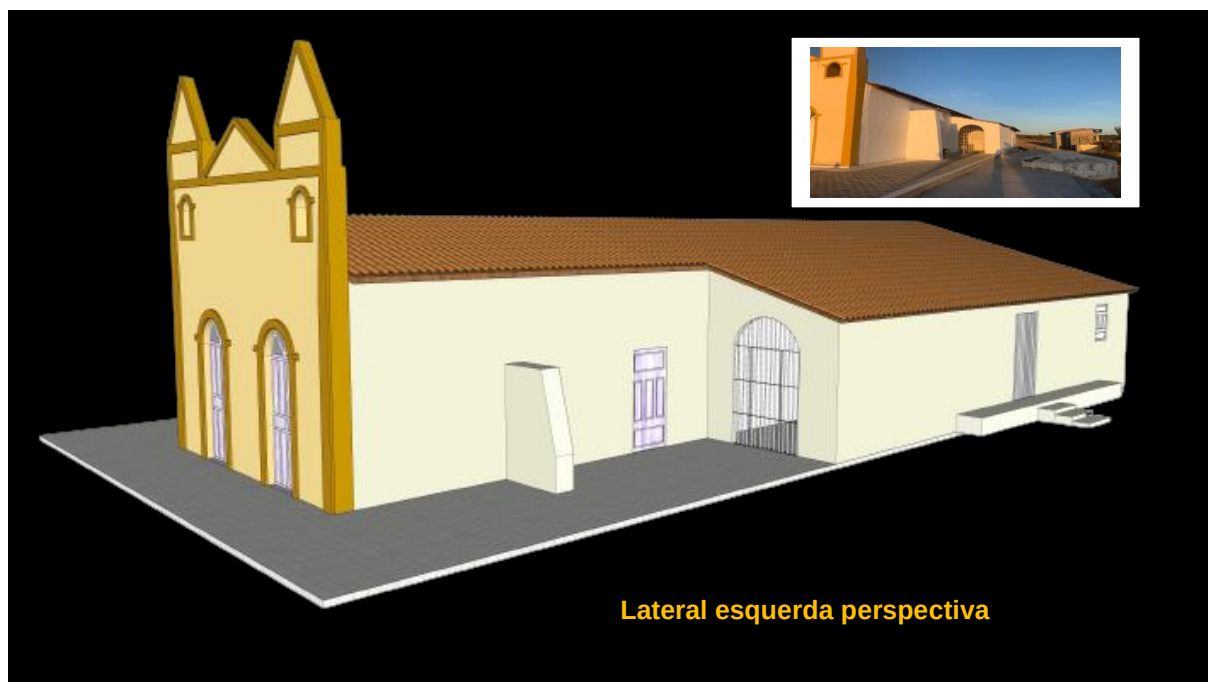
internamente com a capela, a abertura é para o lado de fora, via portão, identificado ponto em vermelho na (Figura 23).

Ao realizar a tomada de medidas das paredes, portas e janelas, foi possível a construção da planta em 3D da capela, também no AutoCAD, considerando os planos de projeção paralela e em perspectiva. Segue os produtos elaborados, com a respectiva foto:

Figura 24 - Modelagem 3 D da capela do Senhor do Bonfim, nas Queimadas-Dirceu Arcoverde-PI, na seguinte ordem: Fachada, Lateral Direita Paralela, Lateral Direita Perspectiva, Lateral Esquerda Paralela e Lateral Esquerda Perspectiva







Fonte: Elaborado por Araújo, (2023)

Na fachada principal³⁸.do templo, além da data de construção de 1898, logo abaixo consta a data de 21-06-1982, mas essa está em baixo relevo e, muitos devotos testemunham que se trata da data de uma reforma, quando se executou reforço de algumas paredes e o templo passou pela primeira ampliação.

Figura 25 - Datas registradas na fachada da capela do Senhor do Bonfim- Queimadas- DA.



Fonte: Acervo Pessoal, 2022.

³⁸. A fachada principal é a fachada da frente do edifício, em geral voltada para uma via pública, com tratamento diferenciado e os acessos preferenciais. A fachada também é chamada de frente e, particularmente em edificações antigas, frontaria ou frontispício. (ALBERNAZ E LIMA, 1998, p.248)

De acordo com a Sra. Sebastiana da Costa Souza³⁹, atual zeladora da igreja e moradora das Queimadas, a reforma no ano de 1982 ocorreu porque os detalhes que formam as bordas das portas e das torres estavam desgastados, assim como o altar precisava ser pintado e refeito. Pelo viés das técnicas construtivas, observa-se um templo de arquitetura vernacular ⁴⁰ utilizando materiais do local para construção de alicerces e paredes, uso de adobe e argamassa de argila.

Para uma avaliação adequada dos motivos arquitetônicos observados na fachada da igreja, utilizo como referência Maia (2018), que analisou os componentes da arquitetura colonial presentes na Igreja Matriz de São Raimundo Nonato-PI a partir da utilização de referencial teórico sobre a arquitetura colonial em dicionário de forma: Albernaz e Lima (1998).

Importa destacar as particularidades da arquitetura colonial, que surgiu entre os séculos XVI e XIX, sob influência do Renascimento e do Barroco nas colônias europeias, caracterizada por elementos arquitetônicos de diferentes culturas. No decorrer do séc. XVI foi introduzida na América Latina e Na América do Norte, e embora haja elementos diferentes mediante às particularidades de cada cultura, mantém sua autenticidade nos detalhes, quais sejam: telhados em formato de pirâmide e telhas, portas grandes com detalhes ornamentais, janelas retangulares com arcos, paredes construídas com tijolos ou adobe, e utilização de materiais locais como pedra, tijolos e madeira, e elementos estilísticos e arquitetônicos de outras culturas.

A arquitetura colonial brasileira foi fortemente influenciada pela cultura portuguesa, africana e espanhola durante as ocupações no período de 1500 a 1800, por isso é uma arquitetura encontrada nas cidades históricas, reunindo elementos decorativos de várias culturas, passando a incorporar traços da cultura brasileira, sendo considerada única (REIS FILHO, 1978).

Para Reis Filho (1978) um dos traços característicos da arquitetura urbana em qualquer período histórico é a sua relação com o tipo de lote em que está implantada. No período colonial brasileiro, os sobrados pertenciam às famílias mais ricas, que ocupavam os andares superiores, enquanto a população escravizada ocupava o pavimento térreo e as mulheres permaneciam em quartos resguardados. Os

³⁹ Entrevista realizada no âmbito desta pesquisa realizada pela autora, AQUINO, C.C.

⁴⁰Arquitetura vernacular é aquela feita com recursos naturais e técnicas próprias da região onde a edificação está inserida. Sendo assim, ela está diretamente relacionada ao contexto, condições geográficas e aspectos culturais de cada local do mundo e, por isso, também é considerada uma afirmação da identidade de cada região (TEIXEIRA, 2017).

escravizados, além das funções realizadas no cotidiano das casas e sobrados, eram os responsáveis por sua construção, que seguia técnicas construtivas também padronizadas, usualmente com paredes de pau-a-pique, adobe ou taipa de pilão.

Além da arquitetura civil de função privada, outros edifícios marcaram o esse período da colônia brasileira, com diferentes funções e soluções formais. Entre eles as Casas de Câmara e Cadeia, onde eram localizados os órgãos da administração pública municipal; as fortificações militares, cujo caráter defensivo, herdado da Idade Média, tinha como objetivo defender o território de invasões estrangeiras; e as igrejas, que além da forte presença nos campos político, econômico e social, também foi um dos principais agentes modeladores do ambiente urbano (REIS FILHO, 1978).

Para esse mesmo autor, a diversidade nas composições arquitetônicas das igrejas tem origem nas diferentes ordens religiosas (jesuítas, franciscanos, carmelitas e beneditinos), cada qual com suas especificidades e com programas que se complexificavam à medida em que se associavam a colégios e conventos.

No caso da capela do Senhor do Bonfim, utilizo a imagem da capela acrescida da identificação dos motivos similares aos identificados na Igreja de São Raimundo Nonato, contudo, é importante aclarar que, os motivos identificados não foram executados em caráter de precisão, no sentido das simetrias das formas e acabamentos, típicos da arquitetura chã, relevando, inclusive, trechos ora mais largos num mesmo motivo e fora do esquadro.

Os motivos estão numerados e seguem a descrição dos termos arquitetônicos e a funcionalidade dos elementos, cada descrição é acompanhada do termo utilizado, da definição e aplicabilidade no estudo da capela, quando foi possível elencar 8 elementos em caráter de semelhança com os Igreja de referência, São Raimundo Nonato.

Quadro 1 - Identificação dos elementos arquitetônicos de fachadas de igrejas coloniais.

Número	Motivo	Número	Motivo
1	Frontão	6	Ornato
2	Grimpa	7	Tramos
3	Guarnição	8	Cimalha
4	Arco Pleno	9	Pilastra
5	Torre sineira		

Figura 26 - Fachada da capela do Senhor do Bonfim – Queimadas – Dirceu Arcoverde- PI.



Fonte: Acervo pessoal, 2022.

No sentido de elucidar os termos, utilizo como referência Albernaz e Lima, (1998, citado por MAIA, 2018): Elemento 1- **frontão**- refere-se ao elemento de coroa-mento da fachada geralmente triangular ou em arco de círculo, situado na parte superior do edifício ou de parte da edificação ou sobre portais, portadas ou portões. É constituído: por cimalha, a base horizontal; empenas, os lados inclinados, e tímpano, a superfície central e limitada pelas outras duas partes. Na capela das Queimadas o frontal é em forma triangular.

Elemento 2-**grimpa**-elemento ornamental metálico usado no alto das torres de edifícios, principalmente igrejas, podendo assumir diversas formas, muitas vezes simbólicas, como por exemplo, a cruz, um galo, uma lua, uma estrela, podendo ser encontrado no topo do frontão. Na capela das Queimadas a grimpa é uma cruz ⁴¹ que

⁴¹ Elemento ou traçado formado em geral por dois braços que se encontram em ângulo reto (...). Apresenta formas variadas que, nos elementos, comumente expressam o símbolo representado” (ALBERNAZ e LIMA, 1998, p.191 citado por MAIA, 2018, p.46).

se apresenta ornamentada por quatro pequenas lâmpadas localizadas em cada parte da cruz.

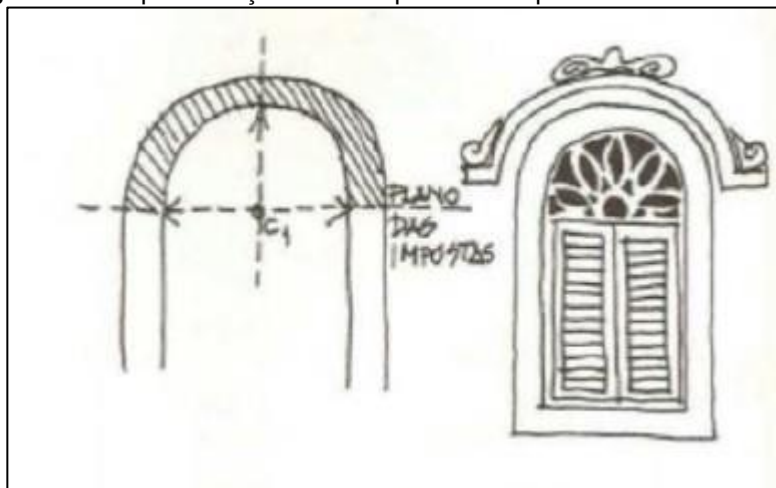
Elemento 3-**guarnição**-qualquer tipo de moldura ou arremate que contorne a peça ou um elemento construtivo, encontrado em portas e janelas. Pode constituir-se em ornamento ou complemento de um elemento decorativo. Na capela da Queimadas são encontradas contornando todas as paredes da fachada frontal, nas duas portas e nas duas aberturas próximas às torres, que lembram janelas.

Elemento 4- **arco pleno**-arco em forma de uma semicircunferência, tendo, portanto, sua flecha igual ao raio que serviu para traçá-lo (**Figura 28**). É também chamado de arco de plena volta, arco de meio-ponto, arco semicircular, arco de pleno cimbrio e arco de círculo redondo. No caso da capela das Queimadas tem-se uma tentativa de construção do elemento, porque se percebe a olho nu a falta de precisão ao traçar a semicircunferência, mais arredondada no lado direito e os detalhes laterais estão em alturas diferentes. Os arcos plenos estão presentes nas portas e nas aberturas próximas às torres (**Figura 27**).

Figura 27 - Presença de semelhança de arco pleno nas portas e aberturas próximas as torres



Fonte: Acervo Pessoal, 2022.

Figura 28 - Representação de Arco pleno – croqui da forma

Fonte: ALBERNAZ e LIMA (1998, p.50)

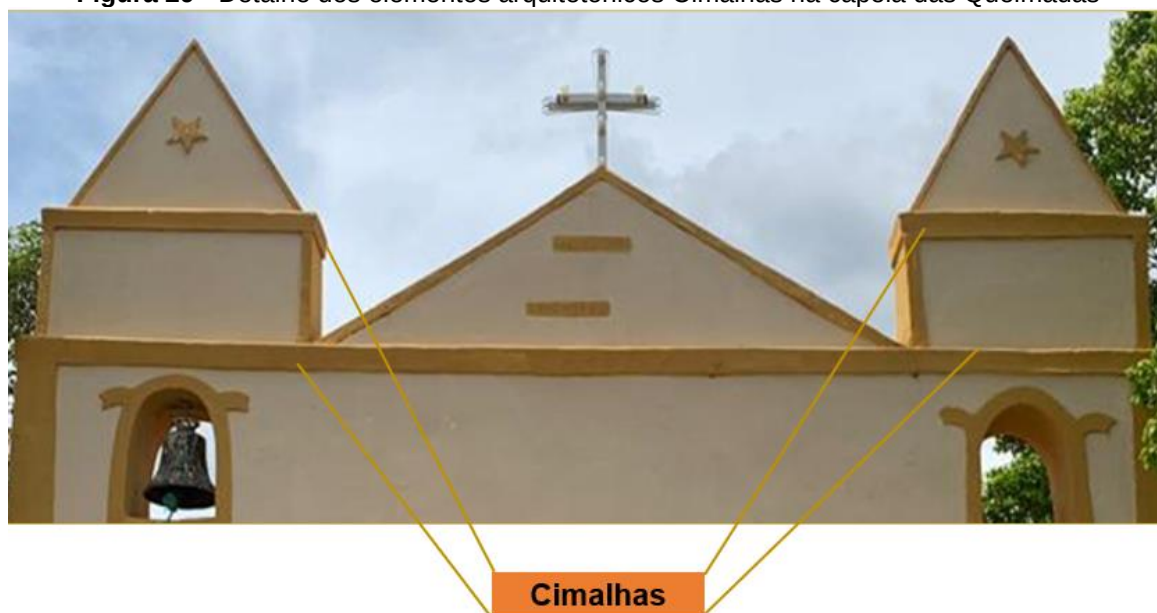
Elemento 5- **Torre sineira**- pequena torre para colocação de sinos, que pode estar implantada em construção independente junto ao edifício principal ou formar um corpo integrante desta edificação. Frequentemente é encontrado em igrejas ou capelas e é conhecido como campanário. No caso da Capela das Queimadas as torres estão no mesmo corpo da capela, contudo, o espaço destinado ao sino fica à abaixo da torre direita, que lembra a configuração de uma janela. O espaço da esquerda está vazio, e em momento algum recebeu sino.

Elemento 6- **Ornato- adereço**, na capela das Queimadas aparece em formato de estrela de cinco pontas, em alto relevo, no centro das duas torres, que seriam as sineiras- esse elemento não consta na descrição de Maia (2018), na Igreja Matriz de São Raimundo Nonato aparece um medalhão no frontão com a identificação da data de construção da igreja

Elemento 7- **Tramo**- espaço compreendido entre dois elementos arquitetônicos verticais, na capela das Queimadas são encontrados na parte inferior da fachada, composta por três faixas verticais.

Elemento 8- **Cimalha** - um arremate emoldurado formando saliência na superfície de uma parede, situando-se geralmente no alto das paredes externas, constituindo uma saliência continua ao longo de toda fachada, situada no alto das paredes recebe o nome de cimalha real.

Figura 29 - Detalhe dos elementos arquitetônicos Cimalhas na capela das Queimadas



Fonte: Acervo pessoal, 2022.

Elemento 9- **Pilastra**-elemento decorativo com a forma de um pilar, frequentemente de seção retangular ou quadrada, semi-embutido no parâmetro da parede. Em geral, é utilizado nas fachadas, dividindo-as em planos verticais. Na capela das Queimadas aparece nas duas laterais da fachada frontal.

Compilando essas informações sobre os elementos arquitetônicos identificados em uma certa semelhança com outras igrejas e capelas com arquitetura colonial, propõe-se que a capela das Queimadas se adéqua ao perfil de arquitetura colonial, onde se observa uma fachada frontal voltada para o acesso público, constituída por duas portas frontais. Consta duas aberturas que lembram pequenas janelas uma com sino na mesma linha das torres, que pode ser entendida como uma extensão que comporia uma torre sineira, com a identificação de frontão em forma triangular com grimpa em formato de cruz. Presença de guarnição nas portas e janelas constituídas por arcos que lembram arcos plenos, além dos motivos cimalhas no frontão e nas torres, assim como tem pilastras laterais, embora com marcas de desnível mais largas embaixo e vai afinando até encontrar as torres.

De forma que se pode dizer, que os contornos cumprem suas funções de guarnições, e garantem um valor estético, mas revelam a simplicidade dos executores, falta de precisão técnica dos motivos, o que coaduna com a simplicidade dos fiéis que anualmente frequentam as celebrações do novenário, em agosto, pagando promessas e renovando as esperanças em dias melhores.

Para além dos elementos da fachada, à frente da capela tem uma estrutura de cruzeiro que se assemelha arquitetonicamente com um coroamento bulboso, o qual se refere aos arremates de torres, e tem a forma de bulbo, usados principalmente nas torres de igrejas do século XVIII, conforme Albernaz e Lima (1997, 1998, citado por MAIA, 2018). O elemento do coroamento bulboso (**Figura 30**) tem elementos comuns ao presente sobre a torre sineira da Igreja de São Cosme e Damião – Pernambuco, além de um cruzeiro que existia à frente da Igreja Matriz de São Raimundo Nonato na época da emancipação política em 1912, conforme Maia, (2018).

O coroamento bulboso é um dos elementos da arquitetura colonial na perspectiva chã, ou seja, arquitetura desordenada, que se baseava na arquitetura praticada em Portugal em período colonial, com as modificações necessárias mediante às limitações econômicas e tecnológico, uma transição entre os estilos renascimento e barroco, conhecida como maneirismo, descrito por Teles (2014, p.65).

“Dado ao empobrecimento ocorrido na época em Portugal e consequentemente no Brasil, a arquitetura maneirista luso-brasileira, embora robusta, apresentava-se despojada, e tem sido chamada de Arquitetura Chã, simplificada.” (TELES, 2014, p.65)

Figura 30 - Representações de acabamento bulboso- arquitetura chã.



Fonte: Composição Acervo Pessoal, 2022 ⁴².

⁴² Fotos: do Cruzeiro das Queimadas-Acervo pessoal, 2022; Torre da Igreja de São Cosme e Damião -PE, disponível em <https://igarassu.pe.gov.br/>, consultado em maio de 2023; cruzeiro Igreja de São Raimundo Nonato-PI. MAIA (2018).

Por conseguinte, é importante conhecer as mudanças estruturais que permitiram que a Capela do Senhor do Bonfim tivesse a configuração atual. As informações assinaladas em folhetim do novenário⁴³ das Queimadas, elaborado no ano de 1998, pelo Pe. Edilson, cumpre esse papel, ao formalizar os dados etnográficos repassados pelos moradores locais.

Traz a versão da origem do culto ao Senhor do Bonfim mediante a doação da imagem do Senhor do Bonfim ao casal, Mariazinha e Raimundo Ribeiro, primeiros moradores e precursores da fé católica no local, que receberam a imagem de um casal de ciganos que por ali passou no início do ano de 1948. Sendo construída, no primeiro momento, uma pequena casa de oração, que no decorrer dos anos foi ficando pequena para a quantidade de fiéis que começaram a venerar o santo em virtude se graças alcançadas, quando foi construída a capela em 1898.

Uma tradição que vem sendo repassada entre as gerações da família Ribeiro, primeiro ao filho do casal precursor, Sr. Chiquinho e a esposa Clara, e em seguida se propagou entre moradores locais, identificadas como zeladoras, quais sejam: Zeferina (Lô), Carolina (Bina), Josefa, Feslimina (Pombinha), professora Mariinha (Tia Cotinha), Tia Arlinda e, hodiernamente, Sebastiana (filha da Tia Arlinda).

Na atualidade, os herdeiros da família Ribeiro continuam morando nas proximidades das Queimadas, uns em Dirceu Arcoverde, e outros estão em Remanso, e acompanham as celebrações religiosas durante o novenário. Encontrei três gerações (avo, mãe e filha) no primeiro banco da celebração na última noite do novenário- vide registro de agosto de 2022:

⁴³ Termo que designa os 09 dias de celebrações católicas que antecedem a festa religiosa do Santo cultuado numa comunidade, e ou cidade.

Figura 31- Da esquerda para direita: Pesquisadora Crisvanete, Maria das Mercês Ribeiro, Isabel (Betinha (80 anos), e Margareth-Ribeiro



Fonte: Acervo Pessoal, 2022.

No ano de 1922 a capela passou pela maior reforma, tornando-a maior, sob a colaboração de Pe. Marcos, que foi o primeiro celebrante no altar (MOTA, 2018) e, com o passar dos anos observa-se alterações que a tornam um espaço com elementos modernos, como forro em PVC e piso cerâmico, quando o telhado apresenta emalheamento de serralheria, sustentado por tesouras de encaixe moldado, mas as paredes ainda representam parte da estrutura rústica apresentando 70 cm de espessura.

A história de devoção da capela guarda mistérios, porque a primeira estátua do Senhor do Bonfim que era confeccionada em marfim com a pedra de rubi abaixo da inscrição INRI foi roubada, e não se sabe precisar a época certa do furto e nem quem foi o autor desse delito, porque segundo a sabedoria popular, em época de muita seca havia uma crença que era preciso esconder as imagens de santos para permitir que a chuva voltasse a cair, e somente após as primeiras chuvas é que as estátuas eram devolvidas ao altar por isso, suspeita-se que tenha sido numa fase de recolhimento, que alguém se apossou da imagem e a levou para outro local, possivelmente pelo valor do rubi.

De forma que no altar da igreja (**Figura 32**), hodiernamente, na parte modelada junto à parede, tem-se no nicho central, a estátua do Senhor do Bonfim que se refere a imagem de Jesus Crucificado, ladeado por dois nichos com estátuas católicas, à direita Coração de Jesus e à esquerda São José que está à frente e por trás a imagem de Nossa Senhora, assim como, Nossa Senhora – Coração de Maria também

aparece em um quadro na parede no lado direito. Os nichos das imagens apresentam-se descoradas com bordas de contorno pintadas em dourado, com formas arredondadas e aboleadas, formando o contorno da cruz na imagem central de Cristo – Senhor do Bonfim, e nos nichos ao lado formas arcos.

Na parte central do altar (**Figura 33**) em posição abaixo do Senhor do Bonfim tem-se um nicho de 65 cm, que abriga um oratório de madeira (espécie de caixa de madeira em formato de igreja envernizado e, decorado como o desenho de flores nas duas portas trancadas por uma pequena tramela), que durante a novena abriga as hóstias⁴⁴, as quais que serão consagradas durante as missas.

O altar é ornamentado por jarros com flores artificiais na cor amarela. Compõe o espaço o ambão⁴⁵ de madeira, mesa de madeira que é utilizada pelo sacerdote nos ritos de celebrações de missas, batizados, casamentos, entre outros, e a cadeira do sacerdote.

Figura 32 - Altar atual da igreja do Senhor do Bonfim – Queimadas



Fonte: Acervo pessoal, 2022.

⁴⁴“Hóstia” é praticamente sinônimo de “vítima”. Ao animal sacrificado em honra dos deuses, à vítima oferecida em sacrifício à divindade, os romanos (que falavam latim) chamavam de “hóstia”. O cristianismo, ao entrar em contato com a cultura latina, agregou no seu linguajar teológico e litúrgico a palavra “hóstia”, exatamente para referir-se a maior “vítima” fatal da agressão humana: Cristo morto e ressuscitado. Os cristãos adotaram a palavra “hóstia” para referir-se ao Cordeiro imolado (vitimado) e, ao mesmo tempo, ressuscitado, presente no memorial eucarístico. Disponível em: <https://formacao.caonova.com>, Acesso em 02 de marc.2023.

⁴⁵) Termo grego “ambo”, que significa “elevação” - É a mesa da Palavra, assim como o altar é a mesa da Eucaristia. Trata-se um móvel colocado à direita ou à esquerda do altar, onde é depositado o lecionário – livro que contém as leituras na seguinte ordem: primeira leitura, salmo, segunda leitura e Evangelho-Disponível em: <https://www.casadamae.com.br>, Acesso em 02 de mar.2023.

Figura 33- Altar da Capela do Senhor do Bonfim, nas Queimadas- PI, destaque para o oratório na parte central do altar com a imagem do Senhor do Bonfim localizado em posição é cima dessa estrutura.



Fonte: Acervo pessoal, 2022.

O altar é separado do restante da igreja por um cercado de madeira, pintado em dourado, de forma que se tem a impressão de representar um local de acesso mais restrito, uma proteção ao Santo ou apenas uma forma de referenciar a importância desse local em relação aos demais espaços da igreja, sendo um diferencial na estrutura da capela, quando não se tem uma recorrência dessa estrutura de cerca em outras igrejas na região, em comunidades rurais, ou mesmo cidades que compõem a Diocese de São Raimundo Nonato-PI.

O cercado é mantido fechado por uma pequena porta bem à frente das imagens dos santos (**Figura 34**). Durante os festejos, como as missas ocorrem fora da igreja, missas campais, muitos devotos abrem a porta do cercado se aproximarem da imagem e outros se ajoelham em frente ao cercado. Importa destacar que, essa barreira física (cercado de madeira) é transposto pelos devotos do Senhor do Bonfim, que almejam um contato visual e tátil com a imagem. Além das orações e os pedidos tecidos no íntimo de seus pensamentos, alguns devotos também querem a fotografia do momento de encontro com a imagem.

Na parte externa e à frente da capela, onde as celebrações ocorrem, também é colocada uma outra imagem do Senhor do Bonfim, que é preparada de forma

adequada para os nove dias de celebrações e para procissão, sendo colocada em um andor⁴⁶ de madeira.

Figura 34 - Cercado no altar da capela do Senhor do Bonfim das Queimadas com a presença de mesa e ambão (indicado por seta) em posição à direita embaixo e dois momentos de interação com o santo durante a novena, cercado aberto na porção à esquerda e outro em cima.



Fonte: Acervo Pessoal, 2022.

Mediante a tradição repassada no decorrer dos anos, de ter sempre uma zeladora responsável pela capela, na lateral esquerda consta um pequeno memorial (**Figura 35**) com informações com os nomes das zeladoras, com destaque para a zeladora Tia Cota (Cotinha), uma professora que se dedicou a servir ao próximo e durante os festejos abrigava o padre, que vinha ao local para as celebrações, assim como romeiros que passavam os dias de novena na comunidade, ofertando comida e abrigo. Um costume adotado pelas zeladoras sucessoras.

Figura 35 - Memorial das zeladoras da capela do Senhor do Bonfim das Queimadas.

⁴⁶). Artefato utilizado para transporte de imagem de santo manualmente ou nos ombros dos fiéis. (Espécie de padiola).



Fonte: Acervo Pessoal, 2022.

No lado direito consta o local reservado ao depósito das coisas/ ex-votos, um espaço organizado pela zeladora Sra. Sebastiana, onde estão as materialidades estudadas nesta pesquisa (Figura 36). Neste espaço foram construídas duas prateleiras, a primeira de concreto localizada embaixo e um prateleira de vidro à cima.

Antes da construção desse espaço, os objetos eram dependurados na parede, e muitos ex-votos ainda têm os fios de nylon que eram utilizados. Sra. Sebastiana informou que os devotos colocam os objetos onde eles escolhem, mas sempre faz uma organização para que possa abrigar cada vez mais objetos. “O povo coloca de todo jeito e aí acaba que a mesa fica cheia e não dá para receber mais objetos”. Sempre deixo os mais recentes em posição à frente” (Entrevista em maio de 2022).

Figura 36 - Local dos ex-votos na igreja do Senhor do Bonfim nas Queimadas. Imagem da direita com a zeladora Sra. Sebastiana à direita e a nora Carmem à esquerda.



Fonte: Acervo Pessoal, 2023.

Nesse espaço além dos objetos depositados nas prateleiras se observa quadro de santos nas paredes, na parede à direita tem uma Santa Luzia, e os demais quadros são fotos de devotos. Na imagem (**Figura 36**) tem-se dois momentos do espaço, a imagem da esquerda com a parede branca, refere-se à parede atual, o da direita é o de maio de 2022 quando a igreja estava pintada de amarelo.

Em documentário de 2013⁴⁷ observa-se um acervo de ex-votos com uma quantidade bem menor de ex-votos (**Figura 37**), o que atesta que a devoção permanece ativa e matem - se viva à tradição de depósitos das peças ex-votivas.

Figura 37 - Acervo de ex-votos na Igreja do Senhor do Bonfim nas Queimadas no ano de 2013.



Fonte: Cultuart, 2018.

Nesse documentário, constava também a imagens da residência da zeladora Tia Cotinha, uma das zeladoras mais engajada que abrigava o padre durante o novenário e distribuía comida a muitos romeiros que por ali passavam durante a novena do Senhor do Bonfim. Essa casa só era ocupada na época dos festejos, e em momentos anteriores era conhecida como casa dos padres, onde os padres permaneciam os 10 dias de celebrações do novenário e festa do Senhor do Bonfim, porque não havia celebrações fora deste período, algo que se mantém até atualidade: “uma vez no ano a gente recebe o padre e os romeiros, numa tradição que já dura muitos anos” (Sra. Sebastiana- entrevista em 12 de maio de 2022).

⁴⁷Disponível no canal do youtube: Festejos de Senhor do Bonfim - Queimadas - Dirceu Arcoverde-PI. <https://www.youtube.com/watch?v=sySdh5PO31A>, acessado m maio de 2022 e janeiro de 2023

Aos fundos da igreja encontra-se apenas restos do alicerce da casa dos Padres (**Figura 38**), mas no documentário do Culturat, ano de 2013, tem-se ainda imagem de parte das paredes dessa residência, o que corrobora os dados obtidos a partir da etnografia

Figura 38 - Ruína da casa dos Padres na comunidade Queimadas, hoje só existe parte dos alicerces.



Fonte: Cultuart, 2018.

No ano de 2022, com o intuito de colher dados para esta pesquisa, estive na comunidade durante as celebrações dos festejos, especificamente nos 05 e 06 de agosto. No dia 05 a celebração da missa ocorreu às 07:30h, iniciando com a reza da novena, rito composto pela oração do terço e cânticos, em seguida a celebração da Eucaristia- Missa, reunindo uma grande expressiva de devotos, sendo necessária a utilização de tendas móveis montadas à frente da igreja para abrigar as pessoas, no que se configura celebrações campais. Ademais, no entorno da capela ficam muitos barraqueiros, comerciantes ambulantes - algo que também compõe as tradições das festividades.

Posso inferir que me surpreendi pela aglomeração de pessoas, um contraste ao cenário de simplicidade que presenciei durante as minhas duas visitas anteriores, onde o silêncio que impera normalmente no local da igreja fora quebrado pelas caixas de som para os rituais católicos e pelo trânsito de pessoas e carros no entorno da capela. Nesta ocasião, adotei uma postura de observadora e apreciadora, contudo,

a atenção das pessoas por vezes se voltou para mim e para meu companheiro de registro fotográfico – Edson – estudante de arqueologia da UNIVASF, que tão solicitamente me rendeu suas contribuições; posto que, a intenção era registrar as manifestações culturais presentes naquele espaço.

No sentido dos ritos religiosos se observou a presença da Eucaristia na forma de hóstia durante a missa campal, celebrada pelo pároco de Dirceu Arcoverde Pe. Erasmo e um outro padre concelebrante da noite. Durante a missa o andor do Senhor do Bonfim (Cristo Crucificado) fica posicionada à frente e voltada para a assembleia de devotos. Nessa ocasião, foi construída uma estrutura de contorno da imagem do Senhor do Bonfim em papelão com uma luz de pisca na cor vermelha e foram colocadas rosas vermelhas para enfeitar. Após a celebração, os devotos se dirigem para a imagem do santo para tocá-la num místico de percepções e sensações de tocar o sagrado, e poder obter bençãos.

Na parte interna da capela os devotos também adentram a área do altar para tocar a outra imagem do Senhor do Bonfim que permanece sempre no altar, uns rezam de joelho, outros tocam a imagem, outros fotografam.

O espaço destinado aos ex-votos também é visitado, há os devotos que vão deixar os seus objetos, outros vão tocar as peças expostas e outros ainda ficam mostrando aos conhecidos os objetos que sabem a procedência do autor da promessa, da graça alcançada e, ainda, quem confeccionou a escultura, enfatizando os detalhes de entalhe. Uma sinergia de sentidos se interconecta permitindo a sensação de bem-estar e entusiasmos para os que vivenciam essas experiências, do tocar, do ouvir sobre e da própria escultura.

Essa percepção do fenômeno religioso me atravessa, e eu também quis sentir a energia que emana da imagem no andor, e dos objetos ex-votivos, contemplando a sensação dos devotos e minha satisfação de contentamento e entusiasmo mediante a fé e a espiritualidade que a capela, os objetos e as pessoas disseminam. No que se conceitua como *hierofania*. (**Figura 39**).

Figura 39- Manifestação do sagrado durante a novena do Senhor do Bonfim, Queimadas.



Fonte: Acervo Pessoal, 2022.

No que concerne aos elementos que compõem e dão sentido à estrutura social, balizados nas maneiras de manifestação dos seres, infere-se que na área externa da igreja se observa manifestações do profano em um mesmo espaço, quais sejam: presença de barracas de comércio diverso, desde comida, artigos de roupa, brinquedos e bebidas alcoólicas, artigos religiosos e ainda os cercados para a realização das festas dançantes.

Muitas pessoas permeiam os espaços e interagem com os dois universos (sagrado e profano) de forma equânime e sem o balizamento de valor, se é superior, puro (sagrado) ou inferior, impuro (profano) (**Figura 40**). Conforme dados etnográficos a maioria dos devotos vão às celebrações religiosas dos festejos, já na expectativa de participarem das festas com artistas locais ou mesmo de longe, que ocorrem após as missas.

Figura 40- Espaços comunal do profano e do sagrado, durante os festejos do Senhor do Bonfim nas Queimadas-PI



Fonte: Acervo pessoal, 2022.

Oportunizo que o momento mais simbólico e significativo para este aporte, refere-se às celebrações da Festa do Senhor do Bonfim, que ocorre no dia 06 de agosto, porque é o ponto áureo das manifestações religiosas pelo devoto, que participa dos ritos religiosos e culmina com a entrega dos ex-votos na capela.

Os ritos religiosos começam com procissão com a imagem do Senhor do Bonfim, desde a placa de sinalização do Povoado das Queimadas a partir da PI-140, seguindo por 3km de estrada de chão. Muitos devotos fazem o trajeto a partir da cidade de Dirceu Arcoverde, a pé, e alguns com os pés nus, sem calçados, um ato de sacrifício em honra ao santo (**Figura 41**)

A procissão do Senhor do Bonfim, hodiernamente, é realizada com a imagem do Santo em andor carregado pelos fiéis seguido pelo carro da paróquia Nossa Senhora de Fátima-Dirceu Arcoverde, com o uso de caixa de som, permitindo que as orações e os cânticos proferidos durante esse ato sejam ouvidos e partilhados por todos os devotos. Uma quantidade bastante expressiva de pessoas que se programam para participar desta procissão, que ocorre pela manhã, às 8h, quando há devotos de toda Diocese de São Raimundo Nonato- PI, da Bahia (Remanso e Juazeiro) e de Petrolina (PE) para citar alguns.

Durante a procissão são percebidos os elementos de faixa etária dos devotos, que abrange desde criança a idosos, e com maior profusão entre as mulheres, muitas usam roupa branca e/ou caminham pela estrada de chão (**Figura 41**), formado por solo com diferentes texturas de granulometria de areia, trechos de cascalhos e ainda a presença de espinhos oriundos das arvores da caatinga que se encontram em processo de caimento das folhas e dos espinhos, mediante o período da estiagem.

Figura 41- Procissão do senhor do Bonfim, à direita a marca dos pés na areia e à esquerda as devotas descalças.



Fonte: Acervo Pessoal, 2022.

O pároco de Dirceu Arcoverde acompanhou a procissão sem a indumentária da batina, integrando-se ao coro dos demais devotos nas orações e cânticos (**Figura 43**). Após a procissão, há a celebração da Missa Solene⁴⁸, quando muitos devotos antes da missa já depositam seus ex-votos no lado direito da capela, e outros só o fazem depois da celebração religiosa. Concomitantemente também acendem velas no quarto localizado na lateral esquerda, construído para este fim (**Figura 42**).

⁴⁸ Solene, refere-se a raiz etimológica do latim *solemnis*, é um adjetivo que se usa para qualificar aquilo que se realiza com sumptuosidade, pompa ou um grande formalismo. A missa Solene ocorre na festa do santo padroeiro, é a missa principal o dia de festa que se caracteriza por ser cantada e por ter mais celebrantes. Dicionário Estraviz, <https://estraviz.org/Acesso> em 02 de mar.2023.

Figura 42 - Quarto para acendimento de velas no lado esquerdo da capela, destaque para o símbolo do cristo crucificado na parede e as minhas velas acesas.



Fonte: Acervo Pessoal, 2022.

Após a celebração da missa, são realizados os batizados, sempre com uma quantidade muito grande de crianças. que vão ao local para serem iniciadas na fé católica, quando o sacramento do batismo tem esse fim, ao eliminar o pecado original que a humanidade carrega enquanto herdeiros de Adão e Eva (Bíblia Sagrada, 2022). No ano de 2022 foram batizadas 60 crianças, formando uma aglomeração de mais 300 pessoas dentro da capela, entre pais, padrinhos e convidados.

Figura 43 - Procissão do Senhor do Bonfim, nas Queimadas-PI



Fonte: Acervo Pessoal, 2022.

Todo o enredo aqui apresentado refere-se ao contexto de devoção e de entrega do objeto ex-votivo, quando muitos devotos escolhem os dias de celebrações ao Senhor do Bonfim para entregarem os seus ex-votos, numa forma de reconhecimento das graças alcançadas, por isso, nesse dias pude observar, registrar e documentar muitas entregas de objetos, ponto fulcral desta pesquisa.

O rito de entrega dos ex-votos na capela é expressivo porque a simbologia do ex-votos nesse ambiente da capela conglobera as múltiplas conexões entre os seres ali presentes. Pessoas, objetos, microorganismos, madeira, prateleiras, conversas, toques, choro de crianças, formam os corpos sob estudo. Pontuo que as informações, observações e descrições detalhadas sobre a entrega de ex-votos será apresentada no capítulo 4 deste trabalho.

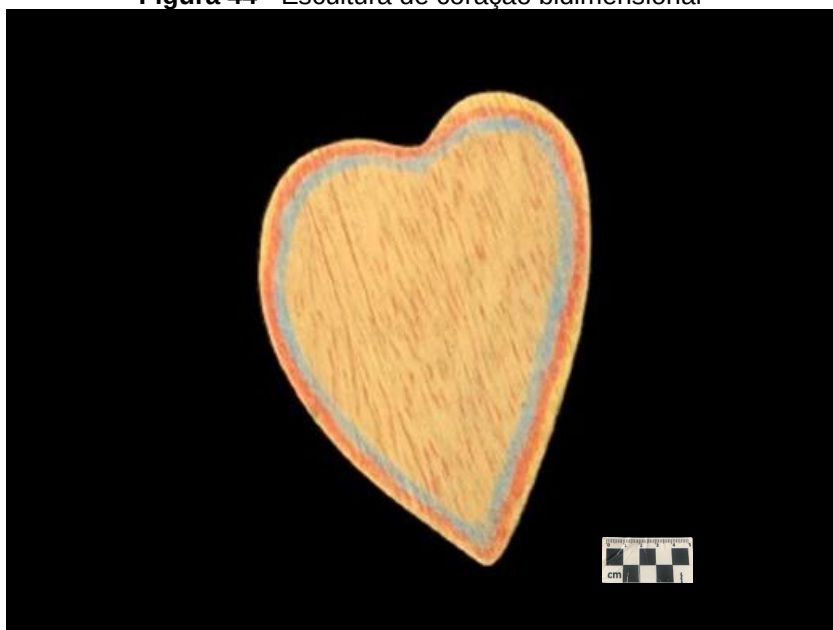
3.2.3 Coração Bidimensional-Alterações na Paisagem no entorno da Capela do Senhor do Bonfim-PI

Este item foi inserido neste aporte, porque a área da capela das Queimadas passou por um processo de urbanização com a construção de uma praça, que abrange toda a frente da igreja e áreas adjacentes próximas as residências, por isso é oportuno registrar que a paisagem descrita em item 3.2 já está modificada, no sentido dos elementos que descrevi como um local simples, com a simbologia do silêncio e singeleza das gentes do local e entorno, devotos do senhor do Bonfim.

De sorte que pontuei a seção como coração bidimensional porque se refere a uma estrutura modificada, em analogia a escultura do coração na área de estudo, que embora modificada traz a representatividade do coração⁴⁹, uma representatividade conotativa das emoções.

⁴⁹. Segundo alguns estudos, a folha de hera (planta dogênica Hedera), símbolo da imortalidade e poder para os gregos antigos, deu origem ao símbolo que conhecemos hoje no sec. V no Egito. : <https://super.abril.com.br>. Consultado em 18 de jul.2023.

Figura 44 - Escultura de coração bidimensional-



Fonte: Acervo pessoal, 2022.

Após todo uma descrição sobre a paisagem que forma o contexto religioso das Queimadas, caracterizada como um local simples, em que a igreja ocupava posição de destaque em meio a simplicidade, este ano, o em torno da capela passou por uma alteração de ordem arquitetônica, quando a prefeitura municipal realizou a construção de uma praça com canteiros, postes, espaços para barracas dos camelôs e espaço para shows, modificando todo o cenário rústico que existia.

Para fins de comprovação das estruturas construídas, realizei visita técnica no dia 08 de julho, para fins de levantamento fotográfico e rever as pessoas contactadas nas outras visitas, principalmente a tia Sebastiana.

Para a implantação da praça foram cortadas as árvores da praça, espécies de juazeiro, figueiras e ninhos, e foi feito um aterramento na área próxima à capela, com a introdução de aterros, que resultaram na necessidade de construção de três degraus para o acesso principal à capela.

Além da praça, foi planejado para a lateral direita a poucos metros de distância a construção de um palco para eventos, apresentações musicais, e duas estruturas de comercio, quando se realizou o calçamento dessa área.

Figura 45 - Fachada da igreja e vista das intervenções de concreto que formam a Praça.



Fonte: Acervo Pessoal, 2023.

Figura 46 - Detalhe da degraus para o acesso principal da capela, e vista de calçamento próximo as residências.



Fonte: Acervo Pessoal, 2023.

Para fim de visualização da intervenção da praça na paisagem, segue imagem das estruturas e da capela de forma mais ampliada. No dia que estive no local as obras não estavam totalmente concluídas, mas a previsão é de entregá-la no dia 29 de julho, quando se inicia o novenário deste ano.

Figura 47- Vista mais ampla da construção da praça entorno da capela do Senhor do Bonfim.

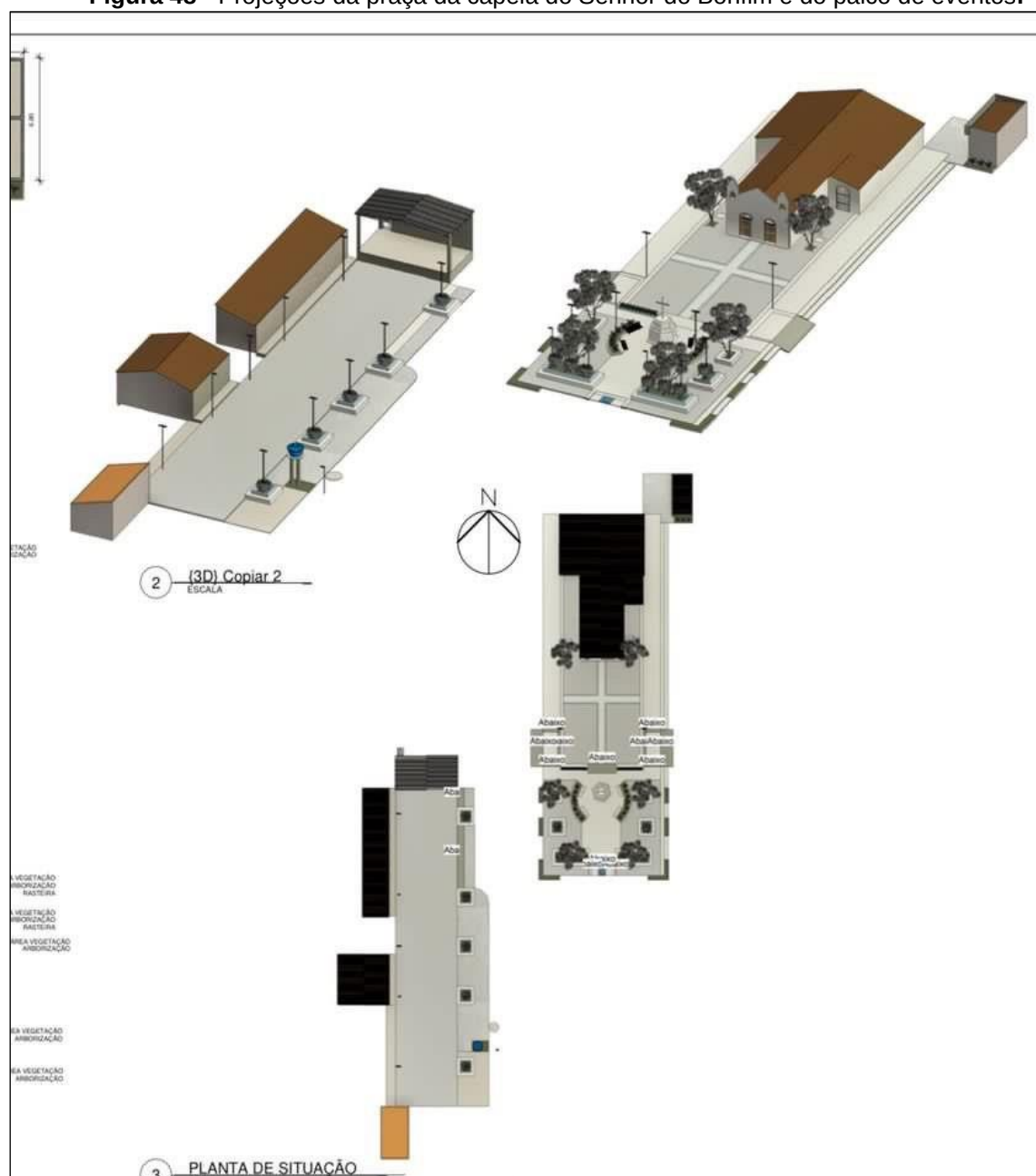


Fonte: Acervo pessoal, 2022.

Como se trata de uma obra do município por meio de incentivo estadual, contactei o vereador responsável pelo projeto, que prontamente me enviou a planta da projeção final do empreendimento, composto pela estrutura da praça e de um palco para apresentações artísticas, com a apresentação da planta baixa na parte inferior da imagem e projeção das duas estruturas, e na parte superior as projeções em 3D, quando se observa que estavam previstas a permanência das duas árvores de figueira que ladeavam a fachada da capela, mas na práticas as duas árvores foram derrubadas. Muito provavelmente pelo porte das árvores, elas já estavam naquele local há pelo menos uns 50 anos, em média.

Contudo, consta o projeto para arborização da praça, com a presença de canteiros para plantio de jardins. Segue a planta fornecida pelo vereador Rodolfo.

Figura 48 - Projeções da praça da capela do Senhor do Bonfim e do palco de eventos.



Fonte: PNDA, vereador Rodolfo, 2023.

De forma que, a paisagem em item 3.2, pontuada como um lugarzinho no meio do semiárido nordestino, no meio rural começa a receber os primeiros elementos de caráter mais modernos, com marcas de urbanismo, introdução de concreto e postes de iluminação, conforme projeção, quando da obra concluída. Na primeira noite de novena dia 29-07-2023, a obra foi entregue à comunidade, conforme registro enviado pelo vereador:

Figura 49 - Registro da primeira noite de novena do Senhor do Bonfim, Queimadas, Dirceu Arco-verde-PI, na praça nova.



Fonte: PMD-Vereador Rodolfo, 2023.

Pontuo que as alterações na parte externa em volta da capela afetam a paisagem ambiental, cultural e arqueológica, mas que não interfere na percepção da significância mística, religiosa do local para seus devotos, quando muitos passam a enxergar e valorizar ainda mais o local porque permite uma melhor alocação do público durante o novenário.

Inclusive, graças a um projeto de Lei 137/2023 o local passou a integrar o roteiro da Fé e Tradições Religiosas do estado no Piauí, e ainda ser incorporado como Calendário Turístico os Festejos do Senhor do Bonfim.

3.3 SEIOS- EX-VOTOS DEPOSITADOS NA IGREJA DO SENHOR DO BONFIM.

Todas as informações assinaladas anteriormente convergem para essa descrição, por isso nomeei enquanto seio, peito feminino, numa alusão que constitui fonte de alimento, no caso biológico o seio é canal por onde a criança é alimentada, que lhe permite adquirir a imunidade para crescer forte e com saúde, e no caso da devoção desenvolvida na área das Queimadas, é o alimento espiritual da fé que mantém viva a tradição dos ritos de pagamento de promessa, com a entrega dos objetos devotivos /coisas.

Figura 50 - Seios- coisa/ex-voto da área do Senhor do Bonfim- Queimadas- Dirceu Arcoverdepi.



Fonte: Acervo pessoal, 2022.

Assim, mediante os aportes sobre contexto histórico e etnográfico da área em estudo, assinalo que os ex-votos da área do Senhor do Bonfim nas Queimadas representam uma tradição quase bicentenária, de 176 anos, cujo acervo é ampliado a cada ano, mediante as celebrações das festividades do Santo e a entrega desses objetos, quando alguns devotos o fazem mesmo em época distinta no decorrer do ano.

Deste modo, nesta pesquisa o acervo contemplado é de 2022, e o foco são as esculturas em madeira, no recorte para as representações de corpo inteiro e das partes do corpo: cabeças e pernas/pés, em virtude da perspectiva de correlacionar as informações com as experiências dos devotos, sendo utilizados a autobiografia da pesquisadora, corroborados por quatro (04) depoimentos e, a partir desses exemplos se amplia em caráter propositivo das interpretações para demais coisas/ex-votos que apresentam às mesmas formas físicas.

Os demais objetos confeccionados em madeira foram contabilizados e compõem dados de inventários para valorização dessas materialidades como elemento cultural/social e corpóreo, artefato da sociedade contemporânea.

Para visualização das esculturas que compõe as análises realizadas segue as imagens dos corpos inteiros, cabeças e pernas/pés que integram o acervo de coisas/ex-votos das Queimadas.

Figura 51 - Esculturas de corpo inteiro – coisas/ex-votos acervo do Senhor do Bonfim-Queimadas



Fonte: Acervo pessoal, 2023.

Figura 52- Esculturas de cabeças – coisas/ex-votos acervo do Senhor do Bonfim-Queimadas



Fonte: Acervo pessoal, 2023.

Figura 53- Esculturas de pernas/pés- acervo do Senhor do Bonfim-Queimadas



Fonte: Acervo pessoal, 2023.

Considerando a variabilidade de esculturas presentes na área das Queimadas apresento uma prancha de fotografias, para que possa visualizar as formas, quando algumas já integram cada seção deste trabalho, ilustrando as analogias traçadas entre as partes do texto, enquanto estrutura do corpo humano. Ressalta-se que para além das partes dos corpos externas, há muitos órgãos, um acervo com muita riqueza de forma:

Segue uma prancha (**Figura 54**) com algumas peças que compõem esse acervo:

Figura 54 - Prancha 01- Ex-votos/coisas acervo Senhor do Bonfim – Queimadas-Dirceu Arco-verde. Agosto de 2022.





03



04



05



06



07



08



09



10

Ex-votos na área do Senhor do Bonfim -Queimadas- Dirceu Arcoverde- PI

Fig 08: Ex-votos/coisa- Escultura de cavalo

Fig 09: Ex-votos/coisa- Escultura de boi

Fig. 10 Ex-votos/coisa- Esculturas de órgãos internos

PRANCHA .01

Pesquisa: CORPOS UMBURANA: Ex-votos na capela do Senhor do Bonfim, Queimadas, Dirceu Arcoverde-PI, sob a perspectiva da Arqueologia das Corporalidades.

Para estabelecer as conexões entre os ex-votos e o estudo enquanto corpo, numa acepção de extensão dos devotos e dos artesãos e demais entes que interagem nos processos de fabricação, deposição e pós deposição, convido a entender como o corpo vem sendo trabalhado e interpretado sob os aportes da Arqueologia das Corporeidades, numa dialética entre fenomenologia e sociologia, dentro das possibilidades de estudo de arqueologia do presente.

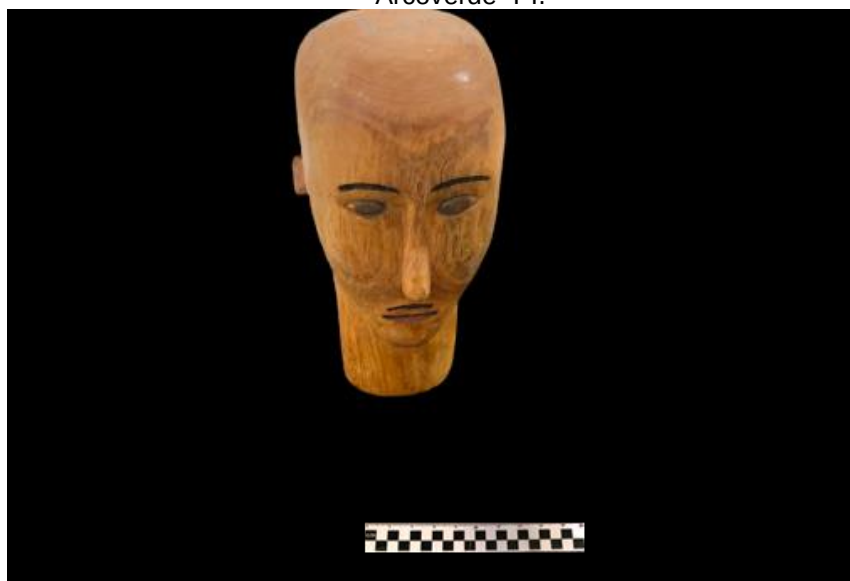
Por isso, sigo para a parte principal desta pesquisa, que a perspectiva de associação entre a teoria e a prática para fins de agenciar dados sobre as materialidades, corpo (ex-voto), substanciados também nas experiências de corporificação dos devotos e dos artesãos e outros entes no espaço da capela do Senhor do Bonfim, nas Queimadas.

4 CABEÇA- EX-VOTO/CORPO-APLICAÇÃO TEÓRICA PARA INFERÊNCIAS CORPÓREAS

*“O meu olhar é nítido como um girassol,
Tenho o costume de andar pelas estradas,
Olhando para a direita e para a esquerda,
E de vez em quando olhando para trás...
E o que vejo a cada momento
É aquilo que nunca antes eu tinha visto,
E sei dar por isso muito bem...
Sei ter o pasmo essencial
Que uma criança se, ao nascer,
Reparasse que nascera deveras...
Sinto-me nascido a cada momento
Para cada eterna novidade de Mundo...”
Fernando Pessoa*

Considerando toda a analogia traçada ao longo das construções das temáticas deste trabalho, com ênfase para as partes do corpo, cumpre sinalizar que entendendo este capítulo como a cabeça (ex-voto e corpo) (Figura 55), no que Leloup (1998, p.129) conceitua como o resumo de todo o corpo, é o que dirige os humanos para sua inteireza, devendo, pois, escutar todas as partes do nosso corpo, considerando os aspectos físicos, psíquicos, cognitivos, culturais, permitindo a formação da individualização do ser e a constituição das relações corpóreas com o mundo, de forma recíproca, ininterrupta e atemporal enquanto carne do mundo em constante atividade (LE BRETON, 2012).

Figura 55 - Cabeça- tipo umburana- coisa /ex-voto acervo do Senhor do Bonfim- Queimadas- Dirceu Arcoverde- PI.



De forma que esse tema, ex-voto/corpo corresponde a fusão de maneira ontológica entre ex-voto/coisa e devoto e o artesão(material/sujeito), na percepção de uma pele social, a partir da aplicabilidade da teoria arqueológica da corporalidade para a análise dos vestígios na área do Senhor do Bonfim, quando se alicerça a aplicação dos aportes metodológicos para fins de correlacionar os objetos e gerar gráficos de possibilidades.

Destarte, o corpo enquanto “pele social é história acumulada”, (BOURDIEU, 2000, p. 131 *apud* MANGI, 2006). O ex-voto/coisa e a capela que os abriga congregam o acúmulo de histórias de muitos entes que atravessam o fenômeno da devoção naquele espaço, de forma que a aplicação dos aportes arqueológicos da corporalidades permite a percepção e reflexão dos corpos vivos que ali materializaram sua fé mediante graças alcançadas, enquanto corpos sociais.

Corporificações sociais são resultantes das classes integrantes (homens, mulheres, crianças, políticos, pedreiros, agricultores, professores, vaqueiros, advogados, motoristas, cantores, motociclistas, entre outros tantas) entrelaçados na instituição social (capela do Senhor do Bonfim) que molda-poder (regras, doutrinações) e, é por fim é moldada-resistência (objetos mundanos - partes do corpo- órgão internos, órgãos sexuais) através da ação social dos *habitus* individuais e coletivos (BOURDIEU, 1990; 2006) são incorporados nesse recinto, obrigando a mudanças de posturas e estruturas físicas para abrigá-los.

O *habitus* é um sistema de repertórios de modos de pensar, gostos, comportamentos, estilos de vida, herdado da família e reforçado nas vivências como aprendizados. Ele também o é simultaneamente individual e social. Bourdieu (1990) considerou-o como um mecanismo de mediação entre sociedade e indivíduo, pois pertence ao domínio coletivo de um grupo ou classe, mas também é internalizado subjetivamente pelos indivíduos que compõem essa classe e, fornece a eles uma gama de ações entre as quais, as pessoas escolherão e cumprirão as que considerarem mais adequadas em suas relações sociais. Numa acepção mais tangível é um conhecimento adquirido que se alia à capacidade criativa e volitiva do agente social.

O corpo seja ele o ex-voto/corpo, ou o espaço da capela onde estão depositados, condensa o social em todas e em cada uma de suas formas, representando caráter econômico, político, social, estético, cultural etc. No entanto, o corpo não

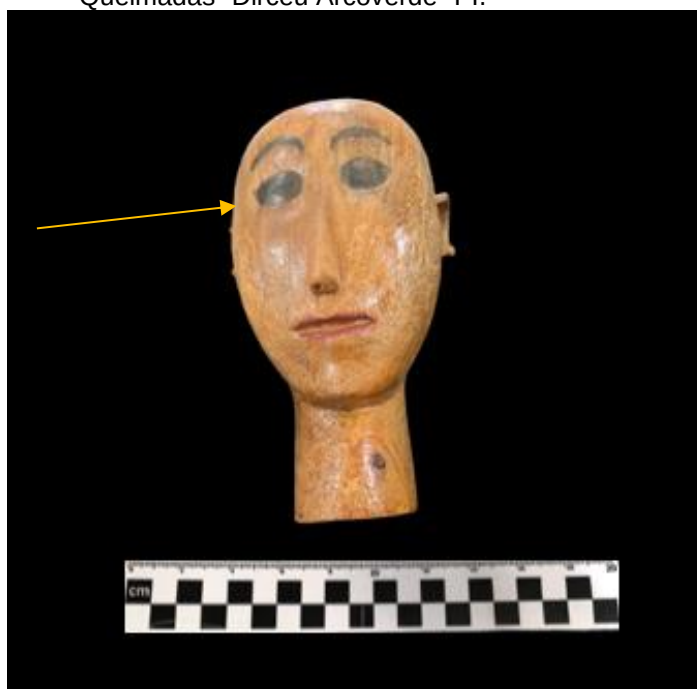
esgota o social, uma vez que somente na relação dos corpos com seus símbolos⁵⁰, discursos, em diferentes visões de mundo que se constitui inteiramente o social.

Para a formalização do estudo, segue-se para a seção de aplicação da teoria em consonância com a metodologia arqueológica de classificação de artefatos (DUNNEL,1986) e autoetnográfica (ELLIS,2004) que vem sendo pincelada ao longo dos capítulos, tecendo as linhas que inter cruzam a minhas vivências como pesquisadores refletindo as metáforas que constitui as percepções de carne do mundo.

4.1 OLHOS – ENXERGAR OS APORTES METODOLÓGICOS PARA O ESTUDO DAS COISAS.

Seguindo a linha de raciocínio quanto à construção dos itens atrelados à cabeça, neste subitem entendo olhos enquanto luz, enxergar as possibilidades, o que coaduna com linha de entendimento para a aplicabilidade de metodologia arqueológica junto às materialidades ex-votivas/ coisas e o fenômeno religioso que os envolve.

Figura 56 - Olhos femininos- Cabeça- tipo umburana- coisa/ ex-voto acervo do Senhor do Bonfim- Queimadas- Dirceu Arcoverde- PI.



⁵⁰. Os símbolos são instrumentos necessários ao conhecimento e à comunicação; são eles que “tornam possível o consenso acerca do sentido do mundo social que contribui, fundamentalmente, para a reprodução da ordem social” (BOURDIEU, 2002, p. 10), ou seja, esses elementos são instrumentos fundamentais para a integração lógica, pois possibilitam um sentido às atividades individuais e coordenam as ações estabelecidas com os outros.

Como não pretendo estabelecer tipologias de ex-votos, encontrar padrões, estimativas; tampouco entender puramente como os símbolos se estruturam nos ambientes, visto que a intenção primeira é perceber as relações entre sujeito (devoto/artesão) e objeto (ex-votos, capela), em construções corpóreas de vivência e exponenciações mediante o fenômeno religioso devotivo, por isso selecionei as esculturas confeccionadas em madeira, nas formas antropomorfas de corpo inteiro e das partes cabeças e pernas/pés, conforme já explicitado em alguns momentos no decorrer das temáticas deste estudo.

O critério de seleção considerou as possibilidades de acompanhar os processos de confecção, deposição e pós depósito, enxergando a interação desses objetos no espaço da capela, correlacionando-os com as histórias dos devotos/artesãos, a partir de cinco testemunhos que resultaram na identificação da coisa/ ex-voto associada à experiência da devoção, incluindo o meu (pesquisadora/devota). Isso converge para a aplicabilidade de metodologia de análise dos ex-votos/capela enquanto artefatos arqueológicos sob a perspectiva de linhas ininterruptas de ações (INGOLD, 2012). As coisas que permeiam essas construções corpóreas existem independentemente, mas uma vez que seus caminhos se conectam novos elementos são construídos e/ou transformados.

Imaginem o quanto o objeto ex-votido pode despertar sensações e percepções para quem não se conecta a sua rede de existência, ou seja, desconhece o fenômeno religioso que lhe deu origem e/ou se quer foi informado da simbologia religiosa que ele possui, mas esse nível de percepção é gradualmente aumentado quando passa a entender ou conhecer as instâncias apelativas e a relação que estabelece com os devotos e seus Santos protetores, materialização de um milagre alcançado, de forma simbólica o invisível se torna visível

Para a construção de análise arqueológica em formato de linhas interconexas atemporais e fluidas, retomo às ideias de Witmore (2014) e Ingold (2015), que assinalam que o homem não se faz apenas sob condições de sua própria escolha, mas de uma gama deslumbrante de seres que, embora totalmente implicados nas relações de existência um com outro, reservam sua capacidade de se retirar e exceder tal implicação, o que significa uma igualdade ontológica dos seres (WITMORE, 2014, p.36).

Nesta pesquisa, a construção das linhas de conexões entre os objetos/coisas envolve os processos desde a projeção inicial da produção do ex-voto, dentro do universo simbólico do devoto, quando esse se compromete, sob súplica de obter o milagre, de entregá-lo em um local de visibilidade pública, como uma forma de recompensa, a intenção da graça pode ser pessoal ou para outrem de seu ciclo de vivência. Esse é o gatilho inicial para o processo de produção do objeto pelo artesão, que contempla a escolha da matéria-prima, destacando como se dá a aquisição dessa dentro da disponibilidade de variáveis de espécimes da caatinga, que são utilizadas para esculpir. Momento em que a madeira influencia essa escolha, ou seja, é escolhida e se deixar escolher.

Por conseguinte, uma série de interfluxo de pessoas e materiais (ferramentas, gestos, lugares, sentidos, percepções) se correlacionam ´permitindo identificar como é o ciclo de vida do objeto desde a fabricação até a entrega na área da capela do Senhor do Bonfim, quando é depositado, e seguem outros ciclos, após o depósito, no que Ingold (2012), conceitua como ciclos ininterruptos de coisas.

Uma vez dentro do espaço da capela, o ex-voto será analisado por meio de categorias tecno-morfológicas, de forma a se mapear o ciclo de vida do objeto, e a partir dos aportes teóricos da arqueologia das corporalidades busco as relações temáticas e funcionais que se estabelecem nesse espaço, possibilitando o entendimento do corpo como pele social, a partir de percepções e atributos da peça atravessado pelo fenômeno religioso, e a manifestação da *hierofania*.

A partir da aplicabilidade da ideia de linhas interconexas, quando não há pontos e sim conexões, procuro demonstrar as relações que se estabelecem entre espaço, tempo, movimento com fluidez em relação ao ex-voto/coisa, quando se pode perceber o *habitus* de Pierre Bourdieu (1977), uma concepção do ex-voto enquanto axioma de muitas pessoas e coisas em uma só peça, ou seja, de muitos corpos em um só, que perpassa por muitos lugares/ movimentos, que dentro da teoria da Arqueologia das Corporeidades possibilitam um rearranjo de sentidos e significados do corpo/ individuo, corpo/ ex voto no espaço religioso, capela/ corpo, em que se pode perceber muitas histórias, fluxos de materiais, malhas de sentidos, de percepções.

“Corpos, organismos, assim como paisagens se tecem na vida e as vidas são tecidas dentro da paisagem, em um processo contínuo de fluxo e contrafluxo de materiais que nunca possuem fim” (INGOLD, 2012, p.47), de forma que, por meio das reflexões da Arqueologia das Corporalidades é possível refletir as interações de

fenômenos naturais, sociais, culturais e cognitivos que se personificam na forma de representações de coisas/ex-votos (esculturas), e, assim, possivelmente tornar o invisível (intangível) em visível (tangível), numa possibilidade de aplicabilidade de métodos e técnicas arqueológica que permitem ressaltar como a arqueologia vem contribuindo para contar a vivência dos grupos humanos.

Nessa perspectiva de inter-relações entre os espaços, tem-se o ex-voto como elemento central e entorno dele se estabelecem as conexões com a capela do Senhor do Bonfim, que, por sua vez, se insere no conjunto de espaços que integram o ritual do pagamento de promessas. No caso da área em estudo, o momento de maior ocorrência de entrega ex-votiva ocorre no mês de agosto, junto ao novenário em honra ao Senhor do Bonfim. Uma construção de influências diretas, em meio aos sistemas culturais, sociais e ideológicos, que configuram esse espaço como ambiente corpóreo.

É importante informar que para o estudo arqueológico de ex-votos, com objetivo de identificação e segregação dos materiais no espaço da capela, utilizei a proposta de levantamento de dados *in situ* que consiste no registro fotográfico das peças, considerando as dimensões bidimensional ou tridimensional das peças, e a relevância de marcas de identificação, de entalhe ou deformidades para identificar as causas representativas de doenças nos objetos, com ênfase para as formas antropomorfas, mediante o aporte de dados conectados às histórias dos devotos e artesão (5 histórias), sendo selecionadas as formas de corpo inteiro, cabeça e membros inferiores, pernas e pés (incluindo minha perninha)

Para o levantamento fotográfico utilizei telefone celular com a função máquina fotográfica com iluminação adequada sob regulação manual do operador e/ou programa específico do celular que permite focar e escolher a melhor luz, permitindo a aplicabilidade de programa de melhoramento *Bump Map*⁵¹, que permite a visualização de uma superfície renderizada, com mais detalhes e imperfeições, não visíveis a olho nu.

⁵¹. *Bump mapping* é uma técnica de computação gráfica, onde cada pixel do objeto que está sendo renderizado recebe a aplicação de uma perturbação em sua superfície normal, baseada num mapa de altura previamente especificado, que como consequência varia a intensidade de luz "refletida" por este pixel. A iluminação é aplicada após os cálculos dando a cada pixel seu respectivo brilho. O resultado é uma superfície renderizada com mais detalhes e imperfeições lembrando o mundo real, que ora tem sido utilizado sob suporte em madeira para fins designer e ambientação de interiores (MIOTO, 2019).

Essa ferramenta gráfica permite o direcionamento de foco luz para pontos estratégicos, uma alternância de sombra e luz que corroboram para as análises técnicas morfológicas das peças, mantendo o rigor necessário sem causar distorções ou alterações nos tamanhos dos objetos. Por isso, a partir desse recurso foram mapeadas marcas importantes de entalhe, técnica de escrita sobre os objetos, veios da madeira, permitindo precisar o tipo de madeira (matéria-prima utilizada) entre outros, maior precisão de entalhe, elementos da fabricação da peça e dos fatores pós deposicionais.

De modo que, a partir do entendimento do ex-voto/coisa como artefato arqueológico, recorro aos elementos de classificação dessas peças. Mesmo diante das discussões quanto ao emprego de classificação dos artefatos, frente a forma taxativa de escolher os critérios e quais os níveis de hierarquização de dados propostos para uma análise arqueológica; contudo, diante da concretude do material, é salutar chegar a critérios de semelhanças diante de um acervo de peças a serem estudadas sob qualquer aporte teórico escolhido.

Para elucidar a questão da classificação recorro às inferências de Dunnel (1980, p.74) ao aclarar que há dois tipos de classificação, a paradigmática e a taxonômica. No caso da paradigmática, os elementos definidores de uma classe são equivalentes, não estruturados, de igual peso e, portanto, associativos por intersecção. No caso da taxonômica, os elementos definidores não são equivalentes, as estruturas têm pesos diferentes e associados por inclusão.

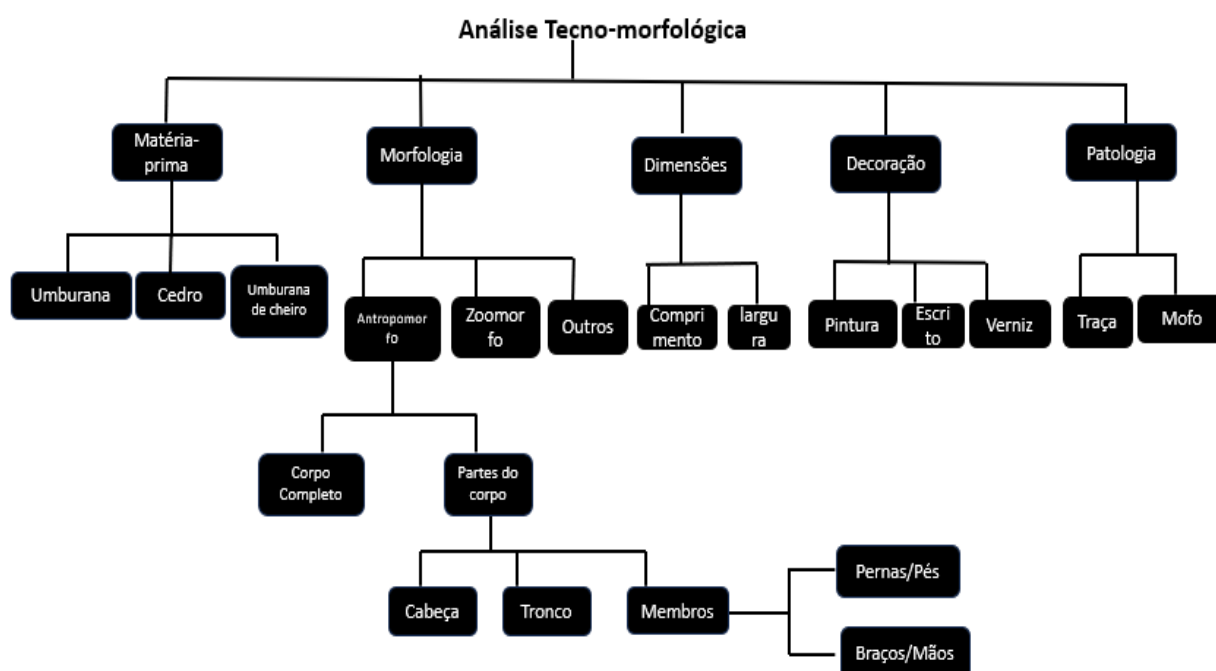
Na classificação paradigmática, os atributos são agrupados em conjuntos onde cada atributo é mutuamente exclusivo, isto é, um atributo X não pode se combinar com outro atributo do conjunto X, mas pode se combinar com qualquer outro atributo dos conjuntos Y, Z e, assim por diante. Cada conjunto é denominado dimensão. Assim, a dimensão matéria-prima pode conter atributos umburana, umburana de cheiro, cedro, e assim por diante no caso dos ex-votos. Uma peça de umburana de cheiro não pode ser ao mesmo tempo cedro. Como não há hierarquia entre os atributos, isto faz com que o atributo matéria-prima tenha o mesmo peso de decoração, de patologias em uma classificação. Um aspecto importante é que sendo compostas pela intersecção de atributos provenientes de diferentes dimensões, as classes obtidas são comparáveis entre si. (DUNNEL, 1980).

A classificação adotada na análise dos ex-votos é a paradigmática e baseia-se em critérios utilizados para classificação por meio de atributos em um mesmo

nível de significância para a análise, que visa o agenciamento de objetos e em agrupamento por nível de semelhança.

Em virtude de o recorte da pesquisa contemplar os ex-votos confeccionados em madeira, justamente por permitir análise com maior precisão, sobre a escolha da matéria-prima, a técnica de fabricação, e as formas das coisas/ex-votos, utilizo o método de análise técnico-morfológica, uma junção de técnica utilizada que no caso em tela é a escultura e morfologia composta pelos atributos de matéria-prima, forma, dimensões, decoração e patologia. Conforme esquema ilustrativo: (Figura 57).

Figura 57 - Esquema 1- Atributos de análise tecno-morfológica dos ex-votos/ coisas.



Fonte :Elaboração pessoal, 2023.

Para tornar compreensível qual a perspectiva de definição desses atributos apresento quadro explicativo:

Quadro 2: Apresentação dos Atributos

Atributos	Conceito
Matéria-prima	Escolha da madeira para confecção dos objetos: pode ser umburana, umburana de cheiro, cedro etc.
Morfologia:	Refere-se às formas apresentadas: Antropomorfas (objetos completos ou partes humanas), zoomorfas (animais), objetos outros. Quando se tratar das figuras humanas especificar partes

Dimensão:	Contempla o tamanho do ex-voto: comprimento, largura, diâmetro, isso varia conforme a forma.
Decoração	Para este campo aclaro que o termo decoração não está sendo utilizado apenas como só como elemento estético, mas também, para outros elementos que uma vez acrescentados às peças lhe garantem uma aparência diferente – todas as marcas presentes na peça, quer seja dos instrumentos de confecção ou algum elemento de identificação (nomes, iniciais de nomes, rubricas), especificando os instrumentos usados para escrever, grafar.
Patologias	Elementos que afetam o objeto após a deposição do objeto na área da igreja; agentes biológicos como mofo, cupim, traça; e

Todas as peças foram analisadas no espaço da igreja, quando não foi necessário a utilização de material de limpeza, visto que estão num local protegido de poeiras.

Em seguida, separei as peças de matéria-prima madeira por atributos de formas e, montei conjuntos formatos por: 1- corpos inteiros; 2- cabeças; 3- pés (isolados), pernas completa/pés e canelas/pés (constituindo uma única peça); 4- joelhos; 5- seios; 6- mãos (peças isoladas), braços e mãos; 7- meio corpo, cintura e pernas; 8- coração; 9- rim, 10- órgão sexuais (pênis, vulva); 11- orelha; 12-coluna; 13- pescoço; Zoomorfos 14- boi; 15- cavalo; outros: 16- chaves; 17- cruz; 18- carro; 19-microfone. No momento da separação, todos os ex-votos foram posicionados no chão da capela, próximo às prateleiras onde estão alocadas (**Figura 58**).

Para mexer nas peças primeiramente pedi a autorização da guardiã da capela e organizadora das peças, Tia Sebastiana, das próprias peças para que me permitisse tocá-las de forma cuidadosa e, da divindade, Senhor do Bonfim, que fica posicionado do altar da capela. Há uma energia forte nesse ambiente e, por vezes, durante a realização desse contato senti a corrente sanguínea percorrer as terminações nervosas das mãos e da espinha dorsal, sensação de arrepio.

Após a separação dos conjuntos os identifiquei com fichas de papel e realizei a coleta de informações sobre as formas, medições e fotografias sistemáticas (utilizei fundo preto como anteparo à luz e direcionando o foco para as peças, acompanhado de escalas de papel) (**Figura 59**).

Para o preenchimento das fichas pude contar com a colaboração direta da Tia Sebastiana, nos critérios de reconhecimento da madeira - matéria-prima, e sobre o conhecimento das particularidades de informações sobre as doenças marcadas nas

peças. A sabedoria e a segurança ao me mostrar as marcas me impressionaram, realmente ela tem propriedade para olhar e perceber o invisível, a sua familiaridade com as peças é grande, e afirmava: “(...) *minha mãe sabia tudo, ela olhava e dizia é isso, (...) muitas foi ela que me mostrou*”. A tradição de zeladora da capela, agora, é uma atividade sucessora passada de mãe para filha.

A realização do registro fotográfico contemplou todo o acervo, contudo, para fins de análise corpórea selecionei os antropomorfos, referentes ao corpo inteiro, às partes cabeça, e pernas/pés, quando pude correlacionar com os dados etnográficos de entrevistas com os devotos e dados da autoetnografia da perninha/pé representando uma graça alcançada e promessa paga.

Figura 58 - Organização dos ex-votos por atributos de formas.



Fonte: Acervo Pessoal, 2023.

Figura 59 - Atividade de registro fotográfico e preenchimento de fichas



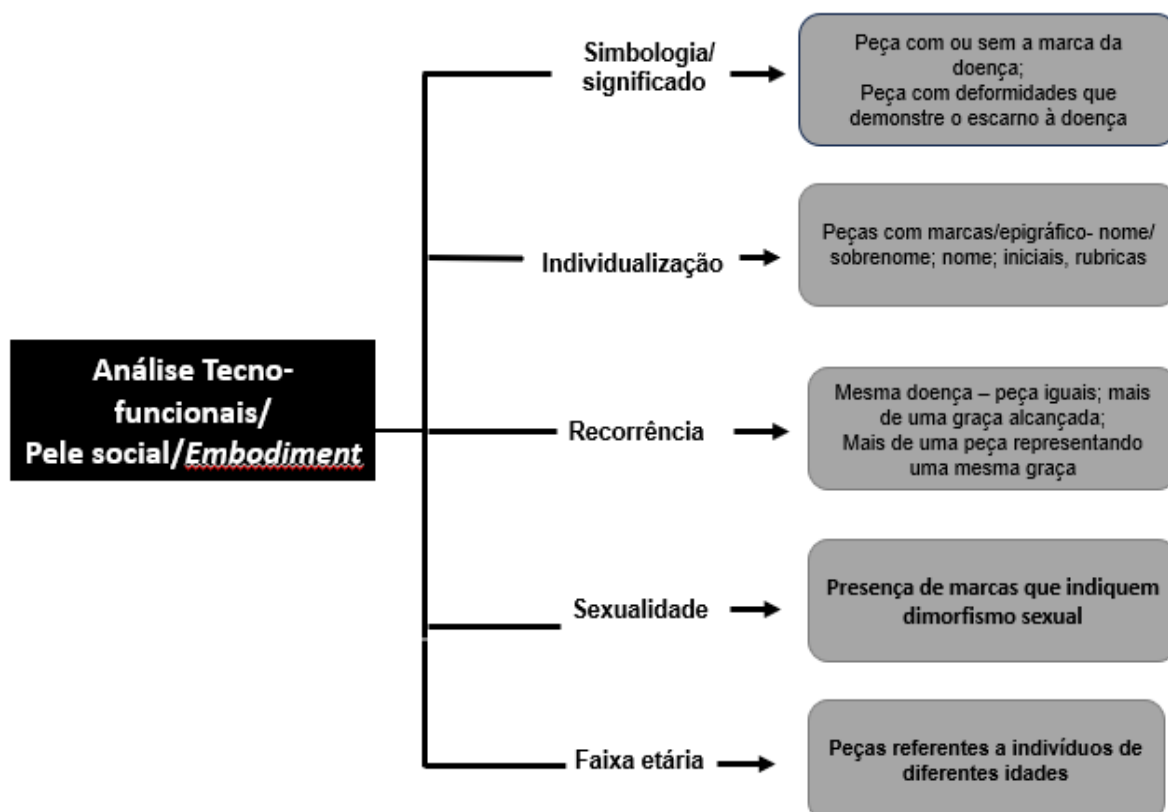
Fonte: Acervo Pessoal, 2023.

Além dos atributos técnicos - morfológicos também elaborei uma ficha sob a perspectiva funcional, utilizando como critério, os atributos que as peças apresentam a partir da perspectiva de uma pele tecida nos objetos, como representativo da pessoa que recebeu a graça, elementos intrínsecos às peças que resultam numa análise de características biológicas, psíquicas/cognitivas e culturais, quando é possível reconhecer o *habitus* de Bourdieu (1990), mediante a recorrências de formas atreladas aos mesmos tipos de doenças, de crenças, entre outras.

Para tanto, os atributos da ficha técnico-morfológica corroboram para o preenchimento da ficha técnico- funcional, pois as informações sobre a morfologia, a decoração, patologias ajudam a perceber a simbologia e significado de cada doença curada; podendo conhecer a individualização de quem obteve a graça, quando muitos ex-votos estão grafados com os nomes, rubricas e ainda a descrição da graça em papel acompanhando o objeto, observando a recorrência do tipo de doença e associá-los a faixas etárias, ao sexo do indivíduo.

De forma que os atributos estão organizados conforme esquema 02 (**Figura 60**):

Figura 60 - Esquema 2- Atributos de análise tecno-funcionais dos ex-votos/ coisas.



Fonte :Elaboração pessoal, 2023

Para o agenciamento desses dados, já mencionei a importância da minha interlocutora, Tia Sebastiana, que durante aqueles dias deixou os seus afazeres para me acompanhar e auxiliar na identificação das marcas de doenças e curiosidades atreladas às graças obtidas pelos devotos.

Todos dados obtidos, número de peças em geral e as dos ex-votos, corpo inteiro, cabeça e pernas/pés que compõe ficha de análise, se encontra em seção próxima. Vamos seguir pela cabeça, descendo até o nariz, em busca de maiores informações.

4.2 NARIZ- AGENCIAMENTO DOS DADOS

A analogia do termo nariz para nomear essa subseção é justificada porque o nariz é responsável por manter a pessoa respirando, ou seja, a porta de entrada do ar e de eliminação do gás carbono e, por isso, converge às percepções sensitivas/afetivas que o local e o acervo podem despertar nos seres que transitam pelas

Queimadas com objetivos diversos e, no meu caso de realizar a pesquisa, de agenciar os elementos essenciais que substanciam este estudo, a aplicação da teoria no estudo dos ex-votos. Assim como, vivenciar a experiência de pagamento de promessa, ou seja, sentir-me afetada pelo fenômeno religioso da devoção e da entrega de um objetivo, no que se constitui a experiência corpórea de Csordas (2008) e o vivência do *habitus* de Bourdieu (1990).

Essa experiência vai ao encontro ao que Bezerra (2013) conceitua como metáfora sensorial, estabelecida enquanto alma das coisas, numa percepção sensorial estabelecida entre os indivíduos com os objetos e as paisagens onde estão inseridos.

Figura 61 - Nariz- Cabeça- tipo umburana- coisa/ ex-voto acervo do Senhor do Bonfim- Queimadas- Dirceu Arcoverde- PI.



Fonte: Acervo Pessoal, 2023.

Para esta pesquisa realizei cinco visitas técnicas à capela do Senhor do Bonfim, nas Queimadas, num primeiro momento para o reconhecimento do local, dia 07 de abril de 2022, onde fotografei os ambientes, as paisagens, a capela, os ex-votos de forma aleatória para fins de um primeiro contato com as peças, uma aproximação, no que significa deixar-se afetar pelos objetos e espaço. Para esta visita contei com a colaboração de uma família de Dirceu Arcoverde, composta por Janeide, Janikelson e Adilson Filho, que tão gentilmente me conduziu ao local, colaborando para a realização do registro fotográfico.

Nesse primeiro contato, senti uma sensação de bem-estar, de pertencer de alguma forma àquele local, o que se configurou como fato verídico, porque na infância, porque estive lá na infância, contudo, não havia registro cognitivo em minha memória. Por isso, essa visita representa um ponto singular da pesquisa em curso, um envolver-se com a sinergia do ambiente. Assim como, foi o primeiro contato com a Sra. Sebastiana, atual zeladora da igreja, representando um corpo importante nos emaranhados de vivências que o local representa, sendo ela a guardiã das chaves da capela e, responsável pela organização dos ex-votos/coisas deixados pelos devotos.

A importância do material fotográfico realizado neste primeiro momento permitiu a identificação das materialidades para a pesquisa, possibilitando o aval de minha orientadora para o estudo na área.

No campo afetivo, além do início dos laços com os moradores locais da área das Queimadas, tive a oportunidade de reencontrar meu padrinho de batismo, Sr. Amaro, há 15 anos sem contato. Ele mora no sítio Caldeirãozinho, próximo às Queimadas e tem casa em Dirceu Arcoverde, o que se tornou um ponto de apoio importante para a coleta de dados da pesquisa e, um afeto importante nas minhas vivências corpóreas.

A segunda visita ocorreu nos dias 11 e 12 maio de 2022, quando estive no local para realizar o levantamento sistemático das peças e por meio da etnografia obter dados sobre a história do lugar e sobre histórias de graças alcançadas. Momento que, também participei das festividades de Nossa Senhora de Fatima, em Dirceu Arcoverde, ou seja, situação importante com a possibilidade de conectar pessoas da família Ribeiro que moram em Remanso e Petrolina que estavam na cidade.

A partir dessa segunda visita elaborei o esboço da ficha de análise tecno-funcional, cujos atributos compõem o esquema 2 (**Figura 60**) apresentado no item 4.1.

A terceira visita ocorreu nos dias 05 e 06 de agosto de 2022, durante o novenário e a celebração da Festa do Senhor do Bonfim, para registrar/ participar dos ritos católicos das celebrações religiosas e principalmente fotografar o rito de pagamento de promessa e a entrega dos ex-votos, haja visto que é o ponto áureo dessa prática, onde muitos devotos já colocam nas intenções da promessa a entrega do ex-voto no momento da festa do santo.

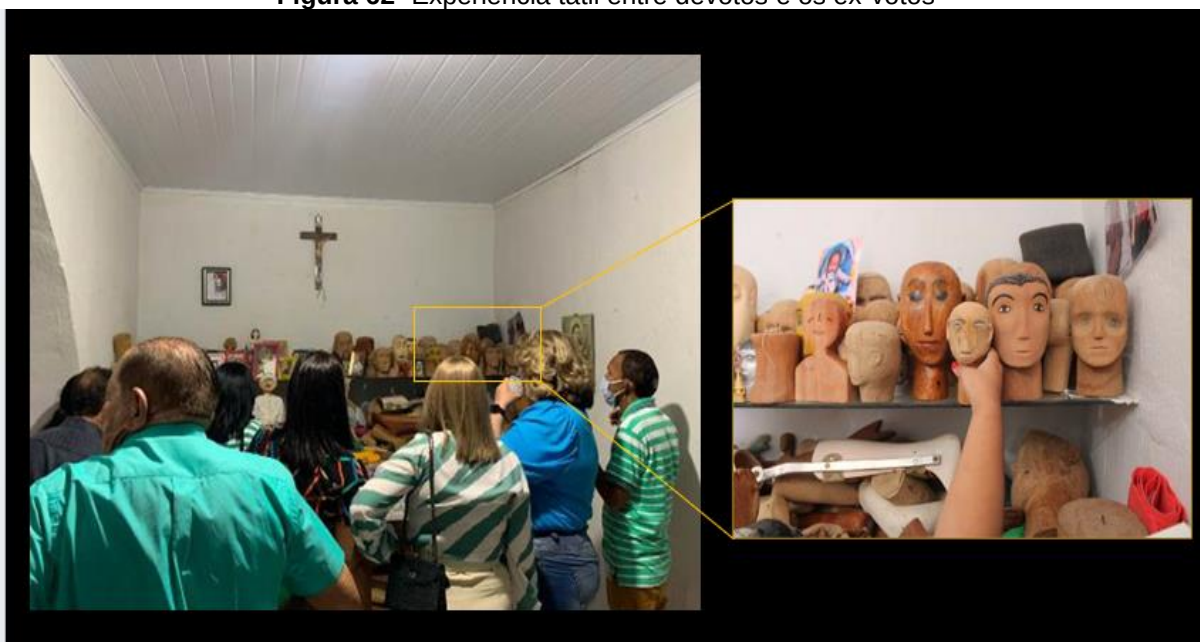
Para o registro fotográfico, além do telefone celular, utilizei máquina fotográfica CANON EOS 250 D profissional com a utilização de duas lentes com precisão: Lente EF-S 18-55mm e EF 75-300mm, de forma constituir um banco fotográfico

adequado aos anseios das pesquisas, ou seja, captar os símbolos atrelados ao catolicismo correspondente ao Senhor do Bonfim e ao público em geral, em espaço de comunhão entre os ritos religiosos e a comercialização de bebidas alcoólicas, e comidas (profano) entre outros itens vendidos pelos ambulantes.

Nessa ocasião, contei com a colaboração direta do amigo e graduando em Arqueologia, Edson Oliveira, que além do domínio das técnicas fotográficas, tem o olhar do pesquisador, e fomos construindo as imagens e alicerçando nossas percepções sobre o local e sua gente. O que mais me impactou foi a expressiva quantidade de fiéis, em gestos de gratidão, louvor e entusiasmo diante da imagem do santo, a necessidade de tocar no santo, e assim também é o tratamento com os objetos devotos, o devoto que faz a entrega quer ser percebido, fica perto do local, escolhe o ponto na prateleira para colocar junto aos outros ex-votos, e toca em vários objetos. Outros devotos mesmo não tendo o elemento ex-votivo para entregar quer ver quem está pagando promessa, presta atenção nas peças, toca e ainda comenta entre os conhecidos quando reconhece a peça deixada por uma pessoa de seu ciclo de vivência.

Essa sinergia tátil é observada por Classen (2005, p.277 citado por Bezerra, 2013, p.112) mediante o contato de visitantes em um museu, que tocam os objetos para “verificar sua natureza e experienciá-los intimamente”. Isso porque o toque aproxima o sujeito do objeto, um contraponto à premissa que é precisa manter uma certa distância para que o observador possa ver o observado. O imbricamento de “quem toca” e do “que é tocado” aniquila “não apenas o espaço, mas também o tempo”

Os devotos do Senhor do Bonfim na capela das Queimadas, assim como os visitantes de museus observados por citado por Bezerra (2013), também examinam os objetos, não apenas visualmente, mas, sobretudo, por meio da experiência tátil (**Figura 62**). Esse desejo, no entanto, revela mais do que uma mera curiosidade pelo objeto; “o toque é um elemento significativo no processo de exploração e (re) conhecimento do mundo”, conclui Bezerra (2013, p.112).

Figura 62- Experiência tátil entre devotos e os ex-votos

Fonte: Acervo Pessoal, 2023.

Esse momento da pesquisa foi expressivo para mim, no sentido que pude observar o místico de sensações que o local capela do Senhor do Bonfim proporciona, no momento das duas primeiras visitas eu contemplei o silêncio, uma sintonia entre a simplicidade do local e, por conseguinte, um refúgio aos barulhos do mundo.

Nesses dias, das festividades, no entanto, o silêncio é quebrado pelo tumulto de pessoas, carros, fala altas, barulhos das sapatos e sandálias no piso cerâmico da igreja, pessoas com celulares nas mãos para tirarem fotos, outras rezando de joelho em frente ao altar, crianças correm na igreja, outras choram, mas o interessante é que esse tumulto se adéqua ao espaço, o perfil da instituição que molda – impõe regras (capela católica -sagrada) é permeada pelo fenômeno profano e se deixa modelar, nessa relação se aniquila essas dualidades de certo (sagrado) e errado (profano).

A quarta visita ocorreu entre os dias 29 e 31 de janeiro de 2023, onde vivi a experiência da entrega de meu corpo esculpido enquanto madeira umburana, representativo de minha perninha/ pé de 3 anos de idade.

Todos os dados e sensações desse momento compõem a próxima subseção deste texto, sendo assim, caro leitor, não irei me adentrar aqui em descrever essa vivência, mas é importante permanecer atento, para compreender a quanto satisfatória foi essa experiência, o ápice da pesquisa, porque por mais curiosa que estivesse em descobrir às simbologias e os significados inerentes aos ex-votos enquanto

corpos, não há parâmetro que sirva de medida para avaliar a singularidade de me tornar coisa/ ex-voto/ corpo.

Outrossim, foi nessa ocasião que realizei a coleta de dados sistemáticos para as análises das coisas ex-votivas, mediante as perspectivas morfológicas e funcionais com a perspectiva de organizar as informações para o entendimento dos corpos fenomênicos em estudo que são entidades de corpos de devotos e artesãos atravessados por outras coisas, sons, microrganismos, que se interrelacionam ao ambiente da capela do Senhor do Bonfim, nas Queimadas enquanto ambiente corpóreo.

Para a coleta de informações utilizei fichas previamente elaboradas, trena, escala e fotografias. Conforme sinalizei em momentos anteriores ao longo do texto, os objetos foram segregados formando macro conjuntos, respeitando o critério de semelhanças tipológicas/atributo de forma, contudo, cada objeto dentro do conjunto foi analisado individualmente, de forma a identificar particularidades associadas às individualizações (SIMONDON, 1995) das intenções dos devotos ao realizarem as suas promessas.

A organização por conjunto se manteve também ao realizar as fotografias dos objetos, onde as formas, cabeças, corpo inteiro e objetos com um único exemplar foram fotografadas individualmente, os demais mantive o conjunto. Pondero que essa metodologia de registro fotográfico foi uma estratégia adotada mediante a quantidade de peças, otimizando o tempo e respeitando o local da capela, onde estão depositados, evitando perturbar a sacralidade do espaço e dos objetos.

Imaginem que a minha presença, retirando-os de suas posições já imputa um outro significado corpóreo, onde passo atuar como elemento invasivo e ao mesmo tempo necessário para os aportes da pesquisa. Importa, aclarar que, a zeladorada capela, Tia Sebastiana, me permitiu mexer sob o argumento que depois ela me ajudaria a reorganizar, porque sabe onde fica peça. O que serviu de anteparo às minhas inquietações de descaracterizar o sítio. Algo que comumente fazemos ao proceder as escavações de sítios arqueológicos, descaracterizando-os estratigraficamente, sob o apelo de entender os processos constituintes daquela ocupação e registrar o máximo de informações sobre os artefatos e sobre o contexto ambiental e cultural.

Importa informar que realizei o registro fotográfico de todas as formas de ex-votos do acervo do Senhor do Bonfim, mas com o objetivo da análise corpórea selecionei as formas corpo completo, cabeça e pernas/pé mediante a possibilidade de correlacionar às experiências dos devotos e artesãos, cujos dados são resultados da

pesquisa etnográfica junto à população local, assim como, os dados autoetnográficos atinentes à experiência de entrega de minha perninha/ pé na capela.

Para a tomada de medidas das coisas utilizei apenas duas variáveis, x e y, largura e comprimento, respectivamente, sempre observando os pontos de extremidade de maior tamanho, quando se trata de formas diversas, confeccionados em sua maioria como tridimensionais, mas há formas bidimensionais, por isso as variáveis adotadas se adequam às duas perspectivas e servem de parâmetro para se registrar o tamanho das coisas.

Para as formas corpo inteiro, tenho as medidas do comprimento, e a largura do ombro, cintura e quadril, e as medidas de dois tipos de formas, tipo cabeça e perna/pé, apresento o esquema de medidas empregado:

Figura 63 - Exemplo 1: Demonstrativo de medidas de formas de cabeça.



Fonte: Acervo Pessoal, 2023.

Para as formas de pernas pé, realizei a tomada de medidas considerando a forma completa, quando o eixo y contempla o local de maior extremidade, mesmo que a trena tenha que ser posicionada de forma oblíqua, e o eixo x está configurado como x' e x'', onde o x' é a largura da perna na posição mais alta, e o x'' completa o pé quando as peças foram analisadas na posição lateral, conforme exemplo 2:

Figura 64 - Exemplo 2: Demonstrativo de medidas de formas de cabeça.



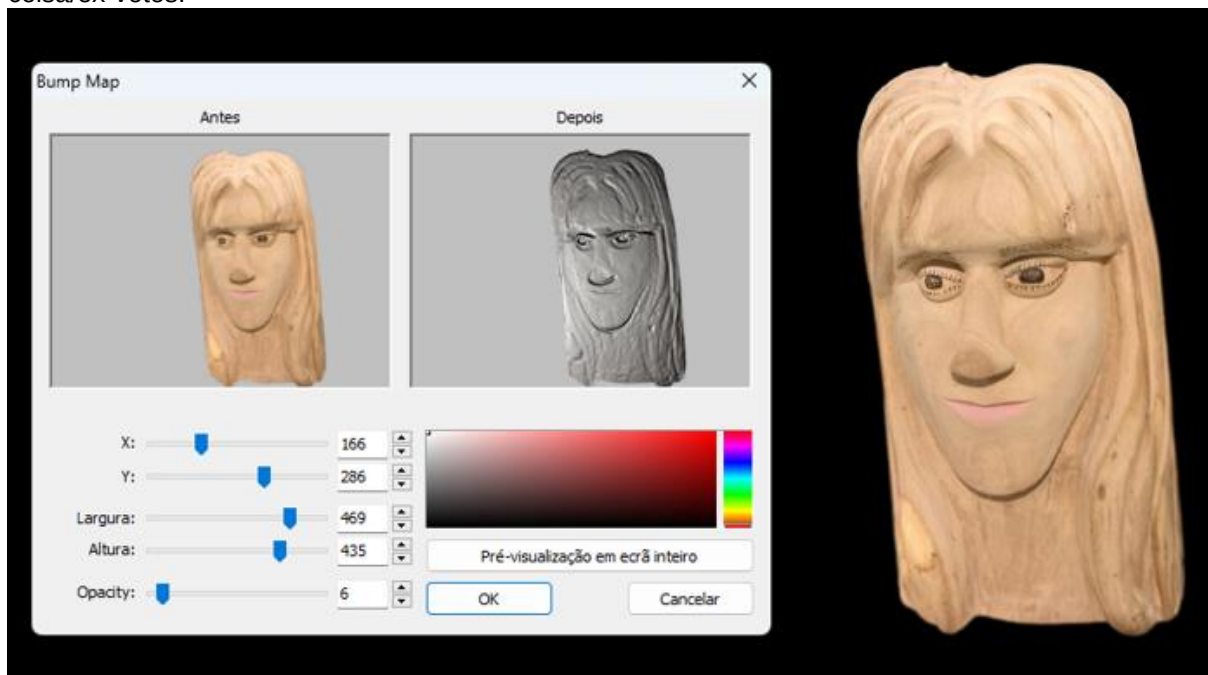
Fonte: Acervo Pessoal, 2023.

Além das informações obtidas pela observação a olho nu, utilizei o recurso da ferramenta eletrônica de tratamento de imagens Bump Map, que adiciona relevo numa superfície aparentemente plana, mas que na verdade é formada por rugosidades, e partir de uma alternância de luz e sombra permite observar detalhes de entalhe, superficial ou mais profundo; além da identificação de imperfeições, rebarbas, e destacar as marcas de doença quando essas estão representadas na peça. O formato dessa imagem é nas escalas de cinza, onde os pontos mais escuros são as áreas mais profundas e as mais claras os pontos mais superficiais.

O efeito do Bump Map é o mesmo que os arquitetos utilizam para fazer as modelagens de ambiente, móveis planejados para casas, apartamentos, mostrando o efeito de renderizar, ou seja, aumentar a qualidade das imagens e das texturas, o que é comumente realizado no Photoshop.

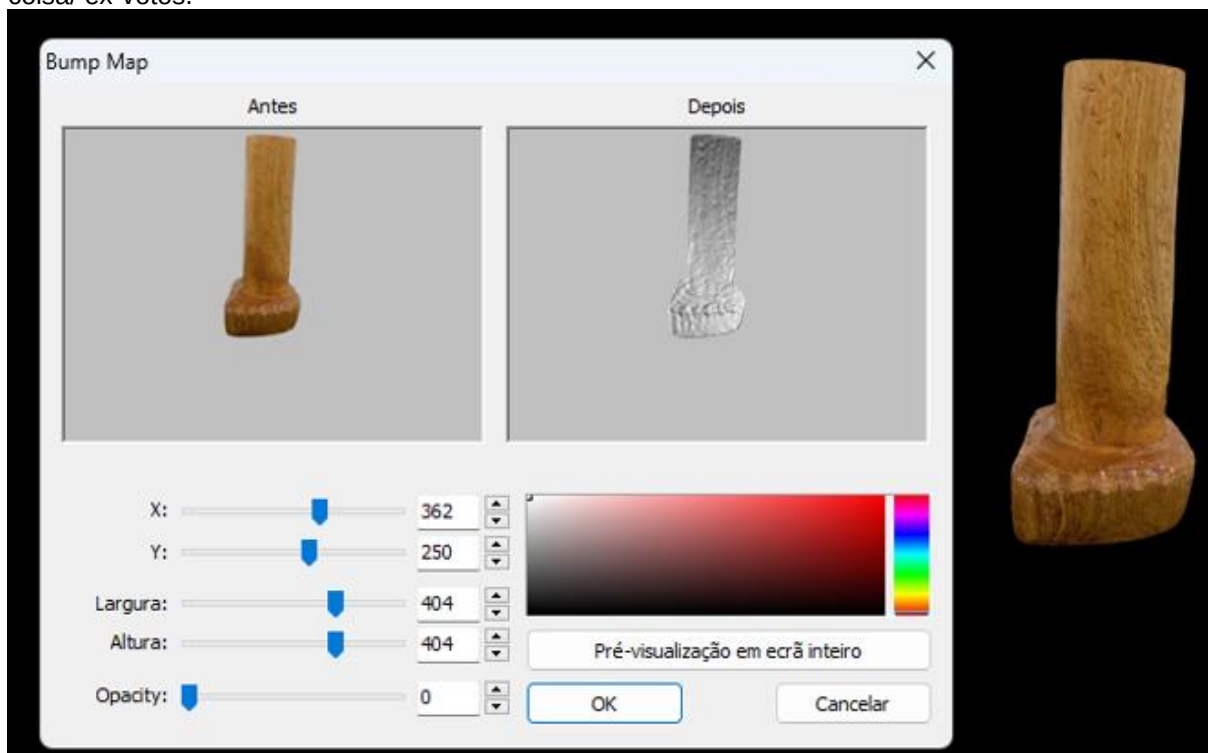
Para a execução da ferramenta Bump Map, o procedimento requer a remoção do fundo da imagem e editar no programa de Windows: FastStone Image Viewer, quando se escolhe a opção efeito e segue para o Bump Map, com a disponibilidade para o usuário observar as diferenças de efeito. Alterando os focos de luz e sombra, e observando detalhes na textura da madeira, sendo uma importante ferramenta de análise das formas corpo inteiro, cabeça (**Figura 65**) e pernas/pés do acervo da Capela do Senhor do Bonfim, nas Queimadas (**Figura 66**).

Figura 65 - Cabeça- Aplicação de ferramenta Bump Map para o estudo das formas de cabeça – coisa/ex-votos.



Fonte: Acervo Pessoal, 2023.

Figura 66 – Perna/pé - Aplicação de ferramenta Bump Map para o estudo das formas de perna/pé – coisa/ ex-votos.



Fonte: Acervo Pessoal, 2023.

As imagens de Bump Map integram as fichas de análise, corroborando para substanciar as descrições sobre marcas de doença e detalhe de entalhe.

As fichas contêm as informações sobre os atributos morfológicos e funcionais que apresentei no item 4.1, de forma que se possa compilar esses dados para a apresentação de gráficos estatísticas das percepções corpóreas, após acompanhar os detalhes de graças descritas no item seguinte 4.3.

As fichas de análise compõe item Anexo A desta pesquisa, e para fins de exemplo apresento o modelo adotado para as formas cabeça (**Figura 67**) - demonstrativo de peças individuais, onde a quantidade de imagens depende das variáveis apresentada por cada peça, sempre ressaltando características atreladas à individualização dos agraciados (nomes) pelas promessas e as marcas de doença (colocadas como indicativos de probabilidades- corroboradas pelos conhecimentos da Tia Sebastiana que no decorrer dos anos zela pela preservação do local e ouve muitas histórias dos milagres alcançados), e uma foto Bump Map.

Figura 67 – Exemplo de Ficha de análise para ex-voto - cabeça

The figure shows two examples of analysis sheets for ex-voto heads. Each sheet contains a table with the following columns: EX-VOTO, MORFOLOGIA, TIPOLOGIA, CURVIMÉTRIA, LARGURA, DECORALIZAÇÃO, and PATOLOGIA. Below the table, there are sections for 'Foto frontal', 'Foto perspectiva', 'Simbologia', 'Individualização', 'Sexualidade', 'Faixa Etária', and 'Observações'. The sheets also include 'Foto de identificação' and 'Foto Bump Map'.

Exemplo 1 (Left):

EX-VOTO	MORFOLOGIA	TIPOLOGIA	CURVIMÉTRIA	LARGURA	DECORALIZAÇÃO	PATOLOGIA
43	Antropomorfo	Cabeça	14 cm	06 cm	Ausente	Estatua

Exemplo 2 (Right):

EX-VOTO	MORFOLOGIA	TIPOLOGIA	CURVIMÉTRIA	LARGURA	DECORALIZAÇÃO	PATOLOGIA
44	Antropomorfo	Cabeça	12 cm	05	Ausente	Ausente

Fonte: Acervo Pessoal, 2023.

As fichas das formas de pernas/pés e pés (**Figura 68**) estão agrupadas por conjunto e análise individual de cada peça com a indicação por número das peças no registro fotográfico, sendo utilizadas duas imagens: Uma foto geral do conjunto e uma foto do conjunto em Bump Map.

4.3 BOCA- A PRÁTICA DEVOTIVA A PARTIR DA AUTOETNOGRAFIA

*Prepare o seu coração para as coisas que vou contar.
Eu venho lá do sertão, eu venho lá do Sertão, (...)
Música Disparada
Theo Barros e Geraldo Vandrê*

Figura 69 - Boca- Cabeça- tipo umburana- ex-voto/coisa acervo do Senhor do Bonfim- Queimadas- Dirceu Arcoverde- PI.



Fonte: Acervo Pessoal, 2023.

No sentido biológico é pela boca que nos alimentamos e expressamos a nossa voz, além de proporcionar a respiração (expiração) (**Figura 69**), no sentido analógico do texto, a boca nesta seção é simbolicamente o som da minha voz e de outros devotos que descrevem suas experiências devotivas na área do Senhor do Bomfim, para endossar o perfil de elementos que se somam nas relações corpóreas dos ex-votos.

Convido você, amigo leitor, que tem acompanhado a construção desta pesquisa, atento aos conceitos e as inferências sobre o questionamento do que são as relações corpóreas que nos tornam carne do mundo, para adentrar nesta seção com a expectativa de conhecimentos, mas também, para deixar o seu corpo biológico numa posição confortável e, permitir envolver-se com os corpos aqui em evidência.

Com a intenção de entender como se estabelecem as relações de outros corpos na área sagrada da capela do Senhor do Bonfim, utilizo meu corpo como elemento de estudo, a partir de uma metodologia autoetnográfica- autobiográfica numa perspectiva *insider* (Santos 2017), ao me tornar coisa junto ao acervo de coisas/ex-votos naquele espaço.

Para a substanciar essa experiência, retomo ao episódio da promessa realizada pela vó Rosa (Dindinha) e mãe, quando quebrei a perna na infância, aos 3 anos, relatada na seção introdução. Ocasão que não se procedeu a entrega do ex-voto material na capela, realizando apenas os ritos das orações e acendimento de velas.

Dentro da instância da negociação entre o pedido realizado e a consumação da graça, havia a perspectiva que eu permanecia em débito, uma vez que muitas promessas são feitas por outros, para serem pagas pelos beneficiários das graças. Assim, passo agora a compartilhar as relações estabelecidas para que eu pudesse sanar minha obrigação com Senhor do Bonfim.

Antes dos detalhes sobre a confecção da coisa/ex-voto representativo de minha perninha esquerda, oportunizo aclarar que ao me colocar como personagem nesta história, estou vivenciando algo que acredito, no sentido formal da devoção, porque pertenço a uma família religiosa. Carrego na minha bagagem cultural uma tradição de mulheres católicas, três gerações de leigas consagradas, praticantes dos ritos e celebrações do catecismo cristão, ou seja, responsáveis por propagar a fé, na comunidade Capim do Zé Macário⁵² - Dirceu Arcoverde – PI, local de origem de minha ascendência materna.

Tenho apreço por essa situação de ter sido criada num cenário nordestino sob o comando de uma linhagem matriarcal, onde essas mulheres têm contribuído para uma convivência amistosa entre os membros da comunidade e adquiriram ao longo dos anos muito respeito a partir dos ensinamentos repassados. Algo peculiar quando se observa por muitos anos uma predominância masculina nos postos de líderes de comunitários, associações quilombolas, entre outras.

⁵²O topônimo do local é uma homenagem ao precursor José Macário, vulgo Zé Macário – meu bisavó, que ocupou o local na década de 30, casado -Enedina (bisavó), responsável pela propagação dos conhecimentos religiosos e alfabetizadora de sua comunidade. Algo que foi repassado à minha avó - Dindinha Rosa, e ora está sob a gerência de duas tias (Titia Terezinha e Madrinha Emília).

Retomando ao cerne da questão da promessa, no episódio da queda morava no Capim e a minha vó Dindinha foi a primeira a cuidar do fermento e a responsável pelas orações e pela promessa feita. A relação de afeto que construí com ela ao longo de sua existência serve-me de anteparo, mesmo que há 27 anos só sinta a sua presença espiritualmente.

Todas as vezes que vou ao Capim me reabasteço de boas energias; sou agraciada com os abraços e as comidas dos parentes, os cheiros e os sabores necessários para sobreviver às asperezas do mundo, o que caracteriza a construção de memórias afetivas de forma genuína. Essa descrição serve de subsídio, para que perceba, caro leitor, em que ambiência eu tenho congregado parte de minhas experiências neste mundo.

Durante o agenciamento de histórias sobre a devoção na área do Senhor do Bonfim, no ano de 2022 para fins desta pesquisa, estive nas celebrações dos festejos de Nossa Senhora das Mercês no Capim, no mês setembro, e aproveitei a grande quantidade de fiéis para fazer um chamamento de forma pública, no altar da igreja, para ouvir histórias de devoção relacionada a graças alcançadas por intermédio do Senhor do Bonfim.

Nessa conjuntura, utilizei do método etnográfico de entrevistas informais e observações diretas, para coletar dados que me ajudassem a selecionar as histórias com maior significância, no sentido do pagamento da promessa associada a entrega do ex-voto. Uma oportunidade singular, visto o êxito alcançado. Não apenas encontrei a história da promessa, mas também o autor, o artesão e, ele ainda pertencia ao meu ciclo familiar. Alguém de fácil acesso e que me ajudaria a tecer a malha de entendimento sobre as relações corpóreas, que avento como possíveis a partir dos devotos/artesão/ex-votos.

Sei que está curioso, caro leitor, para saber mais sobre essa história que mencionei sobre a devoção atrelada a um membro de minha família, permaneça lendo e permita-se sentir envolvido por essa atmosfera corpórea presente neste relato, deixando-se ser afetado pelos fenômenos culturais, afetivos, das vivências humanas, a cada novo detalhe.

Implica aclarar, entre as muitas pessoas que me contactaram para descrever suas histórias de graça por intermédio do Senhor do Bonfim, destaco a história repassada por minha prima Almira Dias de Castro (56 anos – prima materna, professora que mora em São Raimundo Nonato, que frequenta os festejos da comunidade Capim,

onde foi criada), que relatou foi que sua irmã Auricêlia (moradora do entorno do capim - 57 anos) nasceu com o pesinho direito torto, e que o seu pai, o tio Raimundo (tio mais velho da linhagem materna), havia feito uma promessa para que se curasse, sob o apelo da entrega do pesinho lá na capela do Senhor do Bonfim. Como a graça foi alcançada, o tio Raimundo confeccionou o pesinho de madeira e o depositou nas Queimadas. Uma boa história, restando apenas conversar com os personagens para obter maiores detalhes.

Encontrei a Auricêlia naquele mesmo dia, a qual me informou que por ser muito pequena quando da ocorrência dos fatos, não tinha memórias cognitivas do milagre, contudo, confirmou o relato devido ao testemunho do pai, e olhou para os seus pés para me mostrar que como estão em posição certa. Inclusive, não sabia nem precisar qual dos pés era o torto, devido à ausência de sequelas.

Por conseguinte, quando reporte a história para a mamãe, ela confirmou a veracidade dos fatos, porque o tio Raimundo era arteiro⁵³, que desde novo gostava de construir coisas, e já ficou empolgada para me acompanhar no momento da entrevista, porque queria aproveitar para visitá-lo.

Substanciada na necessidade de coleta de dados sobre a fabricação do pesinho de madeira da Auricêlia, cogitei a possibilidade de querer não apenas o testemunho da fabricação do objeto, mas de acompanhar todo o processo, ou seja, observar e registrar por meio de fotos e vídeos a fabricação de um ex-voto. De modo que, averigui como estava saúde o tio Raimundo para saber se tinha condições dele fabricar a minha perninha esquerda, para que eu pudesse vivenciar o simbolismo, o fenômeno do pagamento da promessa.

Ao mencionar a situação da fabricação da minha perninha, mamãe abriu um sorriso, acho que ela reviveu o momento da graça, quando retornei a andar e porque sabia que tio Raimundo gostava de se sentir útil, de ajudar, e tinha prazer de mostrar os seus feitos, um exímio contador de histórias. Por isso, ela tratou logo de ligar para a casa dele, para saber se aceitaria a tarefa. Entretanto, naquele dia não o encontrou em casa, deixando apenas o recado com a sua esposa, tia Iolanda.

Tenho falado dos elementos figurativos, o enredo, personagens, mas não mencionei que estou morando em São Raimundo Nonato-PI, a 4 km da casa de

⁵³Adjetivo comum na linguagem nordestina para designar pessoa esperta, astuta, inventor

mamãe, e que o tio Raimundo, mora no Caldeirão, povoado de São Lourenço - PI, a 37 km de São Raimundo Nonato, situando, agora, geograficamente os personagens.

No dia seguinte, logo pela manhã, após deixar minha filha no colégio, passei na residência da mamãe, e ela me comunicou que o tio Raimundo havia aceitado o desafio de fabricar a perninha no sábado, dia 21 de janeiro de 2023, e se chegássemos cedo, ele entregaria o objeto no mesmo dia.

Naquele sábado, um mistico de sentimentos invadiu a minha manhã, uma sensação de estar prestes a vivenciar aquele momento, ao qual tinha ansiado e a inquietude de saber como seria me ver representada num ex-voto. Aquilo me conferiu até uma pequena fígada na perna esquerda, creio que meus neurônios sensoriais intensificaram os impulsos e várias sinapses ocorreram, trazendo à sensação de uma alfinetada no local das fraturas na perna. Por alguns anos, os locais das fraturas ficaram visíveis, devido a pele ter uma cor mais clara e uma camada mais fina. Assim, o estímulo nervoso atuou exatamente nesses pontos, ou seja, as marcas do corpo biológico estão em plena conexão com o corpo atravessado pelo fenômeno social da representativa enquanto coisa/ ex-voto.

Em seguida, fui o tomar o meu café da manhã, algo imprescindível para que meu cérebro entenda que o dia começou. Posso acordar às 4h da manhã, e já me alimento como se a oportunidade de comer fosse aquela. Instinto de sobrevivência, como para andar e, se tiver que ficar sem almoço ou janta, tranquilo, tenho reserva. Por isso, quando passei para buscar minha companheira de pesquisa, mamãe, ela me informou que o tio Raimundo já havia ligado para saber se íamos cumprir o trato. Isso era 8:20h e chegamos em sua casa às 9h, porque mais da metade do caminho conta com pavimentação asfáltica.

A recepção foi bem alegre do tio Raimundo, mas sinalizou: “(..)se *atrasaram*, mas eu já estou com a madeira no ponto, creio que dá para terminar hoje”.

A partir desse momento, durante o relato, sempre que necessário irei ilustrar as etapas de fabricação do objeto com as imagens feitas durante o processo de fabricação, porque o intuito é compartilhar o passo a passo, coletar os gestos das mãos, do rosto, do corpo ao talhar, e utilizarei também das falas gravadas, de sorte a mapear os fenômenos biológicos/culturais necessários para me transformar numa forma sólida, metaforicamente corpo umburana, sendo afetada pela madeira, os sons das ferramentas ao longo do processo, as raspas e pó resultante da fabricação, assim

como, pela grandiosidade humana do tio Raimundo, com suas histórias e jeito sertanejo de contá-las, num ciclo ininterrupto de sensações e percepções.

Não vou fazer a descrição física do tio Raimundo porque as imagens cumprem esse papel, mas sinalizo que é o irmão mais velho da mamãe, de uma irmandade de 10 irmãos, sendo dois já falecidos. Em termos de ascendência, são pertencentes às famílias Castro e Macêdo, cuja genética apresenta fenótipo de pele clara, cabelo sem ondulações, olhos escuros, estaturas medianas e as mãos grandes com dedos grossos. Ressalto essa informação, porque mesmo com uma mão grande isso não implica em dificuldade para o manuseio de ferramentas para a execução de trabalhos manuais, tendo habilidade em trabalhos de carpintaria e ser mestre de obras, pedreiro.

Implica informar que, as fotos contêm apenas o tio Raimundo, porque eu estava realizando as fotografias e filmagens e, mesmo tendo levado um pedestal para o celular, como todo o processo de fabricação ocorreu ao ar livre, a iluminação requereu manuseio na mão, para ajustar a posição de menos ou mais luz a depender do ângulo. Para o registro imagético utilizei aparelho celular Iphone XR, versão IOS 16.0.2, e registro audiovisual formato vídeo.

O local escolhido por tio Raimundo para a fabricação da perninha foi na lateral esquerda, próximo à parte frontal de sua casa, debaixo de um pé de ninho ou nim (*Azadirachta indica* A. Juss), tendo colocado um banco de madeira, também confeccionado por ele, para que pudesse se sentar e trabalhar como apoio para madeira. Onde me mostrou a madeira colhida para fabricação, um pedaço de tronco de umburana medindo 90 cm de comprimento com diâmetro de 12cm, que já estava descascado, tirado a casca e entrecasca. Contudo, como fiquei curiosa para observar a árvore umburana, ele sinalizou que havia um pé próximo à sua residência.

Assim, o primeiro momento foi a observação da árvore umburana de cheiro (*Amburana cearenses*) uma espécie que integra o bioma caatinga, caracterizado pela alternância de folhagem no período das chuvas para a seca, quando todas as folhas caem como artifício de economia de água para sobreviver ao longo período de estiagem. Além da visualização da árvore, queria captar o encontro do artesão com a matéria-prima (**Figura 70**). Por isso, a poucos metros de sua casa, na direção norte, já diante da árvore pedi para meu entrevistado se apresentasse:

Quer que eu diga meu nome? Raimundo Macêdo de Castro, tenho 78 e com a idade 21 anos comecei a trabalhar com madeira, madeira matuta, madeira do mato, nunca trabalhei em oficina. Então, a gente descobriu uma árvore por

nome Umburana de Cheiro. Essa árvore tem aproximadamente 50 anos, e aí a gente escolhe um pedaço, corta e faz a obra encomendada. Desta eu não tirei, e sim de outra igual a essa. (...) a madeira é boa para o serviço de talhamento porque é forte, boa para polimento, para verniz natural, não é quebranta, e não apresenta defeito depois da obra pronta. (Entrevista 21.jan.2023)

Figura 70 - À esquerda árvore Umburana completa - copa e tronco- e à direita tio Raimundo indicando para a árvore Umburana (*Amburana cearenses*)



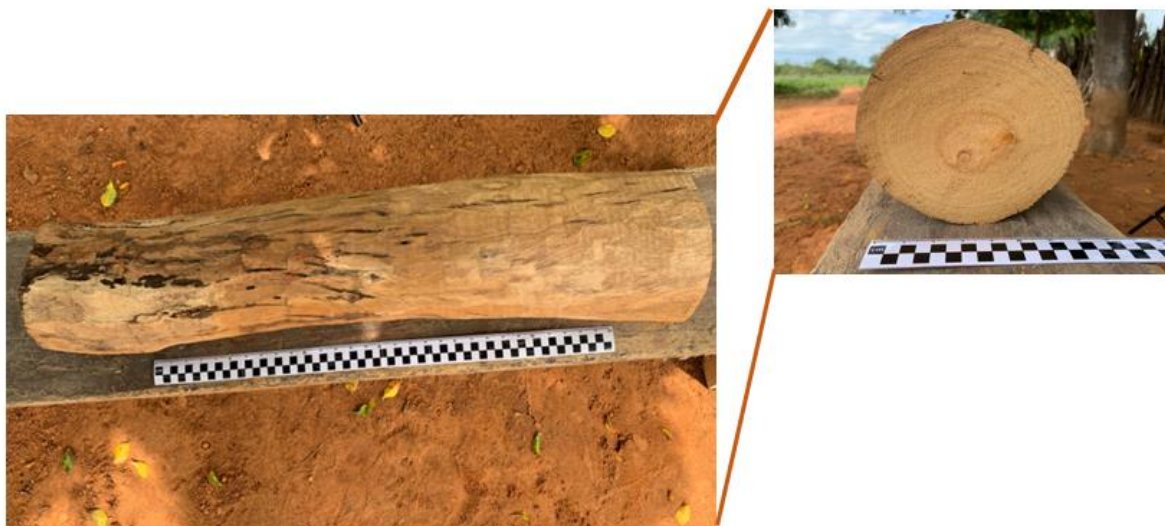
Fonte: Acervo Pessoal, 2023.

A expressão do artesão ao contemplar a matéria-prima e assinalá-la como de boa qualidade é de satisfação, demonstra o valor da experiência acumulada, capaz de escolher a parte adequada para a fabricação da obra encomendada com agilidade, já com projeção mental do objeto a ser produzido, considerando para isso o tamanho e formato do pedaço da árvore a ser cortado.

Ao retornar ao local, onde estava o tronco de madeira colhido e preparado para o início da fabricação do ex-voto, realizei o registro fotográfico da matéria-prima já sem a casca e a entrecasca (**Figura 71**). Diante dos restos de casca e a entrecasca, sobre a utilização dessas para outros fins, que não apenas o descarte. Tio Raimundo informou a utilização para fins medicinais, combate aos sintomas da gripe, colocando-as de molho em água por 12h e beber de duas a três vezes por dia. E ainda efeito

repelente, pois a fumaça do processo de queima das cascas ajuda a espantar pernilongo.

Figura 71 - Pedaco de madeira Umburana (*Amburana cearenses*) – matéria-prima para a confecção da coisa/ ex-voto medindo 90 cm e diâmetro de 12 cm.



Fonte: Acervo Pessoal, 2023.

Após me mostrar a matéria-prima, tio Raimundo entrou em sua residência e retornou com os braços preenchidos com as suas ferramentas de carpintaria: serrotes de dois tamanhos, 1,1m e 40 cm, enxó, aplainadora e me apresentou uma niveladora, fabricada por ele mesmo, quando utilizou uma lateral de lata de tinta em metal, perfurou-a com um prego, a fixou num pedaço de madeira em formato retangular com o comprimento excedendo a parte perfurada para servir de cabo. Para fins de visualização dessas ferramentas, consta registro fotográfico (**Figura 72**)

Figura 72 - Ferramentas utilizadas para a confecção do ex-voto/coisa- perninha/pé Crisvanete



Fonte: Acervo Pessoal, 2023.

O primeiro procedimento para a confecção foi medir um tamanho de 40 cm na madeira e serrar, utilizando a serrote de 1,1m. Em seguida, tio Raimundo informou que precisava confeccionar um molde, pegando um papelão para fazer o desenho, colocando-o sobre o diâmetro do tronco a ser talhado, e cortou com uma tesoura o pedaço do papelão, de tamanho um pouco menor que o diâmetro da madeira, ou seja, o molde precisa caber na madeira.

Subsequentemente, sentou-se no banco de madeira em posição de montaria e começou a desenhar à mão livre o formato do pé esquerdo, usando o seu próprio pé de referência quanto à posição do mindinho, dedo menor e, à cava do pé. (ou seja, um corpo coletivo). E a todo momento me mostrava com detalhes o que estava fazendo, me perguntando se eu estava entendendo. Assentia em positivo, mas não conseguia decodificar como ele estava projetando a peça. Embora ciente que o pedido era para a confecção da perninha, ele iniciou pelo pé, porque para ele só fazia sentido se a perninha acompanhasse o pé, de forma que o objeto pudesse ficar posicionado em pé, para isso o pé serviria de suporte, de apoio para a talhar a perna.

Havia nexos projetar o pé e a perninha, porque contemplaria as duas fraturas sofridas, uma na altura média da tíbia e outra próximo ao calcanhar. Ademais, diante da construção mental do objeto pelo artesão, eu não quis interferir, ou seja, deixei que ele trabalhasse e entregasse o produto e, por algumas vezes quis poder visualizar o mapa mental do tio Raimundo ao fazer o molde e, ao colocá-lo da posição anversa

para riscar na madeira, me informou:” (...) *se eu colocar na posição normal quando a gente virar será o pé direito e não o esquerdo, porque esta é a base da peça, está entendendo?*” (Entrevista 21 de jan.2023).

Figura 73 - À esquerda o posicionamento do molde para riscar o formato do pé- À direita o pé riscado no pedaço de umburana



Fonte: Acervo Pessoal, 2023.

Em seguida, pegou um outro pedaço de papelão para desenhar o molde da perninha, utilizando os dois moldes para servirem de referência no processo de talhar a peça. Observei que, embora o tio Raimundo estivesse projetando um pesinho e uma perninha de criança, ele quis utilizar a grossura do tronco como parâmetro, ou seja, devido a madeira ter um diâmetro grosso, preferiu fazer um molde mais redondo, de modo a não despendar de quantidade maior de mão de obra para talhar a peça, porque para confeccionar uma perninha mais fina, haveria a necessidade de maior quantidade de tempo e trabalho para modelar a peça.

A expressão captada no momento do desenho do molde da perninha foi de concentração e contentamento. Essa mesma expressão eu pude visualizar outras vezes, na companhia do tio Macedo, irmão mais novo do tio Raimundo. Para mim foi uma grata lembrança porque o tio Macedo já é falecido, e é agradável poder lembrar as pessoas queridas. A cada momento, me sentia mais afetada por esta experiência. O quanto foi singular poder estar ali e acompanhar de tão perto e com quanta intimidade a confecção do ex-voto.

Figura 74 - Registro do gestual do artesão, em momento de concentração e satisfação.



Fonte: Acervo Pessoal, 2023.

Eu não podia imaginar como ficaria o resultado, mas quando ele me pediu para visualizar o risco, me aproximei com uma expressão de curiosidade (**Figura 75**).

Figura 75 - Devota/Pesquisadora buscando entender o processo de construção da peça a partir da observância do molde.



Fonte: Acervo Pessoal, 2023.

Após serrar o pedaço de madeira e desenhar o pesinho com caneta, ele começou a talhar com a enxó, com o facão e aplainadora tirando os excessos da

madeira, contornando o risco do objeto. Nesse momento fez questão me contar uma história sobre um aprendiz de carpintaria, que chegou a conhecer. Vou relatar aqui, porque traz elementos que somam ao enredo em pauta.

Seu Mané Xotinho (vulgo relativo a andar rápido lembrando a xote de cavalo), Manoel Américo de Lima, era muito caprichoso em fazer colher de pau, mão de pilão, gamelas utilizando somente o facão, e contava que certa vez chegou um rapaz para ter aulas de carpintaria. Queria aprender a fazer porta, janelas, e, seu Mané Xotinho lhe explicou que o cuidado que devia ter, era guardar o risco da peça, poderia ir talhando, mas sem perder o risco do objeto. E o aprendiz assim o fez, a cada vez que o facão tirava um pedaço do risco de caneta na peça, ele pegava o pedaço e ia guardando no bolso. Quando o professor chegou para acompanhar a fabricação da peça, a madeira não tinha a forma pretendida, e ao interrogar o rapaz sobre guardar o risco, ele informou que tinha guardado sim o risco, apresentando uma grande quantidade de pedacinhos de madeira com a marca de caneta ao professor. Foi aí que o professor lhe explicou o significado de guardar o risco, que é ir tirando o entorno, mas mantendo o risco para servir de referência. (risos) (trechos da entrevista - 21/01/2023)

Além das histórias de outras pessoas conhecidas, relatou também as suas vivências na juventude, quando ia aos festejos do Senhor do Bonfim nas Queimadas, pois era um festejo bem movimentado desde os anos 60 e 70, e, como morava no povoado Capim do Zé Macario, ficava a cerca 30 km. Assim, ia montado a cavalo na companhia de seu irmão João Batista e do cunhado Salvador. Lá além de assistir as missas (celebrações religiosas da igreja católica), passavam a noite dançando forró. Sempre conseguia boas companhias porque era muito bom para dançar, mas os outros companheiros nem sempre tinham a mesma sorte.

Enquanto talhava a madeira, usando todos as suas ferramentas, ia contando causos, rimos, rememorando as suas peripécias da juventude, sempre com boas estratégias para se livrar de situações de perigo. Contou que certa vez nas Queimadas, devido a uma confusão entre os participantes dos festejos, houve uma confusão e os envolvidos estavam armados, e ele pediu aos companheiros para desarmarem as redes onde estavam deitados e, colocá-las no chão, porque os tiros passariam por cima e eles não correriam o risco de serem atingidos.

Em meio aos muitos causos, lhe perguntei sobre a promessa realizado por ele para a filha Auricélia, história que permitiu esse encontro. Quando informou que além da promessa, confeccionou uma botinha de couro e sola de pneu para ela, porque o pesinho era muito torto, então, a noite sempre calçava a botinha e, desde quando começou a dar os primeiros passinhos sempre estava calçada na botinha, de modo que entende que além da fé, o que a curou foi a sua expertise ao confeccionar

esse calçado. *“As coisas nesse tempo eram difíceis, não tinha médico e mesmo não tinha condições de comprar bota”* (Entrevista 21/01/2023)

As horas passaram muito rápidas, e às 12h o tio Raimundo fez a pausa para o almoço. Nesse momento a escultura já começava apresentar a forma de um pé e uma perna, contudo, com uma espessura muito larga. Durante o almoço continuamos as conversas, e ele ainda fez uma pausa de meia hora de cesta, quando informou que sempre descansava um pouco após o almoço, na rede, porque *“isso era importante para a comida agasalhar no estômago”*.

Ofereceu-me uma rede também para descansar um pouco, mas agradei a gentileza e, apenas reclinei no sofá da sala. Às vezes, quando estou em casa também faço uns 10 minutos de cesta, mas naquele dia eu não pude relaxar, porque a ansiedade me contagiava, estava com pressa que o tio Raimundo retomasse ao trabalho, tinha vontade de ver o objeto concluído. Me senti criança quando mamãe costurava meus vestidos e de minhas irmãs. A partir do momento que o vestido tomava forma, já não controlava a vontade de vesti-lo. O mesmo com o ex-voto, a cada corte com a enxó, com o facão sempre no sentido da perna para o pé, mais real a história de tornava. O fenômeno social da minha materialização ia se concretizando.

Às 13 h, tio Raimundo levantou e retornou o trabalho, com o mesmo vigor, e com a mesma paciência, vizinhos que por ali passaram o cumprimentaram e ele fez questão de explicar o objeto que estava preparando, e quando um dos vizinhos pontuou que tinha uma máquina de serragem elétrica, ele informou que não era adequada para aquele serviço, onde tudo tinha de ser feito na mão, devagar, para não correr risco de perder a madeira, que podia rachar ao ser colocada numa serra elétrica.

Ademais, informou ao senhor que o interrogava, que eu queria acompanhar o passo a passo do processo, tudo muito artesanal.

Apresento, agora, o registro fotográfico do passo a passo para a confecção do ex-voto/perninha seguindo da explicação dos procedimentos e, para corroborar ao trabalho realizado de forma empírica, pelo tio Raimundo, acrescento ilustrações sobre técnicas de corte e entalhe sistemático que mais se aproxima com suas técnicas.

Para esse aporte técnico utilizo o material disponibilizado em uma aula prática realizado pela Universidade Federal do Paraná em curso de física, que está disponível no site da Universidade. Nesse documento são apresentados os perfis de corte e entalhe técnicos, e contempla a visualização da força empregada, ângulos de

corde entre a ferramenta e a madeira, técnica de execução e resultados, permitindo observar o quanto a madeira pode ser resistente e ou facilitar o corte.

Figura 76 - Primeiro passo: Processo de serragem da madeira para separar o pedaço de umburana ser utilizado para a confecção da perninha.



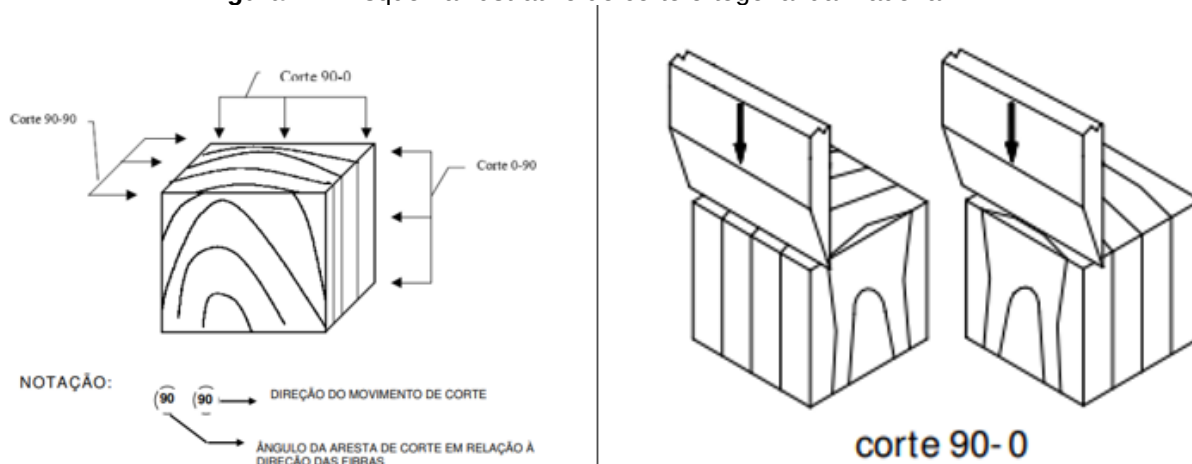
Fonte: Acervo Pessoal, 2023.

O primeiro passo foi medir o tamanho de quarenta centímetros na madeira de umburana, com aparência mais integral, ou seja, sem a presença de intrusões naturais na madeira que pudesse resultar em uma peça marcada, e aí serrou a madeira utilizando um serrote de 1,1 m de comprimento (**Figura 76**). O som do serrote na madeira me causou uma sensação de aversão, como se a madeira estivesse resistindo àquela ação, e isso de fato estava ocorrendo, quando se entende a configuração das coisas em multiplicidades de ações.

No sentido formal, tem-se a aplicação da força mecânica da ação humana com o uso de ferramenta cortante, gerando um corte ortogonal, o qual é definido como sendo a situação na qual o fio de corte da ferramenta é perpendicular à direção do movimento da peça de madeira. Onde a superfície obtida é um plano paralelo à superfície original formando um ângulo. A definição da notação para o corte ortogonal se faz com a utilização de dois numerais. O primeiro é o ângulo entre a aresta principal da ferramenta de corte e a direção das fibras da madeira; e o segundo o ângulo entre a direção de corte e a fibra da madeira. Desta maneira, ficam definidos três tipos de corte 90 - 0, 90 - 90 e 0 - 90 (UFPR, s/d). conforme ilustração (**Figura 77**):

No caso da peça serrada pelo tio Raimundo tem-se o corte 90 – 0: ângulo de 90° entre a aresta de corte e a direção das fibras; movimento de corte paralelo às fibras (direção longitudinal ou axial).

Figura 77 - Esquema ilustrativo de corte ortogonal da madeira



Fonte: UFPR, s/d.

No sentido do corpo biológico, o som da madeira com o serrote é suave e a rapidez com o que o tio Raimundo manuseava a ferramenta gerava uma sensação de confiabilidade que a peça ficaria pronta, embora, eu não soubesse se estaria pronta psicologicamente para todas as etapas, intimamente estava tensa e sofria a cada sobra de serragem - um pozinho amarelo que ia se depositando no chão, e no banco utilizado como apoio.

Essa ação durou uns 10 minutos, o serrote estava afiado, e aparentemente a madeira umburana obedecia bem ao manejo do serrote, dando a impressão de ser uma madeira macia, favorável ao corte. Tio Raimundo se mostrou contente ao terminar de cortar, e o corte resultante foi retilíneo demonstrando a aptidão do artesão.

Figura 78 - Segundo passo, início do talhamento com a Enxó.



Fonte: Acervo Pessoal, 2023.

Após a serragem, a parte de sobra foi encostada em um canto da parede da casa e, a parte a ser trabalhada foi colocada em posição perpendicular ao banco de madeira para servir de apoio, formando um ângulo de 90°. Solicitei que o tio Raimundo olhasse para a câmera fotográfica, de modo que eu pudesse registrar o antes e o depois da peça pronta, momento em que ele iniciaria o talhamento, ou seja, a madeira deixaria de forma cilíndrica para assumir a configuração do meu membro inferior (**Figura 78**).

Tio Raimundo encontrava sentado em posição de montaria sobre o banco, apoiando de forma tranquila os dois pés no chão, utilizando-os como ponto de equilíbrio para o manuseio da ferramenta em relação à madeira. Para talhar, apoiou a mão esquerda sobre a parte de cima de madeira e posicionou a enxó de forma adequada na mão direita, por ser destro, produzindo movimentos de cima para baixo, no tipo de corte classificado como periférico.

O corte periférico é produzido pelo corte sucessivo das ferramentas (enxó, facão) em posição de entalhe periférico a peça (**Figura 79**). As ferramentas são colocadas de maneira a se obter um mesmo cilindro de corte. No caso da coisa/ ex-voto em processo de fabricação tem-se o corte longitudinal, e a direção formando um ângulo de 90°- 0°-ferramenta/madeira, conforme figura:

Figura 79 - Esquema ilustrativo de corte periférico da madeira



Fonte:UFPR, s/d.

A ação de corte sobre a madeira com o uso da enxó foi mais tranquilo para mim, no sentido que corte é mais superficial e de forma mais detalhada, não há pressa para a execução, quando a ferramenta segue a sucessão de movimentos imposta pelo executor, que fica atento a cada corte para não perder o risco da peça, a base do pé desliza no lado da base, ou seja, o solado do pé em posição voltada para direita de modo que a peça uma vez concluída se tornasse o pé esquerdo - base da peça.

No decorrer do talhamento, sentia-me mais confiante sobre o resultado e, ao que parece a madeira também já se permitia ser esculpida para se tornar meu corpo /perninha.

O terceiro e o quarto passo se referiram à continuidade do talhamento, contudo, como foram utilizadas novas ferramentas, facão e aplainadora, respectivamente, fiz questão de registrá-las (**Figura 80**).

Figura 80 - Terceiro e quarto passo, continuidade do talhamento com o facão e aplainadora.



Fonte: Acervo Pessoal, 2023.

No terceiro passo, tio Raimundo utilizou o facão que resulta num talhamento de forma mais periférica que a enxó, ou seja, permite retirar pedaços mais finos da madeira, posto que já estava se aproximando da marca do risco do pé na peça, em formato infantil de uma criança de 3 anos, por isso tio Raimundo preferiu usar o facão para não correr o risco de perder a forma, e, assim seguiu até ficar na medida pretendida do pé.

Em seguida, no quarto passo utilizou a aplainadora para retirar as imperfeições deixadas pelo facão, nivelando toda a superfície da peça, com movimentos sempre no sentido da perna para o pé, ou seja, obedecendo o sentido para formar a peça, considerando, contudo, que teria de afinar a perna em relação ao pé, formando o ângulo da direção do entalhe na ordem de 90°- 90°- ferramenta/madeira (**Figura 81**).

Para separar o cavaco (pedaço retirado) da peça de madeira, durante qualquer processo de corte, é necessário primeiro provocar a ruptura estrutural entre o fio da ferramenta de corte e a peça de madeira. Tendo em vista que a resistência da madeira varia com a direção da fibra, a configuração do cavaco, a potência de corte e a qualidade da superfície serão muito afetadas pela direção de corte (UFPR, s/d)

Figura 81 - Esquema de direção do corte com o uso de facão.



Fonte:UFPR, s/d.

Quanto às minhas percepções, nesse ponto do trabalho já não observava o gestual do artesão apenas para fins de registro fotográfico, mas principalmente para tentar codificar o mapa mental⁵⁴ e assim, poder entender o que a mente criativa tecia como possível para a realizar a confecção do objeto. Reforço que, o encantamento também se fazia presente pela forma como as mãos mesmo grandes e aparentemente indelicadas para serviços manuais, se tornavam tão eficientes para as práticas do talhamento, união do gesto e a força adequada.

Enquanto o corpo do artesão se movimentava para realizar o talhamento, o meu corpo/ex-voto ia tomando forma, sendo envolvido pelas técnicas de fabricação acrescido das histórias ali compartilhadas, posto que o tio Raimundo ao mesmo tempo que talhava, me abastecia com histórias, causos, vivência pessoais e/ ou de outros. Acrescento também que, além dos sons das ferramentas esse corpo/em processo de construção era circunspeto pelo ruído da vassoura no solo arenoso, que mamãe tão bem conduzia ao varrer o terreiro e, em alguns momentos interrompia as vassouradas pelas conversas paralelas com o tio Raimundo e a sua esposa, tia Iolanda, também presente naquele espaço.

O processo seguiu para os quinto e sexto passos, correspondendo às etapas de modelagem final e nivelamento, respectivamente (**Figura 82**). Para a modelagem final utilizou o facão e um faca permitindo a retirada de detalhes e retiradas de

42. Assim como o cérebro o Mapa Mental procede a associações mediante de ideias: uma vez situada a ideia central dela desprendem ramificações até as ideias relacionadas a ela, mostrando as diferentes dimensões ou aspectos de um mesmo tema (SILVA, 2009).

cavacos da madeira de espessura fina, resultante do ângulo e da forma empregada entre as ferramentas e a peça talhada.

Figura 82 - Quinto e sexto passo, modelagem e nivelamento, respectivamente.



Fonte: Acervo Pessoal, 2023.

Consoante com UFPR (s/d), os processos de talhamento e modelagem da forma da madeira são geridos pelas forças de corte, que influenciam na tensão de ruptura imposta à madeira por ação humana ou mecânica, com ajuda de uma ferramenta de corte. Nesse arranjo é importante considerar que a ferramenta de corte tem sua geometria particular, assim como a madeira tem suas propriedades físicas e mecânicas particulares.

Assim, a direção do movimento e a forma da ferramenta determinam o desenvolvimento de tensões impostas à madeira, e consequentemente influenciam a maneira como vai ocorrer a ruptura ou “corte”.

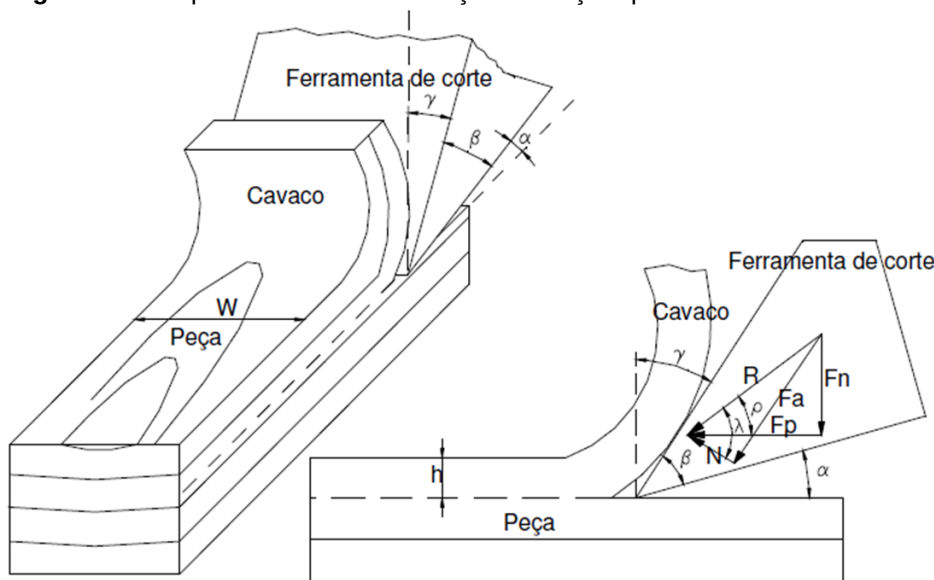
Nessas atividades, são observados dois fatores preponderantes à ruptura: 1) a superfície de corte (A), que deve ser suficientemente pequena para que a força aplicada (F) com a ferramenta possa causar uma tensão (F/A) superior à resistência da madeira; e 2) a condição da madeira com relação à umidade, temperatura, presença de defeitos etc., o que resulta em diferenças nos parâmetros de corte. Sendo importante destacar que para espécie de madeira tem uma faixa ótima para o ângulo de ataque, na qual será obtida a melhor qualidade de superfície (UFPR, s/d)

A espessura de corte está diretamente relacionada às forças implicadas no processo de corte, onde se deve considerar a orientação das fibras em relação ao corte, tendo em vista que a madeira apresenta resistências diferentes de acordo com a direção do esforço em relação às fibras, esta direção afetará as forças implicadas durante o corte.

Nesse processo se observa ainda a afiação da ferramenta de corte, posto que quando a ferramenta de corte não está bem afiada ou quando está desgastada, o ângulo de ataque diminui ou torna-se negativo, produzindo um afundamento na superfície da madeira que ocasiona o aparecimento de forças de atrito elevadas e por conseguinte ocorrem marcas indesejadas nas peças finais.

Neste caso as forças de corte tornam-se também maiores. O desgaste das ferramentas de corte dá origem ao defeito conhecido com o nome de fibra saliente (*raised grain*), produzida pela diferença de espessura de corte entre a madeira final e a inicial. Para a visualização das forças atuantes segue esquema ilustrativo (Figura 83):

Figura 83 - Esquema ilustrativo das ações e forças que atuam no talhamento/corte da madeira



Legenda:

γ = ângulo de saída da ferramenta - é o ângulo entre a superfície de saída e o plano perpendicular a superfície usinada.

α - ângulo de folga - ângulo formado entre a superfície principal de folga e a superfície usinada da peça.

β - ângulo da ferramenta - ângulo entre a superfície de saída e a superfície principal de folga da cunha de corte.

e - Espessura de corte - espessura calculada da seção transversal do cavaco

w - largura de corte - largura calculada da seção transversal do cavaco (corresponde ao comprimento da aresta/fio de corte que está atuando na usinagem).

F_n - força normal - componente perpendicular à força paralela e perpendicular à superfície gerada;

F_p - força paralela: componente que age paralelamente ao movimento relativo da ferramenta;

Fa - força de atrito - força entre a superfície da ferramenta de corte e o cavaco produzido;
 Fl - força lateral – componente perpendicular ao plano formado pelas forças paralela e normal
 R - Resultante das componentes normal e paralela: R representa a soma da força normal com a força paralela;
 ρ - ângulo da força resultante: ângulo no qual a tangente é igual à força normal dividida pela força paralela;
 N - Força normal de atrito: que ocorre na interface entre a ferramenta de corte e o cavaco;
 λ - ângulo entre a R e a força normal de atrito N: ângulo no qual a tangente é igual à força de atrito dividida pela força normal de atrito.

Fonte: UFPR, s/d.

Após a modelagem, eu já consegui visualizar o formato do pé em conexão com a perninha, ou seja, a forma estava quase concluída, e foi o primeiro momento que de fato o objeto ganhava expressão simbólica enquanto parte de mim, em proporções maiores que a minha perninha no momento da fratura de infância, mas figurativamente começava a me representar. Tive vontade de tocá-la, mas não quis antecipar as etapas e, mesmo atrasar a execução do artesão, que nesse ponto já estava se mostrando um pouco cansado, e certamente queria terminá-la no tempo por ele estipulado, porque o tio Raimundo sempre gostou de se planejar e cumprir o serviço no dia e hora marcada, bater a meta, numa linguagem trabalhista.

Por conseguinte, ele iniciou o processo de nivelamento (sexto passo) com o uso de uma ferramenta manual, lixa envolta em um pequeno pedaço de madeira, passando sobre a peça para retirar as imperfeições deixadas pelo facão. Com paciência e delicadeza.

Quanto às percepções sobre as relações corpóreas da peça, nesse momento já estava envolvida de tal forma com o objeto, que queria que tudo se somava para que a peça tomasse a forma final, mas no íntimo de meus pensamentos a peça já era parte de mim, de forma clara, consciente e real, ou seja, a peça saía do imaginário simbólico do artesão para ser percebida, notada.

Assim, o tio Raimundo prosseguiu fazendo o serviço manual de lixamento (nivelamento), e quando eu já estava acreditando que estava pronto, a esposa do tio Raimundo perguntou: *E os dedos dos pés? Da forma que como está, parece mais uma bota!*⁵⁵ Ele então, esclareceu: *Vou fazer, tenha paciência! Os dedos farei com a furadeira adaptando a ponta com uma pequena lixa, risos.*

Para isso, colocou a peça em local próximo a uma tomada na meia parede que forma a murada de sua casa, e ligou a furadeira para fazer as marcas dos dedos, pequenos sulcos gerados a partir do desgaste da maneira - cinco espaços, marcados

⁵⁵ Fala de Iolanda de Castro, esposa do tio Raimundo, coletada durante a confecção do ex-voto /perninha

previamente com a caneta. Neste momento, eu segurei a peça para que ele pudesse manusear de forma adequada a furadeira, que requer uma precisão de força para mantê-la posicionada no local desejado mediante a vibração do motor elétrico (Figura 84).

Foi o único momento que utilizou uma ferramenta elétrica, todos os outros detalhes foram realizados a mão, usando ora ferramentas compradas, ora fabricadas por ele mesmo, como uma desempoladeira (niveladora) feita de um pedaço de lata perfurado com pregos e preso numa base de madeira e, quando estava lixando a peça, usou uma base de madeira para fazer pressão com lixa, porque segundo ele, se a gente passa a lixa direto na peça, a superfície da peça gera uma abrasão na lixa que rasga e não lixa a peça.

Nesse momento esbanjou um sorriso, quando lhe informei que aquele conhecimento que tinha era de um professor de física e, é explicado pela terceira lei de Newton, quando do contato de uma superfície rugosa toca numa lisa, com o emprego de uma força isso gera uma ação e reação, com a mesma intensidade e sentido contrário, por isso a lixa se rasga.

Figura 84 - Sétimo passo-detalle de entalhe dos dedos do pé



Fonte: Acervo Pessoal, 2023.

Às 4:30 h da tarde a peça (perninha/pé) estava lixada e pronta para receber o verniz, contudo, como havia a necessidade de esperar o período de secagem de ao menos 8h após o verniz, tio Raimundo me sugeriu que eu recebesse a peça, que ele me entregaria o verniz para que eu envernizar em casa (**Figura 85**). De modo que, assim foi feito. Ao receber a peça uma sensação de contentamento percorreu toda a minha atmosfera carnal, não só a biológica, mas principalmente a social/ cultural. Uma alegria única, não só pela materialização de meu milagre, como também, por todo aquele aprendizado.

Figura 85- Oitavo Passo- finalização e entrega da peça/ ex-voto/perninha.



Fonte: Acervo Pessoal, 2023.

No momento da finalização, ao olhar a peça e tocá-la pela primeira vez pude entender que o material tem suas vibrações, ao que parece ela estava se conectando com muita corrente sanguínea de forma sincrônica, viva, atravessando o meu imaginário simbólico como um elo entre mim e ela. Metaforicamente me tornava um corpo umburana, que nesse primeiro momento conglomerava as minhas intenções, percepções, com a força, a delicadeza, os gestos, olhares, sons, risadas, do tio Raimundo ao talhá-la, acrescido dos olhares de mamãe e da tia Iolanda que participaram de alguns momentos do processo de fabricação. Tudo isso, imerso na natureza

material da madeira que se entregou para ser talhada e ganhar a forma de uma perninha/pé, atravessada pelas ferramentas, formando ângulos e sobras (cavacos).

Outrossim, olhei para os cavacos não como elementos de descarte, mas como elementos importantes que se deixaram ser cortados para permitir a forma do objeto.

Tio Raimundo não quis me cobrar pela peça, porque se tratava de uma atividade prazerosa para ele e queria me presentear, afirmando que ficava contente de poder colaborar com minha pesquisa. Fiquei feliz pelo presente, mas me comprometi de retribuir a gentileza com uma lembrança em momento posterior, tendo em vista que reconhecia o esforço e as horas de trabalho afincado para a conclusão do objeto, naquele mesmo dia. Acrescento, que não se tratava de um valor monetário porque não há como mensurar o valor sentimental daquele gesto e da experiência vivida.

A devota/ pesquisadora retornou para casa às 5h da tarde, após o lanche preparado pela tia Iolanda e o bolo da sobrinha Cidinha, e um bom café.

Ao chegar na casa da mamãe com a peça, a vontade era de mostrar às pessoas, de modo que o primeiro contato foi estabelecido com meu pai, que a manuseou e fez o comentário que estava muito bem talhada. Em seguida, já na minha casa, a minha filha Geovanna disse que parecia uma botinha, e ao mostrar o verniz, se prontificou de envernizá-la, providenciando um pincel para executar naquele mesmo dia, às 19h a primeira mão de verniz.

A simbologia de ver meu pai tocando a peça e a de minha filha realizando a finalização da peça com o verniz fortaleceu o fenômeno corpóreo familiar durante todo o processo de construção, quando as mãos que a tocaram até aquele momento, mantinha laço sanguíneo comigo.

No dia seguinte, a peça estava numa cor mais viva, amarelo intenso por conta do verniz (**Figura 86**). A peça permaneceu em minha casa do dia 21 de janeiro até o dia 29 de janeiro, quando me programei para ir à Queimadas, entregá-la na capela e pagar a promessa feita para mim. Desde o momento da promessa até aquele dia passaram-se mais 30 anos, mas a emoção de vivenciar o momento me contagiava.

Figura 86 - Nono Passo – coisa/ex-voto/perninha envernizado na minha casa.



Fonte: Acervo Pessoal, 2023.

Na manhã do dia 29 de janeiro de 2023, me desloquei para as Queimadas, acompanhada de mim mesma, na forma material de perninha/pé, por 54 km de São Raimundo Nonato até a capela. Na ocasião trajava uma roupa branca, porque eu quis estar numa sintonia de luz e boas vibrações que o branco dentro dos ritos religiosos simboliza, de pureza e bençãos, sendo essa a cor das vestes das crianças ao receber o batismo⁵⁶. Na cabeça vestia um chapéu azul, e os pés descalços para não trazer nem a terra dos sapatos para dentro da capela, assim como, o ato simboliza o sacrifício de andar descalço pelo trajeto de terra até o local sagrado.

Nas Queimadas, o primeiro contato foi com a zeladora da capela, a quem referencio como tia Sebastiana (não tenho laços sanguíneos, mas a amizade alcançada durante a pesquisa me possibilita esse tratamento), que tão carinhosamente me acolheu a cada visita, e um fato importante é que diante de toda a expectativa de realizar a entrega não me atentei para a necessidade de ter alguém para realizar o registro fotográfico, quando a tia Sebastiana me informou que não sabia nem manusear o celular.

⁵⁶ Ato litúrgico de inserção numa comunidade. O batismo, na tradição católica, é o primeiro dos sacramentos e representa a entrada do indivíduo no cosmo cristão (NUNES, 2008). Para o povo judeu a circuncisão era a forma de inserção do indivíduo na comunidade judaica. Da mesma forma, o batismo com água é o meio de inserção do cristão no corpo de Cristo, a Igreja. É ele que inicia o novo membro no corpo de Cristo Embora Jesus tenha vivido uma vida perfeita e sem pecados, Ele também foi batizado para “cumprir toda a justiça” (Mateus 3:15). Ao ser batizado, Jesus demonstrou a todos os filhos de Deus que “[seria] obediente [ao Pai] na observância de seus mandamentos” (2 Néfi 31:7) (Bíblia sagrada, 2023)

Assim, cogitou a possibilidade de contactar a Rebeca, uma menina de 8 anos que mora em uma casa mais afastada da capela, na comunidade. Para minha felicidade Rebeca aceitou tirar as fotos, porém sem o domínio do aparelho as fotos ficaram sem a qualidade de foco, contudo, mais que o registro, o importante era vivenciar a experiência da entrega.

Por conseguinte, o décimo passo do processo, foi a entrega, que se iniciou com a abertura da capela pela guardiã da chave, a tia Sebastiana. Em seguida fiz uma pausa antes de entrar na capela para tirar o chapéu (**Figura 87**). O ato de retirar o chapéu na entrada, significa um despir da cabeça para receber a purificação do alto, assim como, um sacrifício, posto que o chapéu é um elemento preso a minha carne, enquanto parte constituinte.

Figura 87 - Décimo passo: entrega do ex-voto- Abertura da capela e pausa para tirar o chapéu



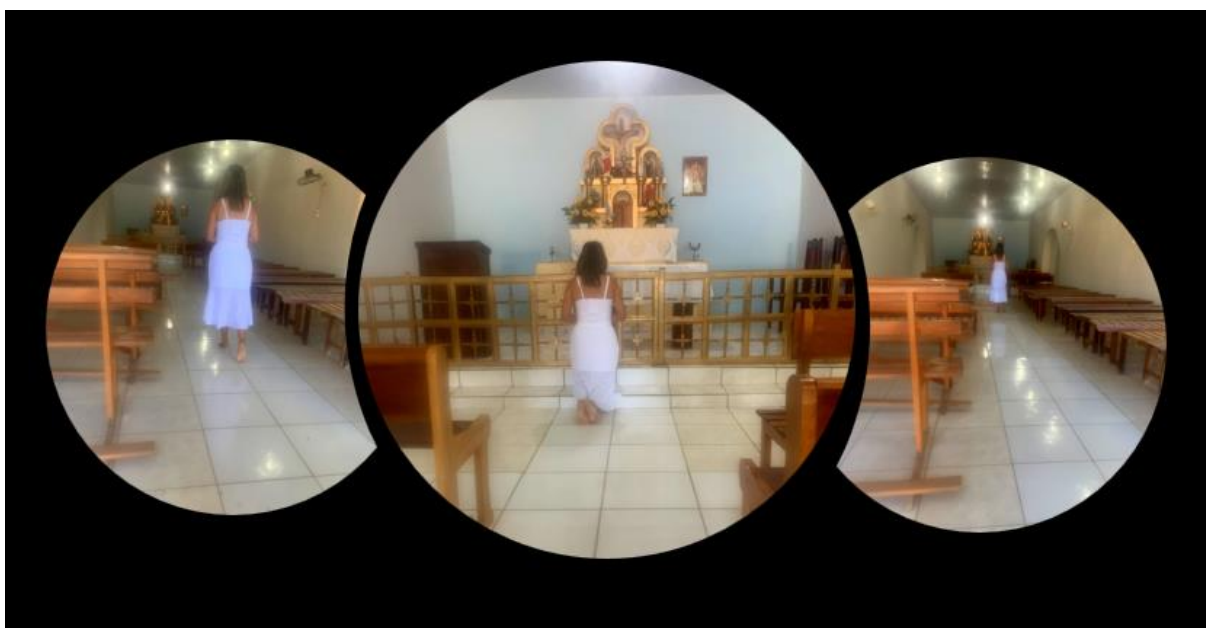
Fonte: Acervo Pessoal, 2023.

Entrei a passos firmes e confiantes, segurando o ex-voto/coisa na altura do peito, mesmo sendo às 10h da manhã, a tia Sebastiana acendeu as luzes e a iluminação me projetou numa atmosfera de boas energias, encontro realmente com o Senhor do Bonfim, em sua representação do Cristo crucificado na posição central no altar na capela.

Caminhei até o altar e de frente ao Senhor do Bonfim apresentei o meu ex-voto, de joelho de frente ao cercado que separa o altar do restante da igreja. Permaneci por uns 20 minutos em oração, como se o silêncio e o objeto ali em minhas mãos representassem não só a simbologia de uma cura real, símbolo de minha perna

curada, mas uma metáfora de cura espiritual, quando entreguei meus medos, minhas dúvidas, meus sentimentos de tristezas, dores e inquietações. E num místico de sentimento senti como se todas as vibrações negativas fossem transmutadas em pura luz, gratidão e momento de renovar as energias para os desafios da vida. As luzes da igreja me atravessaram, o fenômeno religioso se fez presente naquele momento (**Figura 88**).

Figura 88: Décimo passo -caminhada no corredor da capela e oração no altar

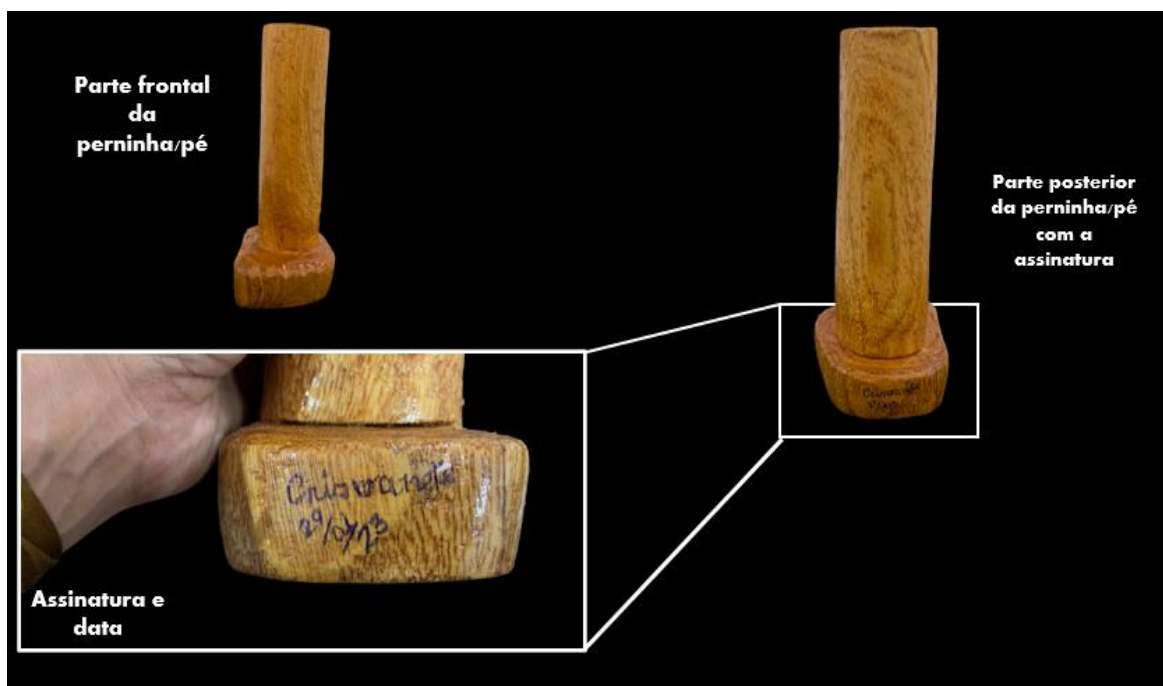


Fonte: Acervo Pessoal, 2023.

Em seguida, caminhei com a minha perninha/pé na mão até a área dos demais ex-votos, na lateral direita da capela, então, quis assinalar o meu nome na peça e a data da entrega, mediante a simbologia que passava a representar para mim (, figurando naquele espaço como *locus* de prática social, porque ao depositá-la, pude ajuizar o quanto ela me representava em termos da graça alcançada e dos muitas energias que se conglomeraram naquele objeto, desde a sua confecção até aquele momento.

Materialmente essa coisa/ ex-voto simboliza um momento de dor pelas fraturas ósseas e a calcificação resultante do processo de cura, que me acompanharão sempre. A morfologia óssea está assinalada e o corpo social está informado como base da vida coletiva, posto as práticas devotivas ali realizadas, no que se configuram em práticas culturais/sociais.

Figura 89 - Décimo passo-entrega- identificação da peça com assinatura e data.



Fonte: Acervo Pessoal, 2023.

Ao depositar a peça na bancada várias percepções foram agenciadas (**Figura 90**), o fato de estar ali naquele local possibilita a *hierofonia* do sagrado, protegido das impurezas do mundo externo, e em sintonia com vários outros ex-votos/ corpos, que também contém muitas histórias e se somam aos demais elementos ali presentes, mas há interferência de muitos objetos fora do padrão classificado como pureza para os moldes doutrinários da igreja católica, quando há partes íntimas em exposição, como seios femininos, pênis e vulva esculpidos na madeira. Ademais, há objetos com referência a bens materiais como carros, casas, chaves de carro, chaves de casas e de moto, onde o profano ocupa o mesmo nível do sagrado ali protegido, a simbologia entre essas duas atmosferas é diluída.

As pessoas que adentram o espaço da capela sejam como fiéis ou curiosos trazem suas energias, tocam, olham os objetos, se interrelacionam e inúmeras experiências corpóreas são tecidas. Uma aproximação entre o espaço da capela, os próprios objetos/ coisas em experiências corpóreas para além das formas físicas e da representativa de corpos humanos que as formas representam.

Figura 90 - Décimo passo: entrega do ex-voto/perninha e disposição em prateleira na área reservada aos ex-votos na capela do Senhor do Bonfim.



Fonte: Acervo Pessoal, 2023.

Ao mesmo tempo que experienciei a confecção do ex-voto, a entrega e a manifestação de visibilidade dessas construções por meio deste relato, também fui orelha/ouvido para outros devotos que responderam aos meus anseios de conhecer as suas histórias de graça alcançadas e ainda compartilhar momentos de satisfação ao manifestarem as benções recebidas e a propagação da fé no Senhor do Bonfim, de modo que abro nesta seção boca, um subitem denominado de ouvido para ouvir vozes de devotos e artesão, ajudando a entender o compêndio de corpos que se transformam e se adendam nas experiências corriqueiras de crenças e devoção.

4.3.1 Ouvido- Histórias de pagamento de promessa na área do Senhor do Bonfim.

Consoante com o ensejo convidativo ao término da seção anterior, analogicamente o ouvido aqui assume a função de escuta literalmente, ou melhor, falar o menos possível, para deixar o outro falar de suas histórias, com ênfase para as vivências de devoção, atrelada à entrega de objetos devotivos, para que eu pudesse correlacioná-las com as coisas/ ex-votos em estudo sob viés corpóreo.

Figura 91 - Orelha- tipo umburana- coisa /ex-voto acervo do Senhor do Bonfim- Queimadas- Dirceu Arcoverde- PI.



Na busca por informações sobre as histórias de graças, muitos foram os relatos obtidos, reuni uma margem de 59 pessoas, e, isso não me surpreendeu em virtude da quantidade de pessoas que observei no local nos dias das celebrações da festa do Senhor do Bonfim no ano de 2022, e mesmo a quantidade expressiva de ex-votos que compõe o acervo nesse ano.

Contudo, realizei uma triagem dos dados para que eu pudesse concatenar com as peças no rol de ex-votos estudados e, analisados via fichas técnicas e funcionais, inclusive, para fins de validação de elementos observados, e de forma extensiva compreender os enredos por traz da confecção e depósitos dessas peças na capela do Senhor do Bonfim.

A triagem primou no primeiro momento para selecionar as histórias que envolveu a entrega do ex-voto/ coisa, o que reduziu a margem de 59 histórias para 27, quando as 32 outras referem-se a casos de promessas em que as pessoas se comprometeram em acender velas, de ir às celebrações durante o festejo, de caminhar a profissão com os pés descalçados, de ir ao cruzeiro no alto do morro na área das Queimadas, de ajoelhar diante do altar da capela, ou seja, não houve a intenção de entregar um objeto.

Mediante o número de 27 restantes, busquei as que a entrega do objeto ex-voto referisse a esculturas de madeiras, porque no espaço da igreja há uma infinidade de materialidades, como porta-retratos, objetos de plástico como bonecas, capacetes, maquetes de casa, imagens de santos católicos quebradas, cabelos, roupas, entre outros.

Nessa triagem o número caiu para 14, sendo que dessas selecionei 04 que passo a contar os detalhes, uma vez que pude identificar: caso 1- a escultura e o intermediário que a produziu (artesão); caso 2- os devotos que fizeram a promessa e foram responsáveis pela entrega com o benefício de outrem; caso 03- o devoto autor da promessa e beneficiário da graça, caso 04- beneficiário da graça que pagou a promessa que tinha sido por outra pessoa de seu ciclo de vivência. Posto que a intenção é observar as variáveis alcançadas, não apenas aumentar o volume de informações de uma mesma situação.

Algumas pessoas preferiram não serem identificadas pelos nomes e por isso estou usando nomes fictícios e os dados foram obtidos por meio de método etnográfico de entrevista, cujas perguntas foram processadas de acordo com as respostas das pessoas contactadas. Contudo, a título de esclarecimento em termos de conteúdo, as perguntas se direcionaram para a construção de entrevistas semiestruturadas, que de acordo com Manzini (1990/1991), refere-se à elaboração de um roteiro com perguntas principais, complementadas por outras questões inerentes às circunstâncias momentâneas à entrevista, a intenção é a obtenção de informações de forma mais livre e as respostas não estão condicionadas a uma padronização de alternativas.

Quando contemplei quatro eixos de discussão: 1- Trajetória do devoto e do artesão; 2- Intenção da promessa; 3- Produção do ex-voto; e 4- Processo de entrega. Por isso, as perguntas versaram sobre como conheceu e ou começou a devoção ao Senhor do Bonfim? Qual a intenção da promessa, e quem a realizou, e o beneficiário? Quem produziu o ex-voto, um artesão já no ciclo de conhecimentos? Qual a data para a entrega? O que significa o pagamento da promessa? Se há intenção de permanecer frequentando às celebrações religiosas na área da Capela do Senhor do Bonfim.

Caso 1- Entrevista com o artesão - José do Louro (55 anos)

Antes da narrativa dos fatos, informo que essa entrevista foi concedida no dia 12 de maio de 2022- quando o encontrei durante as festividades de Nossa Senhora de Fátima, em Dirceu Arcoverde.

O Senhor Jose da Silva, é natural de Dirceu Arcoverde, nascido e criado na comunidade Olho D'água, a uns 7 km da sede do município, e informou que desde a infância já fazia brinquedos de madeira:

Desde menino eu gostava de brincar de cavalo de pau, uma brincadeira que os meninos pegam uma madeira reta, um cabo de vassoura e monta e saem correndo (risos), mas eu já pegava a madeira e dava um jeito de riscar o desenho e fazer mesmo de forma simples uma cara de cavalo na madeira, e aí fui crescendo com aquilo, aprendi com meu pai que sempre trabalhou com madeira, fazia porta, janela, porque mais atrás não tinha isso de comprar porta pronta. Fazia de umburana, porque é uma madeira boa para cortar. (...) eu fui aprendendo e até hoje eu faço algumas coisas, como banco, mesa.

A partir desse ensejo eu perguntei sobre a fabricação de objetos para serem entregues na capela, esculturas de madeira, não usei termo ex-voto porque nem todos assimilam o termo ao objeto, é comum saber o que são, mas não o termo, e questionei sobre a quantidade de peças, e se podia relatar algum caso que estivesse lembrando. E ele sinalizou:

Já fiz algumas, mas não sei dizer assim de cabeça quem são as pessoas, as vezes as pessoas eu nem conheço, mas chegam por meio de informações de outros e aí querem que eu faça. (...) na maioria das vezes a pessoa não dá muita informação sobre o jeito que quer, apenas diz quero uma mão, porque quebrei um dedo; quebrei a perna, levei uma furada no pé, essas coisas. Faço mais é parte de corpo, difícil fazer corpo todo, teve uma única vez que fiz um menino, a mãe encomendou dizendo que a criança nasceu com problema de fimose e aí a mãe queria entregar a escultura na capela das Queimadas, e aí eu fiz, fazendo jeito dos quibas⁵⁷ (risos).

Perguntei, então, sobre a madeira que usa e por que escolhe essa madeira, quais as ferramentas e se sabia descrever a escultura?

Eu gosto de trabalhar com a umburana de cheiro porque não é uma madeira muito dura, a gente consegue cortar com ferramentas simples como serrote, enxó, assim os detalhes faço com formão, uma ferramenta menor de corte e tem uma ponta para fazer detalhes dos olhos, dedos, unha. No caso lá do menino que falei, é uma escultura pequena, de umburana, entreguei pronta toda envernizada, ela está lá nas Queimadas, quem vai ver ela, porque não tem muitas peças de corpo todo, tem muito é mão, braço, perna.

⁵⁷Termo popular que denota os órgãos sexuais masculinos, pênis e testículos.

Por fim, perguntei se costuma frequentar as Queimadas e se ao fazer as peças as pessoas costumam descrever detalhes de como querem e, se sente alguma coisa quando está preparando as peças, e depois na exposição na capela.

Olha, algumas pessoas dizem como querem, outras apenas dizem a graça alcançada e a peça do corpo que quer representar, então, eu faço de acordo como penso, quando estou preparando as peças, costumo apenas ter em mente o que posso fazer para deixar a peça mais real possível, mas nem sempre consigo. Eu fico feliz de ver as peças nas Queimadas, uma forma de ter meu trabalho, e tipo permite que outras pessoas me procurem para fazer esses objetos.

(...) costumo ir aos festejos das Queimada e aí eu passo na parte dos objetos e sempre tem mais peças lá é um local que todos desta região gosta de ir, muitas graças alcançadas.

Depreende-se a partir do relato do Sr. José do Louro, quanto à escultura entregue representando uma criança com problema de saúde relacionada ao órgão sexual, tem-se a perspectiva de ser a escultura (Figura 92), uma vez que é a única peça com indicativo de órgão sexual.

Figura 92 - Caso 1: Escultura de corpo inteiro- ex-voto/coisa acervo do Senhor do Bonfim- Queimadas- Dirceu Arcoverde- PI-



Fonte: Acervo Pessoal, 2022.

Caso 2- Promessa em favor de outrem, paga por quem realizou a promessa.

Nesse relato as entrevistadas são: Elisangela (41 anos) e Keila de Santana (44 anos), ambas moradoras de São Lourenço do Piauí, e a entrevista ocorreu durante os festejos do Senhor do Bonfim, nas Queimadas, no dia 06 de agosto de 2022.

Pedi inicialmente que, me contassem as histórias que as levaram às Queimadas, pois me inquietava as esculturas de cabeças que ambas traziam nas mãos, e por apresentarem algumas semelhanças fisionômicas, perguntei se eram parentes. Elisangela se pronunciou:

—Ela é minha irmã (gesticulando com a cabeça em direção a Keila), a gente veio as Queimadas pagar uma promessa. Ano passado nosso irmão Jose, que mora em São Paulo teve um acidente de carro, teve um corte profundo na cabeça, e por muitos dias ficou em coma. Então, fizemos uma promessa para o Senhor do Bonfim para que ele se recuperasse e traríamos a cabeça para representar ele.

—Eu também (disse Keila) fiz a mesma promessa, e depois que ele se recuperou resolvemos vir pagar a promessa.

Diante da particularidade dessa história, envolvendo vínculos familiares, perguntei onde moravam, quando conheceram a devoção da área das Queimadas, do Senho do Bonfim, e se já tinham estado ali outras vezes.

Somos de São Lourenço do Piauí, e desde criança por influência de familiares já a gente vinha para cá, nas novenas, então, tem mais 30 anos que a gente vem, principalmente na festa do padroeiro. E esse ano de forma especial porque é para agradecer a saúde de nosso irmão. A gente fez a promessa separada, mas hoje deu certo da gente está aqui para depositar a cabeça dele e rezar. (Elisangela, 06 de agosto de 2022)

Indaguei sobre as cabeças, duas peças representando uma só pessoa, se tinham sido feitas pela mesma pessoa, e se conheciam o artesão ou apenas conheceram no momento da encomenda:

Nos conhecemos os artesãos porque foram duas pessoas diferentes que fizeram as peças, cada uma mandou um artesão fazer, mas eles fazem direto essas encomendas, apenas encomendamos a cabeça e fomos lá buscar, pagar e combinamos para irmos juntas aqui. (Elisangela, 06 de agosto de 2022)

Em seguida, quis saber o que estavam sentindo de estarem ali para entregar as cabeças, o que a área representava para elas:

-Eu estou muito feliz primeiro porque meu irmão está bem recuperado do acidente de carro, e vir aqui agradecer é muito importante, porque sei que o Senhor do Bonfim fez o milagre (Elisangela, 06 de agosto de 2022).

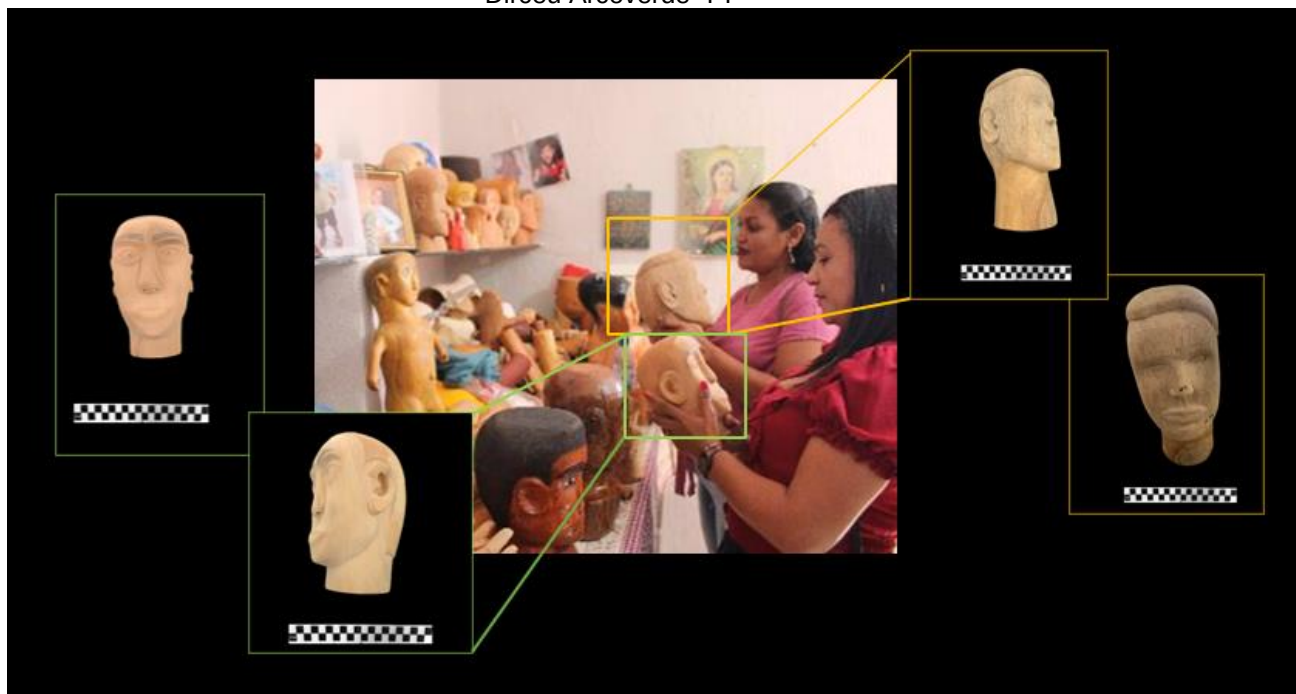
-Eu também estou muito feliz, sempre a gente vem para as Queimadas, mas é a primeira vez que estamos aqui para pagar uma promessa com a entrega de uma cabeça, sempre acendo vela, rezo, mas é o primeiro ano que faço essa entrega de objeto (keyla, 06 de agosto de 2022).

Após essas falas, agradeci e permaneci ali para observar o comportamento das devotas diante dos demais objetos ex-votivos, quando uma concentração de pessoas se avolumava no espaço dos ex-votos dentro da capela. Durante todo o tempo que conversamos, elas permaneceram segurando as cabeças em posição central próximo ao peito, e aparentemente escolhiam o local de colocar as cabeças, porque fixaram o olhar num ponto próximo às demais peças.

No momento que Elisangela encontrou o local, imediatamente Keyla acomodou a sua cabeça e saíram com um semblante de felicidade pelo ato praticado,

Realizei o registro fotográfico da entrega e, identifiquei dentro do conjunto de cabeças (53 peças) as duas que representam o irmão de nossas entrevistadas.

Figura 93 - Caso 2: Escultura de cabeças- coisa /ex-voto acervo do Senhor do Bonfim- Queimadas- Dirceu Arcoverde- PI-



Fonte: Acervo Pessoal, 2022.

Caso 3- Promessa em benefício próprio paga pelo beneficiário da graça.

O personagem dessa história é Abílio Ribeiro dos Santos, (55 anos) entrevistado no dia 06 de agosto no povoado das Queimadas.

Diante da quantidade de gente que adentrava o espaço da capela antes do início da missa solene, às 09 h da manhã me instigavam olhares e percepções rápidas, para crianças correndo, senhoras de joelho em frente ao altar, outras pessoas tocando os ex-votos, fui arrebatada pelo momento exato em que um devoto depositava o seu ex-voto, uma escultura de madeira de proporções grandes, envernizada e me aproximei para saber qual a história de graça alcançada.

A primeira pergunta foi sobre a graça alcançada:

Bem, há bastante tempo que vinha sofrendo com dores muito forte de cabeça, daquelas que me impedia inclusive de dormir direito. Fazia tudo que me ensinavam tomei tudo o que me ensinavam de chá a remédios de farmácia, aí no ano passado resolvi fazer a promessa para o Senhor do Bonfim, porque eu sempre venho às missas e via esses objetos, aí pensei que se o Senhor do Bonfim me curasse eu ia mandar fazer uma escultura de minha cabeça para trazer.

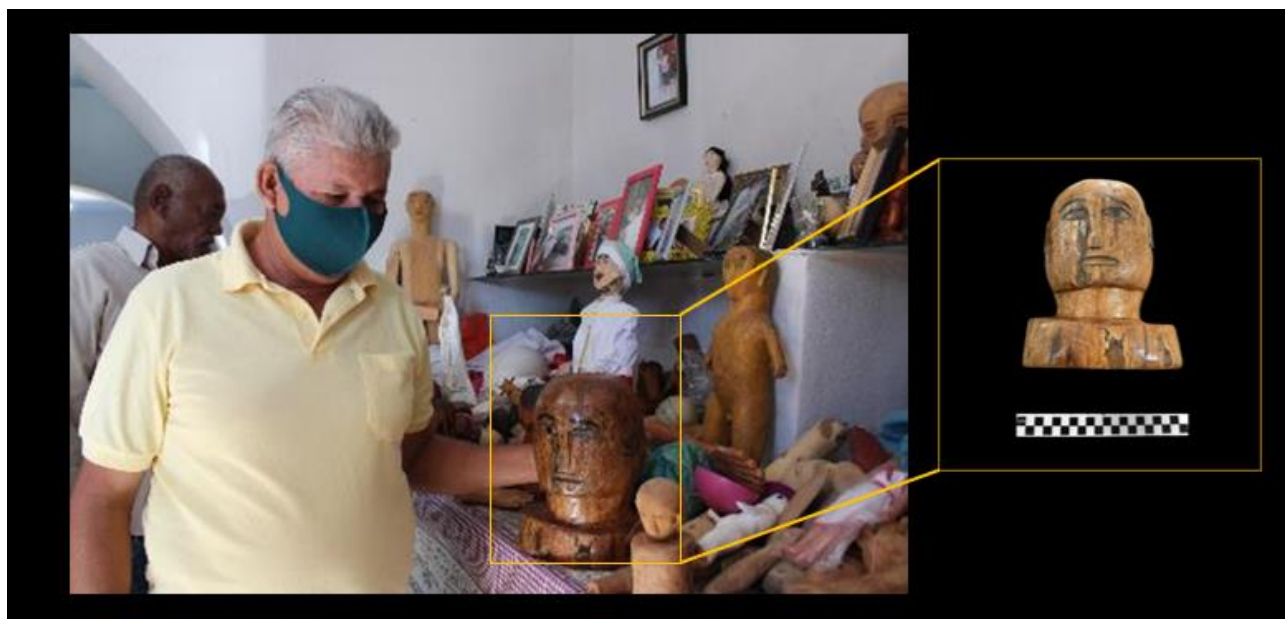
(...) eu ainda tomei uns remédios, as agora estou bem, não sinto mais nada do que sentia então eu acho que foi milagres do Senhor do Bonfim, por isso trouxe a escultura da cabeça. (Entrevista com Abílio)

Diante da descrição dos fatos eu apenas indaguei sobre a pessoa que fez a peça, quem era e se já conhecia ou veio a conhecer em virtude da promessa feita.

O artesão é o Sr. Manoel da Queimada Roça, município de São Lourenço do Piauí, e na verdade eu o conhecia assim de vista, mas em virtude da promessa eu me aproximei mais, porque estive lá umas três vezes, primeiro quando encomendei a peça, depois um dia por perto da casa dele e aí resolvi saber se a cabeça já estava pronta, mas ainda precisava envernizar, marcou para outro dia, quando finalmente peguei, paguei o serviço e estou aqui para entregá-la.

No momento de nossa conversa, a peça já se encontrava depositada na bancada de ex-votos, em posição central, e o devoto ao seu lado em posição de contemplação de sua peça e se preparando para deixá-la.

Figura 94 - Caso 3: Escultura de cabeça- coisa/ ex-voto acervo do Senhor do Bonfim - Queimadas-Dirceu Arcoverde- PI-



Fonte: Acervo Pessoal, 2022.

Caso 4: Pagamento de promessa pelo beneficiário da graça quando a promessa foi realizada por outra pessoa.

No que respeita ao caso quatro, a entrevista foi concedida por Agnaldo Ribeiro, via telefonema, porque ainda foi coleta no momento da pandemia Covid 19, em agosto de 2021, isso quando eu estava em busca de referencial histórico sobre a capela do Senhor do Bonfim nas Queimadas, e me deparei com um documentário⁵⁸ na internet sobre a devoção, com trechos teatralizados da romaria em tempo pretérito, produzido pelo grupo de cultura Culturat de São Raimundo Nonato- PI. Por conhecer o responsável pelo grupo, entrei em contato para saber as suas motivações para produzir o conteúdo do documentário.

Agnaldo Ribeiro (42 anos) pontuou que o documentário foi pensado após uma experiência de cura e esteve no local para pagar promessa, e os detalhes constam em relato abaixo, descrito em forma de fragmentos:

O acidente ocorreu no dia 08 de março de 2008, quando eu saia de moto do trabalho, Colégio Madre Lúcia, no bairro Aeroporto, em São Raimundo Nonato, e peguei uma estrada de chão, (...) nesta estrada havia uma curva, então, observei que vinha uma outra moto em alta velocidade, fiquei parado,

⁵⁸ Disponível no canal do youtube: Festejos de Senhor do Bonfim - Queimadas - Dirceu Arcoverde-PI. <https://www.youtube.com/watch?v=sySdh5PO31A>, acessado em maio de 2022 e janeiro de 2023.

mas a outra moto apeitou em mim e fui arremessado a uns dois metros ou mais de distância, bati a cabeça no chão e fiquei cego por um tempo. (..) quando eu comecei a enxergar, divulgar as coisas um pouco, peguei o celular e liguei para minha cunhada que morava no São Félix. Então, ela foi lá me socorrer e ligou para a ambulância me socorrer.

(...) o trauma foi assim: bati a cabeça, quebrei todos os ossos da face e tive que passar por duas cirurgias, uma para tirar coágulos de sangue e outra cirurgia reparadora dos ossos da face. Tenho oito pinos de titânio na face. Segundo o médico o osso que protege a caixa ocular quebrou e ficava derramando um líquido do olho, por isso eu tinha dificuldade para ver.

(...) todos os procedimentos cirúrgicos foram realizados em Teresina e quando eu retornei, nem conhecia o lugar, só ouvia falar Queimadas, mas não sabia qual era o santo, mas a minha cunhada fez uma promessa para a gente depositar uma cabeça de madeira na igreja como ex-votos, já que o trauma havia sido na cabeça. Então, em agosto, como eu não podia pilotar a moto ela me levou na garupa e fomos entregar a cabeça lá (...).

(...) primeiro quando eu cheguei lá fiquei boquiaberto com a quantidade de devotos, tanto do Piauí e da Bahia, (...) pagando promessas e percebi o quanto o local era importante para os devotos, local de romaria mesmo.

(...) fiquei encantado com a sinergia daquele lugar e isso mudou minha percepção sobre a vida. (...) a cabeça depositada por mim foi confeccionada pela artesã Esmeralda, que utiliza a madeira umburana para fazer a peça. (Entrevista com Agnaldo Ribeiro, agosto de 2021- professor da rede municipal de ensino de São Raimundo – responsável pelo grupo de cultura- Cultuart)

Correlacionando os dados da entrevista, com as imagens do documentário Culturart foi possível identificar a cabeça representativa do nosso entrevistado.

Figura 95- Caso 4: Escultura de cabeça- coisa/ ex-voto acervo do Senhor do Bonfim- Queimadas- Dirceu Arcoverde- PI-



Fonte: Acervo Pessoal, 2022.

A correlação das informações obtidas com os entrevistados e os dados dos ex-votos constam em seção seguinte, mediante a apresentação de gráficos de percentagens considerando a aplicabilidade da arqueologia das corporalidades, sob o enfoque dos aspectos de *embodiment/pele social*.

4.4 CÉREBRO – MEMÓRIA COGNITIVA DAS PERCEPÇÕES CORPÓREAS - AS COISAS NA ÁREA DA CAPELA DO SENHOR DO BONFIM.

A escolha desta analogia cérebro para esta seção reside na inferência que esse órgão é *locus* de aprendizado, memória e percepção, permitindo que se trace as relações dos ex—votos/coisas de madeira inventariados sob os parâmetros da Arqueologia do corpo, o *embodiment*, em comunhão com a fenomenologia de Merleau-Ponty (2004).

Para representar o cérebro nesta seção em analogia aos objetos ex-votivo, recorri à escultura representativo de uma senhora, as marcas de expressão no rosto e o cabelo em forma de coque remete à sabedoria das pessoas idosas, cujos corpos refletem parte do conhecimento acumulado ao longo de suas vivências, ou seja, uma representação do *embodiment*.

Figura 96 - Cérebro- lóbulo frontal Cabeça- tipo umburana- ex-voto/coisa acervo do Senhor do Bonfim- Queimadas- Dirceu Arcoverde- PI.



Fonte: Acervo Pessoal, 2022.

Entendo que a Arqueologia do corpo, junto ao *embodiment* desempenham um papel importante para compreender as interseções de diferentes experiências incorporadas (como sexo, idade, crença etc.) nos objetos (ex-voto/coisa) construindo assim a identificação do *habitus* dos devotos que utilizam o espaço da capela do Senhor do Bonfim, dele se apropriam e recriam experiências corpóreas.

Para a elaboração das análises das materialidades em convergência aos pressupostos do corpo experienciado (*embodiment*), alvitro a percepção, alcançada por mim ao vivenciar o fenômeno cultural/social do pagamento de promessa que me permitiu a transformação metafórica em corpo umburana, por meio da confecção do ex-voto perninha/pé, onde múltiplas linhas de ações foram traçadas desde o momento inicial para a confecção do objeto, a deposição e a pós deposição na área da capela, onde tem-se os elementos devota, artesão, ex-voto, capela, prateleira de ex-votos, interagindo com múltiplas coisas, madeira, ferramentas, verniz, caneta, máquina fotográfica, pincel, carro, estrada, luz, gestos, sons, pessoas, ex-votos, toque, entre outros, e mesmo após o depósito na capela do Senhor do Bonfim, nas Queimadas, as ações continuam em movimento e assim, segue os fluxos sem interrupção e continuará por tempo indeterminado no que se constitui, as linhas enquanto fenômeno, ou seja, constituindo tudo que existe em nós e em nossa volta, conforme Ingold (2007).

Para ilustrar de forma simbólicas as linhas na constituição do corpo umburana, o coloquei como elemento central e os demais elementos estão em posições aleatórias que se interrelacionam, onde não é possível estabelecer o início e /ou o fim das linhas, a ideia são os pontos de intersecção, onde esses agentes encontram muitas outras coisas.

humanos, que os cruzam, e ao serem tocados e observados possibilitam novas conexões, e transformações aos que se apropriam dessas possibilidades.

De forma que, assinalo que se estamos aos poucos reconhecendo que artefatos, prédios, monumentos e paisagens não só nos afetam, mas nos tornam quem somos; então, nosso engajamento com o registro arqueológico é necessariamente um diálogo em que tanto os arqueólogos quanto os eixos, casas, capelas e outros ambientes culturais, que estudamos, são criados e transformados, o que permite uma conexão direta entre as coisas e humanos enquanto corpo, sob o escopo da Arqueologia das Corporalidades.

Como o fulcro aqui é perceber os ex-votos e a capela como entidades corpóreas no sentido que conglomeram as histórias de devotos e artesãos, assim como de outras coisas que cruzam os processos de confecção, deposição e pós deposição, sob o apelo do acerto de favores estabelecidos entre os devotos e o santo protetor, mediante a devoção, no que se constitui a percepção de corpo/ pele social; parto do pressuposto que sob ótica fenomenológica, nos lugares do mundo ocorrem engajamentos, vivências e experiências que transformam os indivíduos e os espaços de suas criações, tanto em termos físicos como abstratos.

A capela, aqui, é vista como um corpo em constante modificação, fisicamente alterado, mas igualmente percebido, significado e (re) significado ao longo do tempo.

Por conseguinte, para analisar os materialidades ex-votivas na área da capela como entidades corpóreas, trabalhei com os parâmetros de sexo⁵⁹, faixa etária⁶⁰, individualização (registro do nome que me permita a identificação do devoto), simbologia (identificação de marcas de doenças presente na peça) e recorrência (identificação de mesma doença) e ainda as manifestações do profano e sagrado nos símbolos estudados.

Importa aclarar que os dados estatísticos de cada variável estão correlacionados com as percepções alcançada por minha experiência (item 4.3) com as dos outros 04 relatos de devoção (subitem 4.3.1) inferindo situações do corpo fenomênico/ embodiment/ experienciado. Essas informações servem de escopo na perspectiva de

⁵⁹ Entidade biológica revelada mediante a presença de traço fisionômico pintado ou esculpido, que revelam características sexuais, corroborados em alguns casos pela presença do nome do devoto.

⁶⁰ Característica de tamanho das formas dos objetos em termos proporcionais junto ao conjunto e identificação em infantil ou adulto.

responder as inquietações da pesquisa para perceber os ex-votos como extensão dos corpos de devotos e artesãos, como arcabouço de muitas histórias, podendo ser vistos como parâmetro que equipara diferentes grupos sociais e, ainda, observar como se comportam as temáticas sagradas e profanas no espaço corpóreo da capela onde estão depositados.

O número de peças que foram escalonadas para essas análises refere-se às partes: corpo inteiro (7 peças), cabeças (53 peças) e pernas/pés (126 pés/pernas) no total de 186 peças. Posto que as tipologias (corpo inteiro, cabeças e pernas/pés) foram mencionadas nos relatos dos devotos e artesãos, e na minha experiência (autobiografia). Implica informar que a quantidade de peças no acervo está em constante processo de transformação, e essa também se refere ao aumento de peças de forma considerável, a cada ano aumenta a visibilidade do local, e com isso aumenta o número de pessoas para pagarem suas promessas, mesmo fora do período de festejo.

Em janeiro de 2023 realizei o inventário das peças, mas neste momento o foco já eram as peças (corpo inteiro, cabeças e pernas/pés) sob a perspectiva de correlacionar aos depoimentos de devotos e artesãos para fins das análises dentro da Arqueologia das Corporalidades. Contudo, aproveitei a ocasião para observar e fotografar todo o acervo dos objetos de madeira, agrupadas sob similitudes de formas: antropomorfos, zoomorfos e diversos (contempla o que não se enquadra nas duas primeiras variáveis), conforme inventário abaixo:

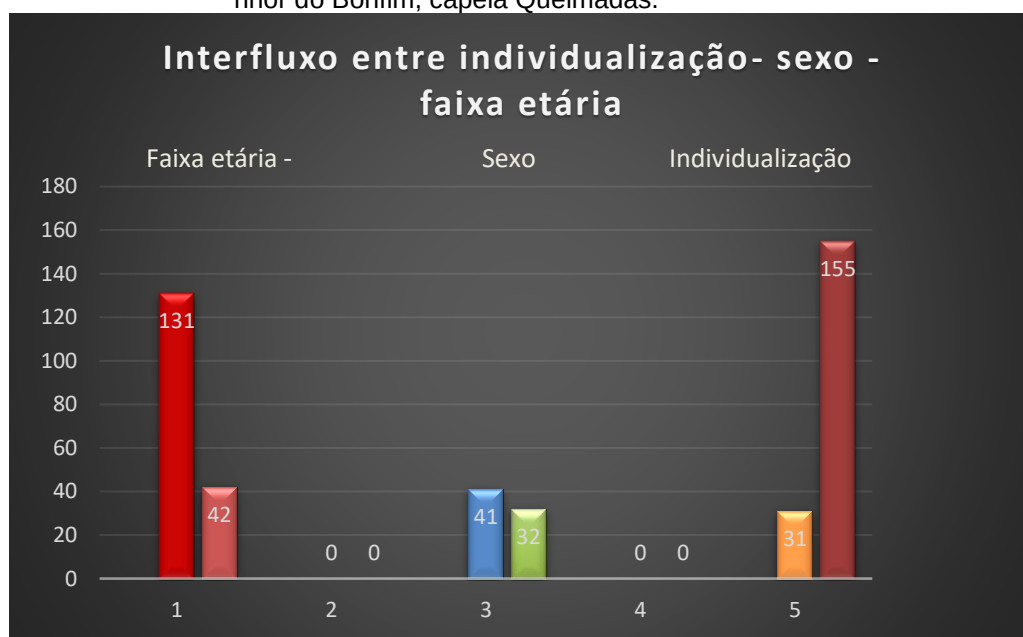
Quadro 3: Inventário de ex-votos/coisas de madeira- acervo do Senhor do Bonfim nas Queimadas, janeiro de 2023.

Morfologia	Parte corresponde	Número de peças
Antropomorfo	Corpo inteiro	07
Antropomorfo	Cabeça	53
Antropomorfo	Pés isolados, pernas e pés	126
Antropomorfo	Mãos e braços	46
Antropomorfo	Coluna vertebral	02
Antropomorfo	Meio corpo/cintura e pernas/pés	04
Antropomorfo	Seios/mamas	14
Antropomorfo	Pênis	01
Antropomorfo	Vulva	01
Antropomorfo	Coração	05
Antropomorfo	Pescoço	03
Antropomorfo	Joelho	10

Antropomorfo	Orelha	01
Antropomorfo	Rim	01
Antropomorfo	Dedo	07
Antropomorfo	Canelas/pernas (sem o pé)	11
Zoomorfo	Boi completo	02
Zoomorfo	Cavalo completo	02
Zoomorfo	Pata de cavalo	01
Zoomorfo	Pata de boi	03
Zoomorfo	Pata de caprino	02
Diversos	Chaves	05
Diversos	Microfone	01
Diversos	Cruzes	02
Diversos	Pote água	01
Total		311

Seguindo com o propósito das análises técnico-funcionais (listado em Esquema 2- **Figura 60**), os números das variáveis simbologia, individualização, sexo, faixa etária foram analisados de forma compilativa, posto que a ideia é ter noção dos perfis sociais que integram as corporalidades do acervo de ex-votos/coisa e capela, quando essas variáveis foram combinadas de forma sistemática. Para demonstrar o parâmetro social, correlacionei individualização, sexo e faixa etária, resultando no seguinte gráfico:

Gráfico 1: Barras com as variáveis faixa etária, sexo e individualização, - acervo de ex-votos do Senhor do Bonfim, capela Queimadas.



Fonte: Elaboração da autora.

Em termos de dados correlacionáveis temos: 31 devotos assinalaram os ex-votos com seus nomes, o que corresponde a 17 % do espaço amostral dos 186 ex-votos; femininos correspondem a 18 % (32 peças) e masculinos 22 % (43 peças); e 71% (131) são peças correspondente a adultos e 23% (42) infantil.

O que isso quer dizer em termos de relação corpórea? A partir dos dados de faixa etária, sexo e individualização é possível a percepção que a devoção abrange um grupo social misto – homens e mulheres, formado por indivíduos de variadas faixas etárias, com predominância para as reproduções de corpos de do sexo masculino adultos, quando se infere que esse público estar suscetível a receber um maior número de promessa porque comumente é vítima de acidente, principalmente envolvendo a condução de veículo, isso coaduna ao perfil social das vítima de trânsito⁶¹, assim como na maioria dos casos não são os autores das promessa e nem os pagadores, apenas os beneficiários.

Correlacionando os dados estatísticos com os das histórias de devoção listados no item 4.3.1 deste documento, assinalo que os casos 2 e 4 endossam essa perspectiva, onde os beneficiários das graças são do sexo masculino, foram vítimas de acidente, de carro e moto, respectivamente, e, as promessas realizadas por parentes sanguíneos.

O pagamento da promessa no caso 2 foi realizado pelas autoras (irmãs), não pelo beneficiário, que foi representado por duas cabeças. Contudo, o beneficiário não foi envolvido pela atmosfera corpórea da formalização do ex-voto porque não teve contato com a peça, e nem participou da entrega.

⁶¹ Dado corroborado pelo estudo realizado pela Unicamp a pedido da Zignet- Credenciada Oficial da SENATRAN, revelou um dado importante no que diz respeito à ocorrência de acidentes de trânsito no Brasil. Conforme o levantamento, os homens se envolvem muito mais em acidentes de trânsito do que as mulheres. O estudo levou em conta o período de junho de 2021 a julho de 2022. De acordo com o estudo, a proporção de acidentes de trânsito sofridos por homens é substancialmente maior do que os sofridos por mulheres. As diferenças mais explícitas se observam, por exemplo, nos tipos por queda (18.000 femininos contra 52.440 masculinos), colisão (68.039 femininos contra 192.643 masculinos) e colisão traseira (40.182 femininos contra 123.633 masculinos), além das diferenças em acidentes de tipos não informados, desconhecidos e de outros tipos. Essa mesma tendência se manteve para as outras classificações de acidentes. Portanto, o sexo da vítima é uma variável importante para diferenciar principalmente quantidade de acidentes de trânsito. No aspecto etário, as faixas entre -18 e 24 anos até 40 e 49 anos– são as que concentram a maior proporção de acidentes de trânsito. Fonte: <https://www.portaldotransito.com.br>. Acessado em 05 de maio de 2023.

No sentido fenomenológico religioso, as autoras da promessa, que por sua vez, também depositaram os objetos na capela, participaram de forma ativa do *embodiment*, experienciando de forma concreta o sentido da devoção, quando se conectaram com o invisível (divindade) na formalização do voto, e na entrega do ex-voto/coisa no local de culto ao Senhor do Bonfim, momento da manifestação da *hierofania*. O momento da entrega é a confirmação da fé, sendo materializa para fins de continuidade e, de agenciamento de adeptos que se motivam a também experienciar os benefícios das graças alcançados por meio da intermediação da divindade.

Em termos de simbologia corpórea, as duas cabeças representam a face de um homem para quem se direcionou o milagre, mas integram esse corpo as duas mulheres que foram as autoras da promessas e, que mantiveram relações táteis, visuais e contemplativas desde o momento da busca do objeto nas casas dos artesãos, que, por sua vez, também participaram de forma ativa da integralização do corpo. Acrescido de todos os agentes humanos e não humanos que foram conectados durante todo trajeto até a entrega junto ao santo e, após a entrega, muitas relações se estabeleceram dentro da capela, quando pessoas, sons, se correlacionaram.

Após o depósito, eu fui o primeiro corpo que interagiu com elas para fazer o registro fotográfico, só nesta atividade elas foram perpassadas pela câmera do meu celular e pela luz de flash da máquina fotográfica que estava com o Edson (amigo que me auxiliou na pesquisa no dia 06/08/2023), e aí, seguiu o rol das múltiplas conexões.

Imagem quantos fluxos de pessoas e coisas atravessaram esses objetos desde agosto até janeiro quando estive na capela para proceder as análises desta pesquisa, em que novamente mantive contato visual e, desta vez, tátil - imbricamento social (BEZERRA, 2013) com elas. Nesse momento realizei a medição, fotografia sistêmica⁶², onde mais uma vez várias coisas interagiram com elas.

Retomando a questão corpórea, o beneficiário do caso 2 pode em momento à frente, quando vir ao Piauí, já que mora em São Paulo, ir ao local das Queimadas para visualizar os seus ex-votos e aí sim vivenciar o *embodiment*, de forma recíproca,

⁶² Procedimento que envolve a utilização de escalas numéricas, com peças posicionadas sobre um fundo escuro que absorve todas as cores do espectro visível e não reflete nenhuma delas ao olho nu, permitindo a visualização do objeto de forma integral preservando a coloração dos objetos. Para Silva, Mutzemberg; Cisneiros (2012, p.144) o emprego da técnica fotográfica – tradicional, digital, instantânea, entre outros –, quer pelo arqueólogo ou fotógrafo técnico especializado, busca uma variedade de propósitos. As imagens produzidas constituem meios ou fins de etapas dentro da pesquisa, durante uma escavação, análises laboratoriais e musealização do conhecimento arqueológico, cumprindo a missão de socialização de um saber científico

onde o ex-voto passará a apreender mais esse corpo, algo que ele vem construindo de forma ininterrupta desde a sua elaboração.

Importa destacar que, de forma abstrata o ex-voto já mantém elementos da corporalidade do beneficiário, quando da intencionalidade do pedido foi direcionado a ele, e uma vez que alcançou a graça, esse indivíduo foi envolto pela manifestação do poder da entidade (divindade). Assim, o seu corpo biológico foi transformado e a instância social foi alcançada no sentido passivo, posto que as conexões visuais, táteis, sensíveis não foram acionadas, ou seja, o gatilho da cognição não foi acessado.

Por isso, assente-se que essa instância é uma ferramenta que desencadeia outras percepções, é possível, pois, depreender que as irmãs/devotas conglomeram outros significados e simbologias mediante a vivência concreta da devoção, ou seja, ao ouvirmos os depoimentos das irmãs e o do beneficiário da graça sobre a promessa, por exemplo, as primeiras, provavelmente, tenham percepções distintas e mais afinadas no sentido de intimidade com a divindade e o sentimento de gratidão pelo benéfico alcançado, ou seja, a experiência vivida é um agente de transportação e constituição do corpo social (CSORDAS, 2008).

Já no caso 4, embora a promessa tenha sido feita por uma tia, o beneficiário manifestou interesse de mandar confeccionar o objeto (ex-voto), por uma artesã, e foi entregá-lo na capela. Embora não conhecesse a área, conforme pontua em seu relato, foi envolvido por uma energia muito forte ao estar no local, que o fez não apenas vivenciar o momento, como projetar uma maneira de tornar o local conhecido, elaborando um roteiro para um documentário sobre a devoção religiosa, visto que é um artista, bastante envolvido com a cultura do sudeste do Piauí.

Graças aos seus contatos, conseguiu verba para tornar o roteiro em realidade, inclusive, com trechos teatralizados, retratando como era o cenário e as condições enfrentadas pelos romeiros, em épocas atrás, para ir ao local pagarem suas promessas, além da coleta de informações com moradores. Esse registro documental áudio visual permitiu o prosseguimento da história do local e da devoção, quando alguns dos interlocutores entrevistados naquele momento já faleceram.

No escopo do *embodiment* é possível depreender que uma série de experiências se adensaram ao corpo do beneficiário da graça, como ao do ex-voto, da capela, e de muitas outras linhas que se traçaram ao redor dessa história. Contudo, de forma exemplificativa posso dizer, que o ex-voto do caso 4 representando a cabeça do entrevistado, com traços masculinos está adensado ao corpo da artesã, figura

feminina, do da tia que fez a promessa e o levou na garupa da moto para pagar a promessa nas Queimadas. Ali muitas outras coisas foram interceptadas e isso se amplia consideravelmente no momento das filmagens do documentário, onde câmeras, luzes, sons, ruídos, pessoas, gestos, imagens foram capturados.

Importa informar que, desde a primeira visita em abril de 2022 mantive contato visual e tátil com o ex-voto da cabeça- caso 4, por ser uma peça grande e com traços de entalhamento bem definidos, ou seja, também sou carne integrante deste corpo.

Outrossim o corpo social do entrevistado – beneficiário adensado por meio dessa experiência de devoção certamente tem uma forte carga simbólica e perceptiva para ele, visto os desdobramentos que se seguiram após a ida ao local, associado de forma direta ao acidente que quase ceifou a sua vida e, que pode se recuperar sem qualquer sequela física ou cognitiva. O que seria uma lástima para qualquer pessoa, e para um artística de inteligência singular seria ainda mais preocupante principalmente para a própria pessoa no sentido da aceitação.

Na acepção do *embodiment*, um corpo que passa por um fenômeno de cura médica, xamânica, espiritual se transforma, nunca mais será o mesmo em termo de experiência incorporalizada, conforme Csordas (2008), quando há a cura física, a cura terapêutica e a cura psicológica.

Implica destacar que, a minha experiência apresentada no item 4.3 coaduna com a do caso 4, no sentido da sinergia e transformação de sentidos existenciais que o beneficiário enfatiza em sua fala. Desde o primeiro contato com a área já senti essa energia, e embora eu não tenha vivido um trauma que poderia aniquilar a minha existência, em termos da pouca gravidade do meu acidente em relação àquele, pontuo que o trauma da queda associada ao medo que senti, quando da quebra da perna na infância, ao ser representada no ex-voto se materializou e, de alguma forma me libertou.

Assinalo que, embora imbuído de muitos sentimentos, o processo que envolveu a confecção da perna/ex-voto, sob apelo da promessa realizada por minha avó e reafirmada por mamãe, na minha infância, quando foi possível contar com a colaboração de uma pessoa do meu ciclo afetivo para a confecção, meu tio, e todos que mantiveram contato com ela até o depósito na capela, no dia 29 de janeiro de 2023, é impossível não a associá-la ao momento de dor e de negativa do cérebro para

enfrentar os perigos da vida, quando mesmo com a perna emendada eu me negava a caminhar.

Esses episódios que constituem a nossa corporeidade ajudam a revelar temas embutidos, que são elaborados como objetos culturais relacionados a doenças, acidentes, medos, angústias, aflições (Csordas, 2018, p.219), que podem afetar os indivíduos até o momento de serem transformados em um nível moderado de funcionalidade social, quer por rituais de cura espiritual ou intervenções medicamentosas acompanhadas de profissionais habilitados para lidar com a mente, como benzedores, guias espirituais.

Após a fratura na perna, eu vivi refém de certas situações que me faziam retroceder, ou não avançar com o temor de cair e, ou não ter ninguém para me ajudar a levantar, isso com forte influência na carga comportamental ao integrar o ambiente social da escola. Era a menina quieta que pouco socializava, mas muito concentrada nas aulas, nas falas das professoras, as novidades me encantavam, ao tempo que também me protegia dos apelidos grosseiros, unicamente associados ao fenótipo do cabelo crespo, testa proeminente, usados pelos colegas, que de alguma forma se incomodavam com a minha presença ali.

De forma antagônica, o tratamento insultuoso me fortalecia no sentido da formação do caráter forte e decidido a alcançar minhas metas, isso converge com o perfil de processo de individualização (SIMONDON, 1995) que construímos ao longo da trajetória de vida. Em outras palavras, individualização são as experiências que acumulamos ao longo da nossa existência, tanto dos objetos que construímos, utilizamos, descartamos e ainda dos lugares onde essas vivências ocorreram e ocorrem, em continua atividade. Assim, afirmo que a minha perna/pé de umburana e a capela integram uma memória singular, nessa trajetória de libertação das angústias e medos adquiridos na forma material da vida.

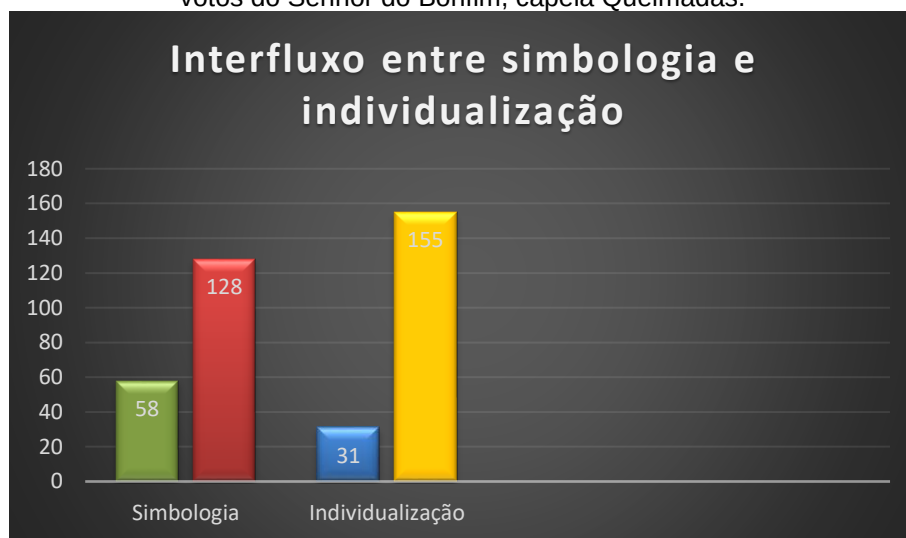
Retomando aos fatores de análise técnica técnico-funcional desta pesquisa, pontuo que foram observados nas peças ex-votivas os elementos das doenças, marcas de acidentes, marcas naturais da madeira que pode resultar numa mancha que poderia simbolizar uma queimadura, má formações de membros (como pés juntos), pés tortos, ausência de falanges proximais, condições desfavoráveis ao nascimento de crianças (cordão umbilical envolta do pescoço), presença de doença em órgão sexuais. O que compõem itens específicos de análise assinalada como simbologia (marca visível de doença), recorrência (repetição de informações de doença) e

ainda patologias (agentes que afetam a madeira, manchas na madeira causadas por insetos, umidade, mofo, e, ainda, tinta em posições aleatórias nas peças).

Essas variáveis foram contabilizadas para fins de demonstrar o quanto da devoção ganha o sentido da visibilidade da dor, do medo, do sofrimento, do refúgio aos perigos inerentes da vida, e a busca de uma libertação, graças por intermédio de uma entidade religiosa, no caso o Senhor do Bonfim.

Para tanto, segue gráfico de percentagens com o interfluxo de marcas de doença e individualização.

Gráfico 2: Barras com as variáveis marca de doença- simbologia e individualização - acervo de ex-votos do Senhor do Bonfim, capela Queimadas.



Fonte: Elaboração da autora.

Os dados de percentagens revelam que as marcas de doenças não seguem um perfil de similaridade capaz de gerar um dado estatístico significativo. São furos no ouvido, cortes na parte posterior da cabeça, na testa, pés tortos, pés juntos, má formação de feto, doença no órgão sexual masculino, nódulos nas pernas, entre outros, e como se trata de dados de cunho propositivo balizado em experiência de observações da Tia Sebastiana (zeladora da capela) - ouvinte muitas histórias no momento do pagamentos de promessas, não se pode precisar com grande confiança a doença retratada. Contudo, considerando unicamente a marca pintada ou talhada nas peças, sem qualquer finalidade interpretativa, tem-se o número de 35% (58 das peças com índicos de marcas de doença, em detrimento a 65% (128 peças) em que não se tem marca alguma.

No que respeita ao perfil de individualização a maioria das peças com marcas de doença, também são marcadas com assinaturas. Ao que tudo indica o devoto

quer manifestar a sua graça sem restrições, e isso implica na necessidade de marcar a peça, e ainda manter o vínculo com ela por meio da assinatura.

Figura 98 – Demonstrativo das peças com as marcas de doença e com marca de individualização-coisa /ex-voto acervo do Senhor do Bonfim- Queimadas- Dirceu Arcoverde- PI.



Fonte: Elaboração da autora, 2023.

Outro elemento que se pode depreender a partir das análises de marcas de doença com o fluxo de faixa etária, é que um total de 26% (15 das peças) apresentam marcas de alguma enfermidade (o espaço amostral de 58 peças- conforme gráfico 2) pertencem ao público infantil, cujo tamanho das peças sugerem pertencer a bebês.

Aclaro que nesta pesquisa adotei o termo infantil para englobar todo o público de 0 a 10 anos de idade, porque isso fornece uma margem maior de dados estatísticos numa amostragem menor de peças. Um dado curioso é que algumas peças ainda acompanham o relato da graça alcançada, escrito em papel pautado em com letra cursiva, mostrando a individualização dos beneficiários da graça e dos pais, provavelmente.

Qual a importância desses dados para as inferências do corpo sob aportes da Arqueologia das Corporalidades? Os objetos, lugares, sofrimentos, curas, representam para as pessoas a constituição de suas memórias enquanto experiência vivida e incorporada, *embodiment*. Assim, é perceptível ao observar a assinatura de caneta nos ex-votos, que os indivíduos beneficiários das graças a partir do ato de escrever nas peças estabeleceram uma conexão de forma visível com o objeto, onde a

experiência da graça alcançada os transformaram de tal forma no presente que são instigados a desenhar ou escrever no objeto, representando um ato ocorrido no passado, mas que lhe assegura a possibilidade de conexão com o futuro.

Essa percepção é possível, porque a condição da ausência de doença lhe proteja para o futuro, e, ainda deixa a marca que lhe assegura que futuramente os outros ainda saberão de suas experiências de cura, de devoção, o que caracteriza o fator do continuísmo da devoção, das crenças. Eu fiz questão de assinar a minha perminha/pé de 3 anos com a assinatura e data, para deixar registrada o momento exato que a metáfora do corpo umburana tornou-se elemento simbólico na capela do Senhor do Bonfim, quando passou a interagir com os demais corpos naquele ambiente sagrado, e deixei a minha marca para o futuro, embora a conexão entre mim e ela em termos de reciprocidade corpórea se mantenha atemporalmente.

Retomando ao exercício de correlacionar os dados do gráfico 2 com os casos narrados pelos devotos no item 4.3.1 para fins corpóreos, é possível estabelecer uma conexão de *embodiment* de forma integral, no sentido de percorrer todas as instâncias que conectam o devoto ao ex-voto, caso 3, onde o devoto fez a promessa em benefício próprio, foi quem encomendou a fabricação do ex-voto, e subsequentemente realizou a entrega na área da capela do Senhor do Bonfim, esse processo o envolve de tal forma com as instancias perceptíveis da espiritualidade, que fortalece os vínculos corpóreos da materialidade da experiência incorporada, não há intermediários entre ele a entidade (divindade), a relação estabelecida é cumprida de forma integral, por isso as marcas que esse devoto carrega, lhe faz experienciar o “evangelismo poderoso”, segundo Csordas (2008, p.119), onde as manifestações de cura fortalecem a fé e ainda o seu testemunho pode instigar outras pessoas a viver essas experiências também.

Preciso destacar a importância da capela do Senhor do Bonfim para o desenvolver das interseções de linhas entre as coisas/ ex-votos e o restante das coisas humanas e não humanas, quando o ambiente da capela integra de forma fluida essas linhas, sendo percebida como espaço corpóreo.

Sob a acepção do espaço da capela como unidade corpórea imputa-se as considerações de Tilley (1994) ao criticar os estudos tradicionais da paisagem como espaços neutros sobre o qual as atividades humanas são mapeadas, para tanto, desenvolve uma abordagem inovadora para a interpretação das paisagens pré-históricas, argumentando que estas devem ser contextualizadas, levando em consideração

sua memória, significado, experiência pessoal e individualização, alargando a margem de abrangência de estudo para contemplar a materialidade; e a cultura material como um todo, argumentando as relações fenomenais de intencionalidade, existencialismo, percepção, corpo e espaço.

Dentro do universo da religião católica, a igreja/a capela é o local reservado às práticas ritualistas, um local de contemplação do sagrado e de encontro intimista com a divindade, sendo possível até comungar do corpo de Jesus Cristo (Deus) na hóstia consagrada, ou seja, sob normas de controle é um local sagrado, onde a *hierofania* se torna perceptível por meio de orações, cânticos, leituras da palavra sagrada (Bíblia), dos objetos e fiés que ali participam dos ritos e, no caso da Queimadas também experienciam a devoção e entregam os seus ex-votos.

Como observa Silva (1981), no passado, esses artefatos (ex-votos) já foram percebidos como inspiração do demônio, objetos de superstições e demonstrações de ignorância religiosa, somente a partir do Renascimento nos séculos XIV e XVI, que a Igreja católica reconheceu as manifestações devocionais ex-votivas abrindo espaços nas igrejas para recebê-los.

Nesse rol de muita simbologia atrelado ao sagrado, onde os objetos ex-votivas são percebidos como *hierofanias*, assinalo que as experiências corpóreas na área da capela do Senhor do Bonfim, em constante processo de transformação, permite uma confluência do profano com o sagrado, onde essas dualidades deixam de ser percebidas como contraponto e assumem o mesmo espaço. Na simbologia do devoto tudo se torna sagrado por estar ali naquele reduto, como afirma Elíade (2001, p.57) “para aqueles que têm uma experiência religiosa, toda a natureza é suscetível de revelar-se como sacralidade cósmica. O cosmos na sua totalidade pode tornar-se uma hierofania “.

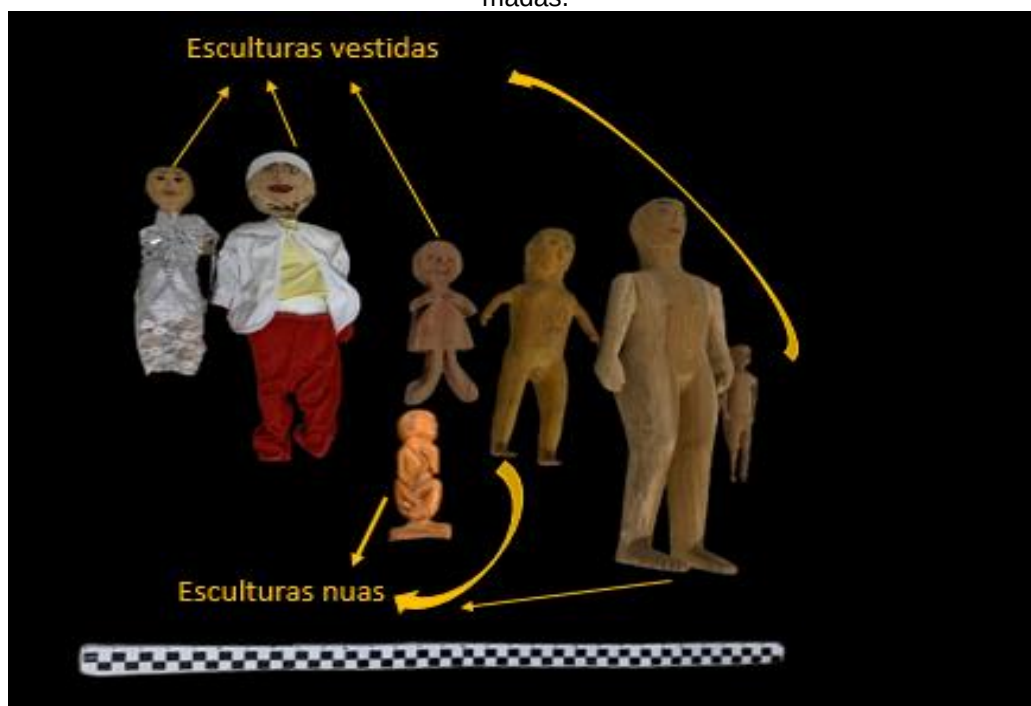
Instrumentando a simbologia dos ex-votos em análise para fins de percepção entre o sagrado e profano, retomando ao perfil das 186 peças selecionadas para as inferências corpóreas, selecionei as peças de corpo inteiro (07 ex-votos) para representar como se confirma a manifestação do sagrado e do profano numa mesma instância simbólica junto ao acervo da capela do Senhor do Bonfim.

Para essa proposição recorro à ideia de corpo biológico com suas representações sexuais sob valores cristãos católicos, ou seja, a baliza de puro (sagrado) e impuro (profano) refere-se à presença ou ausência de vestes, respectivamente.

A inferência do corpo nu serve de elemento factual para se discutir o profano, porque na instância do catolicismo o corpo é templo do Senhor Deus⁶³, por isso, deve-se principalmente evitar exposições excessivas da carne, e principalmente dos órgãos sexuais e, tece em sua doutrina de evangelização as regras da boa conduta do cristão.

Entre os objetos de corpo inteiro do acervo em estudo (**Figura 99**) tem-se 03 que estão representados na forma nua, quando 02 trazem a representação do órgão sexual masculino; os 04 restante são divididos em: 02 onde as esculturas aparecem formando uma moldura de roupa, uma mulher de vestido, e um homem com uma camiseta e bermuda, e os outros dois são esculturas de madeira vestidas com roupas de tecido, uma jovem vestindo um vestido de renda branca e um menino trajando roupas de bebê.

Figura 99: Conjunto de ex-votos tipo corpo inteiro – Ex-votos da área do Senhor do Bonfim nas Queimadas.



Fonte Acervo Pessoal, 2023.

⁶³ Segundo a doutrina católica o nosso corpo é um instrumento essencial para demonstrarmos amor, afeto, pela busca da santidade. Ele nos aproxima de Deus e dos irmãos. É por eles que realizamos concretamente a manifestação dos nossos atos de amor ou de pecaminosidade. O corpo é importante porque por ele concretizamos nossas opções por Deus ou pelo pecado. O corpo humano participa ativamente dos momentos de oração e de louvor, porque ele é a ponte que nos une a Deus. A nossa maneira de falar, de se comportar, de **nos vestir**, demonstram o que se passa dentro do nosso coração, e por ele poderemos ser testemunhas autênticas do amor de Deus ou contra-testemunho para os nossos irmãos. Na Bíblia Sagrada encontra-se: “Acaso não sabeis que sois templo de Deus e que o Espírito de Deus habita em vós? Se alguém destruir o templo de Deus, Deus o destruirá. Pois o templo de Deus é santo e esse templo sois vós” (I Cor 3,16-17), disponível em: <https://comshalom.org/a-sacralidade-do-corpo-humano/> acesso em 06 de junho de 2023.

Conforme valores católicos é preciso estar vestido para adentrar a capela, respeito às demais pessoas, mas acima de tudo respeito ao próprio corpo, templo de Deus. Assim, adentrar o espaço da capela e ver objetos despídos exibindo seus órgãos sexuais é ferir as normas, nesse sentido é que provavelmente os devotos introduziram a roupa em quatro das representações, evitando o constrangimento/ valor mundano perante o corpo despido.

Contudo, todos os objetos independente da forma ao serem colocados na área da capela, a situação do profano é aniquilada para se tornar representativo da devoção e ainda demonstrar as graças alcançadas, manifestação da *hierofania*.

As esculturas que trazem a representação do órgão sexual masculino representam o motivo da promessa, a de tamanho maior é a peça descrita pelo caso 1 dos relatos dos devotos/artesão, que nesse caso é o artesão da peça (subitem 4.3.1), o qual, assinalou que a criança tinha nascido com fimose e assim, a escultura traz a representativa da doença. Já a segunda peça é um bebê em posição de risco de vida, com o cordão umbilical envolta do pescoço, a escultura traz a representatividade do bebê no útero da mãe, uma peça com muitos detalhes e bastante expressiva, com órgão sexual bem caracterizado.

Ao observar os elementos sob a ótica da Arqueologia do Corpo, as representações dos objetos com suas marcas de doença, despídos ou vestidos, com maior detalhes de decoração, envernizados, pintados, isso representa apenas a simbologia externa, a casca da percepção, porque independente da forma, da parte do corpo que representam biologicamente, o que se busca não é a superfície e, sim o interior, um cosmo que conglomera as experiências.

Nesse cerne, os objetos e as coisas uma vez interceptados pela experiência passam a tecer a formulação do nexos causal que possibilita a formação da pele social, corpo do mundo, ou seja, um sistema que une as estruturas cognitivas e avaliativas que organizam a visão do mundo segundo estruturas objetivas de um mundo social. Assim, tem-se um corpo informado em seu contexto social, com seus gostos e desgostos, com senso de necessidade, senso de dever, sendo de beleza, sendo comum, senso de sagrado, sendo de humor, senso de moral, entre muitos outros, que possibilita as ações e que forma o *habitus*, (BOUDIEU,1977).

A partir das análises dos ex-votos em confluência com os depoimentos dos devotos e minha experiência da elaboração do ex-voto perninha/pé na área da capela

do Senhor do Bonfim, é possível observar como *habittus* atua nas relações corpóreas, posto que o “*habittus* para Bourdieu (1977, p.77) é a mediação universalizante que torna a prática de um agente individual, sem razão explícita ou propósito significativo, sensata e razoável apesar de tudo”. Entretanto, dentro da mediação universalizante, o *habitus* tem dupla função, na relação com estruturas objetivas, é o princípio gerador das práticas, enquanto na sua relação com repertório total das práticas sociais, é o princípio unificador. Por meio dessa inferência, Bourdieu (1977) oferece uma análise da prática social enquanto necessidade transformada em virtude.

Partindo desse pressuposto quando se analisa apenas o objeto ex-votos/coisa sob a ótica individual ele é algo que faz sentido apenas para o devoto, a pessoa que participa do rito da devoção, sendo o princípio gerador da prática, mas a partir do momento que se tem essa prática engajada em repertório social, onde os grupos de pessoas interagem, passam a valorizar e entender a significância dos objetos e das práticas, ele se torna o princípio unificador.

Portanto, pode-se inferir que os ex-votos /coisas da área do Senhor do Bonfim são extensões dos corpos dos devotos/ artesão e demais coisas no sentido da relação condição humana e a experiência corporificada, quando se percebe as relações culturais, sociais e simbólica que essas coisas proporcionam na área da capela do Senhor do Bonfim, local que condensa e participa das relações entre os objetos e as demais coisas no seu interior.

No espaço religioso da capela há uma convergência de significados, que mesmo os objetos considerados profanos porque estão na margem das relações mundanas, fora dos moldes do catolicismo se tornam sagrados, a hierofania se manifesta tornando o dito impuro, puro, o vulgar em justificável mediante as vivências das pessoas que ali materializam sua fé.

Assinalo que a partir da quantidade de ex-votos/ coisas que se adensam ao espaço da capela, constituindo histórias de homens, mulheres, adultos, personalidades políticas, professores, advogados, vaqueiros, motoristas, arqueóloga e na confluência das múltiplas relações que os humanos e não humanos posso dizer que os ex-votos são arcabouços de histórias que equipara indivíduos de diferentes grupos sociais, que experienciam-se e, simbolicamente estabelecem conexões de forma interruptas e atemporais com objetos, com a capela e entre os próprios objetos.

Enfatizando a minha experiência corpórea, da elaboração da perninha/pé tenho as seguintes histórias condensadas: a intencionalidade de minha vó Dindinha (

já falecida), de minha mamãe (Evangelista) também partícipe da promessa, a confecção pelo meu tio Raimundo (artesão), a sua esposa Iolanda; no trajeto de casa até a entrega na capela: papai (Crispino), minha Geovanna Maria (envernizou a peça); a entrega Tia Sebastiana (zeladora da capela), Rebeca (menina de 8 anos) que fez as fotos da entrega do ex-voto, e outras pessoas que frequentam a capela para pagarem suas promessas, isso citando os agentes humanos.

No que respeita aos não humanos cito: a árvore umburana de cheiro, o pedaço de madeira cortado, as ferramentas, o verniz, os gestos do artesãos, vozes, risadas durante a confecção, a câmera fotográfica para o registro fotográfico, o carro, capela e os muitos outros ex-votos/ coisas. Soma-se, ainda, os elementos invisíveis a olho nu, e a sinergia que experienciei durante a entrega, conexão com Senhor do Bonfim, num misto de sentidos e significados para mim e para o ex-voto metaforicamente transformado em corpo umburana.

De forma assertiva mediante às informações agenciadas neste estudo, é profícuo perceber que a Arqueologia da Corporalidades substanciada em aportes da antropologia e sociologia do corpo fornece os subsídios para entender o nosso corpo como uma cultura material, ou seja, criado, modificado, aperfeiçoado e percebido enquanto fenômeno social e cultural, impregnado de representações e fonte de símbolos e significados, onde os objetos que produzimos e manipulamos, assim como os lugares significativos dessas práticas são extensões de nós mesmos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

*Da prateleira de padrões,
Tiras tua fala empoeirada.
Mas não preciso que me arraste
Contigo, em ideias rasgadas.
Não sou tua vitrine,
E não me espere pousada.
Sou feita de essência e batimentos
cardíacos, meu corpo é morada.
Sou o que sou,
Verdade escancarada...
Trago o ímpeto de vidas passadas.
Nego seu convite,
Não me verás na entrada...
Da velha loja de mudanças forçadas.
Eduarda Espínola*

Retomar a vida acadêmica depois de doze anos desde a graduação foi um desafio, para além da ferrugem nas articulações, foi preciso lubrificar principalmente a parte cognitiva, a memória acionada via lóbulo frontal, que, por vezes, apresentou defeitos. Não só pela necessidade de processamento rápido de ideias, mas principalmente pelo volume de informações que vão se somando, num curto espaço de tempo, de modo que o corpo biológico tende a não responder a contento o que se quer acionar ou processar - uma pane no sistema, que se fosse uma operação virtual em um caixa eletrônico, poderia apenas apresentar a informação: temporariamente fora de sistema, procure outro terminal. No mundo real, contudo, as coisas não se resolvem apenas com um informação taxativa, é necessário fazer, aguentar o processo para se alcançar o resultado.

Por isso, mediante as inquietações de acessar para além do corpo biológico como máquina, sem, contudo, deixar de considerá-lo e, ainda entender como múltiplas relações se adensam a esse corpo envolvido em suas vivências corriqueiras, perpassando os gostos, os desgostos, as alegrias, as frustrações, os medos, os desejos, as preocupações frente ao desconhecido, ao novo; a perspectiva de morte, entre outros, é que acreditei nesta pesquisa, para perceber o arcabouço de corpo experienciado. Inserido em seu contexto, em seu meio cultural, quando se busca soluções para agenciar tudo isso, e as respostas ocorrem de forma voluntária ou não, há comportamentos que não passam pelo viés da intencionalidade, e sim da perceptividade, no que se constitui o *habitus*.

O *habitus* é um sistema socialmente constituído de estruturas cognitivas e motivacionais, mais profundas do que o que sustenta o simples interesse. Ter interesse e manifestá-lo é uma forma de exteriorizar um pensamento planejado, enquanto

o *habitus* não envolve planejamento prévio, caracterizando-se como uma atitude que aparenta ser natural ao ser humano, mas que foi socialmente construída no decorrer de sua existência (BOURDIEU, 1977).

Por esse viés se processam muitos comportamentos, quando se pode observar a formação de práticas sociais, que passam a ser realizadas por grupos, em resposta a determinados estímulos no mundo. Dentro deste prisma tem-se as práticas devocionais condensando elementos do imaginário simbólico religioso às respostas práticas de sobrevivências às asperezas da vida de sofrimentos, às doenças, aos acidentes e, principalmente ocasionadas pelas dificuldades de vivência no semiárido nordestino piauiense.

Inserida neste contexto e envolta pela atmosfera do místico religioso desde o primeiro momento na academia, tenho me dedicado a refletir sobre as inquietudes humanas ao buscar soluções para problemas por meio de entidades divinas, especialmente em locais que a população escolhe como representativa de suas vivências, quando em 2009 trabalhei com o imaginário simbólico em torno de uma lápide da personagem Tia, uma ex-escravizada negra cultuada como santa popular, e agora na área do Senhor do Bonfim, onde a população há mais de 175 anos busca o amparo e se sente agraciada pelas resposta em forma de milagres/graças alcançadas por meio do Senhor do Bonfim, o próprio Jesus Crucificado - entidade de maior expressão religiosas dentro do Catolicismo.

Na linha de questionamentos para esta pesquisa não é suficiente apenas perceber o *habitus*, e, sim perceber o quanto ele combinado a outras perspectivas de entendimento sobre as relações culturais /sociais podem corroborar para transcender a barreira que coloca em posição antagônica o sujeito e o objeto. Esses elementos são o foco da arqueologia, ou seja, ao se buscar uma definição dessa ciência se depara com o estudo das sociedades humanas a partir de seus vestígios materiais, e essa definição não é inverídica, contudo, mediante novas propostas interpretativa, tem-se avançado para não colocar sujeito e objeto em posição estática e, desconstruindo principalmente o princípio de que o primeiro define o segundo.

De modo que, a perspectiva aqui de estudo, contribui para essa discussão à medida que prima por estudar o ex-voto na área da Capela do Senhor do Bonfim como extensão dos corpos de devotos/ artesãos e outras coisas que se adensam a sua cosmologia enquanto coisa, quando tanto os ex-votos como a capela são unidades corpóreas sob o escopo da Arqueologia da Corporalidades, uma variável de

pesquisa da Arqueologia do Presente, que combina elementos da Antropologia do Corpo, da Sociologia do Corpo e da Fenomenologia para perceber o corpo como entidade- corpo do mundo, ou seja, o corpo como solo existencial do sujeito e da cultura.

O corpo vivo pelo viés arqueológico, segundo Tilley (2004) nada mais é do que uma combinação dinâmica entre sujeito e objeto. É impossível ser puramente objetivo ou puramente subjetivo, na medida em que a experiência e conhecimento do mundo resultam desses dois níveis. Nesse processo dialético de interação entre pessoas e coisas, conforme princípio da fenomenologia, o mundo exterior e o universo interior se tornam tão intrinsecamente ligados e interdependentes que já não é mais possível falar em sujeito e objeto de modo isolado.

O pensamento humano ocupa lugares no mundo físico da mesma forma que as formas concretas têm lugar na mente. Um existe sem o outro, mas somente enquanto não se entrecruzam. No exato momento em que uma dada paisagem ou um dado objeto é percebido eles já se conectam e permanecem em constante processo de forma atemporal, quando se tem a formação das linha de conexões que regem dos todos os processos que existem, onde seres humanos e não humanos interagem, onde as coisas são entidades vivas (INGOLD, 2012).

Sob o escopo da fenomenologia, o pensamento toma forma física e acaba por originar, como uma extensão da mente humana, a cultura material. Esta, por sua vez, ao atuar fisicamente no mundo, aguça os sentido, visão, audição, paladar, tato e olfato e internaliza esse mundo exterior ao nível particular de cada ser humano, formando as interconexões entre sujeito e objeto de forma fluida (TILLEY, 2004).

No sentido de perceber as relações corpóreas entre as coisas, Merleau-Ponty (1990, p.51) pondera que do mesmo modo que meu corpo é sistema de minhas abordagens sobre o mundo, balizado na unidade dos objetos que eu percebo, do mesmo modo o corpo do outro, como portador das condutas simbólicas tida como verdadeiras, afasta-se da condição de um de meus fenômenos. Por isso, propõe a tarefa de uma verdadeira comunicação e confere a meus objetivos a dimensão nova do ser intersubjetivo ou da objetividade, resultando os elementos de uma descrição do mundo percebido (AQUINO, 2017).

Destarte, ao considerar que os elementos de uma descrição do mundo percebido compõem “uma consciência, ou, antes,” “uma experiência,” onde a possibilidade de se “comunicar interiormente com o mundo, com o corpo e com os outros,” e de “ser com eles ao invés de estar do lado deles”, implica em compreender que o

significado de corporeidade e da sensibilidade determina uma qualidade para a percepção; então, pode-se dizer que o contato com o mundo não se concretiza apenas com a reflexão, mas evidencia-se em vias de atos que antecedem a reflexão intelectual pré-formatada. (MERLEAU-PONTY, 2006, p.142).

Dessa forma, a fenomenologia da percepção de Merleau-Ponty estruturou-se por meio do questionamento sobre se a atividade de refletir é anterior à experiência ou se o contato sensível com o mundo vem antes da reflexão, quando propõe que, perceber é adquirir o conhecimento por meio dos sentidos. A percepção exige presença e refletir é pensar demoradamente sobre o que se conheceu, o que dispensa o exterior. Nesse caso, há necessidade de um movimento do corpo no mundo para que se possa refletir sobre o que se viveu. Esse movimento do corpo em direção ao sentimento do mundo percebido foi denominado por Merleau-Ponty como atitude pré-reflexiva da sensibilidade de uma atenção voltada ao mundo que é doador de todo o sentido, às coisas, às paisagens, aos lugares.

Sob a ótica fenomenológica, nos lugares do mundo ocorrem engajamentos, vivências e experiências que transformam de forma concreta tanto os humanos quanto as paisagens e os espaço, as coisas. Trazendo essa percepção para a Arqueologia do Corpo, (Tilley, 2014) pontua que corpo carrega o tempo para a experiência do lugar e da paisagem, em qualquer momento da experiência vivida, ela está orientada pelo e para o passado, numa fusão dos dois. O passado e o presente se dobram um sobre o outro: o segundo influencia no primeiro, e o primeiro rearticula o segundo.

No sentido da prática arqueológica, esse mesmo autor infere que, nós arqueólogos, precisamos nos reencontrar com os aspectos qualitativos da paisagem e da cultura material, explorando as formas em que os significados sociais e culturais são atribuídos aos lugares. Para tanto, emprega a fenomenologia como uma metodologia, bem como uma filosofia, argumentando que ela pode fornecer um ponto de entrada em entendimentos passados, ou presentes do mundo material.

As abordagens fenomenológicas consideram o significado do indivíduo na teoria arqueológica recente, onde o papel do agente humano ativo e experiente em mudanças sociais, econômicas e políticas, tem sido um dos princípios primários da arqueologia pós-processual, desde a sua criação, no início da década de 1980, (HODDER, 1986; 2000). Essa foi uma maneira importante de desafiar a teoria dos sistemas desumanizados e de fornecer alternativas às abordagens deterministas ambientais da arqueologia processual (AQUINO, 2017).

Por isso, esse arcabouço se soma aos argumentos da Sociologia e da Antropologia do corpo para se tecer a inferência que o corpo enquanto pele social empregado neste estudo dos ex-votos/capela/devotos/artesão, é o horizonte de compreensão das experiências humanas ao longo de suas vivências relacionados à dor da doença, ao medo da morte e, por conseguinte, à graça de vitórias alcançadas por meio do milagres e, nessa compreensão o local onde os objetos se encontram passa a fazer parte do universo contemplativo da vitória sendo, assim, ressignificado, passando a fazer parte das memórias incorporadas, constituindo o *embodiment*.

Para analisar as percepções simbólicas e entender os significados corpóreos que os ex-votos confeccionados em madeira podem representar, experienciei a simbologia da prática devotiva, por meio da minha transformação em corpo umburana, uma metáfora de meu corpo social imerso na conjectura de entender o outro a partir do meu referencial, quando trouxe como elemento de reflexão a metodologia da autoetnografia para narrar todo o processo, e os desdobramentos que essa experiência me suscitou, para, então, analisar as materialidades não com o olhar apenas da pesquisadora, e sim por meio da devota envolta no fenômeno religioso do pagamento de promessas, mediante uma cura física alcançada na infância, mas que me reportou para situações de libertações que só vivenciei com a entrega do ex-voto, o que Csordas (2008) conceitua como uma cura terapêutica

Na acepção de Csordas (2008, p.255) a experiência de cura é um processo de constituição do corpo social, situando-o dentro da sociedade como agente desse grupo, ou seja, a partir da experiência de transformação pessoal alcançada nos atos de cura se percebe elementos de um corpo individual no espaço politicamente carregado entre tradição e pós-modernidade, onde essas instâncias se equipararam.

Trazendo essa conjectura para o estudo dos ex-votos na área da capela do Senhor do Bonfim nas Queimadas, tem-se a constatação que as experiências de cura vivida pelos agentes envolvidos equipara em mesma instância de simbologia e significados de indivíduos de diferentes perfis sociais, onde vaqueiros, dona de casa, trabalhadores rurais, arqueóloga, professores, pesquisadores, advogados, experienciam situações de cura e libertações de malefícios físicos e traumas pessoais, eu mesma senti uma metáfora de cura de inseguranças que estavam na minha memória infantil, quando uma queda associada ao medo, me limitaram diante de determinados obstáculos, angústias que convivi por anos, sem ao menos perceber que elas me faziam retroceder diante de decisões importantes.

Mediante as noções fenomenológicas de Merleau-Ponty (2011), o mundo que existe é o mundo que existe para o sujeito, em que ele é percebido e ajustado a uma corporalidade. Esse mundo, dentro do contexto trabalhado, foram os ex-votos sendo percebido como extensões dos corpos de devotos, artesão e coisas, em linhas que se interconectam para permitir a constituição da simbologia da prática devotiva.

Por este entendimento, os ex-votos são ajustados a corporalidade (corpo) do sujeito (devoto e artesão) e a própria corporalidade física da capela, nesse cenário estabelecendo sensações, sejam elas aliadas às angústias da doença, ao medo da morte, à comunhão com a entidade divina, à necessidade de pedir proteção para os perigos da vida e, ainda a sensação de vitória alcançada com a graça recebida.

O que nos faz depreender que a percepção foi advinda da experiencição do mundo em que os devotos e artesãos estão inseridos, transpondo para os objetos as marcas do sofrimento, os cortes em partes do corpo, alterações físicas resultado de má formação fetal, como pés juntos, pés tortos, fraturas em ossos de membros (meu caso), e ainda a identificação com o nome do beneficiário da graça, que permite a identificação de quem se trata.

Outro elemento singular é que muitos beneficiários das graças não viveram o fenômeno físico da devoção, uma vez que nunca estiveram no local, mas a graça ocorreu por intermédio de outra pessoa /devoto que realizou a promessa (intenção de voto) para outrem e, que por conseguinte, realizou a entrega do ex-voto. Outros beneficiários mesmo não sendo os autores das promessas vão ao local entregar o objeto e demonstrar ao santo a sua alegria, gratidão. Há um universo de muitas possibilidades, mas, ainda assim, o ausente aqui se faz presente através do corpo-sujeito, onde todos esses entes envolvidos no processo se materializam no ex-voto.

Cada representação do ex-voto foi orientada em volta da consciência que atinge ou contata pessoas e outras coisas. Num processo dialético de interação entre devotos, artesãos, capela e outras coisas, com os ex-votos, tornando-se tão intrinsecamente ligados e interdependentes que já não é mais possível falar meramente em sujeito e objeto de forma isolada (TILLEY, 2004).

O pensamento das pessoas que participaram do fenômeno da devoção, ocupou lugar no mundo físico da mesma forma que as formas concretas têm lugar na mente. Um existe sem o outro, mas somente enquanto não se entrecruzam. No exato momento em que uma dada paisagem ou um dado objeto é percebido por um indivíduo, a personificação das formas materiais e a objetificação do pensamento tomam

seu lugar, dando forma e sentido a um mundo que é particular a quem o percebe (AQUINO, 2017).

Por meio do acesso às formas dos ex-votos com as marcas dos devotos, referenciada por minha autoetnografia sobre a prática ex-votiva (*insider*), pude acessar os possíveis significados simbólicos atribuídos às formas, enxergando-as como corpos para além da representativa que a forma de corpo sugere, ou seja, uma cabeça cortada não é meramente a cabeça, e, sim, o corpo biológico cortado e o social em suas incertezas de permanecer vivo, das sequelas deixadas pelos traumas; e/ ou ainda acessar outras entidades, que não os beneficiários direto da graça, como as pessoas que vivenciaram o momento de angústia diante da doença do irmão, do pai, do amigo, e sob essa percepção de dor do outro, mas também sua própria realizam o pedido (promessa) e entregaram o ex-voto.

Assim, pude traçar um estreito vínculo entre interpretação e experiência pessoal, como muitos autores argumentaram recentemente, por exemplo, Tarlow (2000), Thomas (2004), dotando esta mesma interpretação como o produto de compromissos incorporados culturalmente, circunscritos com o mundo, neste caso, o mundo dos pagadores de promessas motivados por infinidades de intenções.

Cada pessoa tem uma maneira particular de perceber e agir no mundo. Em alguns casos, a combinação entre memórias do passado e diferentes visões de mundo, em certa medida, podem refletir em situações de necessidade de superar dificuldades, entregar as responsabilidades de dias melhores nas mãos de divindades, que lhe ajudam a lidar de forma mais tranquila com os problemas diários. A oração, conforme diagnóstico médico permite ao organismo um estado de repouso, onde respiração pausada e concentração permite o bom funcionamento do coração e consequentemente da respiração,⁶⁴ por isso, recorrem com maior frequência às práticas religiosas, fazem seus pedidos e entregam os seus ex-votos/coisas.

Diante do que foi exposto, podemos afirmar que a fenomenologia complementa a arqueologia, já que considera as dimensões abstratas de intencionalidade e manifestação. Ela mostra como a própria ciência é um tipo de manifestação, e consequentemente mostra a ingenuidade do objetivismo, a crença de que o ser é indiferente à manifestação. Aplicada neste estudo arqueológico, a fenomenologia, aqui, partiu do

⁶⁴. Quem confirma este fato é um médico da Universidade de Helsinki, na Finlândia, ver em: <https://sa-gradoscacoes.org.br/site/ciencia-comprova-beneficios-de-rezar-o-terco-para-o-corpo/> acessado em julho de 2023.

princípio de que as qualidades sensoriais do corpo humano (devotos) provêm o aparato necessário para que as mesmas formas materiais sejam fisicamente experienciadas de modo semelhante por todos os seres humanos (por mim, por você), no passado ou no presente.

A visão fenomenológica considera que a maneira como os indivíduos percebem o mundo está intimamente ligada com os tipos de corpos que todos possuem e, basicamente, compartilham (TILLEY, 2004). Uma vez que os seres humanos compartilham o mesmo nível biológico, sua experiência corporal tende a ser similar. Os impactos psicológicos gerados pelo contato com o mundo material, contudo, são particulares, individuais e não podem ser reproduzidos, mas o modo como as formas materiais ativam os sentidos é praticamente a mesma.

Disso decorre que o mundo material remanescente do passado (paisagens, objetos, lugares, capela construções etc.) pode reproduzir, hoje, possivelmente sensações físicas parecidas e que foram vivenciadas por comunidades de outrora. Mesmo que essa reprodução não seja exata, ela é mais uma possibilidade que aproxima os pesquisadores de hoje das sociedades do passado (AQUINO, 2017).

Sentir a materialidade e desenvolver técnicas corporais de interação com ela, não é somente uma questão de tocar ou evitar tocar as coisas; mais do que isso, o mundo material é um componente forte no processo de direcionamento da estrutura mental, do comportamento, das relações humanas, da vida, por conseguinte a existência pessoal e a existência social estão intimamente ligadas às formas físicas que demarcam a conduta corporal humana.

A partir de diferentes experiências corporais são criadas diferentes noções de espaços somáticos, desenvolvendo-se noções distintas de espaços perceptuais e existenciais. Como as construções têm um papel crucial na criação, produção e reprodução do espaço existencial e, conseqüentemente, do espaço perceptual, as diferenças entre as formas arquitetônicas resultam em noções diferentes de identidade individual e coletiva. Nessa inferência é possível inferir que a capela do Senhor do Bonfim é um espaço perceptual, onde as diferenças formas de ex-votos, as pessoas e coisas que se associam a ele de forma direta, possibilita a transformação do espaço existencial de indivíduos e grupos, devotos e ou apenas curiosos que por ali transitam principalmente nas festividades religiosas.

Mediante essas percepções o ex-voto/capela, os indivíduos devotos/artesãos e coisas sob a percepção da Arqueologia das Corporalidades são axiomas de

linhas onde os elementos materiais se entrelaçam e permitem um imbricamento dos ex-votos como extensões dos devotos/artesão /coisas permitindo um entendimento como carne do mundo, elementos que dão suporte existencial da cultura (Csordas, 2008), permitindo a percepção da pele social, ou seja, história acumulada. O ex-voto /coisa e a capela que os abriga congregam o acúmulo de histórias de muitos entes, equiparando diferentes grupos sociais, que atravessam o fenômeno da devoção naquele espaço.

Outro ponto de investigação da pesquisa versava pela identificação das formas ex-votivas a partir das simbologias sagrada e profana, quando se aventa as definições de Elíade (2001); que o sagrado é algo inviolável dentro da proteção às impurezas do mundo (profano), tudo que é sagrado existe à parte: não pode ser colocado em pé de igualdade com o que é profano e muito menos misturado a ele.

Desta feita, a partir da concepção de sagrado e, partindo do pressuposto de que o ambiente/ capela do Senhor do Bonfim, em estudo, comunga com a experiência corpórea dos ex-votos/ coisas, pude perceber que o espaço da capela por estar na acepção do sagrado, onde se pratica os ritos da religião com suas normas e regras de obediência, e o que está fora deste padrão ganha a denotação do pecado, é possível comprovar que as formas dos ex-votos que representam o mundo de pecados como representações de órgãos sexuais, objetos de vaidades capitais como carro, chaves de automóveis, microfone, ao serem depositados na capela passam a integrar a natureza do sagrado, onde os valores sociais são transformados.

Os ex-votos na capela estão em sintonia com o altar, na lateral direita⁶⁵, onde pude perceber que as pessoas que adentram a capela, principalmente no momento dos festejos mantem uma relação de intimidade com as peças, querem olhá-las, tocá-las, um tratamento similar é dispensado ao Senhor do Bonfim, a entidade espiritual (invisível) cuja imagem do Cristo Crucificado (visível) cumpre o papel de se aproximar do devoto, há relação de imbricamento social, conforme Bezerra (2013) que se estabelece entre as coisas e as pessoas. Por isso, o que se tem neste espaço é a manifestação do sagrado, em todas as formas e coisas, o profano se mostra presente,

⁶⁵.Na Bíblia, estar à direita de Deus “é ser identificado como estando num lugar especial de honra” e, portanto, “a participação total do Cristo ressuscitado na honra e glória de Deus é enfatizada com ele estando à direita de Deus”.Источник: <https://pastormoysesbarbosa.com/sobre-religiao/quem-senta-a-direita-de-deus.html>.

mas a *hierofania* invalida a sua condição. Símbolos profanos são transformados pela ação do sagrado.

Mediante a aplicabilidade da teoria arqueológica das Corporalidades no estudo dos ex-votos da capela do Senhor do Bonfim, nas Queimadas, Dirceu Arcoverde, foi possível a desconstrução de olhares e percepção das materialidades para além das formas físicas, embora a forma físicas do ex-votos já instigassem a percepção do corpo biológico. Adentrar o corpo social é olhar para além, sem, contudo, desmerecer a importância desse primeiro ao fornece os subsídios físicos, motores, cognitivo e psicológicos para deixar-se envolver pela fenomenologia que instiga perspectivas perceptuais e existenciais das “coisas”, e a vivência do *embodiment*.

Ao construir esse texto equiparando-o às formas biológicas das partes do corpo, não pretendi uma analogia casualista, mas uma forma de enfatizar as simbologias que o nosso corpo pode assumir em qualquer situação, de forma intencional ou não. No sentido de resultados para a pesquisa, quando não ansiava uma síntese sobre ex-votos enquanto artefato, estudado pela arqueologia, mas um despertar de possibilidades, permitindo se pensar de forma livre, não há exatidão de formas, não há uma forma correta ou errada de se proceder a escrita de um texto, contudo, há o compromisso de alcançar os objetivos que se propôs como possível.

Ao longo da jornada me redescobri, me vi envolvida de tal forma com a pesquisa, que abracei a ideia de tornar-me um ser/ objeto, um ex-voto/corpo representada como metáfora de corpo umburana, em que vivi de forma coesa os sentidos, os significados e às percepções da madeira umburana, do objeto pronto, das pessoas do ciclo afetivo (mamãe, tio, papai, minha filha, tia Sebastiana) para tornar-se um corpo social em comunhão com muitos outros corpos no local sagrado da capela do Senhor do Bonfim.

Não tinha noção o quanto é significativo sair desta forma física que apresentamos, para adentrar o mundo sem regras, sem rótulos, sem as asperezas de julgamento, sem as entrelinhas, e, aí experienciar o novo, a dureza da madeira que resiste ao corte, mas que vai se modelando, se moldando, deixando em cada pedaço de rebarba descartada uma parte de si, como se de fato estivesse me livrando das sobras, dos acúmulos nocivos

É gratificante poder apresentar uma nova forma, desvinculada do estético, com a função de alcançar um objetivo de representatividade de uma dor, mas que para além disso, faz da resistência da madeira o seu escudo de proteção, onde nada

lhe atinge, visto que a forma já pronta; e, desta feita, passa a percorrer os espaços em direção ao futuro, sem fim, apenas com a busca de um local para ficar em exposição, sendo esse local a capela do Senhor do Senhor do Bonfim.

Ali estou protegida do mundo, mas ao mesmo envolta em muitas atmosferas místicas de várias outras histórias, e ainda, em sintonia com o sagrado, quando gosto de ter esse amparo. Passo os dias agora a conversar com muitos outros corpos, e a interação nem sempre é favorável, porque sim, tem corpo carregado, mas é ouvir e deixar para lá, e por lá permanecerei interagindo e conhecendo novas coisas.

Percorrer todo esse processo só foi possível porque a arqueologia a cada dia se permite envolver-se com o social e, discutir de forma plural os problemas políticos e sociais. Há o compromisso de ouvir os silenciados, os excluídos nos processos de dominação e controle. Por isso, esta pesquisa representa uma contribuição no sentido de conhecer as experiências culturais/socias dos indivíduos no sertão piauiense, afetados pelas dificuldades de sobreviver no semiárido, mantendo vivo suas tradições e costumes de crenças populares.

No sentido das possibilidades de estudo próximos, sob a perceptiva de corpos, instiga-me conhecer outras vivências atreladas às materialidades ex-votivas do acervo das Queimadas, quando apenas 59,8% do acervo foi estudado, e a área da capela foi percebida como um corpo, quando é possível entender as relações que se estabelecem entre os membros que compõe esse corpo, ou seja, entender cada espaço da capela como uma unidade corpórea, e ainda ampliar para outras áreas religiosas, visto à expressividade de crenças que perduram no universo místico do piauiense, com foco para as matrizes afro-indígenas, Sendo possível perceber quais os elementos que se correlacionam e ou fundem, e as interpretações e objetos que são também utilizadas de forma similar para referenciar as entidades religiosas.

Obrigada ao leitor que permaneceu até aqui porque as pontes corpóreas também foram tecidas contigo, fortalecendo a minha essência em processo constante de individualização.

REFERÊNCIAS

- ABREU, J. I. N. **Difusão, produção e consumo das imagens visuais: o caso dos ex-votos mineiros do século XVIII**. Revista Brasileira de História, pp. 197-214, 2005.
- ALBERTI, B. **Destabilizing meaning in anthropomorphic vessels from northwest Argentina**. Journal of Iberian Archaeology, vol. 9/10: pp.209–230, 2007.
- ALBERTI, B. **Archaeologies of Ontology**. Ann. Rev. Anthropol. v. 45: 163-79, 2016.
- ALBERNAZ, M. P.; LIMA, C. M. **Dicionário ilustrado de Arquitetura**. Volume II- J a Z. São Paulo: Proeditores, 1998. 361p.
- ALBERNAZ, M. P.; LIMA, C. M. **Dicionário ilustrado de Arquitetura**. Volume I- A a I. São Paulo: Proeditores, 1998. 326p.
- ADAMS, T.; ELLIS, C.; JONES, S. **Autoethnography: Understanding Qualitative Research Series**. New York, NY: Oxford University Press, 2015.
- ADAMS, T.; BOCHNER, A.; ELLIS, C. **Autoethnography: an overview**. Historical Social Research, v. 36, p. 273-290, 2011.
- ARAGÃO, R. **As funções dos objetos de ex-votos em uma “Festa de Dor”**, Revista de Estudos de Religião, ISSN 2179-0019, vol. 5, nº 1, 2014, p. 153-170.
- ARAÚJO, A. C. DE.; ARAGÃO, M. G. S. **Os frutos da carne e os do espírito: aproximações entre corpo e religião**. Rev. Integração, (2005, janeiro/ março). 11(40), 33-41.
- ARAÚJO, L. A.; GOMES, E.R. **Glaciação no Piauí: Um Olhar Sobre o Pavimento de Estrias Glaciais em Calembre, Brejo do Piauí**. Revista da Academia de Ciências do Piauí, Volume 3, Número 3, p.147 – 156, janeiro/junho, 2022. ISSN: 2675-9748.
- ASSUMPÇÃO, I. **Ex-voto, mídia das camadas populares**. Disponível em http://www2.metodista.br/Unesco/agora/mapa_animadores_pesquisadores_lilian. PDF. Acesso em 22 de setembro, 2021.
- AGUIAR, R. **Projeto cadastro de fontes de abastecimento por água subterrânea, estado do Piauí: diagnóstico do município de Dirceu Arcoverde/ Organização do texto [por] Robério Bôto de Aguiar [e] José Roberto de Carvalho Gomes - Fortaleza: CPRM - Serviço Geológico do Brasil, 2004.**
- AQUINO, R.C. **Entre o sagrado e o profano: Um mundo por trás das grades**. – Dissertação de Mestrado pela Universidade Federal do Piauí- UFPI, Teresina, 2017. 144f.
- BARROS, S. **Arte, folclore e subdesenvolvimento** (2ª ed.). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 1977.

BEAUDRY, M.; MEHLER, N. **The material culture of the modern world**, Post-Medieval Archaeology, 50:1, pp.108-120, 2016.

BENELLI, S. J.; COSTA-ROSA, A. da. **Movimentos religiosos totalitários católicos**: efeitos em termos de produção de subjetividade. Estudos de Psicologia, Campinas, pp. 339-358, 2006.

BERGQUIST, A. **Ethics and the archaeology of world religions**: In: INSOLL, T. (Org.) Archaeology and World Religion. London and New York, Routledge, 2001.p. 182-192.

BEZERRA, M. **Os sentidos contemporâneos das coisas do passado**: reflexões a partir da Amazônia. Revista Arqueologia Pública. v. 7 n. 1[7]. UNICAMP. 2013.

BUCHLI, V. **Afterword: Towards an Archaeology of the Contemporary Past**. In MCATACKNEY, Laura, PALUS, Matthew & PICCINI, Angela (Org). Contemporary and Historical Archaeology in Theory: Papers from the 2003 and 2004 CHAT Conferences. Archaeopress, Oxford. pp. 115-118. 2007.

BUCHLI, V; LUCAS, G. **Archaeologies of the Contemporary Past**. [S.l.]: Routledge. 2001. ISBN 0-415-23279-1

BORIÉ, D. **Body metamorphosis and animality**: volatile bodies and boulder artworks from Lepenski Vir. *Cambridge Archaeological Journal*, pp.35-69, 2005.

BOURDIEU, P. **Outline of a Theory of Practice**, trans. R. Nice. Cambridge: Cambridge University Press.1977.

_____. **Distinction**: a Social Critique of the Judgement of Taste, trans. R. Nice. Cambridge (MA): Harvard University Press, 1984

_____. **O camponês e seu corpo**. Revista de Sociologia e Política, Curitiba, junho n.26, p 83-92, 2006.

_____. **The logic of practice** Trans. by Richard Nice. Stanford: Stanford University Press, 1990.

_____. **A dominação masculina**. Tradução Maria Helena Kühner. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 2002. 160p.

_____. **Esquisse d'une théorie de la pratique**. Paris: Seuil, 2000.

BOTELHO, T.P. **Milagre que se fez**: um estudo dos 36 ex-votos ofertados ao Senhor Bom Jesus de Matosinhos em Congonhas | MG. – Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Belas Artes.2013.

BRANDÃO, T. M. P. **Antigas lutas, novos cenários**: a elite piauiense e a independência. In: CLIO. Revista de pesquisa histórica. n. 20, 2002. Recife. Universidade Federal de Pernambuco. Programa de pós-graduação em história. Centro de filosofia e ciências humanas. Recife: Universitária da UFPE, 2004.

BRANDÃO, T. M. P. **A religiosidade no Piauí colonial**: catolicismo adaptado ao modo de vida. In: CLIO. Revista de Pesquisa Histórica. Recife: Editora Universitária da UFPE, n. 22, 2006.

CABRAL, M.P. **Entre Passado e Presente**: Arqueologia e Coletivos Humanos na Amazônia. Teoria e Sociedade nº 24.2 - julho - dezembro de 2016.

CARVALHO, P. C. **Cova da Beira** – ocupação e exploração do território na época romana, Conímbriga – Anexos 4, Ed. Câmara Municipal do Fundão e Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 2007.

CARVALHO, J. R. F. de. **Resistência indígena no Piauí Colonial - 1718-1774**. Imperatriz (MA): Ética, 2005

CARVALHO, Pe. M. “Descrição do sertão do Piauí remetida ao Ilmo e Rmo Sr. Frei Francisco de Lima Bispo de Pernambuco por Pe. Miguel de Carvalho, datada de Piauí, 02 de março de 1697”. In: ENNES, E. **A guerra nos Palmares** (subsídios para a sua história). Domingos Jorge Velho e a “Tróia Negra” 1689-1709. São Paulo. Cia Ed. Nacional, 1938.

CASSON, L. **O antigo Egito**: biblioteca de história universal life. Rio de Janeiro: José Olympio, 1969. 170 p.

CASTAÑEDA, Q. E. **The “Ethnographic Turn” in Archaeology**. In: CASTAÑEDA, Q.E.; C; N. MATTHEWS (ed.). *Ethnographic Archaeologies. Reflections on Stakeholders and Archaeological Practices*. Lanham/ Plymouth: Altamira Press: 25-61. 2008

CASTELO BRANCO, F. G. **Ataliba o Vaqueiro**. 11ª ed. Teresina: Quixote, (s/d)

CERBONE, R.D. **Fenomenologia**. Tradução de Caesar Souza; 3.ed. Petrópolis, RJ: Vozes. 2014.

CERTEAU, M. de. **A Escrita da História**. Rio de Janeiro: Florense Universitária, 2002.

CHANG, H. **Autoethnography as method**. Walnut Creek, CA: Left Coast Press, 2008.

CLASSEN, C. 2005. **The Book of Touch**. Oxford and New York, Berg.

COSTA, F. A. P. da. **Cronologia histórica do Estado do Piauí**. 2ª edição. Rio de Janeiro: Editora Artenova, [1909] 1974.

CSORDAS, T.J. **Corpo/Significado/Cura/** tradução de José Secundino da Fonseca e Ethon Secundino da Fonseca, Porto Alegre. Editora da UFRGS, 2008.

_____. **Embodiment as a paradigm for Anthropology.** Ethos, vol. 18, n. 1: 5–47, 1990.

_____. **Introduction: the body as representation and being-in-the-world.** In: Csordas, T. **Embodiment and Experience: The Existential Ground of Culture and Self.** New York: Cambridge University Press, pp. 1–23, 1994.

_____. **The Body's Career in Anthropology.** In: H. Moore, **Anthropological Theory Today.** Cambridge: Polity Press, pp. 172–205, 1999.

COELHO JUNIOR, N.; CARMO, P. S. Merleau-Ponty: **Filosofia como corpo e existência.** São Paulo: Escuta, 1991.

COFFEY, A. **The ethnographic self: Fieldwork and the representation of identity.** London: Sage, 1999.

CROSSLAND, Z. **Materiality and embodiment.** In HICKS, D. & M. BEAUDRY (Eds.) **The Oxford Handbook of Material Culture Studies.** Oxford University Press, Oxford, pp. 386–405, 2010.

CULTUART, Documentário: **Festejos de Senhor do Bonfim - Queimadas - Dirceu Arcoverde-PI.** Realização Ponto de Cultura e Arte de São Raimundo Nonato, Vinsage Produtora, 2013. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=sySdh5PO31A>. Acesso em maio de 2022 e janeiro de 2023.

CUNHA, H. C. da. **História das Religiões do Piauí.** 2. ed. Teresina, PI: Academia Piauiense de Letras, 2015. (Coleção Centenário, n. 38).

DANTAS, G. C. da S. **"Rituais";** Brasil Escola. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/religiao/rituais.htm>. Acesso em 25 de julho de 2023.

DAVID, N. & KRAMER, C. **Ethnoarchaeology in Action.** Cambridge University Press, Cambridge. 2001.

DENZIN, N; LINCOLN, Y. **"Introduction: The discipline and practice of qualitative research."** In: Denzin, Norman; Lincoln, Yvonna (orgs.). **Handbook of qualitative research,** Thousand Oaks: Sage, 2000, p.1-28

DIAS, C. M. M.: **Balaio e Bem-te-vis: A guerrilha sertaneja.** 2ª ed. Teresina: Instituto Dom Barreto, 2002.

DI BACO, H.M.; FACCO, N.B.; LUZ, J.A.R. **Alguns Traços Iniciais do Estudo: da Arqueologia Cognitiva às Tendências Teóricas atuais na Arqueologia.** Revista UNESP.TÓPOS. V. 4, N° 1, pp. 146 – 173. Paraíba, 2010.

DOURADO, J. L. **Ex-voto como veículo jornalístico no Piauí.** In: 8ª Conferência Brasileira de Folkcomunicação/FOLKCOM, 2006, Teresina. **Ex-voto como veículo jornalístico: o legado de Beltrão no terceiro milênio,** 2006.

DUARTE, A. H. da S. D. **Ex-votos e Poiesis**: olhar estético sobre a religiosidade popular em Minas Gerais. 2003. 186 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2003

DUARTE, L. F. D. & CARVALHO, E. N. de.). **Religião e psicanálise no Brasil contemporâneo**: novas e velhas Weltanschauungen. Revista de Antropologia, pp. 473-500, julho/dezembro, 2005.

DUNNELL, R.C. **Evolutionary theory and archaeology**. Advances in Archaeological Method and Theory3: 35-99.

DYKE, R. M. V. **Archaeology and Social Memory**. Annu. Rev. Anthropol, vol. 48, p.207–25, 2019.

ELIADE, M. **O sagrado e o profano**. 191 p. São Paulo: Martins Fontes. 2001

_____. **Imagens e Símbolos**: Ensaio sobre o simbolismo mágico-religioso. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

ELLIS, C. The **Ethnographic I**: A Methodological Novel about Autoethnography. Walnut Creek, CA: AltaMira Press, 2004.

ELLIS, C.; FLAHERTY, M. **Investigating subjectivity**: research on lived experience. Newbury Park, California: Sage Publications, 1992.

ENNES, E. **As Guerras nos Palmares**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1938.

EYDOUX, H. P. **A procura dos mundos perdidos** – as grandes descobertas arqueológicas. São Paulo: Melhoramentos / Universidade de São Paulo, 1973. 95 p.

FAGUNDES, A.P.L. **Ex-votos escultóricos no Rio Grande do Norte**: em estudo sobre arte popular. TCC de Licenciatura em Artes Visuais.UFRN, Natal- RN, 2015.

FALCI, M.B.K. **Escravos do sertão**: demografia, trabalho e relações sociais. Piauí, 1826-1888. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1995.

FERGUSON, R. **Exvotos**: Folk art and expressions of faith in Mexico. (1999)., Disponível em <http://www.mexconnect.com/articles/969-exvotos-folk-art-and-expressions-of-faith-in-mexico>. Acesso em 14 de março, 2008

FOUCAULT, M. **A escrita de si**. In.: FOUCAULT, M. O que é um autor? Lisboa: Passagens, 1992. p. 129-160.

_____. **Sécurité, territoire, population**. Cours au Collège de France, 1977-1978 (Édition établie par François Ewald et Alessandro Fontana, par Michel Senellart). Paris: Gallimard/ Seuil (Coll. Hautes études). 2004.

FRADE, C. **Santo de casa faz milagre**: a devoção a Santa Perna. São José dos Campos, SP: Fundação Cultural Cassiano Ricardo, Centro de Estudos da Cultura Popular, 2006.

FREITAS, S.M de: **História Oral, possibilidades e procedimentos**. São Paulo. Humanista, SELCH. Imprensa Oficial do Estado, 2006.

FISHER, G., e LOREN, D. **Introduction- Embodying Identity in Archaeology**. Cambridge Archaeological Journal, pp. 225-230, 2003.

GEERTZ, C. **Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura** in:

_____. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e científicos S. A..1989.

GIDDENS, A. **As Consequências da Modernidade**. São Paulo: Editora Unesp. 1991.

GINZBURG, C. **Mitos, Emblemas, Sinais: Morfologia e História**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

GONÇALVES, J. R. S. e CONTINS, M. **Entre o divino e os homens: a arte nas festas do divino Espírito Santo**. Horizontes Antropológicos, pp. 67-94, 2008.

GONZALEZ-RUIBAL, A. **Archeology and the study of material culture: synergies with cultural psychology**. In: The Oxford Handbook of culture and psychology. 132-162. 2012.

GONZÁLEZ-RUIBAL, A. **De la etnoarqueología a la arqueología del presente**. In: SALAZAR, J.; DOMINGO, I.; AZKÁRRAGA, J.; BONET, H. (Coords.). **Mundos Tribales: una visión etnoarqueológica**. València: Museu de Prehistòria de València, 2008, p. 16-27.

GONZÁLEZ-RUIBAL, A. Prefácio III. In: CAMPOS, J. B.; RODRIGUES, M. H. S. G. FUNARI, P. P. A. (Orgs.). **A multivocalidade da arqueologia pública no Brasil: Críúma/SC: Editora UNESCO, 2017.**

GORDO, L.E.G. **Ex-votos, a saga da comunicação perseguida**. Ave Maria Editora, 2014.

GROSZ, E. **Volatile Bodies: Toward a Corporeal Feminism**. Indiana University Press, Bloomington and Indianapolis, 1994.

GRAVES-BROWN, P. Introduction. In GRAVES-BROWN, Paul (Org). **Matter, Materiality and Modern Culture**. Routledge, London. pp. 1-9. 2000a

GRAVES-BROWN, P. Matter, **Materiality and Modern Culture**. Routledge, London. 2000b.

GRAVES-BROWN, P., HARRISON, R. & PICCINI, A. Introduction. In GRAVES-BROWN, Paul, HARRISON, Rodney & PICCINI, Angela (Org). **The Oxford Handbook of the Archaeology of the Contemporary World**. Oxford University Press, Oxford. pp. 1-23. 2013.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 2006

HAMILAKIS, Y. **Sensorial Assemblages: Affect, Memory and Temporality in Assemblage Thinking**, Cambridge Archaeological Journal 27:1, 169–182, 2017.

_____. **Thinking through the Body**. Yannis Hamilakis, Pluciennik, Mark, Tarlow, Sarah (Eds.) Springer US, 2002.

_____. M. PLUCIENNIK & S. TARLOW. **Thinking through the Body: Archaeologies of Corporeality**. New York (NY): Kluwer Academic/Plenum Publishers. (eds.), 2002.

HARRISON, R. **Arqueologias de Futuro e Presente Emergentes**. Revista Latino-Americana de Arqueologia Histórica | Vol. 12 | No. 2 | Jul - Dez | 2018

HEIDEGGER, M. **Die Grundprobleme der Phänomenologie**. Frankfurt am Main: Vittorio Klostermann. 1975.

_____. **Ser e Tempo**. 14.ed. Coleção Pensamento Humano. Vozes. Petrópolis: 2005.

HODDER, I. **Symbolic and Structural Archaeology**. Cambridge University Press, Cambridge. (Ed.), 1982.

_____. **Interpretación en arqueología - Corrientes actuales**. Barcelona: Crítica. 1994

_____. **Entangled: An Archaeology of the Relationships between Humans and Things**. Kindle (ebook). Chicester: Wiley-Blackwell. 2012

HOLMAN JONES, S. **Autoethnography: Making the Personal Political**. In.: DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. (Eds.). 3rd ed. Handbook of Qualitative Research. Thousand Oaks: Sage Publications, 2005.

INGOLD, T. **Lines: a brief history**” Routledge: London. Reviewed by Andrew Jones, Archaeology, University of Southampton, 2007.

_____. **Estar vivo: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição**. Rio de Janeiro: Vozes, 2015.

_____. **Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais**. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 18, n. 37, p. 25-44, jan./jun. 2012

_____. **Being alive: essays on movement, knowledge and description**. New York: Routledge. 270 pp. 2011.

IPHAN, Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional- **Dossiê. Festa do Bonfim**. Maior manifestação religiosa popular da Bahia, Ministério da Cultura, Governo Federal, 2013.

JACOMINE, P.K.T. et al. **Levantamento exploratório – reconhecimento de solos do Estado do Piauí**. Rio de Janeiro. EMBRAPA-SNLCS/SUDENE-DRN. 1986. 782 p ilust

JASPARD, J. **Significação religiosa do sofrimento e posição psicológica na fé**. Psicol. USP, p.191-212, 2004.

JOYCE, R. **Archaeology of the body**. Annual Reviews in Anthropology, vol. 34: 139–158. 2005

_____. **Ancient Bodies, Ancient Lives**. Thames and Hudson, New York, 2008.

_____. **Archaeology of Embodied Subjectivities**, 2013

_____. **Performing the Body in Prehispanic Central America**. Res:Journal of Anthropology and Aesthetics 33 : 147 – 165 . 1998

_____. **Girling the Girl and Boying the Boy: The Production of Adulthood in Ancient Mesoamerica**. World Archaeology 31 (3): 473 – 483, 2000

_____. **Making Something of Herself: Embodiment in Life and Death at Playa de los Muertos, Honduras**. In *Embodying Identity in Archaeology*. Special Section. Cambridge Archaeological Journal 13 (2): 248 – 261 . 2003.

_____. **Embodied Subjectivity: Gender, Femininity, Masculinity, Sexuality**. In *A Companion to Social Archaeology*. L. M. Meskell and R. W .Preucel , eds. Pp. 82 – 95 . Oxford: Blackwell, 2004.

_____. **Archaeology of the Body**. Annual Review of Anthropology : 139 – 158, 2005.

_____. **Feminist Theories of Embodiment and Anthropological Imagination: Making Bodies Matter**. In *Feminist Anthropology: Past, Present and Future* P. Geller and M. Stockett, eds. Pp. 43 – 54. Philadelphia: University of Pennsylvania Press 2006.

_____. **Ancient Bodies, Ancient Lives**. London: Thames & Hudson 2008.

_____ and J. Lopiparo, **Doing Agency in Archaeology** . Journal of Archaeological Method and Theory 12: 365 – 374 2005.

_____. **Women's Work: Images of Production and Reproduction** in PreHispanic Southern Central America. Current Anthropology, 1993.

KIDDEY, R.; SCHOFIELD, J. **Embrace the Margins: Adventures in Archaeology and Homelessness**. Public Archaeology, vol. 10 (1): 4-22.2011.

KUHN, T. S. **A Estrutura das Revoluções Científicas**. São Paulo: Perspectiva, 2003.

KUS, S.M. **Toward an archaeology of body and soul**, in *Representations in Archaeology*, eds. J.-C. Gardin & C. Peebles. Bloomington (IN): Indiana University Press, 168–77, 1992.

LANGER, M.M. MERLEAU-PONTY'S. **Phenomenology of Perception**: a Guide and Commentary. Tallahassee (FL): Florida State University Press, 1989

LARAIA, R. de B. **Cultura**: um conceito 1995 antropológico. Rio de Janeiro: JZE. 1995.

LE BRETON, D. **Antropología del cuerpo y modernidad**. Buenos Aires: Nueva Visión, 2002a.

----- . **La sociología del cuerpo**. Buenos Aires: Nueva Visión, 2002b.

LEITE, S. **História da Companhia de Jesus no Brasil**. Tomo V. Lisboa/Rio de Janeiro: Livraria Portugália / Instituto Nacional do Livro, 1945.

LELOUP, J-Y. **O corpo e seus símbolos**. Uma antropologia essencial. 23ª ed. Petropolis-RJ. Editora Vozes, 2015.

LEROI-GOURHAN, A. **Les fouilles pré-historiques – Technique et méthodes**. A. et Picard, Paris, 1950.

LESURE, R. G. **Linking Theory and Evidence in an Archaeology of Human Agency**: Iconography, Style, and Theories of Embodiment. Richard G. Lesure. *Journal of Archaeological Method and Theory* Vol. 12. Nº 3, pp. 237-255, 2005.

LÉVI-STRAUSS, C. **O totemismo hoje**. Ed. Vozes. 1962/1975.

----- . **O pensamento selvagem**. Tradução de Tânia Pellegrini. 2a. ed. Campinas: Papirus, 1997 [1962]

LOPES, K. R. **Arte Santeira do Piauí**: entalhando imaginários. 2014. 99 f. Dissertação (Mestrado em Preservação Cultural) - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Rio de Janeiro, 2014.

LOPES, R, C S; SILVA, A.B.C; SILVA, W.V; PORTAL, V.L.M. **Autoetnografia da prática arqueológica em tempos de pandemia**. *Revista da Arqueologia*, v.35 n.1 (2022).

LÓPEZ, G. **O método etnográfico como um paradigma científico e sua aplicação na pesquisa**. *Textura: Revista de Educação e Letras, Canoas/RS*, v. 1, n. 1, 1999.

MACÊDO, J. **Os nós da Arqueologia**: leituras da paisagem e memória na Igreja de Nossa Senhora da Saúde - Rio de Janeiro-RJ. 2011. 292 f. Tese (Doutorado em Arqueologia) - Universidade de São Paulo, São Paulo-SP, 2011.

MAGESTE, L. E. C.; AMARAL, A. M. **As Arqueologias Afetivas na produção discente da Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF)**: desdobramentos históricos e interfaces teóricas na construção da Arqueologia no Sudeste e

Sudoeste do Piauí. Boletim Museu Paraense Emílio Goeldi Ciências Humanas. Belém, 2021.

MAIA, A.R.N. **Igreja Matriz de São Raimundo Nonato-Pi: Uma Análise a partir da Arqueologia da Arquitetura**. 2018. 76 f. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Arqueologia) - Universidade Federal do Vale do São Francisco, São Raimundo Nonato-PI, 2018.

MASCIA-LEES, F. **A Companion to the Anthropology of the Body and Embodiment**. Chichester: John Wiley and Sons, 2011.

MAUSS, M. **Essai sur l'ê don**. Forme et raison de l'échange dans les sociétés archaïques. In Sociologie et anthropologie (pp. 21-98). Paris: PUF, 1997.

MAUSS, M. e HUBERT, H. **Sobre o sacrifício**. São Paulo: Cosac Naify, 2005.

MANZINI, E. J. **A entrevista na pesquisa social**. Didática, São Paulo, v. 26/27, pp. 149-158, 1990/1991.

MAUSS, M. **Body Techniques**, in Sociology and Psychology. London: RKP, pp. 95–123, 1979.

MELO, C. **Os jesuítas no Piauí**. Teresina: [s.ed.]. 1991.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. Tradução Carlos Alberto Ribeiro de Moura. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

_____. **Fenomenologia da percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 2011. (reedição).

_____. **O visível e o invisível**. São Paulo: Perspectiva, 2012.

_____. **A estrutura do comportamento**. (M. V. M. Aguiar, Trad.). São Paulo: Martins Fontes. 2006. (Trabalho original publicado em 1942).

MESKELL, L. **Cosmopolitan Archaeologies**. Duke University Press Books, 2009.

_____. **The somatisation of archaeology: Institutions, discourses, corporeality**. Norwegian Archaeological Review, vol. 29, n. 1: 1–16, 1996.

MESQUITA, F de A. **A veneração aos Santos no Catolicismo Popular Brasileiro: Uma aproximação histórico-teológica**. Revista Eletrônica Espaço Teológico ISSN 2177-952X. Vol. 9, n. 15, jan/jun, 2015, p. 155-174.

MILLER, D. **Trecos, Troços e Coisas: estudos antropológicos sobre a cultura material**. Rio de Janeiro: Zahar. (rad. de “Stuff” por Renato Aguiar), 2013.

MIOTO, D. **O que é um Bump Map?** Entenda como ele funciona no V-Ray, Blender, 3ds Max, SketchUp. Disponível em: <https://www.blog.3dm.com.br/post/o-que-%C3%A9-um-bump-map-entenda-como-ele-funciona-no-v-ray-blender-3ds-max-sketchup>, atualizado em 10/2019. Acessado em maio de 2022.

MORAIS, M. L. **Lamentos Que Encantam:** As Incelências e A Religiosidade Piauiense Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH • São Paulo, julho 2011.

MOTA, J. dos S. **Queimadas do Senhor do Bonfim:** entre o céu e o inferno. TCC curso de História da Universidade Estadual do Piauí (UESPI), São Raimundo Nonato, Piauí, 2011.

MOTA, K. da R. **Olhares:** Histórias e Patrimônio do Povoado Queimadas do Senhor do Bonfim, Dirceu Arcoverde- PI.TCC curso de História da Universidade Estadual do Piauí (UESPI), São Raimundo Nonato, Piauí, 2018.

MOTA, M. **Votos e ex-votos:** aspectos da vida social do Nordeste. Recife, Universidade Federal de Pernambuco, Imprensa Universitária, 1968ç

MOTT, L. **Piauí Colonial:** População, economia e sociedade. 2. ed. Teresina/PI: APL/FUNDAC/DETRAN, 2010.

_____. **Cotidiano e vivência religiosa:** entre a capela e o calundu. In: Sousa, Laura de Melo e. (org.). História da vida privada no Brasil: cotidiano e vida privada na América portuguesa. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

MÜLLER, R. P. **Corpo e imagem em movimento:** há uma alma neste corpo. Revista de Antropologia, pp. 165-193, 2000.

MINAYO, M.C. de S. (org.) **Pesquisa social.** 21 ed. Petrópolis: Vozes, 80 p, 2002.

NOVAES, L. C. N. **A morte visível e a vida invisível:** um estudo sobre o assentamento de Exu e a Paisagem Sagrada da Enseada de Água de Meninos, Salvador (Bahia). Dissertação de mestrado em Arqueologia. Sergipe, UFS, 2013. Introdução e Capítulo 1.

NUNES, O. **Súmula de História do Piauí.** 2 ed. Academia Piauiense de Letras - Convênio com Banco do Nordeste. Teresina, 2001.

NUNES, V. M. M. **Glossário de termos sobre religiosidade.** Aracaju: Tribunal de Justiça/Arquivo Judiciário do Estado de Sergipe, 2008.

OLIVEIRA, J.C. **Alguém daí sabe o que é trâmela?** Ou taramela? Viu uma de perto na fazenda do vovô? 2018. Disponível em: <http://linguagemdocotidiano.com.br/index.php/2018/09/16/alguem-dai-sabe-o-que-e-tramela-ou-taramela-viu-uma-de-perto-na-fazenda-do-vovo>. Acesso em julho de 2022.

OLIVEIRA, J. C. A. de. **Ex-votos pictóricos:** tradição e permanência de Portugal ao Brasil. Revista do programa de Pós-Graduação em Ciência da informação da universidade de Brasília. Museologia & Interdisciplinaridade. Vol. III nº 6, março/abril de 2015.

_____. **Ex-Votos do Brasil:** Fragmentos da riqueza, diversidade e curiosidade da Religião do Povo. V ENECULT-Encontro de Estudos Multidisciplinares em cultura, Faculdade de Comunicação- UFBA, Salvador- BA, 2009.

OLIVEIRA, A. S. de N. **O povoamento colonial do sudeste do Piauí:** Indígenas e colonizadores, conflitos e resistência. 202f. Dissertação (Doutorado em História) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2007.

OLIVEIRA, C. A. **Perspectiva etnohistórica no Estado do Piauí** – Brasil. CLIO. Série Arqueológica. n. 15, Recife, 2002.

OLIVEIRA, A. P. **A casa rural no sudeste do Piauí:** O sítio arqueológico histórico Casa do Avô do Sr. Nivaldo (Monografia) Universidade Federal do Vale do São Francisco - São Raimundo Nonato, 2009.

OLIVEIRA NETO, M.S e SILVA, M.S.L da. **Solos latossolo.** Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária – EMBRAPA, 2011

OLSEN, B. In **Defense of Things:** Archaeology and the Ontology of Objects. Kindle (ebook). Lanham: AltaMira Press. 2010

_____. **After Interpretation:** Remembering Archaeology. Current Swedish Archaeology, 20 11-106. 2012

_____; SHANKS, Michael; WEBMOOR, Timothy e WITMORE, Christopher. **Archaeology:** The Discipline of Things. Kindle (ebook). Berkeley/ Los Angeles/ London: University of California Press. 2012

ORSER, C.E. **Race and the Archaeology of Identity.** Salt Lake City (UT): University of Utah Press, (ed.), 2001.

ORTIZ, R. **Anotações sobre a religião e globalização.** Revista Brasileira de Ciências Sociais, pp. 59-74, 2001.

OESTIGAARD, T. **The world as artefact-material culture studies and archaeology.** Fahlander, Fredrik & Oestigaard, Terje. In: Material culture and other things – post-disciplinary studies in the 21st century. Gotarc, series C. No 61. P. 21-55. 2004

PAIVA, G. J. de. **Ciência, religião, psicologia:** conhecimento e comportamento. Psicologia: Reflexão e Crítica, pp. 561-567, 2002.

_____. **Religião, enfrentamento e cura:** perspectivas psicológicas. Estudos Psicológicos, pp. 99-104, 2007.

_____. et al. **Experiência religiosa e experiência estética em artistas plásticos:** perspectivas da Psicologia da Religião. Psicologia: Reflexão e Crítica, 17(2), 223-232. 2004

PALHARES NETO, M. **Filosofia da Religião:** a relação transcendental do homem com o mundo. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Instituto de Filosofia

da Universidade Federal de Uberlândia. Curso de Graduação em Filosofia. Uberlândia-MG, 2019.

PASSOS, J.D. **Como a religião se organiza:** tipos e processos. São Paulo:Paulinas, 2006.

PEREIRA, J. C. **A linguagem do corpo na devoção popular do catolicismo.** Revista de Estudos da Religião, 3, 67-9, 2003.

PEDRAZA GÓMEZ, Z. **En clave corporal:** conocimiento, experiencia y condición humana. Revista Colombiana de Antropología. Vol 45. número 1, 2009.

PINHEIRO, A. e MOURA, C. **Celebrações/Celebration.** Teresina: Educar: artes e ofícios, 2009.

PINHEIRO, A.; MOURA C. **Senhores de seu ofício:** a arte santeira do Piauí. Teresina: Educar: Artes e Ofícios, 2009.

PINHEIRO, A.; MOURA, C; PEREIRA, D, L. **Santos e devotos na tradição brasileira** [os escravos da mãe de deus]. In: Congresso Internacional de História. 2., 2010, Teresina. Anais. Teresina: UFPI, 2010.

POLLAK, M.I. **Memória e Identidade Social.** Estudos Históricos, vol. 5, n.10, 1992, p.200-212.

RAUTMAN, A.E. **Reading the Body:** Representation and Remains in the Archaeological Record. Philadelphia (PA): University of Pennsylvania Press. (ed.), 2000.

RATHJE, W. L. **Modern Material Culture** Studies. Advances in Archaeological Method and Theory, vol. 2 1-37. 1979.

_____. 1991. **Once and Future Landfills.** National Geographic, vol. 179 (5): 116-134.

_____. 2001. **Integrated Archaeology:** A Garbage Paradigm. In BUCHLI, Victor & LUCAS, Gavin (Org). Archaeologies of the Contemporary Past. Routledge, London. pp. 63-76.

REIS FILHO, N. **Quadro da arquitetura no Brasil.** 4.ed. São Paulo: Perspectiva, 1978. 214 p

RIBEIRO, N. **Homenagem uma vida,** 1996.

ROHRER, T. **Pragmatics, ideology and embodiment:** William James and the philosophical foundations of cognitive linguistics. In: René Dirven, Bruce Hawkins and Esra Sandikcioglu (eds.), *Language and Ideology. Vol. 1: Theoretical Cognitive Approaches*, 49–81. Amsterdam; Philadelphia: John Benjamins, 2001.

ROSENDAHL, Z e CORREA, R. L. **Difusão e territórios diocesanos no Brasil, 1551-1930.** Scripta Nova Revista Eletronica de Geografia y Ciencias Sociales, Barcelona: Universidad de Barcelona, v.X, n.218, ago. 2006. p.7.

RUIBAL, G. A. **Contemporary Past, Archaeology of the**. In: Claire Smith (org.). Encyclopedia of Global Archaeology. New York: Springer. pp.1683-1694, 2014.

_____. (Ed.). **Arqueologia Simétrica**. Un giro teorico sin revolucion paradigmatica. Complutum 18, 2007, pp. 283-319.

SALERNO, M. **“Algo habrán hecho...”** La construcción de la categoría “subversivo” y los procesos de remodelación de subjetividades a través del cuerpo y el vestido (Argentina, 1976-1983). Revista de Arqueología Americana, vol. 24: 29–65, 2007.

_____. **Hora de vestirnos**: Antecedentes y perspectivas del estudio del cuerpo vestido en arqueología histórica. En RAMOS, M., A. TAPIA, F. BOGNANNI, M. FERNÁNDEZ, V. HELFER, C. LANDA, M. LANZA, E. MONTANARI, E. NÉSPULO & V. PINEAU (Eds.) Temas y Problemas de la Arqueología Histórica. Programa de Arqueología Histórica y Estudios Pluridisciplinarios, Universidad Nacional de Luján, Luján, 2010.

_____. **Persona y Cuerpo-vestido en la Modernidad**. Un Enfoque Arqueológico. Tesis de doctorado en arqueología. Facultad de Filosofía y Letras, Universidad de Buenos Aires. 2011.

_____. ; ALBERTI, B. **Introdução**. Arqueología del cuerpo en el Mundo Moderno. *Vestígios - Revista Latino-Americana De Arqueologia Histórica*, 9(1), 9-27. 2015.

SANTANA. I.A.S. F. **Codinome macumba**: a vida na Tenda de Nação Africana do Pai Oxalá e suas estruturas sagradas. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-graduação em Antropologia, Universidade de Pelotas, Pelotas-2019.

SANTOS, M. **Metamorfoses do Espaço Habitado, Fundamentos Teórico e metodológico da geografia**. São Paulo: Hucitec, 1988.

SANTOS, G, R, dos. **Queimadas do Senhor do Bonfim**: Relação sagrado - profano. TCC curso de História da Universidade Estadual do Piauí (UESPI), São Raimundo Nonato, Piauí, 2010.

SANTOS, S.M.A. **O método da autoetnografia na pesquisa sociológica**: atores, perspectivas e desafios. PLURAL, Revista do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da USP, São Paulo, v.24.1, 2017, p.214-241.

SANTOS, M, F, de J.**O prefácio dos tempos**: caminhos da romaria do Senhor dos Passos em Sergipe (sec.XIX e XX). Tese de Doutorado. Universidade Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia. Departamento de História, Rio de Janeiro, 2015.

SCARANO, J. **Fé e milagre**: ex-votos pintados em madeira - séculos XVIII e XIX. São Paulo: Edusp, 2004

SCHILLING, C. **The challenge of embodying archaeology**. En BORIC, D. & ROBB, J. (Eds.) *Past Bodies: Body-Centred Research in Archaeology*. Oxbow, Oxford. pp.145–151, 2013.

_____. **The Body and Social Theory**. Sage Publications, London, 2008.

SHAW, J. **Archaeology of religious change: introduction**, *World Archaeology*, 45:1, 1-11, 2013.

SHANKS, M; TILLEY, C. **Social Theory and Archaeology**. Polity Press, Cambridge. 1987

SHENNAN, S. **Quantifying Archaeology**. Edinburgh University Press, Edinburgh. 1988.

SILVA, F. A. **Etnoarqueologia: uma perspectiva arqueológica para o estudo da cultura material**. *Métis: História & Cultura*, Caxias do Sul/RS, v. 8, n. 16, p. 121-139, 2009.

SILVA, S.F.S.M.; MÜTZENBERG, D.; CISNEIROS, D. **Arqueologia Visual: o Uso das Imagens Fotográficas na Produção do Conhecimento Arqueológico e Historiografia da Arqueologia**. *R. Museu Arq. Etn.*, São Paulo, 22: 137-156, 2012

SILVA, A.M. **O que são Mapas mentais?** Artigo publicado em meio digital, 2009. Disponível em <https://administradores.com.br/artigos/o-que-sao-mapas-mentais>. Acesso em maio de 2023

SILVA, F.A. **Arqueologia e Prática Etnográfica: Diferentes Aproximações e Temas de Pesquisa**. *Revista Habitus – Revista do Instituto Goiano de Pré-História e Antropologia*, v.20 2 273-276 p.Goiânia. (2022).

SILVA, M. A. M. da. **Ex-votos brasileiros**. *Revista do Serviço do Patrimônio Histórico Artístico Nacional*. Rio de Janeiro, n 2, p. 22-30 ,1981.

SIMONDON, G. **L'individu et sa genèse physico-biologique**. Grenoble: Jérôme Millon, 1995.

SOKOLOWSKI, R. **Introdução à fenomenologia**. Tradução: Alfredo de Oliveira Moraes. São Paulo: Edições Loyola. 2014.

STEIL, C. A. **Catolicismo e Cultura** In: VALLA, Victor Vicent (org). *Religião e Cultura Popular*. Rio de Janeiro: DP&A, 2001

TARLOW S. 2000. **Emotion in archaeology**. *Curr. Anthropol.* 41(5):713–14.

TEIXEIRA, R. **Arquitetura vernacular. Em busca de uma definição**. Artigo. Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2017.

TEIXEIRA, L. C., CAVALCANTE, M. M., BARREIRA, K. S., AGUIAR, A. C., GONÇALVES, S. D.; AQUINO, E. C. **O corpo em estado de graça: ex-votos, testemunho e subjetividade**. *Psicologia & Sociedade*, pp. 121-129, 2010.

TELES A.C.S. **Brasil: arquitetura religiosa barroca**. IPHAN, Brasília. 2014.

TILLEY, C. **A phenomenology of Landscape**. Oxford: Berg Publishers, 1994.

_____. **The Materiality of Stone**. Explorations in landscape phenomenology. Oxford. New York: Berg, p.3. 19 2004a

_____. **Mind and Body in Landscape** Research. In: Cambridge Archaeological Journal. v.14. n.1. Reino Unido: McDonald Institute for Archaeological Research, p. 79. 2004b

THOMAS, J. **Archaeology and modernity**. In: THOMAS, N. Entangled objects. Exchange, material culture, and colonialism in the Pacific. Cambridge: MA,.2004.

_____. **Archaeology's humanism and the materiality of the body**. In: Y. Hamilakis, M. Pluciennik; S. Tarlow (orgs.). Thinking through the body. Archaeologies of corporeality. New York, p.29-45

THOMAS, J. **Archaeology's humanism and the materiality of the body**. In: Y. Hamilakis, M. Pluciennik; S. Tarlow (orgs.). Thinking through the body. Archaeologies of corporeality. New York, pp.29-45, 2002.

_____. **Archaeology and modernity**. In: THOMAS, N. Entangled objects. Exchange, material culture, and colonialism in the Pacific. Cambridge: MA, 2004.

_____. **Commentary: Walls and bridges**. In: Duncan GARROW & Thomas YARROW (ed.). Archaeology and Anthropology. Understanding similarity, exploring difference. Oxford/Oakville: Oxbow Books: 179-184. 2010.

VIANA, S.A.; MOURA, M.O. **Prática Etnográfica e Conhecimento Arqueológico: etnoarqueologia, etnografia arqueológica e arqueologias indígenas e colaborativas**. Revista Habitus . Goiânia, v. 20, n.2, p. 271-272, jul./dez. 2022

VIDAL, L. B. **O Belo é o Invisível**. Diálogo (São Paulo), Ed. Paulinas, São Paulo, v. 33, ano IX, pp. 14-18, 2004.

VIGARELLO, G. **Une histoire culturelle du suport**- Techniques d'heir et d'aujour 'hui. Paris, Revue. EPS/Laffont, 1988.

WEBMOOR, T. e WITMORE, C. **Things are us!** A Commentary on Human/Things Relations under the Banner of a 'Social' Archaeology. Norwegian Archaeological Review, n. 1: 1-18. 2008.

WITMORE, C. **Archaeology and the New Materialisms**. Journal of Contemporary Archaeology, vol. 1, n.2, 2014, pp. 203–246.

_____. **What about 'one more turn after the social'** in archaeological reasoning? Taking things seriously. World Archaeology, v. 39, n. 4: 563-578. 2007.

ZIMMERMAN, L. J. Homelessness. In GRAVES-BROWN, P., HARRISON, & PICCINI, A. (Org). **The Oxford Handbook of the Archaeology of the Contemporary World**. Oxford University Press, Oxford. pp. 336-350. 2013

ZIMMERMAN, L. J., SINGLETON, C.; WELCH, J. **Activism and Creating a Translational Archaeology of Homelessness**. *World Archaeology*, vol. 42 (3): 443-454. 2010.

ZIMMERMAN, L. J. & WELCH, J. **Displaced and Barely Visible**: Archaeology and the Material Culture of Homelessness. *Historical Archaeology*, vol. 45 (1): 67-85. 2011.

ANEXO A: FICHAS DE ANÁLISE DOS EX-VOTOS

- u

**Corpos umburana: Ex-votos do Senhor do Bonfim- - Queimadas Dirceu Arcoverde-PI
sob aportes da Arqueologia das Corporalidades**

Mestranda: Crisvanete de Castro Aquino
Orientadora: Dra. Vanessa Linke Ano: 2023.

Ex-voto	MORFOLOGIA	TIPOLOGIA	COMPRIMENTO	LARGURA	DECORAÇÃO	PATOLOGIA
01	Antropomorfo	Cabeça	20cm	10 cm	Pintura e verniz	Ausente

Foto: Frontal



Foto: Lateral



SIMBOLOGIA	INDIVIDUALIZAÇÃO	SEXUALIDADE	FAIXA ETÁRIA	OBSERVAÇÕES
Furo no ouvido	Ausente	Masculino	Adulto	Presença de pintura de bigode e sobrancelha, nariz, olhos e ouvidos esculpidos, peça envernizada. Presença de um furo no ouvido esquerdo. Peça envernizada, madeira Umburana de cheiro.

Foto Perspectiva



Foto Bump Map.



**Corpos umburana: Ex-votos do Senhor do Bonfim- - Queimadas Dirceu Arcoverde-PI
sob aportes da Arqueologia das Corporalidades**

Mestranda: Crisvanete de Castro Aquino
Orientadora: Dra. Vanessa Linke Ano: 2023.

Ex-VOTO	MORFOLOGIA	TIPOLOGIA	COMPRIMENTO	LARGURA	DECORAÇÃO	PATOLOGIA
02	Antropomorfo	Cabeça	24 cm	16 cm	Pintura/verniz	Ausente

Foto: frontal

Foto lateral



SIMBOLOGIA	INDIVIDUALIZAÇÃO	SEXUALIDADE	FAIXA ETÁRIA	OBSERVAÇÕES
Ausente	Ausente	Feminina	Adulto	Pintura em preto olhos e sobrancelha e boca vermelho, nariz, orelhas esculpidas. Peça envernizada, madeira Umburana de cheiro.

Foto Bump Map.



Projeto: Corpos umburana: Ex-votos do Senhor do Bonfim- - Queimadas Dirceu Arco-verde-PI sob aportes da Arqueologia das Corporalidades

Mestranda: Crisvanete de Castro Aquino
Orientadora: Dra. Vanessa Linke Ano: 2023.

EX-VOTO	MORFOLOGIA	TIPOLOGIA	COMPRI-MENTO	LARGURA	DECORAÇÃO	PATOLOGIA
03	Antropo-morfo	Cabeça	16 cm	14 cm	Verniz	Ausente

Foto: frontal



Foto lateral



SIMBOLOGIA	INDIVIDUA-LIZAÇÃO	SEXUALIDADE	FAIXA ETÁRIA	OBSERVAÇÕES
Manchas escuras na cabeça, lado esquerdo	Ausente	Masculino	Adulto	Entalhes de um rosto expressivo com testa proeminente, nariz largo. Peça envernizada. Madeira Umburana

Foto Bump Map.



**Corpos umburana: Ex-votos do Senhor do Bonfim- - Queimadas Dirceu Arcoverde-PI
sob aportes da Arqueologia das Corporalidades**

Mestranda: Crisvanete de Castro Aquino
Orientadora: Dra. Vanessa Linke Ano: 2023.

EX-VOTO	MORFOLOGIA	TIPOLOGIA	COMPRI-MENTO	LARGURA	DECORAÇÃO	PATOLOGIA
04	Antropo-morfo	Cabeça	16 cm	12 cm	Verniz/ Escrita	Ausente

Foto: frontal



Foto lateral



SIMBOLOGIA	INDIVIDUALIZAÇÃO	SEXUALIDADE	FAIXA ETÁRIA	OBSERVAÇÕES
Marca de corte na orelha direita	Ilegível	Feminino	Adulto	Escultura com o cabelo em alto relevo formando a moldura do rosto, nariz, e boca com uma mancha mais clara, não dá para precisar se é Vítigo. Peça envernizada em madeira Umburana de Cheiro.

Foto BumpMap.



**Corpos umburana: Ex-votos do Senhor do Bonfim- - Queimadas Dirceu Arcoverde-PI
sob aportes da Arqueologia das Corporalidades**

Mestranda: Crisvanete de Castro Aquino
Orientadora: Dra. Vanessa Linke Ano: 2023.

EX-VOTO	MORFOLOGIA	TIPOLOGIA	COMPRIMENTO	LARGURA	DECORAÇÃO	PATOLOGIA
05	Antropomorfo	Cabeça	14 cm	10 cm	Pintura	Ausente

Foto: frontal

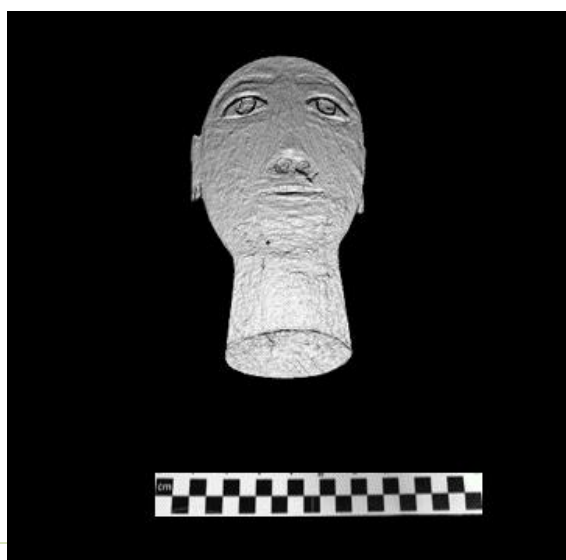


Foto lateral



SIMBOLOGIA	INDIVIDUALIZAÇÃO	SEXUALIDADE	FAIXA ETÁRIA	OBSERVAÇÕES
Marca de furo no ouvido	Ausente	Masculino	Jovem	Peça pintada em marrom, olhos com fundo branco e olhos e sobrancelhas feitas com tinta preta. Nariz e orelha esculpidos. Madeira não identificada.

Foto Bump Map.



**Corpos umburana: Ex-votos do Senhor do Bonfim- - Queimadas Dirceu Arcoverde-PI
sob aportes da Arqueologia das Corporalidades**

Mestranda: Crisvanete de Castro Aquino
Orientadora: Dra. Vanessa Linke Ano: 2023.

EX-VOTO	MORFOLOGIA	TIPOLOGIA	COMPRI-MENTO	LARGURA	DECORAÇÃO	PATOLOGIA
06	Antropomorfo	Cabeça	22 cm	12 cm	Ausente	Mancha branca na parte posterior da cabeça

Foto: frontal



Foto posterior



SIMBOLOGIA	INDIVIDUALIZAÇÃO	SEXUALIDADE	FAIXA ETÁRIA	OBSERVAÇÕES
Corte na parte posterior da cabeça	DIAS	Masculino	Adulto	Marca de entalhe do cabelo com marca de corte na parte posterior, assinatura embaixo da peça em baixo relevo. Peça com fisionomia de sorriso. Madeira Umburana

Foto Perspectiva



Foto Bump Map.



Foto: Identificação



**Corpos umburana: Ex-votos do Senhor do Bonfim- - Queimadas Dirceu Arcoverde-PI
sob aportes da Arqueologia das Corporalidades**

Mestranda: Crisvanete de Castro Aquino
Orientadora: Dra. Vanessa Linke Ano: 2023.

Ex-voto	MORFOLOGIA	TIPOLOGIA	COMPRIMENTO	LARGURA	DECORAÇÃO	PATOLOGIA
07	Antropomorfo	Cabeça	15 cm	07 cm	Contorno dos traços do rosto com caneta	Ausente

Foto: frontal



Foto lateral



SIMBOLOGIA	INDIVIDUALIZAÇÃO	SEXUALIDADE	FAIXA ETÁRIA	OBSERVAÇÕES
Ausente	Ausente	Masculino	Infantil	Olhos, nariz, boca e orelha desenhados com caneta. Madeira Umburana

Foto Bump Map.



**Corpos umburana: Ex-votos do Senhor do Bonfim- - Queimadas Dirceu Arcoverde-PI
sob aportes da Arqueologia das Corporalidades**

Mestranda: Crisvanete de Castro Aquino
Orientadora: Dra. Vanessa Linke Ano: 2023.

EX-VOTO	MORFOLOGIA	TIPOLOGIA	COMPRIMENTO	LARGURA	DECORAÇÃO	PATOLOGIA
08	Antropomorfo	Cabeça	16 cm	07 cm	Escrito	Manchas naturais na madeira

Foto: frontal

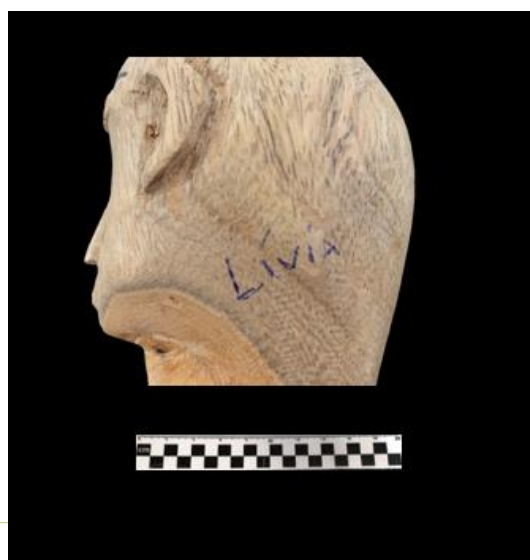
Foto lateral



SIMBOLOGIA	INDIVIDUALIZAÇÃO	SEXUALIDADE	FAIXA ETÁRIA	OBSERVAÇÕES
Ausente	Lívia	Feminina	Adulto	Peça com olhos, nariz e orelha esculpidos, furo próximo ao queixo. Marca de identificação na peça em caneta

Detalhe da assinatura

Foto Bump Map



**Corpos umburana: Ex-votos do Senhor do Bonfim - - Queimadas Dirceu Arcoverde-PI
sob aportes da Arqueologia das Corporalidades**

Mestranda: Crisvanete de Castro Aquino
Orientadora: Dra. Vanessa Linke Ano: 2023.

EX-VOTO	MORFOLOGIA	TIPOLOGIA	COMPRIMENTO	LARGURA	DECORAÇÃO	PATOLOGIA
09	Antropomorfo	Cabeça	14 cm	07 cm	Ausente	Pequeno furo na madeira próximo ao queixo

Foto: frontal

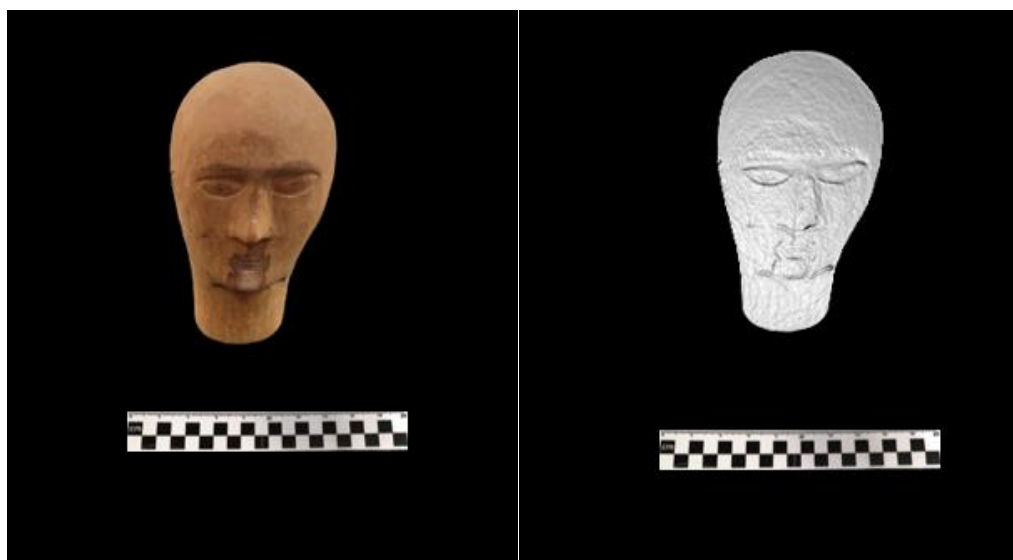
Foto Lateral esquerda



SIMBOLOGIA	INDIVIDUALIZAÇÃO	SEXUALIDADE	FAIXA ETÁRIA	OBSERVAÇÕES
Mancha na boca e queixo-	Ausente	Não identificada	Adulto	Mancha pintada em cor marrom entre nariz e boca- contorno dos olhos em relevo. Madeira Umburana

Foto Perspectiva -

Foto Bump Map.



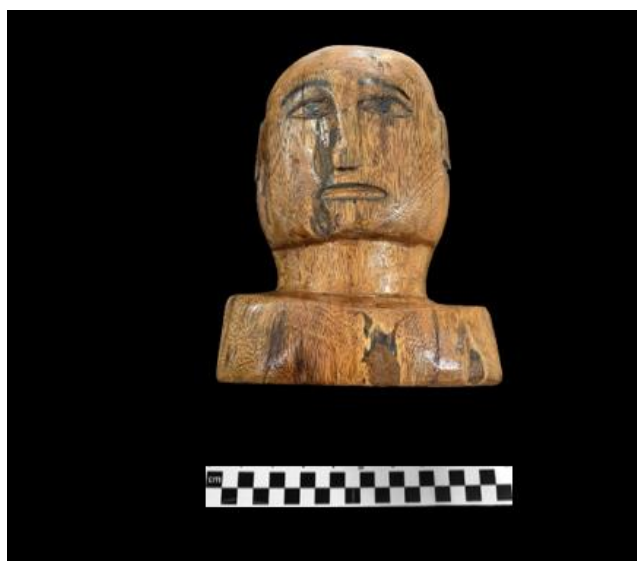
**Corpos umburana: Ex-votos do Senhor do Bonfim- - Queimadas Dirceu Arcoverde-PI
sob aportes da Arqueologia das Corporalidades**

Mestranda: Crisvanete de Castro Aquino
Orientadora: Dra. Vanessa Linke Ano: 2023.

Ex-voto	MORFOLOGIA	TIPOLOGIA	COMPRIMENTO	LARGURA	DECORAÇÃO	PATOLOGIA
10	Antropomorfo	Cabeça	26 cm	24 cm	Verniz/pintura	Manchas naturais da madeira

Foto: frontal

Foto lateral



SIMBOLOGIA	INDIVIDUALIZAÇÃO	SEXUALIDADE	FAIXA ETÁRIA	OBSERVAÇÕES
Ausente	Ausente	Masculino	Adulto	Peça com base de apoio, olhos, sobrancelhas e orelha pintadas/ manchas na madeira, mas são imperfeições naturais. Madeira Umburana

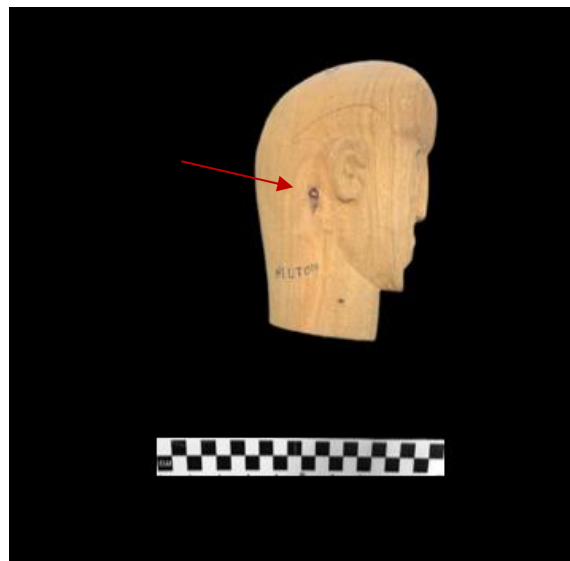
Foto BumpMap.



EX-VOTO	MORFOLOGIA	TIPOLOGIA	COMPRIMENTO	LARGURA	DECORAÇÃO	PATOLOGIA
11	Antropomorfo	Cabeça	26 cm	18 cm	Pintura	Ausente

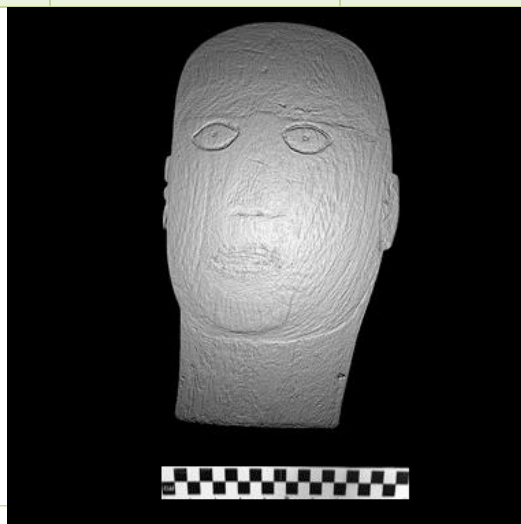
Foto: frontal

Foto lateral



SIMBOLOGIA	INDIVIDUALIZAÇÃO	SEXUALIDADE	FAIXA ETÁRIA	OBSERVAÇÕES
Marca de uma cicatriz atrás da orelha direita	Neuton	Masculino	Adulto	Contorno dos olhos e lábios pintados de caneta azul, escrito o nome Neuton na parte posterior do pescoço. Cabelo contornando o rosto. Madeira Umburana

Foto Bump Map.



EX-VOTO	MORFOLOGIA	TIPOLOGIA	COMPRI-MENTO	LARGURA	DECORAÇÃO	PATOLOGIA
12	Antropomorfo	Cabeça	22 cm	16 cm	Pintura/verniz	Manchas escuras na madeira

Foto: frontal

Foto lateral



SIMBOLOGIA	INDIVIDUALIZAÇÃO	SEXUALIDADE	FAIXA ETÁRIA	OBSERVAÇÕES
Ouvido com marca de sangue	Jean Marcos de Assis	Masculino	Adulto	Cabelos, olhos, sobrancelhas pintadas em preto, olho com fundo em branco. Mancha de tinta vermelha próximo ao ouvido esquerdo /Consta o nome na base da peça. Madeira não identificada porque a peça foi pintada na cor marrom e envernizada

Foto Bump Map.



Ex-voto	MORFOLOGIA	TIPOLOGIA	COMPRIMENTO	LARGURA	DECORAÇÃO	PATOLOGIA
13	Antropomorfo	Cabeça	19 cm	10 cm	Pintura	Manchas na madeira

Foto: frontal



Foto lateral



SIMBOLOGIA	INDIVIDUALIZAÇÃO	SEXUALIDADE	FAIXA ETÁRIA	OBSERVAÇÕES
Marca de corte na testa	Ausente	Masculino	Não identificado	Marca de corte na testa esculpida em baixo relevo, olhos pintados com caneta e pincel azul, marca de corte na testa. Madeira Umburana

Foto da marca de corte



Foto Bump Map.



EX-VOTO	MORFOLOGIA	TIPOLOGIA	COMPRIMENTO	LARGURA	DECORAÇÃO	PATOLOGIA
14	Antropomorfo	Cabeça	19 cm	11 cm	Pintura	Ausente

Foto: frontal

Foto lateral



SIMBOLOGIA	INDIVIDUALIZAÇÃO	SEXUALIDADE	FAIXA ETÁRIA	OBSERVAÇÕES
Ausente	Ausente	Feminino	Adulto	Cabelo, sobrancelha e olhos pintados com pincel preto, fundo olho em branco. Cabelo grande e feições femininas. Madeira Umburana

Foto da cabeça em pé.

Foto Bump Map



EX-VOTO	MORFOLOGIA	TIPOLOGIA	COMPRIMENTO	LARGURA	DECORAÇÃO	PATOLOGIA
15	Antropomorfo	Cabeça	26 cm	15 cm	Verniz	Manchas naturais

Foto: frontal

Foto lateral



SIMBOLOGIA	INDIVIDUALIZAÇÃO	SEXUALIDADE	FAIXA ETÁRIA	OBSERVAÇÕES
Ausente	Ausente	Masculino	Adulto	Peça esculpida formando os contornos dos olhos e cílios e a moldura do cabelo- envernizada com marrom. Madeira Umburana

Foto da cabeça em pé

Foto Bump Map



**Corpos umburana: Ex-votos do Senhor do Bonfim- - Queimadas Dirceu Arcoverde-PI
sob aportes da Arqueologia das Corporalidades**

Mestranda: Crisvanete de Castro Aquino
Orientadora: Dra. Vanessa Linke Ano: 2023.

Ex-voto	MORFOLOGIA	TIPOLOGIA	COMPRI-MENTO	LARGURA	DECORAÇÃO	PATOLOGIA
16	Antropomorfo	Cabeça	30 cm	15 cm	Todas as expressões são em relevo	Ausente

Foto: frontal



Foto lateral



SIMBOLOGIA	INDIVIDUALIZAÇÃO	SEXUALIDADE	FAIXA ETÁRIA	OBSERVAÇÕES
Marca de corte na cabeça na parte posterior em baixo relevo	Ausente	Masculino	Adulto	Peça com base de apoio, todas as marcas do rosto, cabelo são esculpidas. Marca de corte na cabeça. Madeira Umburana

Foto da marca na cabeça



Foto Bump Map



**Corpos umburana: Ex-votos do Senhor do Bonfim- - Queimadas Dirceu Arcoverde-PI
sob aportes da Arqueologia das Corporalidades**

Mestranda: Crisvanete de Castro Aquino
Orientadora: Dra. Vanessa Linke Ano: 2023.

EX-VOTO	MORFOLOGIA	TIPOLOGIA	COMPRIMENTO	LARGURA	DECORAÇÃO	PATOLOGIA
17	Antropomorfo	Cabeça	14 cm	12 cm	Escrito em caneta azul	Mancha de umidade na parte inferior da peça

Foto: frontal



Foto posterior



SIMBOLOGIA	INDIVIDUALIZAÇÃO	SEXUALIDADE	FAIXA ETÁRIA	OBSERVAÇÕES
Ausente	Erico Ribeiro Silva	Masculino	Adulto	Cabeça formato aplainada, traços rosto em leve relevo, presença de asatura e mancha de umidade/água. Mdeira umburana

Foto Perspectiva



Foto Bump Map.



**Corpos umburana: Ex-votos do Senhor do Bonfim - Queimadas Dirceu Arcoverde-PI
sob aportes da Arqueologia das Corporalidades**

Mestranda: Crisvanete de Castro Aquino
Orientadora: Dra. Vanessa Linke Ano: 2023.

Ex-voto	MORFOLOGIA	TIPOLOGIA	COMPRIMENTO	LARGURA	DECORAÇÃO	PATOLOGIA
18	Antropomorfo	Cabeça	27 cm	10 cm	Ausente	Ausente

Foto: frontal



Foto lateral



SIMBOLOGIA	INDIVIDUALIZAÇÃO	SEXUALIDADE	FAIXA ETÁRIA	OBSERVAÇÕES
Ausente	Ausente	Masculino	Adulto	Escultura com os sulcos dos olhos e da boca profundos, lembra uma expressão de sorriso. Madeira Umburana

Foto Bump Map.



Corpos umburana: Ex-votos do Senhor do Bonfim- - Queimadas Dirceu Arco-verde-PI sob aportes da Arqueologia das Corporalidades

Mestranda: Crisvanete de Castro Aquino
Orientadora: Dra. Vanessa Linke Ano: 2023.

Ex-voto	MORFOLOGIA	TIPOLOGIA	COMPRI-MENTO	LARGURA	DECORAÇÃO	PATOLOGIA
19	Antropomorfo	Cabeça	18 cm	09 cm	Pintura	Ausente

Foto: frontal



Foto lateral



SIMBOLOGIA	INDIVIDUALIZAÇÃO	SEXUALIDADE	FAIXA ETÁRIA	OBSERVAÇÕES
Corte em cima da sobrancelha	Denilson	Masculino	Adulto	Sobrancelha pintada de pincel preto, cabelo em revelado marca de corte profundo na sobrancelha esquerda Madeira Umburana

Foto da identificação



Foto Bump Map.



**Corpos umburana: Ex-votos do Senhor do Bonfim - Queimadas Dirceu
Arcoverde-PI sob aportes da Arqueologia das Corporalidades**

Mestranda: Crisvanete de Castro Aquino
Orientadora: Dra. Vanessa Linke Ano: 2023.

EX-VOTO	MORFOLOGIA	TIPOLOGIA	COMPRI-MENTO	LARGURA	DECORAÇÃO	PATOLOGIA
20	Antropomorfo	Cabeça	22 cm	14 cm	Pintura	Ausente

Foto: frontal



Foto lateral



SIMBOLOGIA	INDIVIDUALIZAÇÃO	SEXUALIDADE	FAIXA ETÁRIA	OBSERVAÇÕES
Ausente	Davi Luiz	Masculino	Adulto	Cabelo e sobrancelha pintados de preto, escrito em caneta Davi Luiz duas vezes na face esquerda. Madeira Umburana

Foto da identificação



Foto Bump Map



**Corpos umburana: Ex-votos do Senhor do Bonfim- - Queimadas Dirceu
Arcoverde-PI sob aportes da Arqueologia das Corporalidades**

Mestranda: Crisvanete de Castro Aquino
Orientadora: Dra. Vanessa Linke Ano: 2023.

EX-VOTO	MORFOLOGIA	TIPOLOGIA	COMPRI-MENTO	LARGURA	DECORAÇÃO	PATOLOGIA
21	Antropomorfo	Cabeça	22 cm	10 cm	Pintura	Ausente

Foto: frontal



Foto lateral



SIMBOLOGIA	INDIVIDUALIZAÇÃO	SEXUALIDADE	FAIXA ETÁRIA	OBSERVAÇÕES
Marca de tinta na orelha	Ausente	Masculino	Adulto	Peça com olhos, nariz, boca e orelha esculpidos. Marca de tinta rosa na orelha. Madeira Umburana

Foto da marca



Foto Bump Map.



**Corpos umburana: Ex-votos do Senhor do Bonfim - Queimadas Dirceu
Arcoverde-PI sob aportes da Arqueologia das Corporalidades**

Mestranda: Crisvanete de Castro Aquino
Orientadora: Dra. Vanessa Linke Ano: 2023.

EX-VOTO	MORFOLOGIA	TIPOLOGIA	COMPRI-MENTO	LARGURA	DECORAÇÃO	PATOLOGIA
22	Antropomorfo	Cabeça	22 cm	10 cm	Tinta	Ausente

Foto: frontal



Foto latera



SIMBOLO-GIA	INDIVIDUALIZAÇÃO	SEXUALIDADE	FAIXA ETÁRIA	OBSERVAÇÕES
Mancha branca próximo ao cabelo	Ausente	masculino	Adulto	Presença de relevo formando o cabelo, mancha branca próximo ao cabelo no lado direito, sulco contornando os olhos. Madeira Umburana

Foto da marca



Foto Bump Map.



Corpos umburana: Ex-votos do Senhor do Bonfim- - Queimadas Dirceu Arcoverde-PI sob aportes da Arqueologia das Corporalidades

Mestranda: Crisvanete de Castro Aquino
Orientadora: Dra. Vanessa Linke Ano: 2023.

EX-VOTO	MORFOLOGIA	TIPOLOGIA	COMPRI-MENTO	LARGURA	DECORAÇÃO	PATOLOGIA
23	Antropomorfo	Cabeça	20 cm	13 cm	Pintura/verniz	Ausente

Foto: frontal



Foto lateral



SIMBOLOGIA	INDIVIDUALIZAÇÃO	SEXUALIDADE	FAIXA ETÁRIA	OBSERVAÇÕES
Ausente	Ausente	Feminino	Adulto	Peça envernizada em amarelo, com sobrancelha formando um sulco, orelha esculpida. Olhos e sobrancelha em preto, boca contornada em vermelho. Madeira Umburana de Cheiro.

Foto perspectiva



Foto Bump Map



**Corpos umburana: Ex-votos do Senhor do Bonfim- - Queimadas Dirceu
Arcoverde-PI sob aportes da Arqueologia das Corporalidades**

Mestranda: Crisvanete de Castro Aquino
Orientadora: Dra. Vanessa Linke Ano: 2023.

EX-VOTO	MORFOLOGIA	TIPOLOGIA	COMPRI- MENTO	LARGURA	DECORAÇÃO	PATOLOGIA
24	Antropo- morfo	Cabeça	25 cm	14 cm	Pintura	Ausente

Foto: frontal



Foto lateral



SIMBOLO- GIA	INDIVIDU- ALIZAÇÃO	SEXUALIDADE	FAIXA ETÁRIA	OBSERVAÇÕES
Ausente	Ausente	Masculino	Adulto/jovem	Peça toda pintada com tinta base, cabelos e sobrancelhas em tinta preta, olhos contornados de preto e fundo branco, orelhas esculpidas. De perfil a cabeça é desnivelada. Madeira não identificada

Foto perspectiva



Foto Bump Map



EX-VOTO	MORFOLOGIA	TIPOLOGIA	COMPRIMENTO	LARGURA	DECORAÇÃO	PATOLOGIA
25	Antropomorfo	Cabeça	18 cm	10 cm	Ausente	Ausente

Foto: frontal

Foto lateral



SIMBOLOGIA	INDIVIDUALIZAÇÃO	SEXUALIDADE	FAIXA ETÁRIA	OBSERVAÇÕES
Marca de ferimento no pescoço	Ausente	Masculino	Adulto	Peça com os olhos fechados, elementos do rosto esculpidos, marca de retirada no pescoço, sugere um corte. Madeira Umburana

Foto da marca

Foto perspectiva

Foto Bump Map



**Projeto: Corpos umburana: Ex-votos do Senhor do Bonfim - Queimadas
Dirceu Arcoverde-PI sob aportes da Arqueologia das Corporalidades**

**Mestranda: Crisvanete de Castro Aquino
Orientadora: Dra. Vanessa Linke Ano: 2023.**

EX-VOTO	MORFOLOGIA		TIPOLOGIA	COMPRI-MENTO	LARGURA	DECORAÇÃO	PATOLOGIA
26	Antropo-morfo		Cabeça	20 cm	13 cm	Pintura	Ausente

Foto: frontal



Foto lateral



SIMBOLOGIA	INDIVIDUALIZAÇÃO	SEXUALIDADE	FAIXA ETÁRIA	OBSERVAÇÕES
Marca de dois cortes na parte posterior da cabeça	Ausente	Masculino	Adulto	Sobrancelha pintada, e íris do olho pintada com pincel preto, demais itens do rosto esculpidos, nariz e lábios grossos). Marca de dois cortes na cabeça. Madeira umburana

Foto marca de doença.



Foto Bump Map



Corpos umburana: Ex-votos do Senhor do Bonfim- - Queimadas Dirceu Arcoverde-PI sob aportes da Arqueologia das Corporalidades

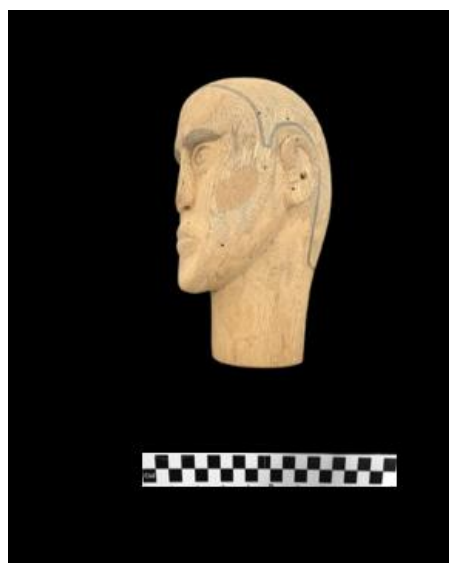
Mestranda: Crisvanete de Castro Aquino
Orientadora: Dra. Vanessa Linke Ano: 2023.

EX-VOTO	MORFOLOGIA	TIPOLOGIA	COMPRI-MENTO	LARGURA	DECORAÇÃO	PATOLOGIA
27	Antropomorfo	Cabeça	26 cm	14 cm	Pintura	Manchas naturais da madeira

Foto: frontal



Foto lateral



SIMBOLOGIA	INDIVIDUALIZAÇÃO	SEXUALIDADE	FAIXA ETÁRIA	OBSERVAÇÕES
Ausente	Ausente	Masculino	Adulto	Sobrancelha pintada, contorno do cabelo desenhado sobre o sulco com pincel preto, íris do olho em preto, nariz e lábios grossos

Foto Bump Map.



Corpos umburana: Ex-votos do Senhor do Bonfim- - Queimadas Dirceu Arcoverde-PI sob aportes da Arqueologia das Corporalidades

Mestranda: Crisvanete de Castro Aquino
Orientadora: Dra. Vanessa Linke Ano: 2023.

EX-VOTO	MORFOLOGIA	TIPOLOGIA	COMPRIMENTO	LARGURA	DECORAÇÃO	PATOLOGIA
28	Antropomorfo	Cabeça	28 cm	12 cm	Pintura	Ausente

Foto: frontal

Foto lateral



SIMBOLOGIA	INDIVIDUALIZAÇÃO	SEXUALIDADE	FAIXA ETÁRIA	OBSERVAÇÕES
Marca de doença na lateral direita	Ausente	Masculino	Adulto	Peça com base de apoio, olhos pintados de marrom. Mancha marrom. Orelhas e nariz

Foto marca

Foto cabeça na posição em pé

Foto Bump Map



Corpos umburana: Ex-votos do Senhor do Bonfim- - Queimadas Dirceu Arcoverde-PI sob aportes da Arqueologia das Corporalidades

Mestranda: Crisvanete de Castro Aquino

Orientadora: Dra. Vanessa Linke Ano: 2023.

EX-VOTO	MORFOLOGIA	TIPOLOGIA	COMPRIMENTO	LARGURA	DECORAÇÃO	PATOLOGIA
29	Antropomorfo	Cabeça	24 cm	14 cm	Pintura	Ausente

Foto: frontal

Foto lateral



SIMBOLOGIA	INDIVIDUALIZAÇÃO	SEXUALIDADE	FAIXA ETÁRIA	OBSERVAÇÕES
Mancha escura na testa	Ausente	Masculino	Adulto	Peça com marca de olhas fechados, nariz, olhos e orelha esculpidos uma mancha da testa, madeira umburana

Foto da mancha

Foto Bump Map



**Corpos umburana: Ex-votos do Senhor do Bonfim- - Queimadas Dirceu
Arcoverde-PI sob aportes da Arqueologia das Corporalidades**

Mestranda: Crisvanete de Castro Aquino
Orientadora: Dra. Vanessa Linke Ano: 2023.

EX-VOTO	MORFOLOGIA	TIPOLOGIA	COMPRI-MENTO	LARGURA	DECORAÇÃO	PATOLOGIA
30	Antropomorfo	Cabeça	18 cm	08 cm	Pintura	Traça.

Foto: frontal



Foto lateral



SIMBOLOGIA	INDIVIDUALIZAÇÃO	SEXUALIDADE	FAIXA ETÁRIA	OBSERVAÇÕES
Marca de mancha na sobrancelha e abaixo do olho	Ausente	Não identificada	Adulto	Sobrancelha, olhos e boca pintados com pincel preto, orelha apenas desenhada, a face em plano achatado, marca de doença, ou queimadura na testa e abaixo do olho. Madeira Umburana

Foto perspectiva



Foto Bump Map



Corpos umburana: Ex-votos do Senhor do Bonfim- - Queimadas Dirceu Arco-verde-PI sob aportes da Arqueologia das Corporalidades

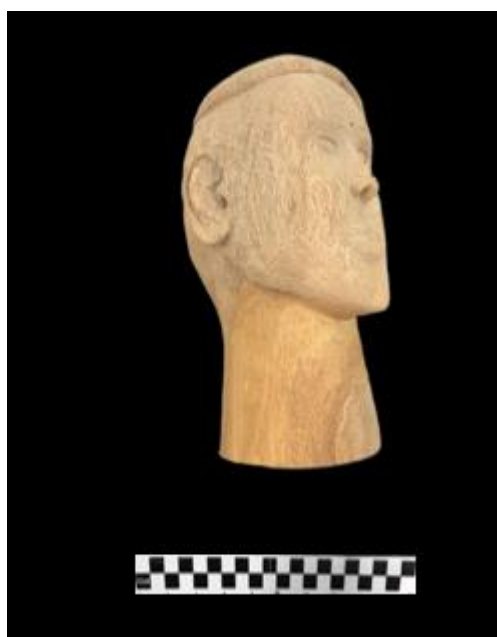
Mestranda: Crisvanete de Castro Aquino

Orientadora: Dra. Vanessa Linke Ano: 2023.

EX-VOTO	MORFOLOGIA	TIPOLOGIA	COMPRI-MENTO	LARGURA	DECORAÇÃO	PATOLOGIA
31	Antropomorfo	Cabeça	32 cm	16 cm	Ausente	Manchas de insetos

Foto: frontal

Foto lateral



SIMBOLOGIA	INDIVIDUALIZAÇÃO	SEXUALIDADE	FAIXA ETÁRIA	OBSERVAÇÕES
Manchas escuras no queixo e nariz	Ausente	Masculino	Adulto	Peça esculpida com contorno do cabelo penteado para esquerda, nariz e lábios grossos. Madeira Umburana

Foto marcas

Foto Bump Map



**Corpos umburana: Ex-votos do Senhor do Bonfim- - Queimadas Dirceu Arcoverde-PI
sob aportes da Arqueologia das Corporalidades**

Mestranda: Crisvanete de Castro Aquino
Orientadora: Dra. Vanessa Linke Ano: 2023.

EX-VOTO	MORFOLOGIA	TIPOLOGIA	COMPRI-MENTO	LARGURA	DECORAÇÃO	PATOLOGIA
32	Antropo-morfo	Cabeça	24 cm	11 cm	Verniz	Ausente

Foto: frontal



Foto lateral



SIMBOLOGIA	INDIVIDUALIZAÇÃO	SEXUALIDADE	FAIXA ETÁRIA	OBSERVAÇÕES
Ausente	Ausente	Não identificada	Adulto	Peça esculpida com olhos, nariz, orelha em relevo, fundo do olho pintado de branco e boca em vermelho. Madeira Umburana de Cheiro

Foto Bump Map.



**Corpos umburana: Ex-votos do Senhor do Bonfim- - Queimadas Dirceu Arcoverde-PI
sob aportes da Arqueologia das Corporalidades**

Mestranda: Crisvanete de Castro Aquino
Orientadora: Dra. Vanessa Linke Ano: 2023.

EX-VOTO	MORFOLOGIA	TIPOLOGIA	COMPRI-MENTO	LARGURA	DECORAÇÃO	PATOLOGIA
33	Antropomorfo	Cabeça	23 cm	08 cm	Pintura	Ausente

Foto: frontal

Foto posterior



SIMBOLOGIA	INDIVIDUALIZAÇÃO	SEXUALIDADE	FAIXA ETÁRIA	OBSERVAÇÕES
Ausente	Não identificado	Não identificada	Não identificada	Peça esculpida sob uma base que é maior que a cabeça, com olhos, nariz, e boca pintados em preto, só desenhados. Madeira Umburana de Cheiro

Foto Cabeça em pé

Foto Bump Map



**Corpos umburana: Ex-votos do Senhor do Bonfim- - Queimadas Dirceu Arcoverde-PI
sob aportes da Arqueologia das Corporalidades**

Mestranda: Crisvanete de Castro Aquino
Orientadora: Dra. Vanessa Linke Ano: 2023.

EX-VOTO	MORFOLOGIA	TIPOLOGIA	COMPRI-MENTO	LARGURA	DECORAÇÃO	PATOLOGIA
34	Antropomorfo	Cabeça	18 cm	12 cm	Pintura	Ausente

Foto: frontal

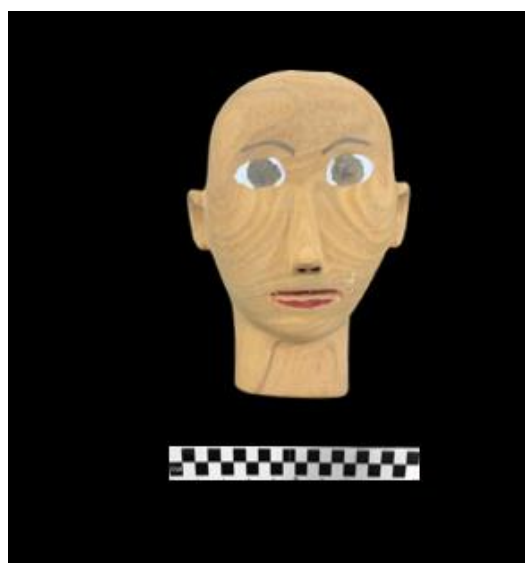


Foto lateral



SIMBOLOGIA	INDIVIDUALIZAÇÃO	SEXUALIDADE	FAIXA ETÁRIA	OBSERVAÇÕES
Ausente	Ausente	Feminino	Adulto	Peça esculpida com olhos, nariz, orelha em relevo, fundo do olho pintado de branco e boca em vermelho. Madeira Umburana de Cheiro

Foto Bump Map



**Corpos umburana: Ex-votos do Senhor do Bonfim- - Queimadas Dirceu Arcoverde-PI
sob aportes da Arqueologia das Corporalidades**

Mestranda: Crisvanete de Castro Aquino
Orientadora: Dra. Vanessa Linke Ano: 2023.

EX-VOTO	MORFOLOGIA	TIPOLOGIA	COMPRI-MENTO	LARGURA	DECORAÇÃO	PATOLOGIA
35	Antropomorfo	Cabeça	17 cm	08 cm	Pintura	Ausente

Foto: frontal

Foto lateral



SIMBOLOGIA	INDIVIDUALI-ZAÇÃO	SEXUALIDADE	FAIXA ETÁRIA	OBSERVAÇÕES
Mancha no pes-coço, que su-gere uma quei-madura	Ausente	Não identificado	Adulto	Peça esculpida com olhos, nariz, orelha em relevo, pintura dos olhos e boca em preto. Nariz e sobrance-lhas que lembram traços femininos. Madeira Umburana

Foto de marca no pescoço

Foto Bump Map.



**Corpos umburana: Ex-votos do Senhor do Bonfim- - Queimadas Dirceu Arcoverde-PI
sob aportes da Arqueologia das Corporalidades**

Mestranda: Crisvanete de Castro Aquino
Orientadora: Dra. Vanessa Linke Ano: 2023.

EX-VOTO	MORFOLOGIA	TIPOLOGIA	COMPRI-MENTO	LARGURA	DECORAÇÃO	PATOLOGIA
36	Antropomorfo	Cabeça	17 cm	08 cm	Escrita	Ausente

Foto: frontal



Foto posterior



SIMBOLOGIA	INDIVIDUALI-ZAÇÃO	SEXUALIDADE	FAIXA ETÁRIA	OBSERVAÇÕES
Ausente	Maria Luiza de Jesus	Feminino	Adulta	Peça esculpida com olhos, nariz, orelha em relevo pouco profundo, escrita na parte posterior da cabeça Madeira Umburana

Foto da identificação

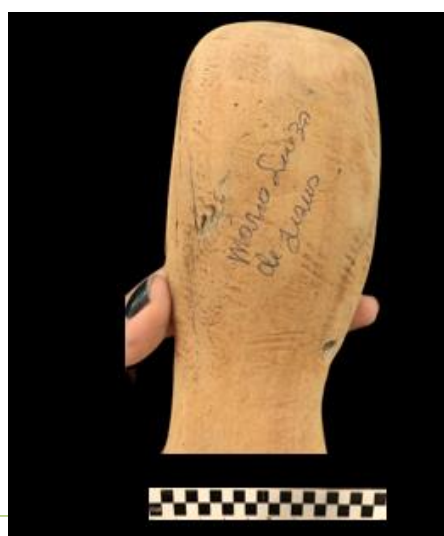


Foto da cabeça em pé



Foto Bump Map



**Corpos umburana: Ex-votos do Senhor do Bonfim- - Queimadas Dirceu Arcoverde-PI
sob aportes da Arqueologia das Corporalidades**

Mestranda: Crisvanete de Castro Aquino
Orientadora: Dra. Vanessa Linke Ano: 2023.

Ex-voto	MORFOLOGIA	TIPOLOGIA	COMPRI-MENTO	LARGURA	DECORAÇÃO	PATOLOGIA
37	Antropomorfo	Cabeça	15 cm	08 cm	Pintura	Ausente

Foto: frontal

Foto lateral



SIMBOLOGIA	INDIVIDUALIZAÇÃO	SEXUALIDADE	FAIXA ETÁRIA	OBSERVAÇÕES
Mancha na parte posterior da cabeça, furo no pescoço e mancha na face esquerda	Ricardo	Masculino	Não identificada	Peça esculpida com olhos, nariz, orelha em relevo, marca de furo na face esquerda. Madeira Umburana

Foto da marca de doença

Foto cabeça em pé

Foto Bump Map.



**Corpos umburana: Ex-votos do Senhor do Bonfim- - Queimadas Dirceu
Arcoverde-PI sob aportes da Arqueologia das Corporalidades**

Mestranda: Crisvanete de Castro Aquino
Orientadora: Dra. Vanessa Linke Ano: 2023.

EX-VOTO	MORFOLOGIA	TIPOLOGIA	COMPRIMENTO	LARGURA	DECORAÇÃO	PATOLOGIA
38	Antropomorfo	Cabeça	16 cm	07 cm	Ausente	Estrada

Foto: frontal

Foto verso



SIMBOLOGIA	INDIVIDUALIZAÇÃO	SEXUALIDADE	FAIXA ETÁRIA	OBSERVAÇÕES
Ausente	Ausente	Masculino	Adulto	Peça esculpida com olhos, nariz, orelha em relevo pouco profundos, Madeira umburana

Foto perspectiva

Foto Bump Map



**Corpos umburana: Ex-votos do Senhor do Bonfim- - Queimadas Dirceu Arcoverde-PI
sob aportes da Arqueologia das Corporalidades**

Mestranda: Crisvanete de Castro Aquino
Orientadora: Dra. Vanessa Linke Ano: 2023.

EX-VOTO	MORFOLOGIA	TIPOLOGIA	COMPRI-MENTO	LARGURA	DECORAÇÃO	PATOLOGIA
39	Antropomorfo	Cabeça	9,3 cm	4,5 cm	Ausente	Ausente

Foto: frontal



Foto lateral



SIMBOLOGIA	INDIVIDUALIZAÇÃO	SEXUALIDADE	FAIXA ETÁRIA	OBSERVAÇÕES
Ausente	Ausente	Não identificada	Adulto	Peça esculpida com olhos, nariz, orelha em relevo, marca de furo na face esquerda. Madeira Umburana

Foto Bump Map.



**Corpos umburana: Ex-votos do Senhor do Bonfim- - Queimadas Dirceu Arcoverde-PI
sob aportes da Arqueologia das Corporalidades**

Mestranda: Crisvanete de Castro Aquino
Orientadora: Dra. Vanessa Linke Ano: 2023.

EX-VOTO	MORFOLOGIA	TIPOLOGIA	COMPRIMENTO	LARGURA	DECORAÇÃO	PATOLOGIA
40	Antropomorfo	Cabeça	10 cm	6 cm	Ausente	Ausente

Foto: frontal



Foto lateral



SIMBOLOGIA	INDIVIDUALIZAÇÃO	SEXUALIDADE	FAIXA ETÁRIA	OBSERVAÇÕES
Marca de furo perto da orelha esquerda	Ausência	Não identificada	Adulto	Peça esculpida com olhos, nariz, orelha em relevo, marca de furo na face esquerda. Madeira Umburana

Foto Bump Map.



**Corpos Umburana: Ex-Votos do Senhor do Bonfim - Queimadas Dirceu Arcoverde-PI
Sob Aportes da Arqueologia das Corporalidades**

Mestranda: Crisvanete de Castro Aquino

Orientadora: Dra. Vanessa Linke Ano: 2023.

EX-VOTO	MORFOLOGIA	TIPOLOGIA	COMPRIMENTO	LARGURA	DECORAÇÃO	PATOLOGIA
41	Antropomorfo	Cabeça	12,5 cm	6 cm	Pintura	Ausente

Foto: frontal



Foto lateral



SIMBOLOGIA	INDIVIDUALIZAÇÃO	SEXUALIDADE	FAIXA ETÁRIA	OBSERVAÇÕES
Ausente	Ausente	Feminino	Adulto	Peça com cabelo esculpido emoldurando o rosto, sobrancelhas e cabelos pintados de preto. Madeira Umburana

Foto Bump Map



**Corpos umburana: Ex-votos do Senhor do Bonfim- - Queimadas Dirceu Arcoverde-PI
sob aportes da Arqueologia das Corporalidades**

Mestranda: Crisvanete de Castro Aquino
Orientadora: Dra. Vanessa Linke Ano: 2023.

EX-VOTO	MORFOLOGIA	TIPOLOGIA	COMPRIMENTO	LARGURA	DECORAÇÃO	PATOLOGIA
42	Antropomorfo	Cabeça	11 cm	08 cm	Ausente	Estrada

Foto: frontal

Foto lateral



SIMBOLOGIA	INDIVIDUALIZAÇÃO	SEXUALIDADE	FAIXA ETÁRIA	OBSERVAÇÕES
Contorno no nariz, pode representar algum ferimento	Lívia	Feminino	Adulto	Peça esculpida com olhos, nariz, orelha em relevo, marca de contorno do nariz Madeira Umburana

Foto da identificação

Foto Bump Map.



**Corpos umburana: Ex-votos do Senhor do Bonfim- - Queimadas Dirceu Arcoverde-PI
sob aportes da Arqueologia das Corporalidades**

Mestranda: Crisvanete de Castro Aquino
Orientadora: Dra. Vanessa Linke Ano: 2023.

EX-VOTO	MORFOLOGIA	TIPOLOGIA	COMPRIMENTO	LARGURA	DECORAÇÃO	PATOLOGIA
43	Antropomorfo	Cabeça	14 cm	06 cm	Ausente	Estrada

Foto: frontal

Foto perspectiva



SIMBOLOGIA	INDIVIDUALIZAÇÃO	SEXUALIDADE	FAIXA ETÁRIA	OBSERVAÇÕES
Furo na cabeça	Rafael	Masculino	Adulto	Peça esculpida com olhos, nariz, orelha em relevo, marca de furo em cima da cabeça. Madeira Umburana

Foto de Identificação

Foto Bump Map



**Corpos umburana: Ex-votos do Senhor do Bonfim- - Queimadas Dirceu Arcoverde-PI
sob aportes da Arqueologia das Corporalidades**

Mestranda: Crisvanete de Castro Aquino
Orientadora: Dra. Vanessa Linke Ano: 2023.

EX-VOTO	MORFOLOGIA	TIPOLOGIA	COMPRI-MENTO	LARGURA	DECORAÇÃO	PATOLOGIA
44	Antropomorfo	Cabeça	12 cm	09	Ausente	Ausente

Foto: frontal

Foto lateral



SIMBOLOGIA	INDIVIDUA-LIZAÇÃO	SEXUALIDADE	FAIXA ETÁRIA	OBSERVAÇÕES
Marca no pes-coço	Ausente	Masculino	Adulto	Peça esculpida com olhos, nariz, orelha em relevo, marca de corte no pescoço Madeira Umburana

Foto da marca de corte

Foto Bump Map



**Corpos umburana: Ex-votos do Senhor do Bonfim- - Queimadas Dirceu Arcoverde-PI
sob aportes da Arqueologia das Corporalidades**

Mestranda: Crisvanete de Castro Aquino
Orientadora: Dra. Vanessa Linke Ano: 2023.

EX-VOTO	MORFOLOGIA	TIPOLOGIA	COMPRI-MENTO	LARGURA	DECORAÇÃO	PATOLOGIA
45	Antropomorfo	Cabeça	10 cm	05 cm	Pintura	Ausente

Foto: frontal



Foto lateral



SIMBOLOGIA	INDIVIDUALI-ZAÇÃO	SEXUALIDADE	FAIXA ETÁRIA	OBSERVAÇÕES
Mancha verme-lha no rosto	Ausente	Masculino	Adulto	Cabeça pintada com tinta da cor do creme, cabelos, olhos com tinta preta, mancha vermelha no rosto alusão a um corte, queimadura ou câncer de pele.,

Foto marca da doença



Foto Bump Map.



**Corpos umburana: Ex-votos do Senhor do Bonfim - - Queimadas Dirceu Arcoverde-PI
sob aportes da Arqueologia das Corporalidades**

Mestranda: Crisvanete de Castro Aquino
Orientadora: Dra. Vanessa Linke Ano: 2023.

EX-VOTO	MORFOLOGIA	TIPOLOGIA	COMPRI-MENTO	LARGURA	DECORAÇÃO	PATOLOGIA
46	Antropomorfo	Cabeça	18 cm	10 cm	Pintura	Mancha de desgaste natural

Foto: Frontal

Foto lateral



SIMBOLOGIA	INDIVIDUALIZAÇÃO	SEXUALIDADE	FAIXA ETÁRIA	OBSERVAÇÕES
Olho cego	Ausente	Feminino	Idosa	Peça esculpida com olhos, nariz, orelha, cabelo e marcas de expressão em relevo, marca de olho esquerdo doente. Madeira pintada dificulta a identificação.

Foto marcas de olho com mancha

Foto Bump Map.



**Corpos umburana: Ex-votos do Senhor do Bonfim- - Queimadas Dirceu Arcoverde-PI
sob aportes da Arqueologia das Corporalidades**

Mestranda: Crisvanete de Castro Aquino
Orientadora: Dra. Vanessa Linke Ano: 2023.

EX-VOTO	MORFOLOGIA	TIPOLOGIA	COMPRI-MENTO	LARGURA	DECORAÇÃO	PATOLOGIA
47	Antropomorfo	Cabeça	10 cm	07 cm	Pintura	Ausente

Foto: frontal



Foto lateral



SIMBOLOGIA	INDIVIDUALIZAÇÃO	SEXUALIDADE	FAIXA ETÁRIA	OBSERVAÇÕES
Mancha vermelho próximo a orelha esquerda	Anita	Feminino	Adulto	Escultura pintada em base cinza, com cabelos e sobrancelhas e olhos pintados de preto. Marca de sangue no ouvido

Foto BumpMap.



**Corpos umburana: Ex-votos do Senhor do Bonfim- - Queimadas Dirceu Arcoverde-PI
sob aportes da Arqueologia das Corporalidades**

Mestranda: Crisvanete de Castro Aquino
Orientadora: Dra. Vanessa Linke Ano: 2023.

EX-VOTO	MORFOLOGIA	TIPOLOGIA	COMPRI- MENTO	LARGURA	DECORAÇÃO	PATOLOGIA
48	Antropomorfo	Cabeça	12,5 cm	03 cm	Pintura	Ausente

Foto: frontal



Foto lateral



SIMBOLOGIA	INDIVIDUALI- ZAÇÃO	SEXUALIDADE	FAIXA ETÁRIA	OBSERVAÇÕES
Mancha verme- lha no ouvido esquerdo	Alexandre	Masculino	Adulto	Escultura pintada em base cinza, com cabelos e sobrancelhas e olhos pinta- dos de preto. Marca de sangue no ou- vido

Foto Perspectiva



Foto Bump Map



**Corpos umburana: Ex-votos do Senhor do Bonfim- - Queimadas Dirceu Arcoverde-PI
sob aportes da Arqueologia das Corporalidades**

Mestranda: Crisvanete de Castro Aquino
Orientadora: Dra. Vanessa Linke Ano: 2023.

EX-VOTO	MORFOLOGIA	TIPOLOGIA	COMPRI- MENTO	LARGURA	DECORAÇÃO	PATOLOGIA
49	Antropomorfo	Cabeça	7 cm	4 cm	Ausente	Ausente

Foto: frontal



Foto lateral



SIMBOLOGIA	INDIVIDUALI- ZAÇÃO	SEXUALIDADE	FAIXA ETÁRIA	OBSERVAÇÕES
Mancha escura no pescoço	Ausente	Não identificado	Não identificado	Peça com com olhos, nariz, boca em relevo suave, com um pescoço grande desproporcional à cabeça. Madeira Umburana

Foto BumpMap.



**Corpos umburana: Ex-votos do Senhor do Bonfim- - Queimadas Dirceu Arcoverde-PI
sob aportes da Arqueologia das Corporalidades**

Mestranda: Crisvanete de Castro Aquino
Orientadora: Dra. Vanessa Linke Ano: 2023.

EX-VOTO	MORFOLOGIA	TIPOLOGIA	COMPRI-MENTO	LARGURA	DECORAÇÃO	PATOLOGIA
50	Antropomorfo	Cabeça	15 cm	11 cm	Pintura	Estrada

Foto: frontal

Foto lateral



SIMBOLOGIA	INDIVIDUALI-ZAÇÃO	SEXUALIDADE	FAIXA ETÁRIA	OBSERVAÇÕES
Ausente	Celma	Feminino	Adulto	Cabeça bidimensional, com olhos e boca levemente esculpida, com olhos, sobrancelha pintados em preto, boca pinotada em vermelho.

Foto BumpMap.



**Corpos umburana: Ex-votos do Senhor do Bonfim- - Queimadas Dirceu Arcoverde-PI
sob aportes da Arqueologia das Corporalidades**

Mestranda: Crisvanete de Castro Aquino
Orientadora: Dra. Vanessa Linke Ano: 2023.

EX-VOTO	MORFOLOGIA	TIPOLOGIA	COMPRI-MENTO	LARGURA	DECORAÇÃO	PATOLOGIA
51	Antropomorfo	Cabeça	30 cm	18 cm	Pintura	Ausente

Foto: frontal



Foto lateral



SIMBOLOGIA	INDIVIDUALIZAÇÃO	SEXUALIDADE	FAIXA ETÁRIA	OBSERVAÇÕES
Ausente	ausente	Feminino	Adulto	Peça esculpida com traços de relevo bem marcados, formando cabelo longos e lisos, sobrancelha e olhos marcados com tinta e lábio pintados de rosa.

Foto BumpMap.



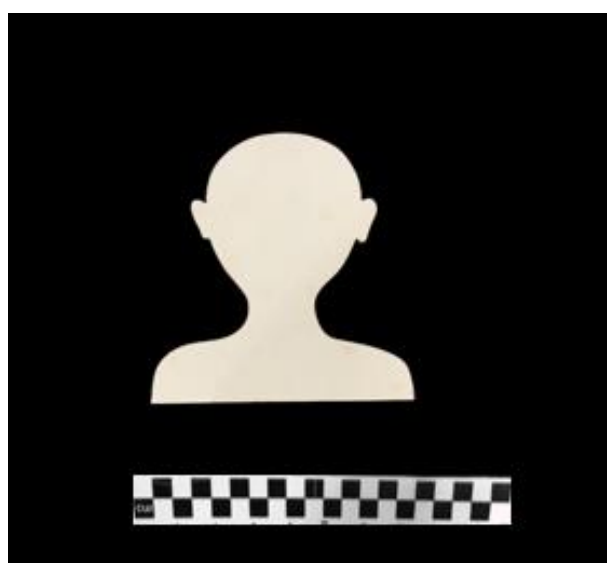
**Corpos umburana: Ex-votos do Senhor do Bonfim- - Queimadas Dirceu Arcoverde-PI
sob aportes da Arqueologia das Corporalidades**

Mestranda: Crisvanete de Castro Aquino

Orientadora: Dra. Vanessa Linke Ano: 2023.

EX-VOTO	MORFOLOGIA	TIPOLOGIA	COMPRI-MENTO	LARGURA	DECORAÇÃO	PATOLOGIA
52	Antropomorfo	Cabeça	26 cm	20 cm	Ausente	Estrada

Foto: frontal



SIMBOLOGIA	INDIVIDUALIZAÇÃO	SEXUALIDADE	FAIXA ETÁRIA	OBSERVAÇÕES
Ausente	Ausente	Masculino	Não identificado	Peça bidimensional, tipi silhueta, não há detalhes de face, apenas orelhas e provável cabelo curto.

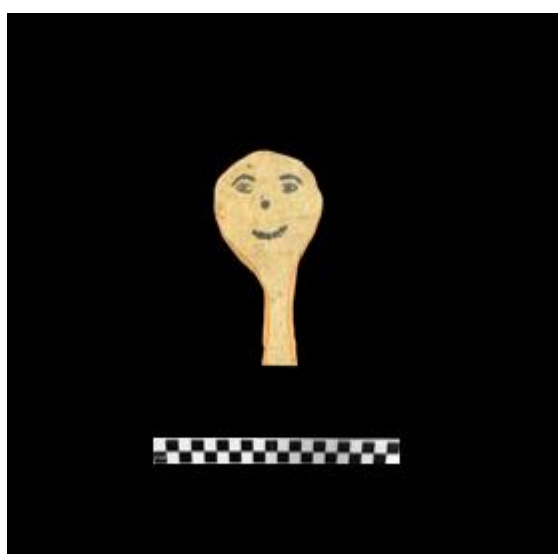
**Corpos umburana: Ex-votos do Senhor do Bonfim- - Queimadas Dirceu Arcoverde-PI
sob aportes da Arqueologia das Corporalidades**

Mestranda: Crisvanete de Castro Aquino

Orientadora: Dra. Vanessa Linke Ano: 2023.

EX-VOTO	MORFOLOGIA	TIPOLOGIA	COMPRI-MENTO	LARGURA	DECORAÇÃO	PATOLOGIA
53	Antropomorfo	Cabeça	10 cm	5 cm	Pintura	Ausente

Foto: frontal



SIMBOLOGIA	INDIVIDUALI-ZAÇÃO	SEXUALIDADE	FAIXA ETÁRIA	OBSERVAÇÕES
Ausente	Ausente	Masculino	Não identificado	Peça bidimensional, cabeça e pes-coço, olhos, sobrancelha e boca pintada de pincel preto, face plana, apenas se projetou o contorno da forma.

**Corpos umburana: Ex-votos do Senhor do Bonfim- - Queimadas Dirceu Arcoverde-PI
sob aportes da Arqueologia das Corporalidades**

Mestranda: Crisvanete de Castro Aquino
Orientadora: Dra. Vanessa Linke Ano: 2023.

Ex-voto	MORFOLOGIA	TIPOLOGIA	COMPRIMENTO	LARGURA	DECORAÇÃO	PATOLOGIA
54	Antropomorfo	Corpo inteiro	73 cm	Ombros: 23 cm Cintura 23 Quadril 16 cm	Pintura	Ausente

Foto: Frontal



Foto: Lateral



SIMBOLOGIA	INDIVIDUALIZAÇÃO	SEXUALIDADE	FAIXA ETÁRIA	OBSERVAÇÕES
Ausente	Ausente	Masculino	Adulto	Presença de pintura de sobrancelha em preto, nariz olhos e ouvidos esculpidos, braços esculpidos separadamente e colados. Madeira Umburana.

Foto Bump Map



**Corpos umburana: Ex-votos do Senhor do Bonfim- - Queimadas Dirceu Arcoverde-PI
sob aportes da Arqueologia das Corporalidades**

Mestranda: Crisvanete de Castro Aquino
Orientadora: Dra. Vanessa Linke Ano: 2023.

Ex-voto	MORFOLOGIA	TIPOLOGIA	COMPRIMENTO	LARGURA	DECORAÇÃO	PATOLOGIA
55	Antropomorfo	Corpo inteiro	46 cm	Ombros: 18 cm Cintura 12 cm Quadril 14 cm	Pintura/ Verniz	Ausente

Foto: Frontal



Foto: Verso



SIMBOLOGIA	INDIVIDUALIZAÇÃO	SEXUALIDADE	FAIXA ETÁRIA	OBSERVAÇÕES
Pênis com fimose	Ausente	Masculino	Infantil	Presença de pintura de sobrancelha e cabelo com tinta preta, nariz, olhos e ouvidos esculpidos, braços esculpidos separadamente e colados. Madeira Umburana envernizada, presença de órgão sexual masculino

Foto Bump Map



**Corpos umburana: Ex-votos do Senhor do Bonfim - - Queimadas Dirceu Arcoverde-PI
sob aportes da Arqueologia das Corporalidades**

Mestranda: Crisvanete de Castro Aquino
Orientadora: Dra. Vanessa Linke Ano: 2023.

Ex-voto	MORFOLOGIA	TIPOLOGIA	COMPRIMENTO	LARGURA	DECORAÇÃO	PATOLOGIA
56	Antropomorfo	Corpo inteiro	29 cm	Ombros: 8 cm Cintura 4 cm Quadril 6 cm	Ausente	Falta o pé direito, marca de quebra e não de intencionalidade na confecção.

Foto: Frontal

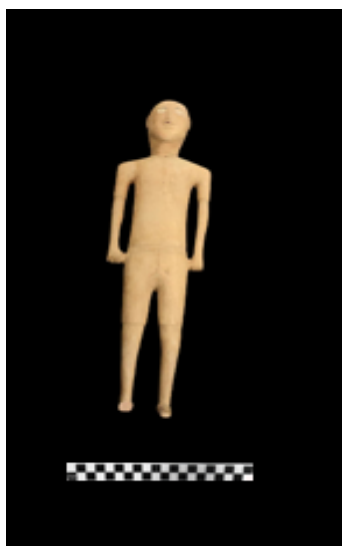
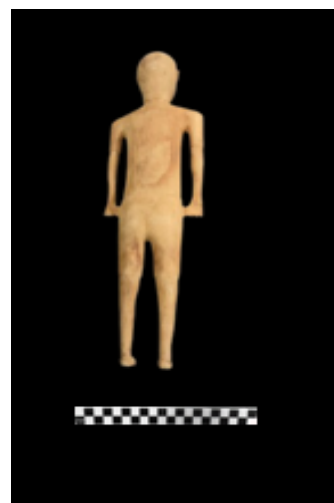
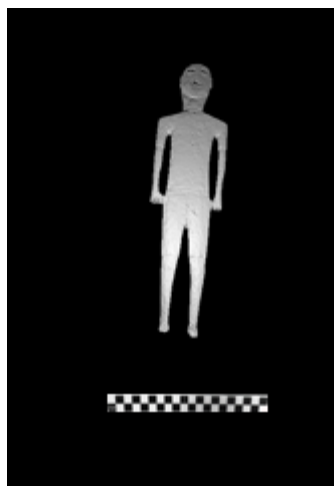


Foto: Lateral



SIMBOLOGIA	INDIVIDUALIZAÇÃO	SEXUALIDADE	FAIXA ETÁRIA	OBSERVAÇÕES
Ausente	Ausente	Masculino	Adulto	Peça esculpida com roupa apresenta camiseta e short em relevo em relação às pernas e pernas. Falta o pé direito, fratura após o depósito, embora não se tenha identificado o pé no local. Madeira Umburana

Foto Bump Map



Marca de doença



**Corpos umburana: Ex-votos do Senhor do Bonfim- - Queimadas Dirceu Arcoverde-PI
sob aportes da Arqueologia das Corporalidades**

Mestranda: Crisvanete de Castro Aquino
Orientadora: Dra. Vanessa Linke Ano: 2023.

Ex-voto	MORFOLOGIA	TIPOLOGIA	COMPRIMENTO	LARGURA	DECORAÇÃO	PATOLOGIA
57	Antropomorfo	Corpo in-teiro	30 cm	Ombros: 12 cm Cintura saia: 10 cm	Escrito de caneta azul	Ausente

Foto: Frontal



SIMBOLOGIA	INDIVIDUALIZAÇÃO	SEXUALIDADE	FAIXA ETÁRIA	OBSERVAÇÕES
Ausente	Juciel Val Rodrigues	Feminino	Adulto	Peça esculpida com roupa em forma de vestido denotando a figura feminina. Rosto com expressão de sorriso, olhos, nariz e boca representada por sulcos pouco profundos. Nome escrito de caneta azul. Madeira Umburana

Foto Bump Map



**Corpos umburana: Ex-votos do Senhor do Bonfim- - Queimadas Dirceu Arcoverde-PI
sob aportes da Arqueologia das Corporalidades**

Mestranda: Crisvanete de Castro Aquino
Orientadora: Dra. Vanessa Linke Ano: 2023.

Ex-voto	MORFOLOGIA	TIPOLOGIA	COMPRIMENTO	LARGURA	DECORAÇÃO	PATOLOGIA
59	Antropomorfo	Corpo inteiro	14 cm	Ombros: 4cm Cintura 4 cm Quadril 6 cm	Verniz	Ausente

Foto: Frontal



Foto: verso



SIMBOLOGIA	INDIVIDUALIZAÇÃO	SEXUALIDADE	FAIXA ETÁRIA	OBSERVAÇÕES
Cordão umbilical envolta do pescoço	Ausente	Masculino	Infantil	Escultura de uma criança com o cordão umbilical envolta do pescoço, cabeça virada para o lado direito, presença de órgão sexual masculino, a peça tem uma base. Madeira Umburana

Foto Bump Map



**Corpos umburana: Ex-votos do Senhor do Bonfim- - Queimadas Dirceu Arcoverde-PI
sob aportes da Arqueologia das Corporalidades**

Mestranda: Crisvanete de Castro Aquino
Orientadora: Dra. Vanessa Linke Ano: 2023.

Ex-voto	MORFOLOGIA	TIPOLOGIA	COMPRIMENTO	LARGURA	DECORAÇÃO	PATOLOGIA
60	Antropomorfo	Corpo inteiro	43 cm	Ombros: 12 cm Cintura 10 cm Quadril 10 cm	Pintura/ roupa de tecido	Ausente

Foto: Frontal



Foto: Verso



SIMBOLOGIA	INDIVIDUALIZAÇÃO	SEXUALIDADE	FAIXA ETÁRIA	OBSERVAÇÕES
Ausente	Ausente	Feminino	Adulto	Presença de pintura de sobrancelha e olhos em peto, nariz, olhos e ouvidos esculpidos, braços esculpidos separadamente e colados. Apresenta roupa tipo vestido em tecido de renda com lantejoulas, na cor branca. Madeira Umburana

Foto Bump Map



**Corpos umburana: Ex-votos do Senhor do Bonfim- - Queimadas Dirceu Arcoverde-PI
sob aportes da Arqueologia das Corporalidades**

Mestranda: Crisvanete de Castro Aquino
Orientadora: Dra. Vanessa Linke Ano: 2023.

Ex-voto	MORFOLOGIA	TIPOLOGIA	COMPRIMENTO	LARGURA	DECORAÇÃO	PATOLOGIA
61	Antropomorfo	Corpo in-teiro	57 cm	Ombros: 20 cm Cintura 14 cm Quadril 12 cm	Pintura, roupas de tecido	Ausente

Foto: Frontal



Foto: verso



SIMBOLOGIA	INDIVIDUALIZAÇÃO	SEXUALIDADE	FAIXA ETÁRIA	OBSERVAÇÕES
Ausente	Zaquel	Masculino	Infantil	Presença de pintura de sobrancelha, olhos em tinta preta, boca com contorno vermelho, naria em relevo. Escultura com roupas de bebe, e escrito na camisa o nome Zaquel de caneta. Madeira Umburana

Foto Bump Map



**Corpos umburana: Ex-votos do Senhor do Bonfim- - Queimadas Dirceu Arcoverde-PI
sob aportes da Arqueologia das Corporalidades**

Mestranda: Crisvanete de Castro Aquino
Orientadora: Dra. Vanessa Linke Ano: 2023.

EX-VOTO	MORFOLOGIA	TIPOLOGIA	COMPRI- MENTO	LARGURA	DECORAÇÃO	PATOLOGIA
62	Antropomorfo	Perna/pé es- querda	23,5 cm	6 cm	Verniz/Escrita	Ausente

Foto: frontal

Foto da lateral



SIMBOLOGIA	INDIVIDUA- LIZAÇÃO	SEXUALIDADE	FAIXA ETÁRIA	OBSERVAÇÕES
Corte próximo ao calcanhar	Crisvanete	Feminino	Adulto	Peça entalhada de forma inteira, formada por canela e pé, dedos levemente entalhados, escrito o nome Crisvanete e a data de 25/01/2023. Peça envernizada

Foto de identificação/ fratura no calcanhar

Foto Bump Map



Corpos umburana: Ex-votos do Senhor do Bonfim- - Queimadas Dirceu Arco-verde-PI sob aportes da Arqueologia das Corporalidades

Mestranda: Crisvanete de Castro Aquino
Orientadora: Dra. Vanessa Linke Ano: 2023.

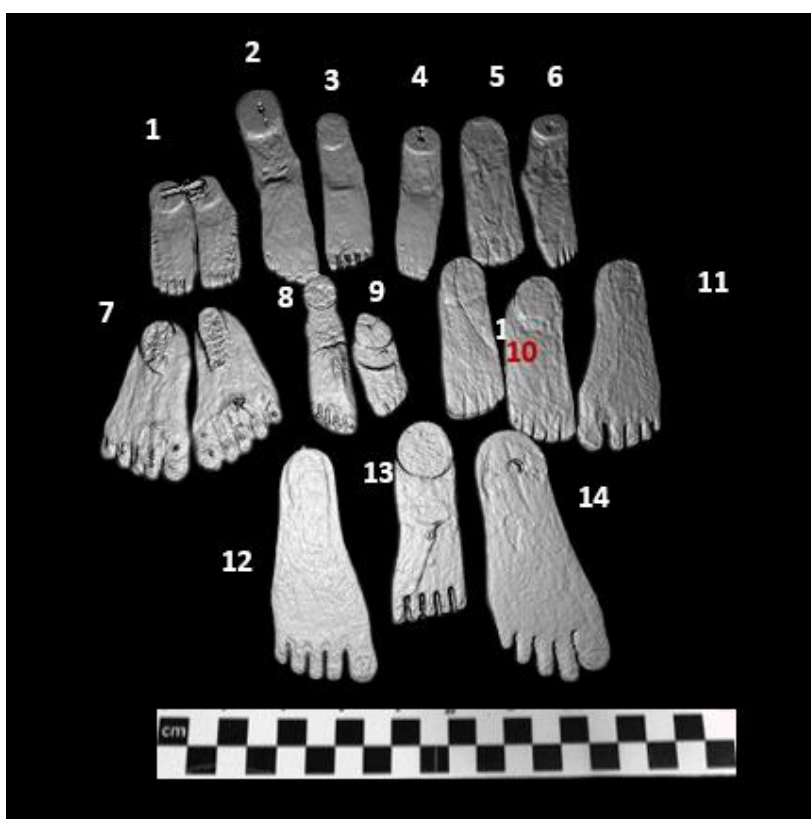
Conj. 01	MORFOLOGIA	TIPOLOGIA	COM- PRI- MENTO	LAR- GURA	DECORAÇÃO	PATOLO- GIA
01	Antropomorfo	02 Pés	10 cm	2,5 cm	Escrito	Ausente
02	Antropomorfo	Pé direito	14 cm	4 cm	Ausente	Ausente
03	Antropomorfo	Pé esquerdo	12 cm	4 cm	Escrito	Ausente
04	Antropomorfo	Pé direito	10 cm	3,5 cm	Ausente	Ausente
05	Antropomorfo	Pé esquerdo	14 cm	4 cm	Escrito	Ausente
06	Antropomorfo	Pé esquerdo	10 cm	3,5 cm	Ausente	Ausente
07	Antropomorfo	02 pés	10 cm	8 cm	Verniz/escrito	Ausente
08	Antropomorfo	Pé direito	10 cm	2,5 cm	Pintado	Ausente
09	Antropomorfo	Pé esquerdo	6 cm	3,5 cm	Pintado	Ausente
10	Antropomorfo	02 pés	13,5 cm	4,5 cm	Escrito	Ausente
11	Antropomorfo	Pé esquerdo	18,5 cm	6,5 cm	Verniz	Ausente
12	Antropomorfo	Pé es	14 cm	5 cm	Verniz	Ausente
13	Antropomorfo		10 cm	2 cm	Verniz	Ausente
14	Antropomorfo	Pé direito	20 cm	8 cm	Ausente	Ausente

Foto perspectiva/ conjunto.1



SIMBOLOGIA	INDIVIDUALIZAÇÃO	SEXUALIDADE	FAIXA ETÁRIA	OBSERVAÇÕES
1/ Pés juntos	Lara Kelly	Feminino	Infantil	Pés de recém-nascida, pés juntos, ambos com a identificação da criança em caneta azul. Presos por um cordão
2/Ausente	Ausente	Ausente	Jovem	Pé conectado a canela formando uma curva com excesso de madeira, formando uma sobre de tecido
3/Dedo mínimo cortado	Nilsa	Feminino	Infantil	Ausência do dedo mínimo, pé pequeno assinado no solado do pé
4/Pé torto	Ausente	Não identificado	Infantil	Pé com curvatura torta entre a canela e os dedos.
5/Ausente	Ausente	Não identificado	Não identificado	Pé esculpido e as marcas de dedos superficiais
6/Pé torto	Ausente	Não identificado	Infantil	Pé com curvatura torta entre a canela e os dedos/ forma o par com o pé 04, pertence a mesma criança
7/Pés juntos	Benjanny Willians	Feminino	Infantil	Pés pintado sem marrom e envernizado, além da assinatura tem a história da graça alcançada.
8/Pé fraturado	Ausente	Não identificado	Infantil	Pintado em marrom
9/Ausente	Ausente	Não identificado	Infantil	Pé de recém-nascido
10/ Ausente	Anna Júlia	Feminino	Infantil	Pés pertencentes à mesma pessoa, com nome de identificação
11/Ausente	Ausente	Não identificado	Adulto	Pé com os dedos largos e base larga
12/Ausente	Ausente	Não identificado	Adulto	Pé comprido com unhas marcadas
13/Ausente	Ausente	Não identificado	Infantil	Pé envernizado com verniz amarelo
14/ Ausente	Ausente	Não identificado	Adulto	Presença de uma marca de fratura na parte de cima do pé.

Foto Bump Map.



Corpos umburana: Ex-votos do Senhor do Bonfim- - Queimadas Dirceu Arco-verde-PI sob aportes da Arqueologia das Corporalidades

Mestranda: Crisvanete de Castro Aquino
Orientadora: Dra. Vanessa Linke Ano: 2023.

Conj.2	MORFOLO-	TIPOLOGIA	COMPRI-	LAR-	DECORA-	PATOLOGIA
01	Antropomorfo	02 Pés/sa-	20 cm	4,5 cm	Verniz	Ausente
02	Antropomorfo	Pé esquerdo	10 cm	6,5 cm	verniz	Ausente
03	Antropomorfo	Pé esquerdo	20,5 cm	3,5 cm	Escrito	Traça
04	Antropomorfo	Pé esquerdo	14 cm	4,5 cm	Escrito	Ausente
05	Antropomorfo	Pé direito	14 cm	5 cm	Escrito	Traça
06	Antropomorfo	Pé direito	17 cm	4,5 cm	Escrito	Ausente
07	Antropomorfo	Pé esquerdo	14 cm	4,5 cm	Ausente	Ausente
08	Antropomorfo	direito	12 cm	5 cm	Escrito	Traça

Foto conjunto 2



SIMBOLOGIA	INDIVIDUALIZAÇÃO	SEXUALIDADE	FAIXA ETÁRIA	OBSERVAÇÕES
1/ Formato de sapato	Ausente	Não identificado	Não identificado	Pés em formato de sapato, ambos com envernizados em amarelo
2/Ausente	Ausente	Ausente	Infantil	Pé em formato de sapato, envernizado em amarelo
3/Dedos faltando as falanges distais de 03 dedos	Maria do Socorro	Feminino	Adulto	Pé com dedos sem as falanges distais dos três dedos: mínimo, médio e anelar, escrito no solado pé Para o Senhor do Bonfim, Maria do Socorro Antenor da Luz
4/Pé torto	Marcia	Feminino	Infantil	Pé com curvatura torta entre a canela e a orientação dos dedos sem definição de unhas, escrito Marcia na lateral do dedo mínimo.
5/ Pé faltando o dedo indicador	Ausente	Masculino	Não identificado	Pé esculpido faltando o dedo anelar
6/Pé torto	Maria	Feminino	Infantil	Pé com curvatura torta entre o pé o tornozelo, escrito Maria na base do pé
7/ Pé reto, sem cava	Ausente	Não identificado	Infantil	Pé sem a definição dos dedos, reto sem cava.
8/ Pé torto	Ismael	Masculino	Infantil	Pé com curvatura torta entre a canela e a orientação dos dedos sem definição da separação entre os dedos, escrito Ismael de caneta.

Foto Bump Map.



**Corpos umburana: Ex-votos do Senhor do Bonfim- - Queimadas Dirceu Arcoverde-PI
sob aportes da Arqueologia das Corporalidades**

Mestranda: Crisvanete de Castro Aquino
Orientadora: Dra. Vanessa Linke Ano: 2023.

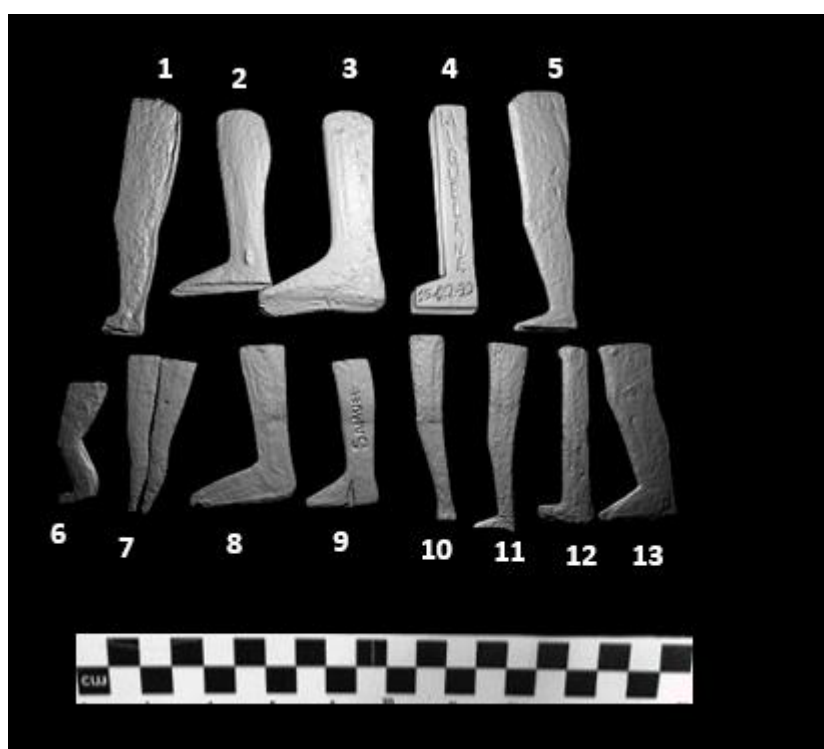
Conj.3	MORFOLOGIA	TIPOLOGIA	COMPRI- MENTO	LARGURA	DECORAÇÃO	PATOLOGIA
01	Antropomorfo	Perna e pé di-	44 cm	3,5cm/2 cm	Ausente	Ausente
02	Antropomorfo	Perna e pé di-	34 cm	2,5 cm/ 12 cm	Pintura/ verniz	Ausente
03	Antropomorfo	Perna e pé es-	34cm	3,5 cm/14 cm	Verniz	Ausente
04	Antropomorfo	Perna e pé di-	38cm	1,5 cm/4 cm	Escrito	Ausente
05	Antropomorfo	Perna e pé es-	46cm	4,5 cm/3cm	Ausente	Ausente
06	Antropomorfo	Perna e pé di-	16 cm	1,5 cm/2 cm	Ausente	Ausente
07	Antropomorfo	02 Pernas	39 cm	2,2 cm/ 1cm	Ausente	Ausente
08	Antropomorfo	Perna e pé es-	35 cm	3,5 cm/ 14 cm	Ausente	Ausente
09	Antropomorfo	Perna e pé es-	42 cm	2,5 cm/ 10 cm	Escrito	Ausente
10	Antropomorfo	Perna e pé es-	42 cm	2,5 cm/ 2 cm	Ausente	Ausente
11	Antropomorfo	Perna e pé di-	40 cm	2,5cm/3 cm	Ausente	Ausente
12	Antropomorfo	Perna e pé di-	42 cm	1,5 cm/ 4 cm	Ausente	Ausente
13	Antropomorfo	Perna e pé es-	42cm	3,5 cm/8 cm	Ausente	Ausente

Foto conjunto 03



SIMBOLOGIA	INDIVIDUALIZAÇÃO	SEXUALIDADE	FAIXA ETÁRIA	OBSERVAÇÕES
1/ Ausente	Ausente	Não identificado	Adulto	Peça esculpida inteira sem marca de doença-perna completa.
2/ Ausente	Ausente	Não identificado	Adulto	Peça esculpida inteira sem marca de doença, pintada em amarelo e envernizada. canela e pé.
3/Ausente	Ausente	Não identificado	Adulto	Peça esculpida inteira sem marca de doença, envernizada. canela e pé.
4/Ausente	Miquelane	Feminino	Adulto	Peça esculpida inteira sem marca de doença. canela e pé.
5/ Ausente	Ausente	Não identificado	Adulto	Peça esculpida inteira sem marca de doença. canela e pé, forma retangular, escrita Miquelane, 12/12/2020.
6/Ausente	Ausente	Não identificado	Infantil	Peça esculpida inteira sem marca de doença. Perna completa e pé. Pé pequeno sugere ser infantil.
7/Ausente	Ausente	Não identificado	Infantil	Peça esculpida inteira sem marca de doença, Perna completa, pé pequeno sugere ser infantil.
8/Ausente	Ausente	Não identificado	Adulto	Duas pernas de proporções pequenas. Peças esculpida inteira sem marca de doença. Sugere ser infantil, pé ausentes
9/Ausente	Samuel	Masculino	Adulto	Peça esculpida inteira sem marca de doença. Canela e pé. Nome em caneta azul, SAMUEL
10Ausente	Ausente	Não identificado	Infantil	Peça esculpida inteira sem marca de doença. Perna completa. Peça de proporções pequenas sugere ser infantil
11/Ausente	Ausente	Não identificado	Infantil	Peça esculpida inteira sem marca de doença. Perna completa. Peça de proporções pequenas sugere ser infantil
12/Ausente	Ausente	Não identificado	Infantil	Peça esculpida inteira sem marca de doença. Perna completa. Peça de proporções pequenas sugere ser infantil
13/ Ausente	Ausente	Não identificado	Infantil	Peça esculpida inteira sem marca de doença- canela e pé.

Foto Bump Map.



**Corpos umburana: Ex-votos do Senhor do Bonfim- - Queimadas Dirceu Arcoverde-PI
sob aportes da Arqueologia das Corporalidades**

Mestranda: Crisvanete de Castro Aquino
Orientadora: Dra. Vanessa Linke Ano: 2023.

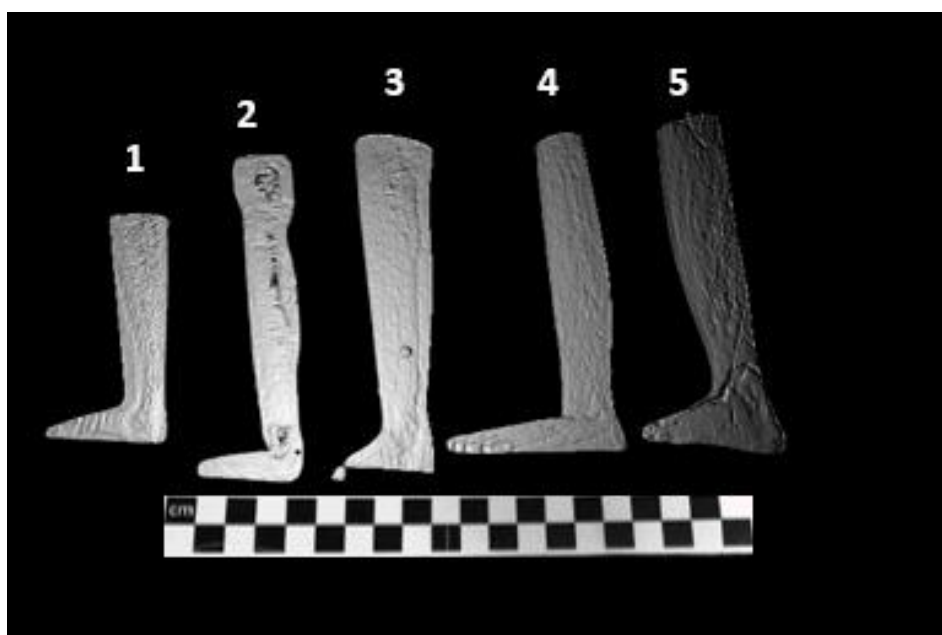
Conj.04	MORFOLOGIA	TIPOLOGIA	COMPRI- MENTO	LARGURA Perna/pé	DECORAÇÃO	PATOLOGIA
01	Antropomorfo	Perna e pé	28 cm	2,5 cm/ 8 cm	Verniz	Ausente
02	Antropomorfo	Perna e pé	40 cm	2 cm/ 5 cm	Verniz	Ausente
03	Antropomorfo	Perna e pé	42 cm	4,5 cm/4 cm	Ausente	Ausente
04	Antropomorfo	Perna e pé	40 cm	1,8 cm/ 24 cm	Ausente	Ausente
05	Antropomorfo	Perna e pé	42 cm	2,5 cm/12 cm	Ausente	Rachadura

Foto perspectiva do conjunto 4



SIMBOLOGIA	INDIVIDUALIZAÇÃO	SEXUALIDADE	FAIXA ETÁRIA	OBSERVAÇÕES
1/ Presença de nódulo no tarso	Ausente	Não identificado	Adulto	Peça envernizada preservando a cor da madeira, nódulo no tarso. Canela e pé
2/Mancha escura na parte da coxa	Ausente	Não identificado	Adulto	Peça com uma mancha escura no tarso. Parte de coxa e pé
3/Pé fragmentado	Ausente	Não identificado	Adulto	Peça fragmentada, não há como precisar se foi antes ou após o depósito na capela, porque pode representar a causa da doença. No local não há o pedaço faltante.
4/Ausente	Ausente	Não identificado	Adulto	Peça esculpida separadamente, porque há evidência da cola da perna no pé. Não há marca da doença
5/ Pé fraturado	Ausente	Não identificado	Adulto	Peça fragmentada, pedaço da perna e pé encaixados para a foto.

Foto Bump Map. Conjunto 4

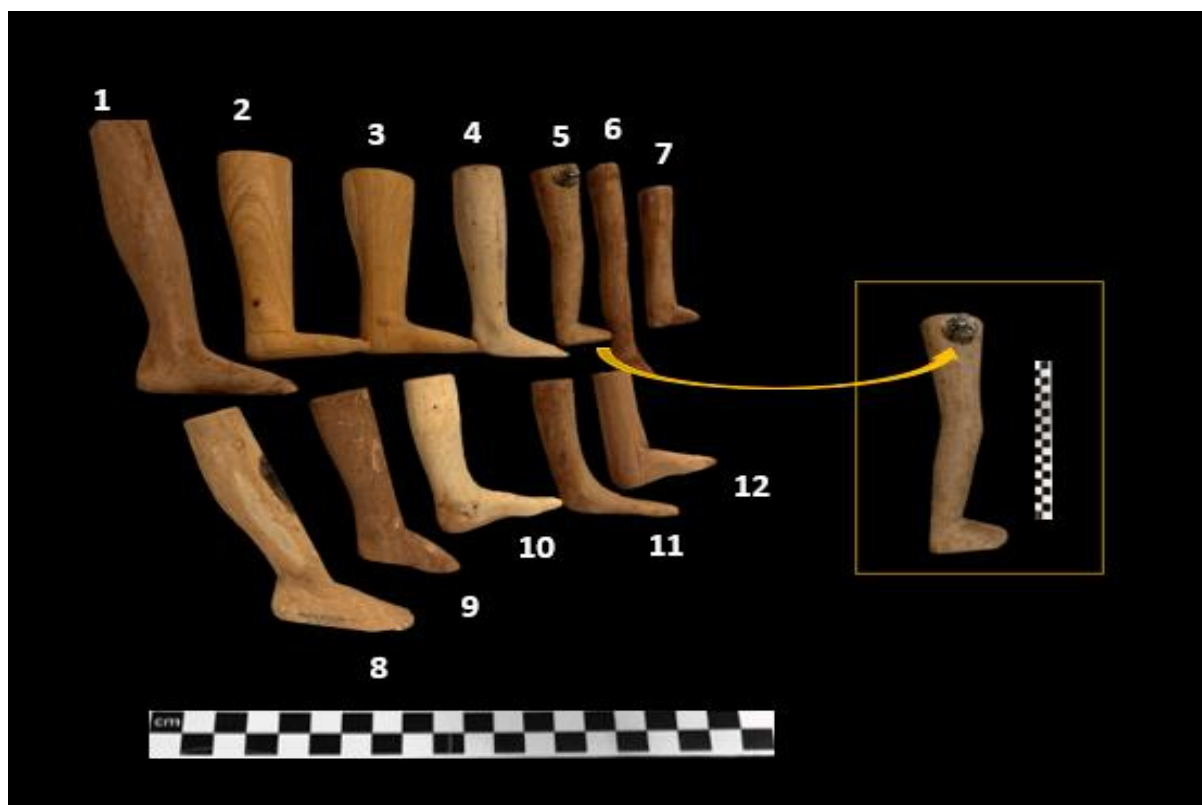


**Corpos umburana: Ex-votos do Senhor do Bonfim- - Queimadas Dirceu Arcoverde-PI
sob aportes da Arqueologia das Corporalidades**

Mestranda: Crisvanete de Castro Aquino
Orientadora: Dra. Vanessa Linke Ano: 2023.

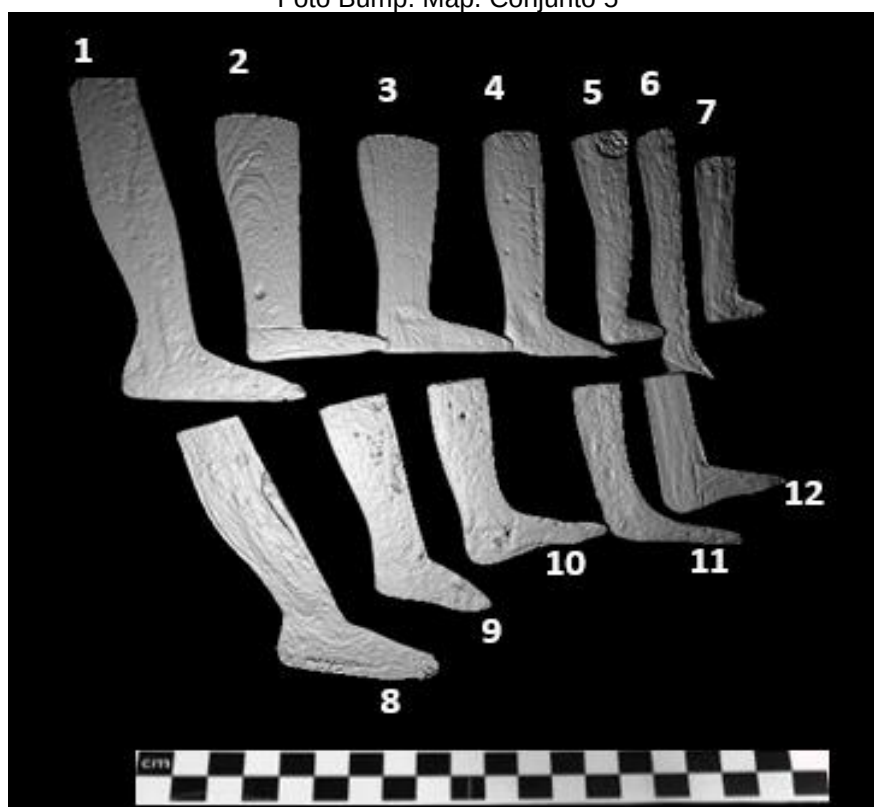
Conj.5	MORFOLOGIA	TIPOLOGIA	COMPRI- MENTO	LARGURA Perna/Pé	DECORAÇÃO	PATOLOGIA
01	Antropomorfo	Perna e pé	40 cm	2,5cm/8 cm	Ausente	Ausente
02	Antropomorfo	Perna e pé	32 cm	4,5 cm/ 6 cm	Verniz	Ausente
03	Antropomorfo	Perna e pé	30 cm	4,5 cm/10 cm	Verniz	Ausente
04	Antropomorfo	Perna e pé	34 cm	2,5 cm/8 cm	Escrito	Ausente
05	Antropomorfo	Perna e pé	34 cm	2,5 cm/6cm	Verniz	Ausente
06	Antropomorfo	Perna e pé	42 cm	2 cm/4 cm	Verniz	Ausente
07	Antropomorfo	Perna e pé	30 cm	2 cm/6 cm	Verniz	Ausente
08	Antropomorfo	Perna e pé	34 cm	3,5 cm/8 cm	Escrito	Ausente
09	Antropomorfo	Perna e pé	30 cm	3,5 cm/6 cm	Pintura	Ausente
10	Antropomorfo	Perna e pé	30 cm	2,5 cm/7cm	Ausente	Ausente
11	Antropomorfo	Perna e pé	28 cm	2,5cm/8 cm	Ausente	Ausente
12	Antropomorfo	Perna e pé	24 cm	3 cm/10 cm	Ausente	Ausente

Foto perspectiva conjunto 05



SIMBOLOGIA	INDIVIDUALI- ZAÇÃO	SEXUALIDADE	FAIXA ETÁRIA	OBSERVAÇÕES
1/ Ausente	Ausente	Não identificado	Adulto	Peça esculpida inteira sem marca de doença- canela e pé.
2/ Ausente	Ausente	Não identificado	Adulto	Peça esculpida separadamente e colada perna/pé- envernizada. canela e pé.
3/Ausente	Ausente	Não identificado	Adulto	Peça esculpida inteira sem marca de doença, envernizada. canela e pé.
4/Ausente	Vitor Emanuel	Masculino	Adulto	Peça esculpida inteira sem marca de doença. canela e pé.
5/ Presença de nódulo na perna	Ausente	Não identificado	Adulto	Peça esculpida inteira com marca de nódulo da doença na coxa. Lado direito, o nódulo é esculpido em cera de abelha. Perna completa e pé
6/Ausente	Ausente	Não identificado	Adulto	Peça esculpida inteira sem marca de doença. Perna completa e pé
7/Ausente	Ausente	Não identificado	Adulto	Peça esculpida inteira sem marca de doença. Canela e pé.
8/Marca de ferida na parte de cima da canela- mancha escura	Maria Anizia	Feminino	Adulto	Peça esculpida inteira sem marca de doença. Canela e pé. Com a presença de mancha escura na parte da frente da canela. Assinatura em canela na base do pé.
9/Ausente	Ausente	Não identificado	Adulto	Peça esculpida inteira sem marca de doença. Peça pintada em marrom.
10/Ausente	Ausente	Não identificado	Adulto	Peça esculpida inteira sem marca de doença. Canela e pé
11/Ausente	Ausente	Não identificado	Adulto	Peça esculpida inteira sem marca de doença. Canela e pé
12/Ausente	Ausente	Não identificado	Adulto	Peça esculpida inteira sem marca de doença. Canela e pé

Foto Bump. Map. Conjunto 5



**Corpos umburana: Ex-votos do Senhor do Bonfim- - Queimadas Dirceu Arcoverde-PI
sob aportes da Arqueologia das Corporalidades**

Mestranda: Crisvanete de Castro Aquino
Orientadora: Dra. Vanessa Linke Ano: 2023.

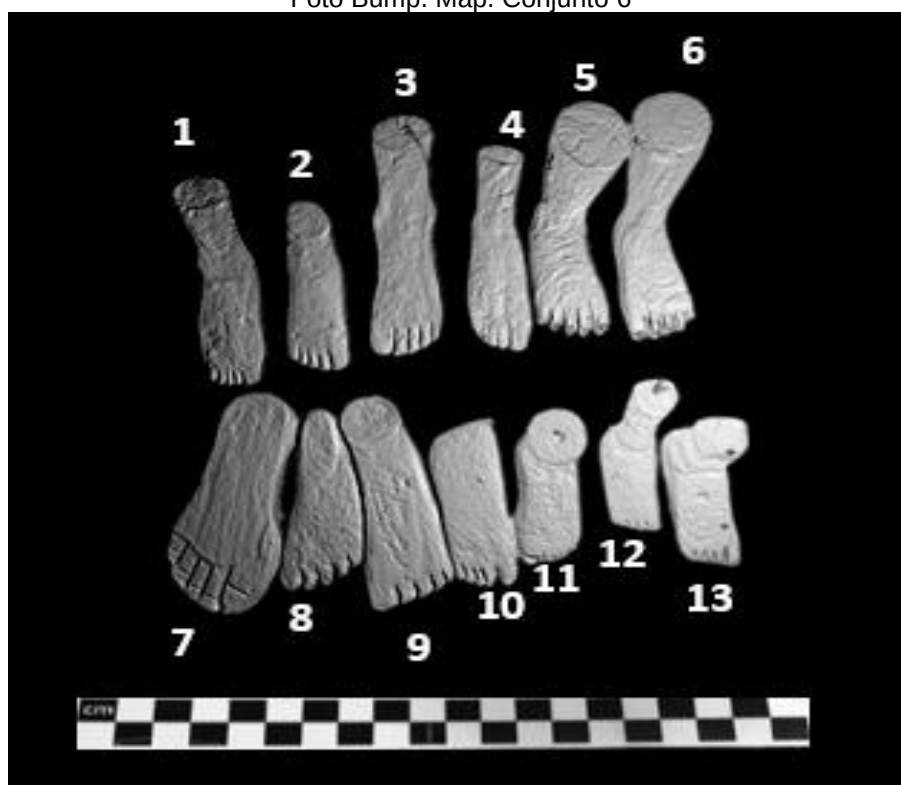
Conj.6	MORFOLOGIA	TIPOLOGIA	COMPRI- MENTO	LARGURA Perna/Pé	DECORAÇÃO	PATOLOGIA
01	Antropomorfo	Perna e pé esquerdo	18 cm	2,5cm/6 cm	Verniz	Ausente
02	Antropomorfo	Perna e pé esquerdo	16 cm	2 cm/ 4 cm	Ausente	Ausente
03	Antropomorfo	Perna e pé direito	25 cm	3 cm/8 cm	Pintado	Ausente
04	Antropomorfo	Perna e pé esquerdo	18 cm	2 cm/4 cm	Pintado	Ausente
05	Antropomorfo	Perna e pé esquerdo	18 cm	4,5 cm/6cm	Ausente	Ausente
06	Antropomorfo	Perna e pé direito	18 cm	4,5 cm/6 cm	Ausente	Ausente
07	Antropomorfo	Pé esquerdo	26 cm	20 cm	Ausente	Ausente
08	Antropomorfo	Pé direito	20 cm	5 cm	Ausente	Ausente
09	Antropomorfo	Perna e pé direito	26 cm	3,5 cm/12 cm	Ausente	Ausente
10	Antropomorfo	Pé esquerdo	20 cm	2,5 cm	Ausente	Ausente
11	Antropomorfo	Perna e pé direito	18 cm	2,5cm/8 cm	Ausente	Ausente
12	Antropomorfo	Perna e pé esquerdo	12 cm	3 cm/10 cm	Pintado	Ausente
13	Antropomorfo	Perna e pé esquerdo	14 cm	2cm/8 cm	Ausente	Ausente

Foto perspectiva: conjunto 6



SIMBOLOGIA	INDIVIDUALI- ZAÇÃO	SEXUALIDADE	FAIXA ETÁRIA	OBSERVAÇÕES
1/ Tornozelo grosso	Ausente	Não identificado	Infantil	Peça esculpida inteira tornozelo grosso, peça envernizada
2/ Ausente	Ausente	Não identificado	Infantil	Peça esculpida inteira sem marca de doença. canela e pé.
3/ Ausente	Ausente	Não identificado	Adulto	Peça esculpida inteira sem marca de doença. canela e pé.
4/Nódulo no pé	Ausente	Não identificado	Infantil	Peça esculpida inteira sem marca de doença. canela e pé, Nódulo na parte da frente da canela
5/ marca de fratura no lado	Ausente	Feminino	Adulto	Peça esculpida inteira, unhas pintadas em preto forma par com o pé e 6.
6/Ausente	Ausente	Feminino	Adulto	Peça esculpida inteira, unhas pintadas em preto forma par com o pé 5
7/Ausente	Ausente	Não identificado	Adulto	Peça reta, dedos definidos, somente o pé.
8/Falta as terminações das falanges	Ausente	Não identificado	Infantil	Peça esculpida inteira sem marca de doença.
9/ Ausente	Ausente	Não identificado	Adulto	Peça esculpida inteira sem marca de doença.
10. Falta o calcanhar	Ausente	Não identificado	Não identificado	Peça esculpida falta o calcanhar, peça fragmentada, soeemnte o pe
11/Ausente	Ausente	Não identificado	Infantil	Peça esculpida inteira sem marca de doença, não definição dos dedos
12/Ausente	Ausente	Não identificado	Infantil	Peça esculpida inteira sem marca de doença. Canela e pé
13/	Ausente	Não identificado	Infantil	Peça esculpida inteira sem marca de doença. Canela e pé

Foto Bump. Map. Conjunto 6



**Corpos umburana: Ex-votos do Senhor do Bonfim- - Queimadas Dirceu Arcoverde-PI
sob aportes da Arqueologia das Corporalidades**

Mestranda: Crisvanete de Castro Aquino
Orientadora: Dra. Vanessa Linke Ano: 2023.

Conj.7	MORFOLOGIA	TIPOLOGIA	COMPRI- MENTO	LARGURA Perna/Pé	DECORAÇÃO	PATOLOGIA
01	Antropomorfo	Perna e pé esquerdo	36cm	6 cm/12 cm	Verniz	Ausente
02	Antropomorfo	Perna e pé esquerdo	32 cm	4cm/ 8cm	Ausente	Ausente
03	Antropomorfo	Perna e pé direito	25 cm	7 cm/16 cm	Ausente	Ausente
04	Antropomorfo	Perna e pé esquerdo	26 cm	5 cm/7 cm	Verniz	Ausente
05	Antropomorfo	Perna e pé esquerdo	20 cm	5 cm/16cm	Ausente	Ausente
06	Antropomorfo	Perna e pé direito	24 cm	6 cm/6 cm	Ausente	Ausente

Foto: perspectiva conjunto 7



SIMBOLOGIA	INDIVIDUALI- ZAÇÃO	SEXUALIDADE	FAIXA ETÁRIA	OBSERVAÇÕES
1/ Ausente	Ausente	Não identificado	Adulto	Peça esculpida inteira sem marca de doença. Perna na altura da coxa e pé.
2/ Ausente	Ausente	Não identificado	Infantil	Peça esculpida inteira sem marca de doença, perna completa e pé.
3/ Ausente	Ausente	Não identificado	Adulto	Peça esculpida inteira sem marca de doença. canela e pé.
4/ Ausente	Ausente	Não identificado	Infantil	Peça esculpida inteira sem marca de doença. canela e pé.
5/ Ausente	Ausente	Não identificado	Adulto	Peça esculpida inteira sem marca de doença. canela e pé.
6/ Ausente	Ausente	Não identificado	Infantil	Peça esculpida inteira sem marca de doença. canela e pé.

Foto Bump. Map. Conjunto 7.



**Corpos umburana: Ex-votos do Senhor do Bonfim- - Queimadas Dirceu Arcoverde-PI
sob aportes da Arqueologia das Corporalidades**

Mestranda: Crisvanete de Castro Aquino
Orientadora: Dra. Vanessa Linke Ano: 2023.

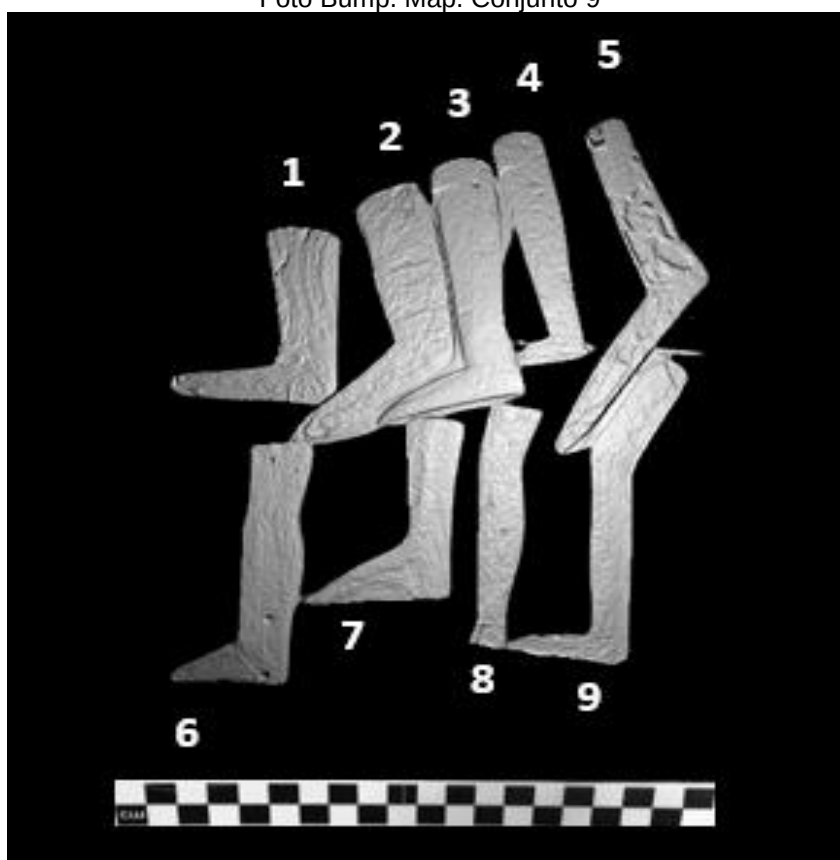
Conj.9	MORFOLOGIA	TIPOLOGIA	COMPRI- MENTO	LARGURA Perna/Pé	DECORAÇÃO	PATOLOGIA
01	Antropomorfo	Perna e pé esquerdo	20 cm	6cm/12 cm	Verniz	Ausente
02	Antropomorfo	Perna e pé esquerdo	22 cm	7 cm/ 21 cm	Ausente	Ausente
03	Antropomorfo	Perna e pé direito	25 cm	5 cm/19 cm	Ausente	Ausente
04	Antropomorfo	Perna e pé esquerdo	26 cm	5 cm/9 cm	Ausente	Ausente
05	Antropomorfo	Perna e pé esquerdo	22 cm	3,5 cm/25cm	Ausente	Ausente
06	Antropomorfo	Perna e pé direito	36 cm	5 cm/12 cm	Ausente	Ausente
07	Antropomorfo	Pé esquerdo	21 cm	4cm/20 cm	Ausente	Ausente
08	Antropomorfo	Pé direito	38 cm	5 cm/ 4 cm	Ausente	Ausente
09	Antropomorfo	Perna e pé direito	55cm	3,5 cm/16 cm	Ausente	Ausente

Foto: perspectiva Conjunto 09



SIMBOLOGIA	INDIVIDUALI- ZAÇÃO	SEXUALIDADE	FAIXA ETÁRIA	OBSERVAÇÕES
1/ Ausente	Ausente	Não identificado	Adulto	Peça esculpida inteira sem marca de doença, envernizada, canela e pé.
2/ Ausente	Ausente	Não identificado	Adulto	Peça esculpida inteira sem marca de doença, canela e pé.
3/ Ausente	Ausente	Não identificado	Adulto	Peça esculpida inteira sem marca de doença, canela e pé.
4/ Ausente	Ausente	Não identificado	Infantil	Peça esculpida inteira sem marca de doença, canela e pé.
5/ Ausente	Ausente	Não identificado	Adulto	Peça esculpida inteira sem marca de doença, canela e pé.
6/Ausente	Ausente	Não identificado	Adulto	Peça esculpida inteira sem marca de doença, perna na altura da coxa.
7/Ausente	Ausente	Não identificado	Adulto	Peça esculpida inteira sem marca de doença, canela e pé.
8/Falta o pé	Ausente	Não identificado	Não identificado	Peça esculpida inteira sem marca de doença, perna completa sem o pé.
9/Ausente	Ausente	Não identificado	Adulto	Peça esculpida inteira sem marca de doença, perna completa e pé

Foto Bump. Map. Conjunto 9



**Corpos umburana: Ex-votos do Senhor do Bonfim- - Queimadas Dirceu Arcoverde-PI
sob aportes da Arqueologia das Corporalidades**

Mestranda: Crisvanete de Castro Aquino
Orientadora: Dra. Vanessa Linke Ano: 2023.

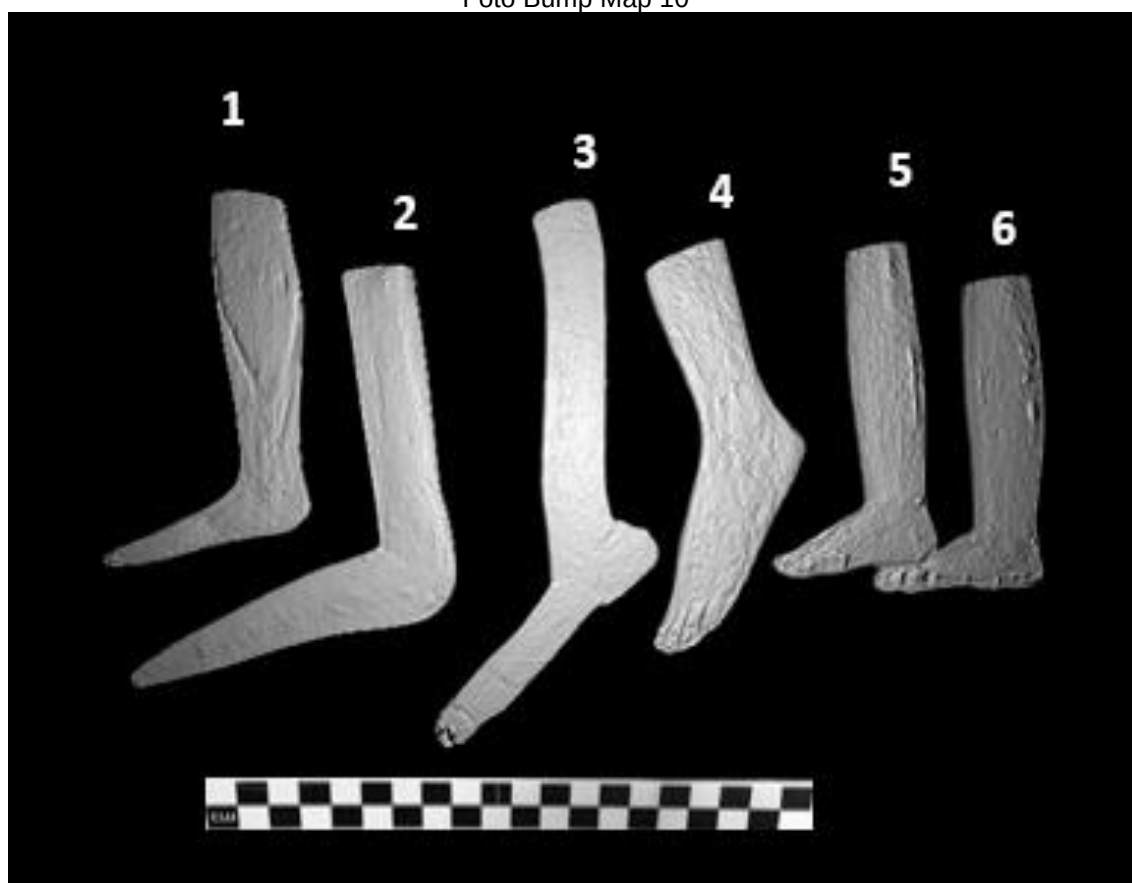
Conj.10	MORFOLOGIA	TIPOLOGIA	COMPRI- MENTO	LARGURA Perna/Pé	DECORAÇÃO	PATOLOGIA
01	Antropomorfo	Perna e pé esquerdo	22 cm	5 cm/16 cm	Verniz	Ausente
02	Antropomorfo	Perna e pé esquerdo	27 cm	4 cm/ 26 cm	Pintada	Ausente
03	Antropomorfo	Perna e pé di- reito	30 cm	4 cm/24 cm	Pintado	Ausente
04	Antropomorfo	Perna e pé esquerdo	18 cm	6 cm/20 cm	Pintada	Ausente
05	Antropomorfo	Perna e pé esquerdo	24 cm	4,5 cm/16cm	Pintada	Desgaste da pintura
06	Antropomorfo	Perna e pé di- reito	21cm	5 cm/16 cm	Pintado	Desgaste da pintura

Foto: perspectiva 10



SIMBOLOGIA	INDIVIDUALI- ZAÇÃO	SEXUALIDADE	FAIXA ETÁRIA	OBSERVAÇÕES
1/ Ausente	Ausente	Não identificado	Adulto	Peça esculpida inteira sem marca de doença, canela e pé, envernizada
2/ Ausente	Ausente	Não identificado	Adulto	Peça esculpida inteira sem marca de doença, canela e pé.
3/ Ausente	Ausente	Não identificado	Adulto	Peça esculpida inteira sem marca de doença, canela e pé. Pintada de vermelho intenso, unhas pintadas de branco
4/ Ausente	Ausente	Não identificado	Adulto	Peça esculpida inteira sem marca de doença. canela e pé, envernizada
5/ Ausente	Ausente	Feminino	Adulto	Peça esculpida inteira sem marca de doença, canela e pé, pintado de marrom.
6/Ausente	Ausente	Feminino	Adulto	Peça esculpida inteira sem marca de doença, canela e pé, pintado de marrom.

Foto Bump Map 10



**Corpos umburana: Ex-votos do Senhor do Bonfim- - Queimadas Dirceu Arcoverde-PI
sob aportes da Arqueologia das Corporalidades**

Mestranda: Crisvanete de Castro Aquino
Orientadora: Dra. Vanessa Linke Ano: 2023.

Conj.11	MORFOLOGIA	TIPOLOGIA	COMPRI- MENTO	LARGURA Perna/Pé	DECORAÇÃO	PATOLOGIA
01	Antropo- morfo	Perna e pé esquerdo	12 cm	4 cm/16 cm	Pintado	Ausente
02	Antropo- morfo	Perna e pé esquerdo	15 cm	6 cm/18 cm	Pintado	Ausente

Foto: perspectiva conjunto 11



SIMBOLOGIA	INDIVIDUALI- ZAÇÃO	SEXUALIDADE	FAIXA ETÁRIA	OBSERVAÇÕES
1/ Tornozelo grosso	Ausente	Não identificado	Adulto	Peça esculpida inteira sem marca de doença, pinotado de marrom
2/ Ausente	Ausente	Não identificado	Adulto	Peça esculpida inteira sem marca de doença, pinotado de marrom

Foto Bump Map conjunto 11



**Corpos umburana: Ex-votos do Senhor do Bonfim- - Queimadas Dirceu Arcoverde-PI
sob aportes da Arqueologia das Corporalidades**

Mestranda: Crisvanete de Castro Aquino
Orientadora: Dra. Vanessa Linke Ano: 2023.

Conj.12	MORFOLOGIA	TIPOLOGIA	COMPRI- MENTO	LARGURA Perna/Pé	DECORAÇÃO	PATOLOGIA
01	Antropomorfo	Perna e pé esquerdo	15 cm	4,5cm/20cm	Verniz	Ausente
02	Antropomorfo	Perna e pé esquerdo	18 cm	6 cm/ 21 cm	Pintura	Ausente
03	Antropomorfo	Perna e pé esquerdo	24 cm	7 cm/15 cm	Pintura	Ausente
04	Antropomorfo	Perna e pé direito	25 cm	8 cm/12cm	Pintura	Ausente
05	Antropomorfo	Perna e pé esquerdo	28 cm	3,5 cm/9cm	Verniz	Ausente
06	Antropomorfo	Perna e pé direito	24 cm	6 cm/11 cm	Ausente	Ausente
07	Antropomorfo	Perna e pé direito	28 cm	6 cm/10 cm	Ausente	Ausente
08	Antropomorfo	Perna e pé esquerdo	23cm	8 cm/12 cm	Ausente	Ausente
09	Antropomorfo	Perna e pé direito	20cm	10 cm/17 cm	Ausente	Ausente
10	Antropomorfo	Perna e pé esquerdo	30cm	6 cm/10cm	Ausente	Ausente
11	Antropomorfo	Perna e pé esquerdo	32cm	9 cm/12 cm	Ausente	Ausente
12	Antropomorfo	Perna e pé esquerdo	30cm	6 cm/6 cm	Ausente	Ausente
13	Antropomorfo	Perna e pé direito	38cm	3,5 cm/5 cm	Ausente	Ausente
14	Antropomorfo	Perna e pé direito	30cm	9 cm/18 cm	Ausente	Ausente
15	Antropomorfo	Perna e pé esquerdo	28cm	7 cm/15 cm	Ausente	Ausente
16	Antropomorfo	Perna e pé direito	24cm	6 cm/ 9 cm	Ausente	Ausente

Foto: perspectiva conjunto 12



SIMBOLOGIA	INDIVIDUALIZAÇÃO	SEXUALIDADE	FAIXA ETÁRIA	OBSERVAÇÕES
1/ Ausente	Ausente	Não identificado	Infantil	Peça esculpida inteira sem marca de doença, envernizada, canela/pé
2/ Ausente	Ausente	Não identificado	Infantil	Peça esculpida separadamente e colada perna/pé- pintada de marrom, canela e pé.
3/ Ausente	Ausente	Não identificado	Adulto	Peça esculpida inteira sem marca de doença, pintado de marrom, canela e pé
4/Ausente	Ausente	Não identificado	Infantil	Peça esculpida inteira sem marca de doença, pintado de marrom, canela e pé
5/ Ausente	Ausente	Não identificado	Adulto	Peça esculpida inteira sem marca de doença, envernizada, forma arredondada, canela e pé
6/Ausente	Ausente	Não identificado	Adulto	Peça esculpida inteira sem marca de doença, canela e pé
7/Ausente	Ausente	Não identificado	Adulto	Peça esculpida inteira sem marca de doença, canela e pé
8/Ausente	Ausente	Não identificado	Adulto	Peça esculpida inteira sem marca de doença, canela e pé
9/Ausente	Ausente	Não identificado	Adulto	Peça esculpida inteira sem marca de doença, canela e pé
10/Ausente	Ausente	Não identificado	Infantil	Peça esculpida separadamente e colada perna/pé, perna completa
11/Ausente	Ausente	Não identificado	Adulto	Peça esculpida inteira sem marca de doença, perna completa e pé
12/Ausente	Ausente	Não identificado	Infantil	Peça esculpida inteira sem marca de doença, perna completa e pé
13/Ausente	Maria	Feminino	Infantil	Peça esculpida inteira sem marca de doença, perna completa e pé
14/Ausente	Ausente	Não identificado	Adulto	Peça esculpida inteira sem marca de doença, perna na altura de coxa e pé
15/Ausente	Ausente	Não identificado	Adulto	Peça esculpida inteira sem marca de doença, perna na altura de coxa e pé
16/Ausente	Ausente	Não identificado	Adulto	Peça esculpida inteira sem marca de doença, perna na altura de coxa e pé

Foto Bump Map conjunto 12



**Corpos umburana: Ex-votos do Senhor do Bonfim- - Queimadas Dirceu Arcoverde-PI
sob aportes da Arqueologia das Corporalidades**

Mestranda: Crisvanete de Castro Aquino
Orientadora: Dra. Vanessa Linke Ano: 2023.

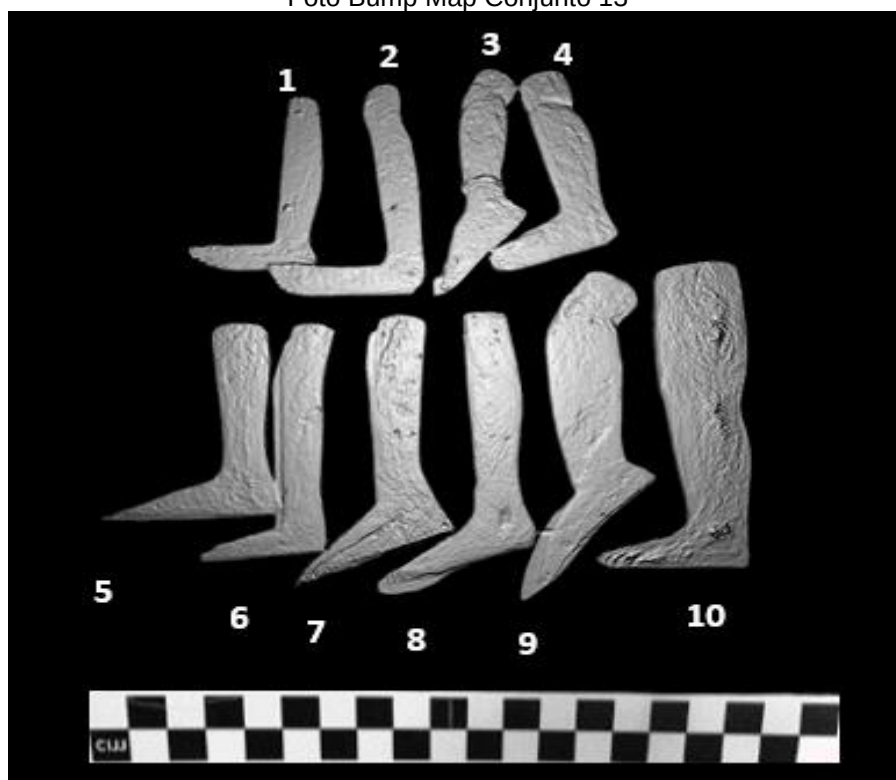
Conj.13	MORFOLOGIA	TIPOLOGIA	COMPRI- MENTO	LARGURA Perna/Pé	DECORAÇÃO	PATOLOGIA
01	Antropomorfo	Perna e pé direito	31 cm	1,5cm/8 cm	Verniz	Ausente
02	Antropomorfo	Perna e pé direito	33 cm	1,5 cm/ 12 cm	Pintura	Ausente
03	Antropomorfo	Perna e pé esquerdo	32cm	2 cm/6 cm	Pintura	Ausente
04	Antropomorfo	Perna e pé direito	32cm	2 cm/10 cm	Pintura	Ausente
05	Antropomorfo	Perna e pé esquerdo	28cm	3,5 cm/6cm	Ausente	Ausente
06	Antropomorfo	Perna e pé direito	34 cm	3,5 cm/16 cm	Ausente	Ausente
07	Antropomorfo	Perna e pé direito	36 cm	4 cm/ 10cm	Ausente	Ausente
08	Antropomorfo	Perna e pé esquerdo	38 cm	2,5 cm/ 14 cm	Ausente	Ausente
09	Antropomorfo	Perna e pé esquerdo	48 cm	3 cm/ 21 cm	Ausente	Manchas naturais
10	Antropomorfo	Perna e pé esquerdo	52 cm	4 cm/ 10 cm	Verniz	Ausente

Foto: perspectiva 13



SIMBOLOGIA	INDIVIDUALIZAÇÃO	SEXUALIDADE	FAIXA ETÁRIA	OBSERVAÇÕES
1/ Ausente	Ausente	Não identificado	Adulto	Peça esculpida inteira sem marca de doença, perna fina, pintado de marrom.
2/ Ausente	Ausente	Não identificado	Adulto	Peça esculpida inteira sem marca de doença, perna fina, pintado de marrom.
3/ Presença de cordinha no pé	Ausente	Não identificado	Adulto	Peça esculpida inteira sem marca de doença, pintado de marrom. Presença de simpatia – cordinha amarrada no pé. Pé em posição de bailarina sem apoiar no chão.
4/Ausente	Ausente	Não identificado	Adulto	Peça esculpida inteira sem marca de doença,
5/ Ausente	Ausente	Não identificado	Adulto	Peça esculpida inteira sem marca de doença
6/Ausente	Ausente	Não identificado	Adulto	Peça esculpida inteira sem marca de doença
7/ Ausente	Ausente	Não identificado	Adulto	Peça esculpida inteira sem marca de doença. Pé levemente inclinado.
8/Ausente	Ausente	Não identificado	Adulto	Peça esculpida inteira sem marca de doença. Pé levemente inclinado.
9/Ausente	Ausente	Não identificado	Adulto	Peça esculpida inteira sem marca de doença. Pé em posição de bailarina sem apoiar no chão.
10/Ausente	Ausente	Não identificado	Adulto	Peça esculpida inteira sem marca de doença, peça envernizada

Foto Bump Map Conjunto 13



**Corpos umburana: Ex-votos do Senhor do Bonfim- - Queimadas Dirceu Arcoverde-PI
sob aportes da Arqueologia das Corporalidades**

Mestranda: Crisvanete de Castro Aquino
Orientadora: Dra.Vanessa Linke Ano: 2023.

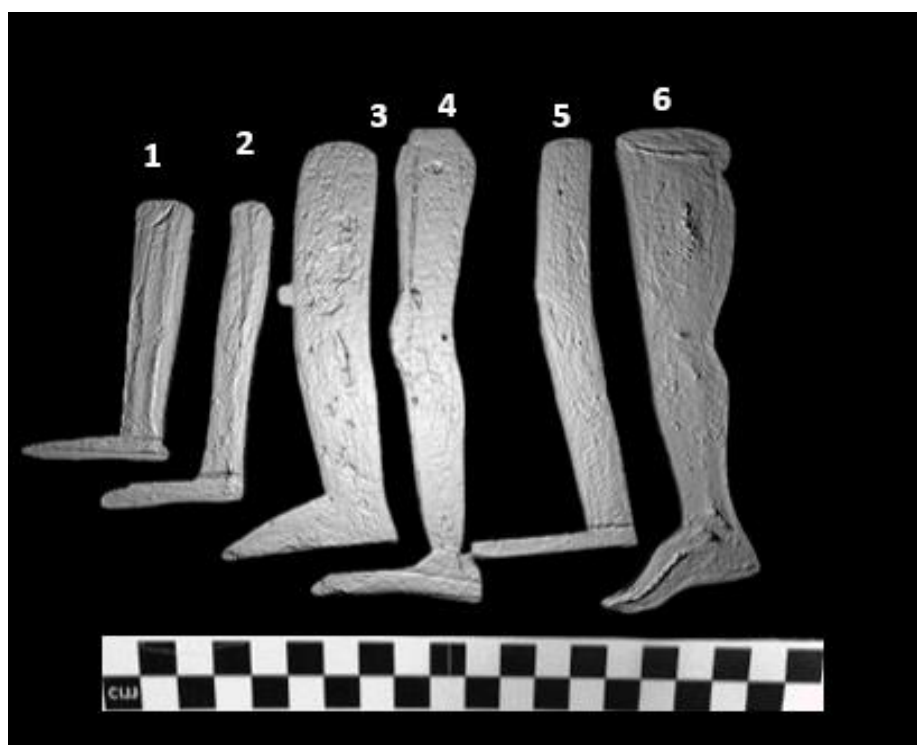
Conj.14	MORFOLOGIA	TIPOLOGIA	COMPRI- MENTO	LARGURA Perna/Pé	DECORAÇÃO	PATOLOGIA
01	Antropomorfo	Perna e pé esquerdo	38 cm	2,5cm/6 cm	Verniz	Ausente
02	Antropomorfo	Perna e pé esquerdo	44cm	2 cm/ 4 cm	Verniz	Ausente
03	Antropomorfo	Perna e pé direito	58 cm	3 cm/8 cm	Ausente	Manchas de umidade
04	Antropomorfo	Perna e pé esquerdo	65 cm	3 cm/16 cm	Ausente	Imperfeições naturais da madeira
05	Antropomorfo	Perna e pé esquerdo	62 cm	2,5 cm/16cm	Ausente	Ausente
06	Antropomorfo	Perna e pé direito	64 cm	6 cm/10 cm	Pintura,Verniz	Ausente

Foto: perspectiva 14



SIMBOLOGIA	INDIVIDUALI- ZAÇÃO	SEXUALIDADE	FAIXA ETÁRIA	OBSERVAÇÕES
1/ Ausente	Ausente	Não identificado	Adulto	Peça esculpida fragmentada co- lada com o pé sem marca de do- ença- envernizada. canela e pé.
2/ Ausente	Ausente	Não identificado	Adulto	Peça esculpida separadamente e colada perna/pé- envernizada. canela e pé.
3/ Nódulo na altura do joelho	Ausente	Não identificado	Adulto	Peça esculpida inteira sem marca de doença
4/Nódulo no pé	Ausente	Não identificado	Adulto	Peça esculpida inteira sem marca de doença. canela e pé.
5/ marca de fratura no lado	Ausente	Feminino	Adulto	Peça esculpida separadamente e colada perna/pé. Pé achatado
6/Ausente	Ausente	Feminino	Adulto	Peça esculpida inteira, peça grande em tamanho quase real de um adulto, pintada e envern- izada, perna torneada feminina

Foto Bump Map conjunto 14



**Corpos umburana: Ex-votos do Senhor do Bonfim- - Queimadas Dirceu Arcoverde-PI
sob aportes da Arqueologia das Corporalidades**

Mestranda: Crisvanete de Castro Aquino
Orientadora: Dra. Vanessa Linke Ano: 2023.

Conj.15	MORFOLOGIA	TIPOLOGIA	COMPRI- MENTO	LARGURA Perna/Pé	DECORAÇÃO	PATOLOGIA
01	Antropomorfo	Perna e pé direito	28 cm	3,5cm/10 cm	Pintura /Verniz	Ausente
02	Antropomorfo	Perna e pé direito	40 cm	2,5 cm/ 14 cm	Verniz	Ausente
03	Antropomorfo	Perna e pé direito	42 cm	3,5 cm/5 cm	Pintura	Ausente
04	Antropomorfo	Perna e pé esquerdo	40 cm	2,5 cm/6 cm	Verniz	Ausente
05	Antropomorfo	Perna e pé direito	42 cm	3,5 cm/16cm	Verniz	Ausente

Foto conjunto 15



SIMBOLOGIA	INDIVIDUALI- ZAÇÃO	SEXUALIDADE	FAIXA ETÁRIA	OBSERVAÇÕES
1/ Ausente	Ausente	Não identificado	Adulto	Peça esculpida inteira sem marca de doença, pintada em amarelo e envernizada.
2/ Ausente	Ausente	Não identificado	Adulto	Peça esculpida separadamente e colada perna/pé- envernizada, embora sugira ser um apena completa, não há marcação de joelho
3/ Ausente	Ausente	Não identificado	Adulto	Peça esculpida inteira sem marca de doença, Perna completa envernizada.
Ausente	Ausente	Não identificado	Infantil	Peça esculpida inteira sem marca de doença. Perna completa, pé pequeno sugere ser de uma criança. envernizada
5/ Ausente	Ausente	Não identificado	Adulto	Peça esculpida inteira, canela /pé. pé com ausência de falanges. Pintada em marrom e envernizada

Foto Bump Map conjunto 15



**ANEXO B-FICHA DE ANÁLISE TÉCNICO MORFOLÓGICA e FICHA DE ANÁLISE
FUNCIONAL CORPÓREA - FOMATO EXCEL:**



Pesquisa: **Corpos umburana: Ex-votos do Senhor do Bonfim- - Queimadas Dirceu Arcoverde-PI sob aportes da Arqueologia das Corporalidades**

Universidade: UNIVASF Campus: Serra da Capivara Semestre/ ano 2023

Mestranda Crisvanete de Castro Aquino

Orientadora: Dra. Vanessa Linke

Local da pesquisa: Queimadas – Dirceu Arcoverde-PI

Data: 2023

Nº	Matéria-prima	Morfologia	Tipologia	Comprimento	Largura	Decoração	Patologia
1	Umburana de cheiro	Antropomorfo	Cabeça	20cm	10 cm	Pintura e verniz	Ausente
2	Umburana de cheiro	Antropomorfo	Cabeça	24 cm	16 cm	Pintura/verniz	Ausente
3	Umburana	Antropomorfo	Cabeça	16 cm	14 cm	Verniz	Ausente
4	Umburana	Antropomorfo	Cabeça	16 cm	12 cm	Verniz/ Escrito	Ausente
5	Umburana	Antropomorfo	Cabeça	14 cm	10 cm	Pintura	Ausente
6	Umburana	Antropomorfo	Cabeça	22 cm	12 cm	Ausente	Ausente
7	Umburana	Antropomorfo	Cabeça	15 cm	07 cm	Contorno dos traços do rosto com caneta	Ausente
8	Umburana	Antropomorfo	Cabeça	16 cm	07 cm	Escrito	Ausente
9	Umburana	Antropomorfo	Cabeça	14 cm	07 cm	Ausente	Ausente
10	Umburana	Antropomorfo	Cabeça	26 cm	24 cm	Verniz/pintura	Ausente
11	Umburana	Antropomorfo	Cabeça	26 cm	18 cm	Pintura	Ausente
12	Umburana	Antropomorfo	Cabeça	22 cm	16 cm	Pintura/verniz	Ausente
13	Umburana	Antropomorfo	Cabeça	19 cm	10 cm	Pintura	Manchas na madeira
14	Umburana	Antropomorfo	Cabeça	19 cm	11 cm	Pintura	Ausente
15	Umburana	Antropomorfo	Cabeça	26 cm	15 cm	Verniz	Manchas naturais
16	Umburana	Antropomorfo	Cabeça	30 cm	15 cm	Todas as expressões são em reveló	Ausente

17	Umburana	Antropomorfo	Cabeça	14 cm	12 cm	Escrito em caneta azul	Mancha de umidade na parte inferior da peça
18	Umburana		Cabeça	27 cm	10 cm	Ausente	Ausente
19	Umburana	Antropomorfo	Cabeça	18 cm	09 cm	Pintura	Ausente
20	Umburana	Antropomorfo	Cabeça	22 cm	14 cm	Pintura	Ausente
21	Umburana	Antropomorfo	Cabeça	22 cm	10 cm	Pintura	Ausente
22	Umburana	Antropomorfo	Cabeça	22 cm	10 cm	Tinta	Ausente
23	Umburana	Antropomorfo	Cabeça	20 cm	13 cm	Pintura/verniz	Ausente
24	Umburana	Antropomorfo	Cabeça	25 cm	14 cm	Pintura	Ausente
25	Umburana	Antropomorfo	Cabeça	18 cm	10 cm	Ausente	Ausente
26	Umburana	Antropomorfo	Cabeça	20 cm	13 cm	Pintura	Ausente
27	Umburana	Antropomorfo	Cabeça	26 cm	14 cm	Pintura	Manchas naturais da madeira
28	Umburana	Antropomorfo	Cabeça	28 cm	12 cm	Pintura	Ausente
29	Umburana	Antropomorfo	Cabeça	24 cm	14 cm	Pintura	Ausente
30	Umburana	Antropomorfo	Cabeça	18 cm	08 cm	Pintura	Ausente
31	Umburana	Antropomorfo	Cabeça	32 cm	16 cm	Ausente	Manchas de insetos
32	Umburana de cheiro	Antropomorfo	Cabeça	24 cm	11 cm	Verniz	Ausente
33	Umburana de cheiro	Antropomorfo	Cabeça	23 cm	08 cm	Pintura	Ausente
34	Umburana de cheiro	Antropomorfo	Cabeça	18 cm	12 cm	Pintura	Ausente
35	Umburana de cheiro	Antropomorfo	Cabeça	17 cm	08 cm	Pintura	Ausente
36	Umburana	Antropomorfo	Cabeça	17 cm	08 cm	Escrita	Ausente
37	Umburana	Antropomorfo	Cabeça	15 cm	08 cm	Pintura	Ausente
38	Umburana	Antropomorfo	Cabeça	16 cm	07 cm	Ausente	Ausente
39	Umburana	Antropomorfo	Cabeça	9,3 cm	4,5	Ausente	Ausente
40	Umburana	Antropomorfo	Cabeça	10 cm	6 cm	Ausente	Ausente
41	Umburana	Antropomorfo	Cabeça	10 cm	6 cm	Ausente	Ausente
42	Umburana de cheiro	Antropomorfo	Cabeça	11 cm	08 cm	Ausente	Ausente
43	Umburana de cheiro	Antropomorfo	Cabeça	14 cm	06 cm	Ausente	Ausente
44	Umburana	Antropomorfo	Cabeça	12 cm	9 cm	Ausente	Ausente

45	Não identificada	Antropomorfo	Cabeça	10 cm	05 cm	Pintura	Ausente
46	Umburana	Antropomorfo	Cabeça	18 cm	10 cm	Pintura	Ausente
47	Não identificada	Antropomorfo	Cabeça	10 cm	07 cm	Pintura	Ausente
48	Não identificada	Antropomorfo	Cabeça	12,5 cm	03 cm	Pintura	Ausente
49	Umburana	Antropomorfo	Cabeça	7 cm	4 cm	Ausente	Ausente
50	Umburana de cheiro	Antropomorfo	Cabeça	15 cm	11 cm	Pintura	Ausente
51	Umburana	Antropomorfo	Cabeça	30 cm	18 cm	Pintura	Ausente
52	Não identificada	Antropomorfo	Cabeça	26 cm	20 cm	Ausente	Ausente
53	Umburana	Antropomorfo	Cabeça	10 cm	5 cm	Pintura	Ausente
54	Umburana	Antropomorfo	Copo Inteiro	73 cm	O: 23 cm- C. 23cm Q. 14 cm	Pintura	Ausente
55	Umburana de cheiro	Antropomorfo	Copo Inteiro	40 cm	O: 18 cm- C. 12cm Q. 14 cm	Pintura e verniz	Ausente
56	Umburana	Antropomorfo	Copo Inteiro	27 cm	O: 8 cm- C. 4cm Q. 6 cm	Ausente roupa entalhadae	Falta o pé direito
57	Umburana	Antropomorfo	Copo Inteiro	30cm	O: 12 cm- C. 10cm	Escrita com caneta azul, roupa entalhada	Ausente
58	Umburana	Antropomorfo	Copo Inteiro	14 cm	O: 4 cm- C. 4cm Q. 6 cm	Verniz	Ausente
59	Umburana	Antropomorfo	Copo Inteiro	43 cm	O: 12 cm- C. 10cm Q. 10 cm	Pintura /roupa de tecido	Ausente
60	Umburana	Antropomorfo	Copo Inteiro	61 cm	O: 20 cm- C. 14cm Q. 12 cm	Pintura /roupa de tecido	Ausente
61	Umburana	Antropomorfo	Perna/Pé	23,5 cm	6 cm/14 cm	Verniz/escrito	Ausente
62	Umburana	Antropomorfo	02 Pés	10 cm	2,5 cm	Escrito	Ausente
63	Umburana	Antropomorfo	Pé direito	14 cm	4 cm	Ausente	Ausente
64	Umburana	Antropomorfo	Pé esquerdo	12 cm	4 cm	Escrito	Ausente
65	Umburana	Antropomorfo	Pé direito	10 cm	3,5 cm	Ausente	Ausente
66	Umburana	Antropomorfo	Pé esquerdo	14 cm	4 cm	Escrito	Ausente
67	Umburana	Antropomorfo	Pé esquerdo	10 cm	3,5 cm	Ausente	Ausente

68	Umburana	Antropomorfo	02 pés	10 cm	8 cm	Verniz/escrito	Ausente
69	Umburana	Antropomorfo	Pé direito	10 cm	2,5 cm	Pintado	Ausente
70	Umburana	Antropomorfo	Pé esquerdo	6 cm	3,5 cm	Pintado	Ausente
71	Umburana	Antropomorfo	02 pés	13,5 cm	4,5 cm	Escrito	Ausente
72	Umburana	Antropomorfo	Pé esquerdo	18,5 cm	6,5 cm	Verniz	Ausente
73	Umburana	Antropomorfo	Pé direito	14 cm	5 cm	Verniz	Ausente
74	Umburana	Antropomorfo	Pé esquerdo	10 cm	2 cm	Verniz	Ausente
75	Não identificada	Antropomorfo	Pé direito	20 cm	8 cm	Ausente	Ausente
76	Umburana	Antropomorfo	02 Pés/sapato	20 cm	4,5 cm	Verniz	Ausente
77	Umburana	Antropomorfo	Pé esquerdo	10 cm	6,5 cm	verniz	Ausente
78	Umburana	Antropomorfo	Pé esquerdo	20,5 cm	3,5 cm	Escrito	Ausente
79	Umburana	Antropomorfo	Pé esquerdo	14 cm	4,5 cm	Escrito	Ausente
80	Umburana	Antropomorfo	Pé direito	14 cm	5 cm	Escrito	Ausente
81	Umburana	Antropomorfo	Pé direito	17 cm	4,5 cm	Escrito	Ausente
82	Umburana	Antropomorfo	Pé esquerdo	14 cm	4,5 cm	Ausente	Ausente
83	Umburana	Antropomorfo	Pé direito	12 cm	5 cm	Escrito	Ausente
84	Umburana	Antropomorfo	Perna e pé direito	44 cm	3,5cm/2 cm	Ausente	Ausente
85	Umburana	Antropomorfo	Perna e pé direito	34 cm	2,5 cm/ 12 cm	Pintura/ verniz	Ausente
86	Umburana	Antropomorfo	Perna e pé esquerdo	34cm	3,5 cm/14 cm	Verniz	Ausente
87	Umburana	Antropomorfo	Perna e pé direito	38cm	1,5 cm/4 cm	Escrito	Ausente
88	Umburana	Antropomorfo	Perna e pé esquerdo	46cm	4,5 cm/3cm	Ausente	Ausente
89	Umburana	Antropomorfo	Perna e pé direito	16 cm	1,5 cm/2 cm	Ausente	Ausente
90	Umburana	Antropomorfo	02 Pernas	39 cm	2,2 cm/ 1cm	Ausente	Ausente
91	Umburana	Antropomorfo	Perna e pé esquerdo	35 cm	3,5 cm/ 14 cm	Ausente	Ausente
92	Umburana	Antropomorfo	Perna e pé esquerdo	42 cm	2,5 cm/ 10 cm	Escrito	Ausente
93	Umburana	Antropomorfo	Perna e pé esquerdo	42 cm	2,5 cm/ 2 cm	Ausente	Ausente
94	Umburana	Antropomorfo	Perna e pé direito	40 cm	2,5cm/3 cm	Ausente	Ausente
95	Umburana	Antropomorfo	Perna e pé direito	42 cm	1,5 cm/ 4 cm	Ausente	Ausente
96	Umburana	Antropomorfo	Perna e pé esquerdo	42cm	3,5 cm/8 cm	Ausente	Ausente
97	Umburana	Antropomorfo	Perna e pé	28 cm	2,5 cm/ 8 cm	Verniz	Ausente

98	Umburana	Antropomorfo	Perna e pé	40 cm	2 cm/ 5 cm	Verniz	Ausente
99	Umburana	Antropomorfo	Perna e pé	42 cm	4,5 cm/4 cm	Ausente	Ausente
100	Umburana	Antropomorfo	Perna e pé	40 cm	1,8 cm/ 24 cm	Ausente	Ausente
101	Umburana	Antropomorfo	Perna e pé	42 cm	2,5 cm/12 cm	Ausente	Ausente
102	Umburana	Antropomorfo	Perna e pé	40 cm	2,5cm/8 cm	Ausente	Ausente
103	Umburana	Antropomorfo	Perna e pé	32 cm	4,5 cm/ 6 cm	Verniz	Ausente
104	Umburana	Antropomorfo	Perna e pé	30 cm	4,5 cm/10 cm	Verniz	Ausente
105	Umburana	Antropomorfo	Perna e pé	34 cm	2,5 cm/8 cm	Escrito	Ausente
106	Umburana	Antropomorfo	Perna e pé	34 cm	2,5 cm/6cm	Verniz	Ausente
107	Umburana	Antropomorfo	Perna e pé	42 cm	2 cm/4 cm	Verniz	Ausente
108	Umburana	Antropomorfo	Perna e pé	30 cm	2 cm/6 cm	Verniz	Ausente
109	Umburana	Antropomorfo	Perna e pé	34 cm	3,5 cm/8 cm	Escrito	Ausente
110	Umburana	Antropomorfo	Perna e pé	30 cm	3,5 cm/6 cm	Pintura	Ausente
111	Umburana	Antropomorfo	Perna e pé	30 cm	2,5 cm/7cm	Ausente	Ausente
112	Umburana	Antropomorfo	Perna e pé	28 cm	2,5cm/8 cm	Ausente	Ausente
113	Umburana	Antropomorfo	Perna e pé	24 cm	3 cm/10 cm	Ausente	Ausente
114	Umburana	Antropomorfo	Perna e pé esquerdo	18 cm	2,5cm/6 cm	Verniz	Ausente
115	Umburana	Antropomorfo	Perna e pé esquerdo	16 cm	2 cm/ 4 cm	Ausente	Ausente
116	Umburana	Antropomorfo	Perna e pé direito	25 cm	3 cm/8 cm	Pintura	Ausente
117	Umburana	Antropomorfo	Perna e pé esquerdo	18 cm	2 cm/4 cm	Ausente	Ausente
118	Umburana	Antropomorfo	Perna e pé esquerdo	18 cm	4,5 cm/6cm	Verniz	Ausente
119	Umburana	Antropomorfo	Perna e pé direito	18 cm	4,5 cm/6 cm	Verniz	Ausente
120	Umburana	Antropomorfo	Pé esquerdo	26 cm	20 cm	Verniz	Ausente
121	Umburana	Antropomorfo	Pé direito	20 cm	5 cm	Ausente	Ausente
122	Umburana	Antropomorfo	Perna e pé direito	26 cm	3,5 cm/12 cm	Ausente	Ausente
123	Umburana	Antropomorfo	Pé esquerdo	20 cm	2,5 cm	Ausente	Ausente
124	Umburana	Antropomorfo	Perna e pé direito	18 cm	2,5cm/8 cm	Ausente	Ausente
125	Umburana	Antropomorfo	Perna e pé esquerdo	12 cm	3 cm/10 cm	Ausente	Ausente
126	Umburana	Antropomorfo	Perna e pé esquerdo	14 cm	2cm/8 cm	Ausente	Ausente
127	Umburana	Antropomorfo	Perna e pé esquerdo	36cm	6 cm/12 cm	Verniz	Ausente

128	Umburana	Antropomorfo	Perna e pé esquerdo	32 cm	4cm/ 8cm	Ausente	Ausente
129	Umburana	Antropomorfo	Perna e pé direito	25 cm	7 cm/16 cm	Ausente	Ausente
130	Umburana	Antropomorfo	Perna e pé esquerdo	26 cm	5 cm/7 cm	Verniz	Ausente
131	Umburana	Antropomorfo	Perna e pé esquerdo	20 cm	5 cm/16cm	Ausente	Ausente
132	Umburana	Antropomorfo	Perna e pé direito	24 cm	6 cm/6 cm	Ausente	Ausente
133	Umburana	Antropomorfo	Perna e pé esquerdo	20 cm	6cm/12 cm	Verniz	Ausente
134	Umburana	Antropomorfo	Perna e pé esquerdo	22 cm	7 cm/ 21 cm	Ausente	Ausente
135	Umburana	Antropomorfo	Perna e pé direito	25 cm	5 cm/19 cm	Ausente	Ausente
136	Umburana	Antropomorfo	Perna e pé esquerdo	26 cm	5 cm/9 cm	Ausente	Ausente
137	Umburana	Antropomorfo	Perna e pé esquerdo	22 cm	3,5 cm/25cm	Ausente	Ausente
138	Umburana	Antropomorfo	Perna e pé direito	36 cm	5 cm/12 cm	Ausente	Ausente
139	Umburana	Antropomorfo	Pé esquerdo	21 cm	4cm/20 cm	Ausente	Ausente
140	Umburana	Antropomorfo	Pé direito	38 cm	5 cm/ 4 cm	Ausente	Ausente
141	Umburana	Antropomorfo	Perna e pé direito	55cm	3,5 cm/16 cm	Ausente	Ausente
142	Umburana	Antropomorfo	Perna e pé esquerdo	22 cm	5 cm/16 cm	Verniz	Ausente
143	Umburana	Antropomorfo	Perna e pé esquerdo	27 cm	4 cm/ 26 cm	Pintada	Ausente
144	Umburana	Antropomorfo	Perna e pé direito	30 cm	4 cm/24 cm	Pintado	Ausente
145	Umburana	Antropomorfo	Perna e pé esquerdo	18 cm	6 cm/20 cm	Pintada	Ausente
146	Umburana	Antropomorfo	Perna e pé esquerdo	24 cm	4,5 cm/16cm	Pintada	Ausente
147	Umburana	Antropomorfo	Perna e pé direito	21cm	5 cm/16 cm	Pintado	Ausente
148	Umburana	Antropomorfo	Perna e pé esquerdo	12 cm	4 cm/16 cm	Pintado	Ausente
149	Umburana	Antropomorfo	Perna e pé esquerdo	15 cm	6 cm/18 cm	Pintado	Ausente
150	Umburana	Antropomorfo	Perna e pé esquerdo	15 cm	4,5cm/20cm	Verniz	Ausente
151	Umburana	Antropomorfo	Perna e pé esquerdo	18 cm	6 cm/ 21 cm	Pintura	Ausente
152	Umburana	Antropomorfo	Perna e pé esquerdo	24 cm	7 cm/15 cm	Pintura	Ausente
153	Umburana	Antropomorfo	Perna e pé direito	25 cm	8 cm/12cm	Pintura	Ausente
154	Umburana	Antropomorfo	Perna e pé esquerdo	28 cm	3,5 cm/9cm	Verniz	Ausente

155	Umburana	Antropomorfo	Perna e pé direito	24 cm	6 cm/11 cm	Ausente	Ausente
156	Umburana	Antropomorfo	Perna e pé direito	28 cm	6 cm/10 cm	Ausente	Ausente
157	Umburana	Antropomorfo	Perna e pé esquerdo	23cm	8 cm/12 cm	Ausente	Ausente
158	Umburana	Antropomorfo	Perna e pé direito	20cm	10 cm/17 cm	Ausente	Ausente
159	Umburana	Antropomorfo	Perna e pé esquerdo	30cm	6 cm/10cm	Ausente	Ausente
160	Umburana	Antropomorfo	Perna e pé esquerdo	32cm	9 cm/12 cm	Ausente	Ausente
161	Umburana	Antropomorfo	Perna e pé esquerdo	30cm	6 cm/6 cm	Ausente	Ausente
162	Umburana	Antropomorfo	Perna e pé direito	38cm	3,5 cm/5 cm	Ausente	Ausente
163	Umburana	Antropomorfo	Perna e pé direito	30cm	9 cm/18 cm	Ausente	Ausente
164	Umburana	Antropomorfo	Perna e pé esquerdo	28cm	7 cm/15 cm	Ausente	Ausente
165	Umburana	Antropomorfo	Perna e pé direito	24cm	6 cm/ 9 cm	Ausente	Ausente
166	Umburana	Antropomorfo	Perna e pé direito	31 cm	1,5cm/8 cm	Verniz	Ausente
167	Umburana	Antropomorfo	Perna e pé direito	33 cm	1,5 cm/ 12 cm	Pintura	Ausente
168	Umburana	Antropomorfo	Perna e pé esquerdo	32cm	2 cm/6 cm	Pintura	Ausente
169	Umburana	Antropomorfo	Perna e pé direito	32cm	2 cm/10 cm	Pintura	Ausente
170	Umburana	Antropomorfo	Perna e pé esquerdo	28cm	3,5 cm/6cm	Ausente	Ausente
171	Umburana	Antropomorfo	Perna e pé direito	34 cm	3,5 cm/16 cm	Ausente	Ausente
172	Umburana	Antropomorfo	Perna e pé direito	36 cm	4 cm/ 10cm	Ausente	Ausente
173	Umburana	Antropomorfo	Perna e pé esquerdo	38 cm	2,5 cm/ 14 cm	Ausente	Ausente
174	Umburana	Antropomorfo	Perna e pé esquerdo	48 cm	3 cm/ 21 cm	Ausente	Ausente
175	Umburana	Antropomorfo	Perna e pé esquerdo	52 cm	4 cm/ 10 cm	Verniz	Ausente
176	Umburana	Antropomorfo	Perna e pé esquerdo	38 cm	2,5cm/6 cm	Verniz	Ausente
177	Umburana	Antropomorfo	Perna e pé esquerdo	44cm	2 cm/ 4 cm	Verniz	Ausente
178	Umburana	Antropomorfo	Perna e pé direito	58 cm	3 cm/8 cm	Ausente	Ausente
179	Umburana	Antropomorfo	Perna e pé esquerdo	65 cm	3 cm/16 cm	Ausente	Ausente

180	Umburana	Antropomorfo	Perna e pé esquerdo	62 cm	2,5 cm/16cm	Ausente	Ausente
181	Umburana	Antropomorfo	Perna e pé direito	64 cm	6 cm/10 cm	Pintura, Verniz	Ausente
182	Umburana	Antropomorfo	Perna e pé direito	28 cm	3,5cm/10 cm	Pintura /Verniz	Ausente
183	Umburana	Antropomorfo	Perna e pé direito	40 cm	2,5 cm/ 14 cm	Verniz	Ausente
184	Umburana	Antropomorfo	Perna e pé direito	42 cm	3,5 cm/5 cm	Pintura	Ausente
185	Umburana	Antropomorfo	Perna e pé esquerdo	40 cm	2,5 cm/6 cm	Verniz	Ausente
186	Umburana	Antropomorfo	Perna e pé direito	42 cm	3,5 cm/16cm	Verniz	Ausente

Legenda:

	Cabeça
	Corpo inteiro
	Perna/Pe



Pesquisa: **Corpos umburana: Ex-votos do Senhor do Bonfim- - Queimadas Dirceu Arcoverde-PI sob aportes da Arqueologia das Corporalidades**

Universidade: UNIVASF Campus: Serra da Capivara Semestre/ ano 2023

Mestranda: Crisvanete de Castro Aquino

Orientadora: Dra. Vanessa Linke

Local da pesquisa: Queimadas – Dirceu Arcoverde-PI

Data: 2023

Nº	Simbologia	Identidade	Sexualidade	Faixa Etária	Observações
1	Furo no ouvido	Ausente	Masculino	Adulto	Presença de pintura de bigode e sobrancelha, nariz, olhos e ouvidos esculpidos, peça envernizada. Presença de um furo no ouvido esquerdo. Peça envernizada, madeira Umburana de cheiro.
2	Ausente	Ausente	Feminina	Adulto	Pintura em preto olhos e sobrancelha e boca vermelho, nariz, orelhas esculpidas. Peça envernizada, madeira Umburana de cheiro.
3	Manchas escuras na cabeça, lado esquerdo	Ausente	Masculino	Adulto	Entalhes de um rosto expressivo com testa proeminente, nariz largo. Peça envernizada. Madeira Umburana
4	Marca de corte na orelha direita	Ilegível	Feminino	Adulto	Escultura com o cabelo em alto relevo formando a moldura do rosto, nariz, e boca com uma mancha mais clara, não dá para precisar se é Vitiligo. Peça envernizada em madeira Umburana de Cheiro.
5	Marca de furo no ouvido	Ausente	Masculino	Jovem	Peça pintada em marrom, olhos com fundo branco e olhos e sobrancelhas feitas com tinta preta. Nariz e orelha esculpidos. Madeira não identificada.
6	Corte na parte posterior da cabeça	DIAS	Masculino	Adulto	Marca de entalhe do cabelo com marca de corte na parte posterior, assinatura embaixo da peça em baixo relevo. Peça com fisionomia de sorriso. Madeira Umburana
7	Ausente	Ausente	Masculino	Infantil	Olhos, nariz, boca e orelha desenhados com caneta. Madeira Umburana
8	Ausente	Lívia	Feminina	Adulto	Peça com olhos, nariz e orelha esculpidos, furo próximo ao queixo. Marca de identificação na peça em caneta

9	Mancha na boca e queixo-	Ausente	Não identificada	Adulto	Mancha pintada em cor marrom entre nariz e boca- contorno dos olhos em relevo. Madeira Umburana
10	Ausente	Ausente	Masculino	Adulto	Peça com base de apoio, olhos, sobrancelhas e orelha pintadas/ manchas na madeira, mas são imperfeições naturais. Madeira Umburana
11	Marca de uma cicatriz atras da orelha direita	Neuton	Masculino	Adulto	Contorno dos olhos e lábios pintados de caneta azul, escrito o nome Neuton na paste posterior do pescoço. Cabelo contornando o rosto. Madeira Umburana
12	Ouvido com marca de sangue	Jean Marcos de Assis	Masculino	Adulto	Cabelos, olhos, sobrancelhas pintadas em preto, olho com fundo em branco. Mancha de tinta vermelha próximo ao ouvido esquerdo /Consta o nome na base da peça. Madeira não identificada porque a peça foi pintada na cor marrom e envernizada
13	Marca de corte na testa	Ausente	Masculino	Não identificado	Marca de corte na testa esculpida em baixo relevo, olhos pintados com caneta e pincel azul, marca de corte na testa. Madeira Umburana
14	Ausente	Ausente	Feminino	Adulto	Cabelo, sobrancelha e olhos pintados com pincel preto, fundo olho em branco. Cabelo grande e feições femininas. Madeira Umburana
15	Ausente	Ausente	Masculino	Adulto	Peça esculpida formando os contornos dos olhos e cílios e a moldura do cabelo- envernizada com marrom. Madeira Umburana
16	Marca de corte na cabeça na parte posterior em baixo relevo	Ausente	Masculino	Adulto	Peça com base de apoio, todas as marcas do rosto, cabelo são esculpidas. Marca de corte na cabeça. Madeira Umburana
17	Ausente	Erico Ribeiro Silva	Masculino	Adulto	Cabeça formato aplainada, traços do rosto em leve relevo, presença de assinatura e mancha de umidade/água. Madeira umburana
18	Ausente	Ausente	Masculino	Adulto	Escultura com os sulcos dos olhos e da boca profundos, lembra uma expressão de sorriso. Madeira Umburana
19	Ausente	Davi Luiz	Masculino	Adulto	Cabelo e sobrancelha pintados de preto, escrito em caneta Davi Luiz duas vezes na face esquerda. Madeira Umburana
20	Ausente	Davi Luiz	Masculino	Adulto	Cabelo e sobrancelha pintados de preto, escrito em caneta Davi Luiz duas vezes na face esquerda. Madeira Umburana
21	Marca de tinta na orelha	Ausente	Masculino	Adulto	Peça com olhos, nariz, boca e orelha esculpidos. Marca de tinta rosa na orelha. Madeira Umburana

22	Mancha branca próximo ao cabelo	Ausente	masculino	Adulto	Presença de relevo formando o cabelo, mancha branca próximo ao cabelo no lado direito, sulco contornando os olhos. Madeira Umburana
23	Ausente	Ausente	Feminino	Adulto	Peça envernizada em amarelo, com sobancelha formando um sulco, orelha esculpida. Olhos e sobancelha em preto, boca contornada em vermelho. Madeira Umburana de Cheiro.
24	Marca de dois cortes na parte posterior da cabeça	Ausente	Masculino	Adulto	Sobancelha pintada, e íris do olho pintada com pincel preto, demais itens do rosto esculpidos, nariz e lábios grossos). Marca de dois cortes na cabeça. Madeira umburana
25	Marca de ferimento no pescoço	Ausente	Masculino	Adulto	Peça com os olhos fechados, elementos do rosto esculpidos, marca de retirada
26	Marca de dois cortes na parte posterior da cabeça	Ausente	Masculino	Adulto	no pescoço, sugere um corte. Madeira Umburana
27	Ausente	Ausente	Masculino	Adulto	Sobancelha pintada, e íris do olho pintada com pincel preto, demais itens do rosto esculpidos, nariz e lábios grossos). Marca de dois cortes na cabeça. Madeira umburana
28	Marca de doença na lateral direita	Ausente	Masculino	Adulto	Sobancelha pintada, contorno do cabelo desenhado sobre o sulco com pincel preto, íris do olho em preto, nariz e lábios grossos
29	Mancha escura na testa	Ausente	Masculino	Adulto	Peça com base de apoio, olhos pintados de preto e mancha marrom. Orelhas e nariz
30	Marca de mancha na sobancelha e abaixo do olho	Ausente	Não identificada	Adulto	Peça com marca de olhos fechados, uma mancha da testa, madeira umburana
31	Manchas escuras no queixo e nariz	Ausente	Masculino	Adulto	Sobancelha, olhos e boca pintados com pincel preto, orelha apenas desenhada, a face em plano achatado, marca de doença, ou queimadura na testa e abaixo do olho. Madeira Umburana
32	Ausente	Ausente	Não identificada	Adulto	Peça esculpida com contorno do cabelo penteado para esquerda, nariz e lábios grossos. Madeira Umburana
33	Ausente	Não identificado	Não identificada	Não identificada	Peça esculpida com olhos, nariz, orelha em relevo, fundo do olho pintado de branco e boca em vermelho. Madeira Umburana de Cheiro
34	Ausente	Ausente	Feminino	Adulto	Peça esculpida sob uma base que é maior que a cabeça, com olhos, nariz, e boca pintados em preto, só desenhados. Madeira Umburana de Cheiro

35	Mancha no pescoço, que sugere uma queimadura	Ausente	Não identificado	Adulto	Peça esculpida com olhos, nariz, orelha em relevo, pintura dos olhos e boca em preto. Nariz e sobrancelhas que lembram traços femininos. Madeira Umburana
36	Ausente	Maria Luiza de Jesus	Feminino	Adulta	Peça esculpida com olhos, nariz, orelha em relevo pouco profundo, escrito na parte posterior da cabeça Madeira Umburana
37	Mancha na parte posterior da cabeça, furo no pescoço e mancha na face esquerda	Ricardo	Masculino	Não identificada	Peça esculpida com olhos, nariz, orelha em relevo, marca de furo na face esquerda. Madeira Umburana
38	Ausente	Ausente	Masculino	Adulto	Peça esculpida com olhos, nariz, orelha em relevo pouco profundos, Madeira umburana
39	Ausente	Ausente	Não identificada	Adulto	Peça esculpida com olhos, nariz, orelha em relevo, marca de furo na face esquerda. Madeira Umburana
40	Marca de furo perto da orelha esquerda	Ausência	Não identificada	Adulto	Peça esculpida com olhos, nariz, orelha em relevo, marca de furo na face esquerda. Madeira Umburana
41	Ausente	Ausente	Feminino	Adulto	Peça com cabelo esculpido emoldurando o rosto, sobrancelhas e cabelos pintados de preto. Madeira Umburana
42	Contorno no nariz, pode representar algum ferimento	Lívia	Feminino	Adulto	Peça esculpida com olhos, nariz, orelha em relevo, marca de contorno do nariz Madeira Umburana
43	Furo na cabeça	Rafael	Masculino	Adulto	Peça esculpida com olhos, nariz, orelha em relevo, marca de furo em cima da cabeça. Madeira Umburana
44	Marca no pescoço	Ausente	Masculino	Adulto	Peça esculpida com olhos, nariz, orelha em relevo, marca de corte no pescoço Madeira Umburana
45	Mancha vermelha no rosto	Ausente	Masculino	Adulto	Cabeça pintada com tinta da cor do creme, cabelos, olhos com tinta preta, mancha vermelha no rosto alusão a um corte, queimadura ou câncer de pele.,
46	Olho cego	Ausente	Feminino	Idosa	Peça esculpida com olhos, nariz, orelha, cabelo e marcas de expressão em relevo, marca de olho esquerdo doente. Madeira pintada dificulta a identificação.
47	Mancha vermelho próximo a orelha esquerda	Anita	Feminino	Adulto	Escultura pintada em base cinza, com cabelos e sobrancelhas e olhos pintados de preto. Marca de sangue no ouvido
48	Mancha vermelha no ouvido esquerdo	Alexandre	Masculino	Adulto	Escultura pintada em base cinza, com cabelos e sobrancelhas e olhos pintados de preto. Marca de sangue no ouvido

49	Mancha escura no pescoço	Ausente	Não identificado	Não identificado	Peça com com olhos, nariz, boca em relevo suave, com um pescoço grande desproporcional à cabeça. Madeira Umburana
50	Ausente	Celma	Feminino	Adulto	Cabeça bidimensional, com olhos e boca levemente esculpida, com olhos, sobrancelha pintados em preto, boca pintada em vermelho.
51	Ausente	ausente	Feminino	Adulto	Peça esculpida com traços de relevo bem marcados, formando cabelo longos e lisos, sobrancelha e olhos marcados com tinta e lábio pintados de rosa.
52	Ausente	Ausente	Masculino	Não identificado	Peça bidimensional, tipi silhueta, não há detalhes de face, apenas orelhas e provável cabelo curto.
53	Ausente	Ausente	Masculino	Não identificado	Peça bidimensional, tipi silhueta, não há detalhes de face, apenas orelhas e provável cabelo curto.
54	Ausente	Ausente	Masculino	Adulto	Presença de pintura de sobrancelha em preto, nariz, olhos e ouvidos esculpidos, braços esculpidos separadamente e colados. Madeira Umburana.
55	Pênis com fimose	Ausente	Masculino	Infantil	Presença de pintura de sobrancelha e cabelo com tinta preta, nariz, olhos e ouvidos esculpidos, braços esculpidos separadamente e colados. Madeira Umburana envernizada, presença de órgão sexual masculino
56	Ausente	Ausente	Masculino	Adulto	Peça esculpida com roupa apresenta camiseta e short em relevo em relação às pernas e pernas. Falta o pé direito, fratura após o depósito, embora não se tenha identificado o pé no local. Madeira Umburana
57	Ausente	Juciel Val Rodrigues	Feminino	Adulto	Peça esculpida com roupa em forma de vestido, denotando a figura feminina. Rosto com expressão de sorriso, olhos, nariz e boca representada por sulcos pouco profundos. Nome escrito de caneta azul. Madeira Umburana
58	Cordão umbilical envolta do pescoço	Ausente	Masculino	Infantil	Escultura de uma criança com o cordão umbilical envolta do pescoço, cabeça virada para o lado direito, presença de órgão sexual masculino, a peça tem uma base. Madeira Umburana
59	Ausente	Ausente	Feminino	Adulto	Presença de pintura de sobrancelha e olhos em preto, nariz, olhos e ouvidos esculpidos, braços esculpidos separadamente e colados. Apresenta roupa tipo vestido em tecido de renda com lantejoulas, na cor branca. Madeira Umburana
60	Ausente	Zaquel	Masculino	Infantil	Presença de pintura de sobrancelha, olhos em tinta preta, boca com contorno vermelho, naria em relevo. Escultura

					com roupas de bebe, e escrito na camisa o nome Zaquel de caneta. Madeira Umburana
61	Corte próximo ao calcanhar	Crisvanete	Feminino	Adulto	Peça entalhada de forma inteira, formada por canela e pé, dedos levemente entalhados, escrito o nome Crisvanete e a data de 25/01/2023. Peça envernizada
62	1/ Pés juntos	Lara Kelly	Feminino	Infantil	Pés de recém-nascida, pés juntos, ambos com a identificação da criança em caneta azul. Presos por um cordão
63	2/Ausente	Ausente	Ausente	Jovem	Pé conectado a canela formando uma curva com excesso de madeira, formando uma sobre de tecido
64	3/Dedo mínimo cortado	Nilsa	Feminino	Infantil	Ausência do dedo mínimo, pé pequeno assinado no solado do pé
65	4/Pé torto	Ausente	Não identificado	Infantil	Pé com curvatura torta entre a canela e os dedos.
66	5/Ausente	Ausente	Não identificado	Não identificado	Pé esculpido e as marcas de dedos superficiais
67	6/Pé torto	Ausente	Não identificado	Infantil	Pé com curvatura torta entre a canela e os dedos/ forma o par com o pé 04, pertence a mesma criança
68	7/Pés juntos	Benjanny Willians	Feminino	Infantil	Pés pintado sem marrom e envernizado, além da assinatura tem a história da graça alcançada.
69	8/Pé fraturado	Ausente	Não identificado	Infantil	Pintado em marrom
70	9/Ausente	Ausente	Não identificado	Infantil	Pé de recém-nascido
71	10/ Ausente	Anna Júlia	Feminino	Infantil	Pés pertencentes à mesma pessoa, com nome de identificação
72	11/Ausente	Ausente	Não identificado	Adulto	Pé com os dedos largos e base larga
73	12/Ausente	Ausente	Não identificado	Adulto	Pé comprido com unhas marcadas
74	13/Ausente	Ausente	Não identificado	Infantil	Pé envernizado com verniz amarelo
75	14/ Ausente	Ausente	Não identificado	Adulto	Presença de uma marca de fratura na parte de cima do pé.
76	1/ Formato de sapato	Ausente	Não identificado	Não identificado	Pés em formato de sapato, ambos com envernizados em amarelo
77	2/Ausente	Ausente	Ausente	Infantil	Pé em formato de sapato, envernizado em amarelo
78	3/Dedos faltando as falanges distais de 03 dedos	Maria do Socorro	Feminino	Adulto	Pé com dedos sem as falanges distais dos três dedos: mínimo, médio e anelar, escrito no solado pé Para o Senhor do Bonfim, Maria do Socorro Antenor da Luz
79	4/Pé torto	Marcia	Feminino	Infantil	Pé com curvatura torta entre a canela e a orientação dos dedos sem definição de unhas, escrito Marcia na lateral do dedo mínimo.
80	5/ Pé faltando o dedo indicador	Ausente	Masculino	Não identificado	Pé esculpido faltando o dedo anelar

81	6/Pé torto	Maria	Feminino	Infantil	Pé com curvatura torta entre o pé o tornozelo, escrito Maria na base do pé
82	7/ Pé reto, sem cava	Ausente	Não identificado	Infantil	Pé sem a definição dos dedos, reto sem cava.
83	8/ Pé torto	Ismael	Masculino	Infantil	Pé com curvatura torta entre a canela e a orientação dos dedos sem definição da separação entre os dedos, escrito Ismael de caneta.
84	1/ Ausente	Ausente	Não identificado	Adulto	Peça esculpida inteira sem marca de doença- perna completa.
85	2/ Ausente	Ausente	Não identificado	Adulto	Peça esculpida inteira sem marca de doença, pintada em amarelo e envernizada. canela e pé
86	3/Ausente	Ausente	Não identificado	Adulto	Peça esculpida inteira sem marca de doença, envernizada. canela e pé.
87	4/Ausente	Miquelane	Feminino	Adulto	Peça esculpida inteira sem marca de doença. canela e pé.
88	5/ Ausente	Ausente	Não identificado	Adulto	Peça esculpida inteira sem marca de doença. canela e pé, forma retangular, escrita Miquelane, 12/12/2020.
89	6/Ausente	Ausente	Não identificado	Infantil	Peça esculpida inteira sem marca de doença. Perna completa e pé. Pé pequeno sugere ser infantil.
90	7/Ausente	Ausente	Não identificado	Infantil	Peça esculpida inteira sem marca de doença, Perna completa, pé pequeno sugere ser infantil.
91	8/Ausente	Ausente	Não identificado	Adulto	Duas pernas de proporções pequenas. Peças esculpida inteira sem marca de doença. Sugere ser infantil, pé ausentes
92	9/Ausente	Samuel	Masculino	Adulto	Peça esculpida inteira sem marca de doença. Canela e pé. Nome em caneta azul, SAMUEL
93	10Ausente	Ausente	Não identificado	Infantil	Peça esculpida inteira sem marca de doença. Perna completa. Peça de proporções pequenas sugere ser infantil
94	11/Ausente	Ausente	Não identificado	Infantil	Peça esculpida inteira sem marca de doença. Perna completa. Peça de proporções pequenas sugere ser infantil
95	12/Ausente	Ausente	Não identificado	Infantil	Peça esculpida inteira sem marca de doença. Perna completa. Peça de proporções pequenas sugere ser infantil
96	13/ Ausente	Ausente	Não identificado	Infantil	Peça esculpida inteira sem marca de doença- canela e pé.
97	1/ Presença de nódulo no tarso	Ausente	Não identificado	Adulto	Peça envernizada preservando a cor da madeira, nódulo no tarso. Canela e pé
98	2/Mancha escura na parte da coxa	Ausente	Não identificado	Adulto	Peça com uma mancha escura no tarso. Parte de coxa e pé
99	3/Pé fragmentado	Ausente	Não identificado	Adulto	Peça fragmentada, não há como precisar se foi antes ou após o depósito na capela, porque pode representar a causa da doença. No local não há o pedaço faltante.

100	4/Ausente	Ausente	Não identificado	Adulto	Peça esculpida separadamente, porque há evidência da cola da perna no pé. Não há marca da doença
101	5/ Pé fraturado	Ausente	Não identificado	Adulto	Peça fragmentada, pedaço da perna e pé encaixados para a foto.
102	1/ Ausente	Ausente	Não identificado	Adulto	Peça esculpida inteira sem marca de doença- canela e pé.
103	2/ Ausente	Ausente	Não identificado	Adulto	Peça esculpida separadamente e colada perna/pé- envernizada. canela e pé.
104	3/Ausente	Ausente	Não identificado	Adulto	Peça esculpida inteira sem marca de doença, envernizada. canela e pé.
105	4/Ausente	Vitor Emanuel	Masculino	Adulto	Peça esculpida inteira sem marca de doença. canela e pé.
106	5/ Presença de nódulo na perna	Ausente	Não identificado	Adulto	Peça esculpida inteira com marca de nódulo da doença na coxa. Lado direito, o nódulo é esculpido em cera de abelha. Perna completa e pé
107	6/Ausente	Ausente	Não identificado	Adulto	Peça esculpida inteira sem marca de doença. Perna completa e pé
108	7/Ausente	Ausente	Não identificado	Adulto	Peça esculpida inteira sem marca de doença. Canela e pé.
109	8/Marca de ferida na parte de cima da canela-mancha escura	Maria Anizia	Feminino	Adulto	Peça esculpida inteira sem marca de doença. Canela e pé. Com a presença de mancha escura na parte da frente da canela. Assinatura em canela na base do pé.
110	9/Ausente	Ausente	Não identificado	Adulto	Peça esculpida inteira sem marca de doença. Peça pintada em marrom.
111	10/Ausente	Ausente	Não identificado	Adulto	Peça esculpida inteira sem marca de doença. Canela e pé
112	11/Ausente	Ausente	Não identificado	Adulto	Peça esculpida inteira sem marca de doença. Canela e pé
113	12/Ausente	Ausente	Não identificado	Adulto	Peça esculpida inteira sem marca de doença. Canela e pé
114	1/ Tornozelo grosso	Ausente	Não identificado	Infantil	Peça esculpida inteira tornozelo grosso, peça envernizada
115	2/ Ausente	Ausente	Não identificado	Infantil	Peça esculpida inteira sem marca de doença. canela e pé.
116	3/ Ausente	Ausente	Não identificado	Adulto	Peça esculpida inteira sem marca de doença. canela e pé.
117	4/Nódulo no pé	Ausente	Não identificado	Infantil	Peça esculpida inteira sem marca de doença. canela e pé, Nódulo na parte da frente da canela
118	5/ marca de fratura no lado	Ausente	Feminino	Adulto	Peça esculpida inteira, unhas pintadas em preto forma par com o pé e 6.
119	6/Ausente	Ausente	Feminino	Adulto	Peça esculpida inteira, unhas pintadas em preto forma par com o pé 5
120	7/Ausente	Ausente	Não identificado	Adulto	Peça reta, dedos definidos, somente o pé.
121	8/Falta as terminações das falanges	Ausente	Não identificado	Infantil	Peça esculpida inteira sem marca de doença.
122	9/ Ausente	Ausente	Não identificado	Adulto	Peça esculpida inteira sem marca de doença.

123	10. Falta o calcanhar	Ausente	Não identificado	Não identificado	Peça esculpida falta o calcanhar, peça fragmentada, soeemente o pe
124	11/Ausente	Ausente	Não identificado	Infantil	Peça esculpida inteira sem marca de doença, não definição dos dedos
125	12/Ausente	Ausente	Não identificado	Infantil	Peça esculpida inteira sem marca de doença. Canela e pé
126	13/	Ausente	Não identificado	Infantil	Peça esculpida inteira sem marca de doença. Canela e pé
127	1/ Ausente	Ausente	Não identificado	Adulto	Peça esculpida inteira sem marca de doença. Perna na altura da coxa e pé.
128	2/ Ausente	Ausente	Não identificado	Infantil	Peça esculpida inteira sem marca de doença, perna completa e pé.
129	3/ Ausente	Ausente	Não identificado	Adulto	Peça esculpida inteira sem marca de doença. canela e pé.
130	4/ Ausente	Ausente	Não identificado	Infantil	Peça esculpida inteira sem marca de doença. canela e pé.
131	5/ Ausente	Ausente	Não identificado	Adulto	Peça esculpida inteira sem marca de doença. canela e pé.
132	6/ Ausente	Ausente	Não identificado	Infantil	Peça esculpida inteira sem marca de doença. canela e pé.
133	1/ Ausente	Ausente	Não identificado	Adulto	Peça esculpida inteira sem marca de doença, envernizada, canela e pé.
134	2/ Ausente	Ausente	Não identificado	Adulto	Peça esculpida inteira sem marca de doença, canela e pé.
135	3/ Ausente	Ausente	Não identificado	Adulto	Peça esculpida inteira sem marca de doença, canela e pé.
136	4/ Ausente	Ausente	Não identificado	Infantil	Peça esculpida inteira sem marca de doença, canela e pé.
137	5/ Ausente	Ausente	Não identificado	Adulto	Peça esculpida inteira sem marca de doença, canela e pé.
138	6/Ausente	Ausente	Não identificado	Adulto	Peça esculpida inteira sem marca de doença, perna na altura da coxa.
139	7/Ausente	Ausente	Não identificado	Adulto	Peça esculpida inteira sem marca de doença, canela e pé.
140	8/Falta o pé	Ausente	Não identificado	Não identificado	Peça esculpida inteira sem marca de doença, perna completa sem o pé.
141	9/Ausente	Ausente	Não identificado	Adulto	Peça esculpida inteira sem marca de doença, perna completa e pé
142	1/ Ausente	Ausente	Não identificado	Adulto	Peça esculpida inteira sem marca de doença, canela e pé, envernizada
143	2/ Ausente	Ausente	Não identificado	Adulto	Peça esculpida inteira sem marca de doença, canela e pé.
144	3/ Ausente	Ausente	Não identificado	Adulto	Peça esculpida inteira sem marca de doença, canela e pé. Pintada de vermelho intenso, unhas pintadas de branco
145	4/ Ausente	Ausente	Não identificado	Adulto	Peça esculpida inteira sem marca de doença. canela e pé, envernizada
146	5/ Ausente	Ausente	Feminino	Adulto	Peça esculpida inteira sem marca de doença, canela e pé, pintado de marrom.
147	6/Ausente	Ausente	Feminino	Adulto	Peça esculpida inteira sem marca de doença, canela e pé, pintado de marrom.

148	1/ Tornozelo grosso	Ausente	Não identificado	Adulto	Peça esculpida inteira sem marca de doença, pinotado de marrom
149	2/ Ausente	Ausente	Não identificado	Adulto	Peça esculpida inteira sem marca de doença, pinotado de marrom
150	1/ Ausente	Ausente	Não identificado	Infantil	Peça esculpida inteira sem marca doença, envernizada, canela/pé
151	2/ Ausente	Ausente	Não identificado	Infantil	Peça esculpida separadamente e colada perna/pé- pintada de marrom, canela e pé.
152	3/ Ausente	Ausente	Não identificado	Adulto	Peça esculpida inteira sem marca de doença, pintado de marrom, canela e pé
153	4/Ausente	Ausente	Não identificado	Infantil	Peça esculpida inteira sem marca de doença, pintado de marrom, canela e pé
154	5/ Ausente	Ausente	Não identificado	Adulto	Peça esculpida inteira sem marca de doença, envernizada, forma arredondada, canela e pé
155	6/Ausente	Ausente	Não identificado	Adulto	Peça esculpida inteira sem marca de doença, canela e pé
156	7/Ausente	Ausente	Não identificado	Adulto	Peça esculpida inteira sem marca de doença, canela e pé
157	8/Ausente	Ausente	Não identificado	Adulto	Peça esculpida inteira sem marca de doença, canela e pé
158	9/Ausente	Ausente	Não identificado	Adulto	Peça esculpida inteira sem marca de doença, canela e pé
159	10/Ausente	Ausente	Não identificado	Infantil	Peça esculpida separadamente e colada perna/pé, perna completa
160	11/Ausente	Ausente	Não identificado	Adulto	Peça esculpida inteira sem marca de doença, perna completa e pé
161	12/Ausente	Ausente	Não identificado	Infantil	Peça esculpida inteira sem marca de doença, perna completa e pé
162	13/Ausente	Maria	Feminino	Infantil	Peça esculpida inteira sem marca de doença, perna completa e pé
163	14/Ausente	Ausente	Não identificado	Adulto	Peça esculpida inteira sem marca de doença, perna na altura de coxa e pé
164	15/Ausente	Ausente	Não identificado	Adulto	Peça esculpida inteira sem marca de doença, perna na altura de coxa e pé
165	16/Ausente	Ausente	Não identificado	Adulto	Peça esculpida inteira sem marca de doença, perna na altura de coxa e pé
166	1/ Ausente	Ausente	Não identificado	Adulto	Peça esculpida inteira sem marca de doença, perna fina, pintado de marrom.
167	2/ Ausente	Ausente	Não identificado	Adulto	Peça esculpida inteira sem marca de doença, perna fina, pintado de marrom.
168	3/ Presença de cordinha no pé	Ausente	Não identificado	Adulto	Peça esculpida inteira sem marca de doença, pintado de marrom. Presença de simpatia – cordinha amarrada no pé. Pé em posição de bailarina sem apoiar no chão.

169	4/Ausente	Ausente	Não identificado	Adulto	Peça esculpida inteira sem marca de doença,
170	5/ Ausente	Ausente	Não identificado	Adulto	Peça esculpida inteira sem marca de doença
171	6/Ausente	Ausente	Não identificado	Adulto	Peça esculpida inteira sem marca de doença
172	7/ Ausente	Ausente	Não identificado	Adulto	Peça esculpida inteira sem marca de doença. Pé levemente inclinado.
173	8/Ausente	Ausente	Não identificado	Adulto	Peça esculpida inteira sem marca de doença. Pé levemente inclinado.
174	9/Ausente	Ausente	Não identificado	Adulto	Peça esculpida inteira sem marca de doença. Pé em posição de bailarina sem apoiar no chão.
175	10/Ausente	Ausente	Não identificado	Adulto	Peça esculpida inteira sem marca de doença, peça envernizada
176	1/ Ausente	Ausente	Não identificado	Adulto	Peça esculpida fragmentada colada com o pé sem marca de doença- envernizada. canela e pé.
177	2/ Ausente	Ausente	Não identificado	Adulto	Peça esculpida separadamente e colada perna/pé- envernizada. canela e pé.
178	3/ Nódulo na altura do joelho	Ausente	Não identificado	Adulto	Peça esculpida inteira sem marca de doença
179	4/Nódulo no pé	Ausente	Não identificado	Adulto	Peça esculpida inteira sem marca de doença. canela e pé.
180	5/ marca de fratura no lado	Ausente	Feminino	Adulto	Peça esculpida separadamente e colada perna/pé. Pé achatado
181	6/Ausente	Ausente	Feminino	Adulto	Peça esculpida inteira, peça grande em tamanho quase real de um adulto, pintada e envernizada, perna torneada feminina
182	1/ Ausente	Ausente	Não identificado	Adulto	Peça esculpida inteira sem marca de doença, pintada em amarelo e envernizada.
183	2/ Ausente	Ausente	Não identificado	Adulto	Peça esculpida separadamente e colada perna/pé- envernizada, embora sugira ser um a perna completa, não há marcação de joelho
184	3/ Ausente	Ausente	Não identificado	Adulto	Peça esculpida inteira sem marca de doença, Perna completa envernizada.
185	Ausente	Ausente	Não identificado	Infantil	Peça esculpida inteira sem marca de doença. Perna completa, pé pequeno sugere ser de uma criança. envernizada
186	5/ Ausente	Ausente	Não identificado	Adulto	Peça esculpida inteira, canela /pé. pé com ausência de falanges. Pintada em marrom e envernizada

ANEXO C:TERMO DE CONSENTIMENTO DAS ENTREVISTAS

TERMO DE CESSÃO DE DIREITO E USO DE IMAGEM

Eu, Adília Ribeiro dos Santos RG nº _____
CPF nº _____ residente e
domiciliado à Quilomada Rosa
autorizo a Universidade Federal do Vale do São Francisco-UNIVASF, de forma gratuita
sem qualquer ônus, veicular minha imagem e depoimento ou imagem produzida por em
pesquisa intitulada: Corpos Umburana: ex-votos do Senhor do Bonfim -
Queimadas Dirceu Arcoverde-PI conduzida pela pesquisadora Crisvanete de Castro
Aquino em qualquer meio de comunicação. Declaro estar ciente de que o material
fotográfico, vídeo e texto objeto desta cessão poderá ser utilizado na divulgação do
referido evento.

São Raimundo Nonato, 06 de agosto 2022

Adília Ribeiro dos Santos

Nome e assinatura do cedente

TERMO DE CESSÃO DE DIREITO E USO DE IMAGEM

Eu, Raimundo Macedo de Castro RG n°
 _____ CPF n° _____ residente e
 domiciliado à Caldunã do Jacuário
 autorizo a Universidade Federal do Vale do São Francisco-UNIVASF, de forma gratuita
 sem qualquer ônus, veicular minha imagem e depoimento ou imagem produzida por em
 pesquisa intitulada: **Corpos Uburana** los ex-votos do Senhor do Bonfim -
 Queimadas Dirceu Arcoverde-PI conduzida pela pesquisadora Crisvanete de Castro
 Aquino em qualquer meio de comunicação. Declaro estar ciente de que o material
 fotográfico, vídeo e texto objeto desta cessão poderá ser utilizado na divulgação do
 referido evento.

São Raimundo Nonato, 23 de junho 2023

Raimundo Macedo de Castro

Nome e assinatura do cedente

TERMO DE CESSÃO DE DIREITO E USO DE IMAGEM

Eu, Keila de Pontual RG nº _____
CPF nº _____ residente e
domiciliado à Quilômetro
autorizo a Universidade Federal do Vale do São Francisco-UNIVASF, de forma gratuita
sem qualquer ônus, veicular minha imagem e depoimento ou imagem produzida por em
pesquisa intitulada: Corpos Umburana os ex-votos do Senhor do Bonfim -
Queimadas Dirceu Arcoverde-PI conduzida pela pesquisadora Crisvanete de Castro
Aquino em qualquer meio de comunicação. Declaro estar ciente de que o material
fotográfico, vídeo e texto objeto desta cessão poderá ser utilizado na divulgação do
referido evento.

São Raimundo Nonato, 06 de agosto 2022

Keila Pontual

Nome e assinatura do cedente

TERMO DE CESSÃO DE DIREITO E USO DE IMAGEM

Eu, Aginaldo Ribeiro RG nº _____
 CPF nº _____ residente e
 domiciliado à São Raimundo Nonato.
 autorizo a Universidade Federal do Vale do São Francisco-UNIVASF, de forma gratuita
 sem qualquer ônus, veicular minha imagem e depoimento ou imagem produzida por em
 pesquisa intitulada Corpos Umburana i-votos do Senhor do Bonfim -
 Queimadas Dirceu Arcoverde-PI conduzida pela pesquisadora Crisvanete de Castro
 Aquino em qualquer meio de comunicação. Declaro estar ciente de que o material
 fotográfico, vídeo e texto objeto desta cessão poderá ser utilizado na divulgação do
 referido evento.

São Raimundo Nonato, 06 de agosto 2022


 Nome e assinatura do cedente

TERMO DE CESSÃO DE DIREITO E USO DE IMAGEM

Eu, Sebastião RG nº _____
CPF nº _____ residente e
domiciliado à Queimadas - Dirceu Arcoverde
autorizo a Universidade Federal do Vale do São Francisco-UNIVASF, de forma gratuita
sem qualquer ônus, veicular minha imagem e depoimento ou imagem produzida por em
pesquisa intitulada: Corpos Umburana: i ex-votos do Senhor do Bonfim -
Queimadas Dirceu Arcoverde-PI conduzida pela pesquisadora Crisvanete de Castro
Aquino em qualquer meio de comunicação. Declaro estar ciente de que o material
fotográfico, vídeo e texto objeto desta cessão poderá ser utilizado na divulgação do
referido evento.

São Raimundo Nonato, 12 de maio 2022

Sebastião da Costa de Sousa

Nome e assinatura do cedente

TERMO DE CESSÃO DE DIREITO E USO DE IMAGEM

Eu, José do Louro RG n° _____
 _____ CPF n° _____ residente e
 domiciliado à Dirceu Arcoverde - PI
 autorizo a Universidade Federal do Vale do São Francisco-UNIVASF, de forma gratuita
 sem qualquer ônus, veicular minha imagem e depoimento ou imagem produzida por em
 pesquisa intitulada Corpos Umburana: ex-votos do Senhor do Bonfim -
Queimadas Dirceu Arcoverde-PI conduzida pela pesquisadora Crisvanete de Castro
 Aquino em qualquer meio de comunicação. Declaro estar ciente de que o material
 fotográfico, vídeo e texto objeto desta cessão poderá ser utilizado na divulgação do
 referido evento.

São Raimundo Nonato, 12 de maio 2022

José do Louro

Nome e assinatura do cedente

TERMO DE CESSÃO DE DIREITO E USO DE IMAGEM

Eu, Elisângela Santana RG nº _____
 CPF nº _____ residente e
 domiciliado à Das Palmeiras do Piauí
 autorizo a Universidade Federal do Vale do São Francisco-UNIVASF, de forma gratuita
 sem qualquer ônus, veicular minha imagem e depoimento ou imagem produzida por em
 pesquisa intitulada Corpos Umburana: x-votos do Senhor do Bonfim -
Queimadas Dirceu Arcoverde-PI conduzida pela pesquisadora Crisvanete de Castro
 Aquino em qualquer meio de comunicação. Declaro estar ciente de que o material
 fotográfico, vídeo e texto objeto desta cessão poderá ser utilizado na divulgação do
 referido evento.

São Raimundo Nonato, 06 de Agosto 2022

Elisângela Santana

Nome e assinatura do cedente